

**Colecção *Via Spiritus* – II Série:
Espiritualidade e Corte**

- José Adriano de Freitas Carvalho
– *Poesia e Hagiografia*

Em Preparação

- *Cartas de instruções para educação de nobres (Séc.s XVI-XVII).*
- Luís de Abreu de Melo, *Avisos para o Paço*
- D. Manuel de Portugal, *Obras*
- D. Francisco de Portugal, *Arte de Galanteria*
- Diogo Bernardes, *Várias Rimas ao Bom Jesus*



José Adriano de Freitas Carvalho

POESIA E HAGIOGRAFIA

José Adriano
de Freitas Carvalho

**POESIA
E
HAGIOGRAFIA**

Centro Inter-Universitário
de História da Espiritualidade

A série de publicações agora programada resulta da investigação desenvolvida pelo Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto (CIUHE) no âmbito dos Projectos Espiritualidade e Corte e Poesia e Bíblia, que, núcelos inaugurais de uma pesquisa inovadora, originaram ainda diferentes colóquios, seminários e ensaios publicados em ou em torno da revista *Via Spiritus*.

Poesia e Hagiografia edita, contextualizando-a, uma longa «elegia triste» – *Do sentimento que mostrou a gente da cidade de Lisboa quando soube da morte do bom P. Inácio Martins defunto no colégio de Coimbra a 28 de Fevereiro do ano de 98* –, composição em que se exaltam os últimos vinte anos de vida de um célebre – e hoje quase desconhecido – membro da Companhia de Jesus na segunda metade do século XVI, coautor de um não menos celebrado e editado compêndio de *Doutrina Christã*, mais conhecido ao longo dos séculos por *Cartilha do Padre Inácio*.



Colecção Via Spiritus – II Série

José Adriano
de Freitas Carvalho

**POESIA
E
HAGIOGRAFIA**



Centro Inter-Universitário
de História da Espiritualidade

Título

Poesia e Hagiografia

Autor

José Adriano de Freitas Carvalho

Edição

Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade

Faculdade de Letras da Univ. do Porto

Via Panorâmica, s/nº

4150-564 Porto

ciuhe@esoterica.pt

Ano: 2007

Execução gráfica

Inova-Artes Gráficas

ISBN: 978-972-99670-2-3

Dep. Legal: 271160/08

Edição apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia

ÍNDICE

Vida e morte de Inácio Martins, sj. (1531-1598), o Santo Mestre da <i>Cartilha</i>	7
1. De vita et doctrina	15
2. Ut Poesis documentum	135
3. Epilogus.....	175

<i>Do sentimento que mostrou a gente da cidade de Lisboa quãodo soube da morte do bom Pe. Ignacio Martinz defunto no colegio de Coimbra a 28 de fivireyro do anno de 98</i>	179
---	-----

Fontes documentais	197
1. Outras poesias.....	199
2. Epístolas.....	201
3. De vita et doctrina	215

**VIDA E MORTE DE INÁCIO
MARTINS, SJ. (1531-1598),
O SANTO MESTRE
DA *CARTILHA***

«... voz do povo he tal vez voz de Deos»¹.

«... non è possibile studiare i processi comunicativi delle grandi idee ignorando materiali aparentemente irrilevanti come chiacchiere di piazza o private conversazioni»².

¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia de Jesu da Provincia de Portugal, Segunda parte*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1647, 4, 54, 250 (erro de paginação por 254. Sem mais prevenção, as nossas referências serão feitas de acordo com a paginação correcta). Citaremos sempre esta obra por *Chronica da Companhia... Segunda parte...*, o mesmo se dizendo das citações referentes à sua *Chronica da Companhia de Jesu na Provincia de Portugal. Primeira parte*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1645.

² Ottavia Niccoli, *Rinascimento anticlericale. Infamia, propaganda e satira in Italia tra Quattro e Cinquecento*, Bari, 2005, 15.

Em 1938, a propósito da morte do Padre Inácio Martins, Francisco Rodrigues apontava certamente, ainda que baseado quase somente nos cronistas do seu Instituto, que «os poetas mais cultos como os populares e espontâneos, expressando a saudade comum, prantearam também com sentidas composições a morte do Mestre inolvidável»¹. Como prova, recordava um soneto anónimo que o Padre Baltasar Teles, com idêntica finalidade exemplificativa, já inserira na sua *Chronica da Companhia de Jesus*², e, dela transcrevendo em nota alguns versos, aludia a «uma longa poesia popular de 69 estrofes rimadas, muito irregulares na medida» que se lhe havia deparado nos «Arquivos da Companhia»³, sem, contudo, indicar com precisão em que arquivo se guardava esse documento a que ninguém, que saibamos, se voltou a referir.

¹ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, Lisboa, 1938, 467.

² Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 254.

³ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 467, n. 2; naturalmente, seria sempre possível pensar nesse grande e admiravelmente bem organizado ARSI, mas nada obstava a que pudesse ter sido encontrado o documento em qualquer outro arquivo da Companhia e alguns conhecedores quer da obra do P. Francisco Rodrigues, quer da biografia de Inácio Martins, quando consultados, não puderam indicar qualquer pista esclarecedora. Por outro lado, supondo sempre que a lição do documento por nós encontrada é a mesma que refere o Padre Francisco Rodrigues, a «longa poesia» tem, em letra dos começos do século XVII, 68 e não 69 estrofes. Supomos que deverá ser um ligeiro erro de contagem, até porque as estrofes, dispostas como se de versículos em prosa se tratasse, não estão numeradas.

Conservado hoje – e também então? – no Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), é esse poema quase totalmente inédito – que, por comodidade, tal como a respectiva ficha desse admirável arquivo, identificaremos por *Elegia*⁴ –, dedicado a evocar, talvez mesmo já nos dias à volta da sua morte e dos seus funerais, tanto os tempos apostólicos desse jesuíta que, tirando um curto momento em Almeirim, nunca teve cargos de poder – ele próprio gostava de o sublinhar e os seus cronistas de o admirar⁵ –,

⁴ ARSI., *Hist. Soc. 177 (Vocationes illustres)*, fl. 180r-185v : na ficha respectiva, numa acertada tentativa de interpretar o poema, escreve-se: [*Elegia en portugués a la muerte del P. Ignacio Martínez. Personajes: Lisboa y Coimbra*].

⁵ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 52, 243: «...assim que foy varãm tam sancto, e vivendo tantos annos na Companhia nunca nella foi superior, que tambem pôde servir de alivio aos que viverem desconsolados por se verem fora de governos...»; António Franco, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Colegio de Coimbra*, I, Évora, Officina da Universidade, 1719, 421: «Delle se escreve, que não fora Superior na Religiam, sendo que sô elle dizia, nam ter pera isso prestimo, e juntava com muita graça, que o não era, porque não achavão nelle *Donum consilii*»; 422: «De si confessou o Padre Mestre Ignacio, que neste pequeno, e único governo que teve em Almeirim, abafava, em quanto o nam vio fora de si». (Citaremos sempre esta obra por *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*). Por outro lado, e, até certo ponto, roborando a mesma perspectiva, os citados cronistas insistem tanto na gala da sua anti-nobiliarquia familiar própria (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 407, 428, 429, 432) como na sua falta de intimidade voluntária – algumas vezes roçando a má educação e outras mesmo a repugnância do contacto – com os Grandes deste mundo (A. Franco, *Imagem da virtude de Coimbra*, I, ed. cit., 429, 433), como manifestações da sua humildade, virtude que, naturalmente, lhes faz ressaltar, com justiça, o seu afã por estar presente junto dos socialmente «marginados» – os pobres..., os escravos..., os presos..., os doentes..., etc. –, aspecto este que põe em relevo o documento que publicamos. Sobre o primeiro aspecto, que foca a sempre difícil questão das relações da Companhia com as elites do Poder, apesar de ser recomendável uma sua leitura com um atento grau de distanciamento, será sempre útil confrontar alguma documentação aduzida e trabalhada – não

como alguma possível disputa havida em torno dos seus restos mortais, que tentaremos não só publicar integral e o mais inteligivelmente possível, mas também contextualizar – que é a melhor forma de compreender – através dos fios cruzados das suas circunstâncias históricas e literárias. E, naturalmente, aproveitaremos a ocasião para dar a conhecer, juntamente com o já editado, um outro soneto que, cremos, ainda se conserva inédito⁶.

Porque, apesar das correctas sínteses que se lêem nas crónicas do Instituto⁷ – o nível hagiográfico de muitas das suas páginas não invalida os dados que, objectivamente, fornecem, confirmáveis, aliás, muitas vezes, por outra documentação – e de tantos elementos acarreados pelo seu mais recente historiador, não é ainda possível escrever a

aquele *Modo de gobierno de la Compañia que por especial favor dio un padre profeso...* que é tradução dos famosos *Monita privata* de J. Zahorowski – por Julián J. Lozano Navarro, *La Compañia de Jesús y el Poder en la España de los Austrias*, Madrid, 2005, atendendo igualmente à crítica que à obra foi feita por Enrique García Hernán, *AHSI*, 76 (2007), 177-180.

⁶ Na citação dos textos impressos e documentos manuscritos seguiremos sempre a lição textual oferecida pela edição que utilizámos ou editamos, salvo alguma actualização da grafia dos impressos em casos como *ã* > *an* / *am*; *ë* > *en* / *em*...

⁷ Apesar da importância que, na divulgação da vida e obras dos «varões ilustres» da Companhia, tiveram obras como a de Alonso de Andrade (*Varones ilustres en santidad, letras y zelo de las almas de la Compañia de Jesus*, Madrid, Joseph Fernandez de Buendia, 1666 e 1667 – V e VI volume, respectivamente, com que continua a empresa de E. Nieremberg inaugurada em 1643) e de Mathia Tanner, *Societas Jesu apostolorum imitatrix, sive gesta praeclara et virtutes eorum qui e Societate Jesu in procuranda salute animarum...*, I, Pragae, 1694 (que, para o caso de Inácio Martins [pág. 298-308], depende substancialmente, como refere, de Alonso de Andrade) não as consideraremos aqui como fontes, mas, sim, como veículos da fama do jesuíta português. Pelas mesmas razões, se bem que bibliograficamente pioneiras, não reteremos as breves notas que lhe dedica Jorge Cardoso, *Agiologio dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas...*, I, Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1652, 378-379, 382 (8 por 28 de Fevereiro).

biografia que, pelos significativos aspectos do apostolado a que se devotou e pela ressonância que por eles ganhou nos seus dias, o Padre Inácio Martins merece – e que bem poderia ser um modo de iluminar um pouco melhor e um pouco mais profundamente, como defendia L. Febvre, tantas zonas da história dos seus dias –, deverá ser aceitável que nos limitemos aqui a chamar a atenção, através das principais fontes dessa futura biografia, para os aspectos dela mais relevantes que, por sua vez, possam ajudar a situar e compreender o poema que publicamos⁸

⁸ Agradecemos *ex imo corde* aos colegas e amigos Ana Paula Quintela Sottomayor, Ana Martínez Pereira, Jacobo Sanz Hermida, Jorge Osório, José Pedro Paiva, Luís de Sá Fardilha, Manuel Augusto Rodrigues, Marco Paulo O. Marques, Maria Cristina Osswald, Maria Eugenia Díaz Tena, Maria Lucília Pires, Pedro Cátedra e Victor Infantes o saber e a paciência com que, tantas vezes, atenderam ou leram as minhas ignorâncias e à Doutora Zulmira Coelho dos Santos, Coordenadora do C.I.U.H.E. da Universidade do Porto, para além de tudo o mais, a decisiva compreensão com que aceitou que estas notas fossem publicadas sob a égide do Centro de Investigação que dirige.

1. De vita et doctrina

Cronistas do seu Instituto – o Padre Baltasar Teles e depois o Padre António Franco – e genealogistas que garantem ter maneado os arquivos da Companhia asseguraram o nascimento de Vasco Martins – Inácio só aquando da sua entrada na Companhia – em Gouveia⁹, nas faldas dessa Serra da Estrela – em 1531¹⁰ –, onde, segundo dizia,

⁹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4,48, 216; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 401, 404, 407, 412, 414, *et passim*.

¹⁰ Este ano é calculado a partir da informação de algumas das breves biografias que constam dos diferentes «catálogos» ou «listas» provinciais que anualmente e, por vezes, semestralmente, eram enviados à cúria generalícia da Companhia de Jesus com o rol dos sócios que moravam em cada casa e em que constavam as informações mais relevantes sobre cada um deles. Do primeiro que conhecemos referente ao colégio de Évora em 1556 (ARSI., *Lus. 43-I*, fl. 6r) apenas consta a data do recebimento de Inácio Martins na Companhia (17.4.1547), mas no seguinte, para a mesma casa em 1557 (*Lus. 43-I*, fl. 31r), aponta-se que tem 26 anos, o que nos leva a 1531, embora no documento haja outras referências cronológicas que só latamente interpretadas poderão garantir-lhe esses 26 anos, o que condiz com os 28 que lhe dão na *Lista dos Padres y hermanos del collegio de Evora* de 1558-1559, ARSI., *Lus. 43-I*, fl. 97v-98r (documento não datado, mas com anotação arquivística que o atribui a esses anos). No entanto, na *Informacion que aun no fue dada de los del collegio de Évora hecha a 1º de Henero de 1573* (ARSI., *Lus. 43-I*, fl. 455v) dão-se-lhe 41 anos, o que no levaria a 1532...; no esplendoroso *Catalogo de los Padres y hermanos de la Provincia de Portugal a 2 de Enero de 1574* (ARSI., *Lus. 43-II*, fl. 465v) apontam-se 43 anos..., o que, tudo somado, parece garantir 1531 como o ano natalício do Padre Inácio Martins... Curiosamente, porém, no *Menologio dos varoens illustres da Companhia de Jesus* (ARSI., *Lus. 13*, fl. 32r-32v), e em

seu pai «era muy pobre» e onde dizia ter parentes «que sam mais para pastores que para a corte»¹¹. Tais origens, porém, mesmo lidas, como faz A. Franco, à luz de um anti-nobiliarquismo que, não passando, possivelmente, de um anti-cortesano moral, lhe sublinha a virtude da Humildade – variante hagiográfica que parece glossar o de S. Jerónimo¹² –, não impediram que um ramo da sua família mais chegada, talvez à custa da relevância social de um seu irmão, D. Manuel de Gouveia, que de Deão de Viseu chegou a bispo de Angra e depois a eleito de Portalegre¹³ – bom zelador da sua honra e do seu papel na sociedade¹⁴

latim nos *Elogia illustrium virorum provinciae Lusitanae ex Menilogium latine transcripta* (ARSI, *Lus.* 58, fl. 4r-4v) aponta-se que faleceu com 68 anos, o que nos levaria a 1530, mas as oscilações registadas só poderiam ser tidas em consideração se soubéssemos o dia do seu nascimento. De qualquer modo, o P. Baltasar Teles (*Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4,52, 244) diz que quando faleceu em 1598, «era de quasi 70 annos», idade que não teria, mas que, para muitos seus contemporâneos, como veremos, pareceria ter..

¹¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 428.

¹² Referimo-nos evidentemente à fórmula que S. Jerónimo utiliza no *Epitaphium Sanctae Paulae*: «nobilis genere, sed multo nobilior sanctitate» (*Cartas* [108, 1], Edición bilingüe, introducción, versión y notas por D. Ruiz Bueno, Madrid, 1962, II, 253)

¹³ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal* (Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres), Porto-Lisboa, 1968, II, 680, 645 respectivamente, indica que foi eleito bispo de Angra em 18.9.1584 e eleito de Portalegre em 1596, diocese de que não tomou posse por ter falecido (22.10 / 15.11.1596). A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 427.

¹⁴ São vários os momentos em que os cronistas contrastam a humildade de Inácio Martins com o orgulho de seu irmão D. Manuel de Gouveia que se envergonhava «de o ver d'aquella sorte», isto é, a ensinar meninos pelas ruas e alguma vez «lhe affeou e estranhou tal occupaçam dizendolhe que pois nam se estimava a sy, que o nam deshonorasse a elle», segundo traz Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 43, 218 e repete A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 407.

– e à custa da fama da santidade de Mestre Inácio – que nunca se aproveitou de ocasiões em que podia favorecer ou enriquecer os seus¹⁵ –, viesse a ter um certo relevo como cidadãos honrados do Porto e, como outras das oligarquias urbanas, entrasse, augurando uma certa ascensão social¹⁶, em algum nobiliário dos meados do século XVII como «huns Gouveas do Porto e riba do Douro»¹⁷.

¹⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 427 apontando que «teve grandes ocasiões de se enriquecer, nunca disso fez cazo», mostra (*ob. cit.*, 332) a sua «fúria» quando soube que um seu irmão que, ao parecer, ficara desempregado ao morrer o seu irmão bispo a quem parece servia, fora a Vila Viçosa a pedir aos duques de Bragança «alguma igreja, ou remédio de vida, porque era sacerdote pobre», pedido que Inácio Martins contrariou junto de Afonso de Lucena, desembargador da Casa dos duques (*Mercês de D. Teodósio II Duque de Bragança*, Lisboa, 1967, 187) e irmão do P. João Lucena, autor da *história da vida do padre Francisco Xavier*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1600. E desde este ponto de vista, deverá anotar-se que Inácio Martins não se coibirá de alertar o Geral Acquaviva para o facto de ter dito «una persona secular a un padre nuestro que con una cosa que el Padre Fernan Carvalho trahia agora entre manos aprovecharia bien a sus parentes, mormente que quasi no haze en todo el año los ministerios de la Compañía...» (Carta, de Lisboa, 8.8.1592, a C. Acquaviva, ARSI., *Lus.* 71, fl. 221r).

¹⁶ Enrique Soria Mesa, *La nobleza en la España moderna. Cambio y continuidad*, Madrid, 2007, 17, 30, 42, 133, 213-260 *et passim* permite adaptar quase automaticamente a relação que se evidencia entre «el ascenso social – legitimado por um «instrumento» como a Genealogia – que subyace tras el acceso a lo regimientos urbanos».

¹⁷ Cristovão Alão de Moraes, *Pedatura Lusitana*, III, 2, Porto, 1945, 32-33; José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura* [Actas do do Colóquio Internacional- Maio 2004], Porto, 2004, I, 231-368 (236, n. 24) em que se indicam alguns elementos genealógicos que poderão ser desenvolvidos. Se C. Alão de Moraes tem de lembrar na sua ordenação familiar tanto o bispo de Angra como o Padre Inácio Martins («o da Cartilha»), a carta de brasão concedida em 1706

As mesmas fontes, assinalando, com nítidos traços hagiográficos, a sua devoção à Virgem Maria – uma devoção que, unindo a ermida da Vera Cruz na serra da sua infância à capela da Virgem da Doutrina na igreja de S. Roque em Lisboa, se foi manifestando em «donativos, vestimentas, frontaes e outras peças» e estandartes, canções piedosas, etc.¹⁸ –, apontam que, recebido por Mestre Simão Rodrigues – este, por devoção ao fundador, lhe muda o nome de baptismo em Inácio –, entra no colégio de Coimbra da Companhia de Jesus – uma Companhia ainda nascente – em 17.4.1547, pelos dias em que chegavam os primeiros professores do Colégio das Artes¹⁹. ... Um pouco depois, em Junho, deverá ter ouvido ler a primeira e mais célebre carta de Inácio de Loyola sobre a «perfeição»²⁰ –, sendo testemunha, apesar de, como o recordará em algum sermão, ter ido estudar, entre 1550 e 1552, em Sanfins²¹,

a um sobrinho-trineto de ambos – Manuel Salema de Sousa, morador em Bairros, concelho de Paiva – parece justificar a concessão das armas dos Gouveias por seu avô, Manuel de Gouveia de Faria, cidadão honrado do Porto, morador na sua quinta de Godinhã, freguesia de Povos, concelho de Bem Viver [Marco de Canavezes], ser «sobrinho de D. Manuel de Gouveia, bispo de Angra» (José de Sousa Machado, *Brasões inéditos*, Braga, 1906, nº 388). E. Soria Mesa, *La nobleza en la España moderna*, ed. cit., 156, a propósito da «herencia material e inmaterial» deste tipo de situações no desenvolvimento da ascensão familiar.

¹⁸ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 216; 4, 49, 228; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 401.

¹⁹ Mário Brandão, *O Colégio das Artes. I. 1547-1555*, Coimbra, 1924, 61-85.

²⁰ Inácio de Loyola, «A los Padre y Hermanos de Coimbra» in *Obras completas* (Transcripción, introducción y notas de Ignacio Ipaguirre), Madrid, 1963, 679-689; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, Lisboa, 1931, 556; sobre a segunda carta sobre a Obediência – 14.1.1548 – pode ver-se Francisco Rodrigues, *ob. cit.*, I, 1, 559.

²¹ Inácio Martins, *Pregações – Concio ad fratres*, BNL., Cód. 3502, fl.515r-518r; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, Lisboa, 1931, 577; José

dos começos dos processos contra alguns professores do Colégio das Artes..., dos dias difíceis da construção do colégio de Jesus²²..., de gestos espectaculares de penitência voluntária, como o que, disciplinando-se e pedindo, em alta voz, perdão, fez, em Novembro de 1552, pelas ruas de Coimbra, o P. Manuel Godinho em desagravo por qualquer possível perturbação que, por demandas ou divergências, a construção desse mesmo colégio tivesse causado²³..., da sonada deposição de Simão Rodrigues do cargo de provincial em Maio desse mesmo ano²⁴ e, um pouco mais tarde, em 1553, terá visto e ouvido Jerónimo Nadal e Francisco de Borja que, por circunstâncias decorrentes do caso de Simão Rodrigues, visitavam a Província portuguesa²⁵ e nessa data inauguravam, em Lisboa, a casa de S. Roque²⁶ que tão ligada andarà à actividade apostólica de Inácio Martins. São anos heróicos de formação e estudo, em que, com alguma diferença de idades e habilitações, tem como

Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 275 e 321-326 onde se edita o texto integral dessa «prática»; António Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, II, Coimbra, Real Colégio das Artes, 1719, 64-65, publica, a propósito do Beato Inácio de Azevedo e sem oferecer qualquer pista sobre a sua origem (carta? «prática?»), outro testemunho de Inácio Martins sobre essa geração dourada que passou por Sanfins nesses dias (Agradeço à Doutora Maria Cristina Osswald a gentileza de me ter recordado este texto).

²² Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, Lisboa, 1931, 409-411.

²³ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, Lisboa, 1931, 417-418, 419.

²⁴ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 2, Lisboa, 1931, 99, 289.

²⁵ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, Lisboa, 1931, 573, 575; I, 2, 222.

²⁶ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, 625.

companheiros – e há-de recordá-lo²⁷ – essa geração dourada que, com ele, formavam Inácio de Azevedo..., Marcos Jorge... Marçal Vaz, Gonçalo Álvares, Miguel de Barros... São os tempos em que se recebeu a célebre e fundamental carta do Fundador da Companhia sobre a Obediência²⁸. Lente em Artes – Filosofia –, em 1555, nesse Colégio das Artes que, por decisão de João III, começava, no Outubro desse ano, em clima de expectativa²⁹, um novo período da sua vida sob a égide da Companhia³⁰, em 1556 – antes de 31 de Julho –, depois de ter acabado o curso que vinha lendo, talvez, tenha sido já paraninfo do doutoramento de Diogo de Gouveia³¹, no que se poderá ver a confirmação do «talento» e «buena habilidad» com que, apesar da sua formação um tanto descontínua – o que, então, era

²⁷ Inácio Martins, *Pregações - Concio ad fratres*, BNL, cod. 3502, fl. 515r-518r; José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 275 e 321-326, onde, como dissemos, se publica o texto integral dessa interessantíssima «prática».

²⁸ Inácio de Loyola, «A los Padres y Hermanos de Portugal» (26.3.1553) in *Obras completas*, ed. cit., 806-816.

²⁹ Mário Brandão, *O Colégio das Artes. II – 1555-1580*, Coimbra, 1933, 98-99.

³⁰ Mário Brandão, *O Colégio das Artes. II – 1555-1580*, ed. cit., 46, 72.

³¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 401: «O Doutor Prado famoso naquelle tempo, quando de tomar o grao de Doutor Diogo de Gouveia, quis que fosse Parainpho o Padre Ignacio Martins, sustentou elle as conclusoens com grande assombro de todos, e ficou tido, como era, por grande theologo». Cremos ser a este caso que se refere, ao parecer sem citar o nome do candidato, o Padre Miguel de Sousa em carta a Santo Inácio que resume Mário Brandão, *O Colégio das Artes. II – 1555-1580*, ed. cit., 99: «O Padre Inácio Martins, que acabara de ler o 4º curso de Artes, fôra rogado para ir argumentar nas *vésperas* de um doutor em Teologia e, a despeito da grande difficuldade da matéria e do saber dos graves doutores, tão galhardamente se desempenhou do encargo que a todos maravilhou».

frequente –, os seus superiores sempre o crismarão³². Ainda em 1556, com dispensa dos respectivos actos, foi feito, por decreto régio, Mestre em Artes, juntamente com Marcos Jorge – com quem há-de colaborar no campo do ensino da doutrina –, Sebastião de Morais – o confessor de Maria de Avis, princesa de Parma –, o célebre e difícil Pedro da Fonseca, Jorge Serrão³³... São também os tempos do que poderia dizer-se a primeira romanização da província portuguesa da Companhia de Jesus pela adopção, de que era o instrumento mais aqprefeitoado o P. Luís Gonçalves da Câmara que viveu em estreito contacto com o Fundador, do *modus procedendi* da Companhia em Roma³⁴. A partir de então, até 1560, encontramos-lo professor, talvez, como veremos, nem sempre bem apreciado³⁵, no curso de Artes do Colégio do Espírito Santo de Évora que, pensado pelo cardeal Henrique como instituição formadora do clero de além – Tejo, há-de ser o ponto de partida da futura universidade da Companhia em Portugal³⁶. E foram vinte e sete alunos seus a receber, em 6.12.1559, os primeiros títulos

³² ARSI., *Lus. 43-I*, fl. 31r: [Catálogo del colégio de Évora-1557] (Anotação arquivística).

³³ Mário Brandão, *O Colégio das Artes. II*, ed. cit., 393, *Doc.IV*; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, 588.

³⁴ Assim o permite perceber Roger Tandonnet na apresentação da sua preciosa edição em tradução francesa do *Memorial – 1555* (Paris, 1965, 20-21) do P. Luís Gonçalves da Câmara.

³⁵ ARSI, *Lus.43-I*, fl. 97v-98r: *Lista de los Padres y hermanos del collegio de Évora [1558-1559]*, em que os seus superiores, louvando o seu «buen ingenio», os seus progressos na Teologia, a sua aplicação e o seu «talento para predicar», também julgavam que «no es de tanto juicio como tiene de ingenio».

³⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 429; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 2, 310-311, 323, 326; J. M. Queirós Veloso, *A Universidade de Évora. Elementos para a sua história*, Lisboa, 1959, 35; José Sebastião da Silva Dias, *A política cultural na época de D. João III*, Coimbra, 1969, I, 465-466.

de Bacharel concedidos pela novelíssima Universiidade³⁷. Aí poderá ter começado o seu relacionamento com o «Sapateiro Santo», Simão Gomes, que, por esses dias, guarda ou corrector dos estudantes no colégio³⁸, tão importante papel há-de vir a ter nos rumos do apostolado de Mestre Inácio Martins como doutrineiro.

Havemos de confessar que depois destas últimas datas perdemos o rasto preciso das suas actividades, mas será sempre possível, como mero exercício, supô-lo no cumprimento desses ministérios que a Companhia tinha como próprios: socorro de pobres..., pregação..., ensino da catequese..., missões de interior... Efectivamente, em 1565, da casa de S. Roque onde está, pelo menos, desde 1562³⁹, informa-se, acentuando largamente a sua actividade de orador sacro, que «predica a esta ciudad y tiene muy buen talento y manera en ello y es muy accepto y de rara habilidad»⁴⁰. Após ter feito a sua «profissão de quatro votos», em 1.11.1566, em mãos do P. Leão Henriques⁴¹—

³⁷ J. M. Queirós Veloso, *A Universidade de Évora. Elementos para a sua história*, ed. cit., 37-38.

³⁸ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Primeira parte*, ed. cit., 3, 21, 527; *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 5, 47, 474; José Adriano de Freitas Carvalho, «Um profeta de corte na Corte: o caso de Simão Gomes, o “Sapateiro Santo” (1516-1576)» in *Espiritualidade e corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Porto, 1993, 233-260.

³⁹ ARSI., *Lus. 43-I*, fl. 170r: *Catalogus eorum qui in Domo D. Rochi et Collegio D. Antonii Societatis Iesu versantur pridie calendis Januarii anno 1562*: «Concinatores: P. Maestro Ignatius Martinez. Lusitanus».

⁴⁰ ARSI., *Lus. 43-I*, fl. 265v: *Lista de los desta casa de S. Roque en que entran los que della estan en almeirin 6 de henero de 1565*.

⁴¹ ARSI, *Lus. 43-I*, fl. 260r: *Lista de los que estan en S. Roque: Lo que de nuevo se offerece informar despues de las informaciones que se embiaron el año 1565* — «El Pe. M. Ignacio Martinez hizo profession

Inácio Martins há-de apontar a sua santidade e dom de profecia⁴² – sabemos que continua em S. Roque pregando por Lisboa⁴³, se bem que em 1.1.1569 se informa que, além de pregar, «ajuda em algunas otras cosas de nuestro instituto conforme a sus fuerças que no son muchas y es examinador electo por el cardenal»⁴⁴. No entanto, nesse momento, achava-se em Almeirim, no seio da pequena comunidade que apoiava a corte. Em Fevereiro de 1570

de quatro votos en manos del Pe. Leon Henriquez Provincial en esta casa de S. Roque el primero de Noviembre de 1566».

⁴² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 432: «... e vendo passar neste tempo ao padre Leam Henriques, disse [Inácio Martins] para o sacerdote [a quem acabava de confessar]: “Aquelle vos digo que he sancto”». Em 1592, em uma *Concio ad patres* (*Pregações*, BNL, Cod. 3502, fl. 498r-501v), Inácio Martins, baseado, provavelmente, na confiança que lhe fizera Leão Henriques (†8.4.1589) sobre o que, em Junho de 1580, Cristo, pelo Santíssimo Sacramento que, exposto, estava a entrar na capela do colégio de Coimbra, lhe comunicara dos grandes castigos que estavam para cair sobre o Reino (Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., II, 5, 36, 421-422; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 72-73), recorda-o como um dos «grandes servos» que predisse «algum grande castigo a Espanha», essa Hispânia que já nesses dias de 1592 tinha chegado «ao cabo de toda a maldade e ao cabo de toda a miséria».

⁴³ ARSI., *Lus. 43-II*, fl. 270r: *Catalogo de los padres u hermanos que estan en la casa de S. Roque noviembre 1566*: «7– P. Ignacio Martiniz – professo»; id., *Lus. 43-II*, fl. 335r: *Catalogo dos nossos que estão nesta casa de S. Roque 29 de Fevereiro de 1568*: «7– P. Ignacio Martinz, professo pregador».

⁴⁴ ARSI., *Lus. 43-II*, fl. 357r: *catalogo de la casa de São Roque 1º de Henero de 1569*: «6– P. Ignacio Martins professo predica y ajuda en algunas cosas de nuestro instituto conforme a sus fuerças que no son muchas y es examinador electo por ele cardenal esta ahora en Almeirim».

voltamos, porém, a encontrá-lo em Évora⁴⁵ em grande «acto literário»⁴⁶, demonstrativo dos seus sempre louvados méritos, para receber, logo em Março desse mesmo ano, em acto solene da Universidade, o grau de Doutor em Teologia em que foi apadrinhado por Fr. Luis de Granada, O P.⁴⁷, que assim solenizava um projecto que tanto acarinhara junto do Cardeal-Infante⁴⁸. Poderia esperar-se que continuasse na docência universitária – títulos, experiência e importância da sua reflexão filosófica assim o podiam fazer prever⁴⁹ –, mas ou porque, efectivamente, fosse –

⁴⁵ ARSI., *Lus.* 43-II, fl. 402r: *catalogus omnium qui desunt in collegio Eborensi initio Januarii 1570*: «Ignatius martinez professus concinator et confessarius».

⁴⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 402. Ao parecer, estes «actos literários» formavam parte da demonstração das capacidades científicas e pedagógicas da Companhia, e a eles já tinha recorrido, por exemplo, quando se preparava para a entrega do Colégio das Artes, organizando, com alunos de Santo Antão de Lisboa, um exercício com essa finalidade (Mário Brandão, *O Colégio das Artes. II. 1555-1580*, ed. cit., 28; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 2, 344.

⁴⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 403; João Pereira Gomes, *Os professores de Filosofia da Universidade de Évora*, Évora, 1960, 79-82; Friedrich Stegmüller, *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no século XVI*, Coimbra, 1959, 52.

⁴⁸ José Sebastião da Silva Dias, *A política cultural na época de D. João III*, ed. cit., I, 464

⁴⁹ Friedrich Stegmüller, *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no século XVI*, ed. cit., 52; o magistério filosófico de Inácio Martins e a sua possível relação com a obra de Luís de Molina, a quem, aliás, substituiu em Évora, foi estudada por José María Díez-Alegría, «El conimbricense Ignacio Martins, Sj, y el concepto de Ley de las Lecturas de 1570 en la Universidad de Évora» in *Actas do 1º Congresso Nacional de Filosofia*, Braga, 1955 [= *Revista Portuguesa de Filosofia*, 11, 1955, 546-553]; José S. da Silva Dias, *O cânone filosófico conimbricense (1592-1606)*, Lisboa, 1985.

então – considerado por alguns «arrogante e soberbo»⁵⁰ ou porque, como se havia informado para Roma, se considerava que tinha mais «talento para pregar», o que é certo, como sintetizando todos os silêncios escreve muito bem A. Franco, fazendo-se, porventura, eco do que se informava para a cúria romana da Companhia, é que, depois desse ano de 1570, «o Padre Ignacio Martins nam continuou as cadeiras, porque a obediencia se servio delle pera os pulpitos, porque foi homen de talento raro, grande eloquencia, e dotado de todas as boas prendas, que fazem espectavel a um pregador»⁵¹. Provas desses seus talentos – de organizador, neste caso – bem poderia ser a sua acção aquando do seu embarque, continuando a viver em S. Roque⁵², em 1571 – ou 1572? – na armada de João de Mendonça⁵³ destinada a combater a pirataria que infestava o mar dos Açores e em que, além de pregar – «pregava na nao» – e assistir espiritualmente os soldados – «falando de Deos, e inçitandoos a fazer obras de virtude» –, tentava «controlar», para o moderar, o jogo dos fidalgos e

⁵⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 429: «Lendo o Padre Ignacio Martins Theologia em Evora achou hum papel de hum nosso, que dava informaçam do Padre Ignacio ao Padre Provincial, em que lhe dizia, que convinha, tiralo das escolas, porque se mostrava arrogante e soberbo. O Padre lendo o papel o levou ao Superior pedindo, se executasse, porque elle conhecia em si as faltas que lhe notavam».

⁵¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 403.

⁵² ARSI., *Lus. 43-II*, fl. 410r: *Catalogo de la casa de S. Roque de Lisboa del año de 1571*: «Sacerdotes: P. Ignacio Martinz professo 4 votos».

⁵³ Em *Da vida e virtudes do Sancto Varão Mestre Ignacio Martins* (BPE, Cód. CIX/2-13, nº 7, fl. 87 da numeração moderna) escreveu o seu anónimo autor que o comandante da armada era Pero Furtado de Mendonça, mas posteriormente foi corrigido em João de Mendonça; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 507, baseado em informação de António Franco que não pudemos controlar, aceita João de Mendonça, oferecendo, aliás, mais alguns pormenores que não constam do texto anónimo de Évora.

lhes lia «hum livro spiritual com que os consolava», ministrando ainda a todos – «fidalgos e soldados» – para «os ocupar e entreter», «hũa lição da esfera, que cada dia a certa hora lhes declarava»⁵⁴. Testemunhos – e grandes – da sua «grande eloquencia» e fama – a ponto de terem deixado ecos em memórias desses dias – poderiam ser – o condicional indica que não conhecemos os textos – dois sermões que pregou por esses mesmos anos. Um, em Novembro de 1571, em Nossa Senhora da Graça em Lisboa, presente o cardeal Alexandrino, legado papal, na missa solene de acção de graças pelo parto da rainha de Espanha, Isabel de Valois⁵⁵; outro, em que pregando perante a corte, celebrou, em 25.7.1572 em S. Domingos de Lisboa, os triunfos do Vice-rei da Índia, D. Luís de Ataíde, que acabava de regressar ao Reino⁵⁶. É possível que estes sermões nos revelassem o modo – ou um modo – de pregar de Inácio Martins, já, nessas datas, pregador real – foi-o, como dirá cerca de 1597, «sem renda e sem

⁵⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 441-442 que parece ter conhecido o ms. de Évora dá mais algum pormenor: «Nam contente com o galeam, em que hia, passava aos outros a fazer Doutrinas, e confessar...»; José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 239-240 n. 39 em que se descreve a passagem citada da *Vida e virtudes...* e se pondera a questão das datas desse embarque.

⁵⁵ Pero Roiz Soares, *Memorial* (Leitura e revisão de M. Lopes de Almeida), Coimbra, 1953, 55.

⁵⁶ Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 64-66; José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 233 em que se apresentam outras fontes para esta informação e se comenta o possível estilo da oração de Inácio Martins.

provisam» durante mais de trinta anos⁵⁷ –, mas, o que importa é anotar aqui, na sequência do que registam os cronistas, que o estilo em que, provavelmente, os disse, viria, pouco tempo depois, a ser abandonado pelo pregador. Residindo no colégio de Coimbra já, pelo menos, em fins de 1572⁵⁸, em janeiro do ano seguinte⁵⁹ – um tempo complicado por questões de rendas entre a Companhia e a universidade de Coimbra⁶⁰ –, foi escolhido, na congregação provincial reunida em Évora, a título de Procurador das Índias de Portugal⁶¹, como um dos padres eleitores da Congregação Geral a reunir em Roma em 1573, assembleia em que, por sucessor de Francisco de Borja, veio a ser

⁵⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 422, 403 e 431-432 respectivamente, assinala que em 1567 já Inácio Martins pregava a D. Sebastião em Almeirim e em 1570, em Évora, pregava ao rei nas festas, ainda que nunca, ao parecer, tivesse tido provisão de pregador real; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 347.

⁵⁸ Neste ano não consta da *Lista de la casa de San Roque de Lisbona de benero de 1572* (ARSL., *Lus.* 43-II, fl. 448r), embora aí venha inscrito em outra lista do mesmo ano. Depois surge registado na *Informacion que aun no fue dada de los del collegio de Coimbra hecha a 1º de Henero de 1573* (ARSL., *Lus.* 43-II, fl. 455r): «6 – P. Ignacio Martinez de edad de 41 años Doctor en Theologia predica. a 26 años que entro en la Compañia y 24 que hizo los votos simples y 7 que hizo profession de quatro votos, talento para Letras e predicar».

⁵⁹ BGUC, ms.140, fl. 19R-22V, Congregações Principaes desta Província, data (fl. 20r.) deste mês essa terceira congregação.

⁶⁰ Mário Brandão, *O Colégio das Artes. II. 1555-1580*, ed. cit., 357-359.

⁶¹ Inácio Martins, «Carta que o Padre Ignacio Martins escreveu de Barcelona indo de caminho pera Roma aos irmãos de Coimbra a 23 de Fevereiro de 1573»: «...O que muito me edificou neste collegio [de Alcalá] foy que sabendo que eu hera procurador das Índias de Portugal vierão-me fallar muitos irmãos dandome conta cada hum em particular dos grandes e antigos desejos que tinham de hir ha Índia e Japão...», in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 326-359 (328).

eleito, como IV Prepósito Geral da Companhia, E. Mercuriano⁶², de quem fará o elogio⁶³, à mistura com notícias sobre o modo como decorreu a congregação e o aplauso com que a eleição foi recebida..., santuários e relíquias visitados, personalidades encontradas ou apenas entrevistas, etc.. Numa «*Roma resurgens*» ou, talvez melhor, nessa «*Urbe Roma in pristinam formam renascente*», foi essa, e não sem alguma razão, a sua Roma⁶⁴. De regresso – uma longa viagem que foi relatando em cinco interessantes cartas⁶⁵ –, partindo de Roma, integrado no grupos de «Padres da Alemanha» que também regressavam, por Assis..., Loreto..., Bolonha..., Pádua..., Trento..., cruzando, admirado, os Alpes..., passando por Eniponte (Innsbruck)..., Halla (Hall)..., Mónaco (Munique)...

⁶² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 403, 425, 426; sobre a «solução» da eleição de Everardo Mercuriano face à oposição da eleição de alguém com sangue de cristão-novo (provavelmente, Juan Polanco), Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 346-355, Thomas Cohen, «Nation, lineage, and jesuit unity in António Possevino's Memorial to Everard Mercurian (1576) in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., II, 543-561.

⁶³ Inácio Martins, «Carta que o Padre Ignacio Martins escreveu de Roma aos irmãos da Companhia do Collegio de Coimbra a anno 1573» in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 334-342 (335-336).

⁶⁴ AA.VV., *Storia di Roma dall'Antichità a oggi. Roma del Rinascimento*, a cura di António Pinelli, Bari, 2001, 123-160 e 291-336, as colaborações de Maria Letizia Gualandi e Claudio Franzoni, respectivamente, donde estão tomados os títulos latinos.

⁶⁵ José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 326-359, publica-se o texto de quatro dessas cartas, já que a quinta, sendo da mesma data da anterior, apresenta, com ligeiras variantes, o mesmo texto.

Augusta (Augsburg)..., Espira (Speyer)..., a «santa cidade de Treveris»⁶⁶..., Anvers..., Lovaina..., chegou a Bruxelas... Uma viagem em que, como procurador para a Índia, a visita e a busca de relíquias para o Brasil e Índias – que se diz ter distribuído por casas da Companhia⁶⁷ –, as romarias a santuários marianos, a apreciação de colégios e experiências pedagógicas da Companhia nas suas províncias da Alemanha e Flandres se combinaram, por ordem de D. Sebastião e de E. Mercuriano, com o encargo secreto de auscultar as possibilidades de casamento do jovem rei com uma princesa germânica, Maximiliana de Baviera⁶⁸. De Bruxelas, apanhando, em Anvers, a companhia do duque de Medinaceli⁶⁹ que, como se sabe, voltava, sem

⁶⁶ Inácio Martins, Carta aos padres e irmãos de Coimbra, Anvers, 21.9.1573 (BGUC., Ms. 584, fl.595r), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 343-351 (346-348).

⁶⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 424.

⁶⁸ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 358; II, 2, 327; Queiroz Velloso, *D. Sebastião, 1554-1578*, Lisboa, 1945, 180-184.

⁶⁹ Inácio Martins, «Carta do mesmo Padre Doutor Ignacio Martins pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma. s. de Anvers tee Hespanha, etc.» (Coimbra, 23.4.1574), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 326-359: «Sendo os padres de parecer que eu envernasse em Anvers por no mar e terra aver manifesto periguo quis Nosso Senhor que aa entrada do Inverno el rey Philippe mandasse vir de Frandes o Duque de Medinaceli, ao qual os padres por ser mui devoto da Companhia me encomendarão, parti de Envers a 4 de Outubro de 1573 pera Bruxelas aonde estava o Duque...» (*ob. cit.*, 352). A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., I, 426 pensava que viajara na companhia do duque de Osuna.

glória, da sua difícil missão de governador de Bruxelas numa Flandres a ferro e fogo pela discutida política do duque de Alba⁷⁰, Mestre Inácio, por Hao..., Enghien..., Douai..., Cambray..., Paris..., Poitiers..., Burdeos..., Bayona..., Fonterrabia..., San Sebastián..., Burgos..., Alcalá..., Madrid..., regressou, finalmente, a Coimbra nos começos de 1574 (16 de Janeiro)⁷¹... Em 25 desse mesmo mês estava já em Almeirim – obrigações de pregador real e informes da sua missão assim o obrigariam – e, logo depois, foi para Évora e daqui voltou para Coimbra pregar a Quaresma⁷². Ao chegar a Portugal – aceitemos a imprecisão topográfica e cronológica como simples indicação sequencial –, Inácio Martins, que, nas disputas sobre o rigor ou a brandura no «sistema de governo» da Companhia, se bandeava com os rigoristas – mesmo se há quem lhes discuta o rigor – capitaneados, principalmente, por Luís Gonçalves da Câmara († 15.3.1575)⁷³ – defendeu então,

⁷⁰ William S. Maltby, *El Gran Duque de Alba. Un siglo de España y de Europa. 1507-1582*, Girona, 2007, 370, 392-393 (1ª ed. 1983); Henry Kamen, *El gran Duque de Alba. Soldado de la España imperial*, Madrid, 2005, 174, 190-192, 193-196, 209-210.

⁷¹ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 358.

⁷² Inácio Martins, «Carta do mesmo Padre Doutor Ignacio Martins pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma. s. de Anvers tee Hespanha, etc.» (Coimbra, 23.4.1574), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 352: «Muito desejei acabar minha peregrinação nessa cidade afim de me consolar *in Domino* com a vista dos reverendos padres e irmãos como também pera lhes contar algũas cousas de muita edificação que vi no caminho. Mas isto não pode ser, porque loguo que cheguei a Évora a obediencia me mandou a Coymbra pregar a Quaresma...».

⁷³ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 2, 87; II, 1, 297, 307, 308; apesar do imenso material disponível e de tanto dele ordenado e explorado pelo benemérito P. Francisco Rodrigues e das páginas notáveis que

com elogios e argumentos, a nomeação como provincial deste antigo colaborador de Inácio de Loyola, que, por esses dias, completava as suas preciosas memórias desses anos Romanos⁷⁴ –, depois de ter escrito a sua última carta de viagem ao Padre Miguel de Sousa e enviado ao novo Prepósito Geral da Companhia, Everardo Mercuriano, um breve relato sobre o seu regresso e as relíquias lograra⁷⁵, manifestou por carta a E. Mercuriano a sua preocupação em relação ao estado da Companhia de Jesus em Portugal. Efectivamente, declarava ele, a província portuguesa, «la más rica que ahora á en la Compañía y ahora está la mas dotada de renta y abundante dela que nunca estuvo»⁷⁶, o que bem contrastava com «las otras provincias pobres» onde, em lugar do «pão alvo», como em Portugal, se comia «pão de centeo no refeitório»⁷⁷..., onde os superiores

lhe dedica Roger Tandonnet na apresentação do seu *Memorial* (Luís Gonçalves da Câmara, *Memorial – 1555*, ed. cit. 10-28)), Luís Gonçalves da Câmara – figura complexa e nem sempre simpática –, ainda está à espera, tanto quanto sabemos, do estudo que, na moldura da história cultural e política dos seus dias, bem merece.

⁷⁴ Inácio Martins, Carta, de Coimbra, 7.7.1574, a Everardo Mercuriano (ARSI., *Lus.* 66, fl. 189r-190r).

⁷⁵ Inácio Martins, Carta, de Almeirim, 25.1.1574, a E. Mercuriano (ARSI., *Lus.* 66, fl. 38).

⁷⁶ Inácio Martins, Carta, de Coimbra, 7.7.1574, a E. Mercuriano (ARSI., *Lus.* 66, fl. 189r).

⁷⁷ Inácio Martins, Carta «Aos mui Reverendos em Christo Padres e caríssimos Irmãos» de Coimbra, 21.9.1573, lembra que, depois de ter passado os Alpes, «nas estalajes as escapolas ordinariamente são ossos de cervos e não da a terra trigo nem cevada nem azeite nem ha vinhas ha centeo pera os homens e aveia pera os animais e assi nos collegios dos padres communmente comese pão centeo no refeitório. A nos por hospedes punhãoos hum pedaço de alvo e espantarãose quando lhe disse que em Portugal comião todos os nossos no refeitório pão alvo» in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de*

andavam a pé⁷⁸ ... – estado que, segundo ele, por contrariar o espírito de pobreza, facilitava «mucha propension a largueza» –, continuava em caldeado ambiente por culpa, segundo dizia, do provincial, P. Mirón, se julgar o mais fiel intérprete do Padre Geral⁷⁹, necessitando por isso de ter à sua frente alguém «que tenga talentos de hacer hombre, y de animar, e esforçar a todos»⁸⁰. São, como se sabe, dias difíceis para a Companhia em Portugal – e teremos ocasião de voltar ao olhar de Inácio Martins sobre os acontecimentos –, mas também, ao parecer, os tempos em que decide, abandonando «artifícios de Rhetorica» e «primores da eloquencia» que lhe traziam grande «aura popular»⁸¹, «perseguir os vícios e plantar virtudes» ou, talvez melhor, pregar «Christo crucificado», rumo que lhe pareceu ter-lhe sido inspirado pelo próprio Cristo⁸². Apesar de curtos, esses tempos que passou em Roma ter-lhe-iam dado ensejo, como ocorreu na Alemanha a respeito do espírito de Pobreza, a confrontar o seu «estilo» de pregar com os dos outros padres da Companhia – os que lá viviam

Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura, ed. cit., I, 346-347).

⁷⁸ Inácio Martins assim o recordará em carta ao padre Miguel de Sousa, de Coimbra, 23.4.1574 (Charta do mesmo Padre Doutor Ignacio Martins pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma.s.de Anvers tee Hespanha, etc.), BPE, Cod. CX/1-17, fl.12v - 17v), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 352-359 (353-354).

⁷⁹ Inácio Martins, Carta, de Coimbra, 5.8.1574, a E. Mercuriano (ARSL., *Lus.* 66, fl. 210).

⁸⁰ Inácio Martins, Carta, de Coimbra, 7.7.1574, a E. Mercuriano (ARSL., *Lus.* 66, fl. 189v).

⁸¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 403.

⁸² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 404, 406.

e os que lá chegavam do resto da Europa? Que peso poderá ter tido a leitura – se é que o leu... – do *Tratado breve del modo de predicar el santo Evangelio* de Francisco de Borja, o terceiro Prepósito Geral, cuja morte o levara à congregação de Roma?⁸³ De qualquer modo, desde o seu

⁸³ Apesar de em muitas obras do género não faltarem incitamentos à pregação de «Cristo crucificado» e à fuga às «flores» de estilo, cremos que, dadas as circunstâncias – o autor, a sua situação na Companhia quer como seu terceiro superior geral, quer pelo ascendente da sua alta origem social, a ocasião da estadia de Inácio Martins em Roma –, poderá ser interessante atender quanto o *Tratado breve* de S. Francisco de Borja se define por essa orientação: «... Huya como de un despeñadero, el predicador, de invenciones y quimeras imaginadas de su cabeza, y arrímesse a la interpretación recibida y declare la Escritura con la misma Escritura y unos santos con otros, y especialmente se aproveche de la familiar lección de los santos Padres... [...] vaya el predicador sacando de su evangelio los atributos de la divina potencia en los milagros, y los de la sabiduría en la doctrina de los preceptos y consejos, y los de la bondad de sus misericordias. Y saque también de allí las virtudes de la fe, esperanza y caridad, con la humildad, paciencia, fortaleza, limpieza, misericordia y las demás. [...] Hágase presente a los razonamientos que lee de Cristo y represéntelos vivamente a los oyentes [...] Consolaráse el predicador en sus trabajos y regalaráse en sus estudios, si considerare que quando Cristo nuestro Señor decía aquellas palabras que él ha de predicar, veía su ánima santísima en el Verbo divino, como él ahora las había de predicar y como sus oyentes las habían de escuchar. [...] Las frases, lenguaje y palabras, ni deben ser afectadas ni pulidas, porque a maravilla secan el espíritu al que dice y al que oye. Pero también se debe guardar de arrojar palabras groseras y desusadas; y mire que su decir sea tan casto, que no se dé ocasión de bajos pensamientos a ninguno...» (*Tratado breve del modo de predicar el santo Evangelio*, in San Francisco de Borja, *Tratados espirituales*, Introducción y edición de Cándido Dalmasas, Barcelona, 1964, 444, 446, 449, respectivamente). Publicado, pela primeira vez, por Pedro de Rivadeneira como apêndice da *Vida del P. Francisco de Borja, que fue Duque de Gandia, y despues religioso y III General de la Compañia de Jesus*, Madrid, P. Madrigal, 1592, circulou em manuscrito e bem poderia o P. Inácio em Roma, donde, precisamente, regressava da assembleia em que a Companhia escolheu o sucessor de Francisco de Borja, ter meditado nessas páginas do que tinha sido seu Geral e que conhecera em Coimbra.

novo ponto de vista, tem sentido – simbolicamente, pelo menos – a sua decisão de queimar os seus sermões até então pregados⁸⁴, gesto que teve como consequência não nos permitir hoje comparar esses seus «floridos» sermões com os mais de trezentos que dele ainda nos restam posteriores a 1574, monumental *corpus* de sermões públicos e de «práticas domésticas» *ad patres* e/ou *ad fratres* da Companhia que espera pelo dia em que, transcrito, comece a ser estudado tanto em função da sua história externa – cronologias..., lugares de pregação..., ciclos litúrgicos..., santos e devoções celebrados... – como em função da *ars predicandi* que os enforma⁸⁵. Curiosamente, “depois que chegou de Roma”⁸⁶ – quer dizer, como vimos, depois de ter andado por Almeirim e Évora e ter estado alguns meses em Coimbra⁸⁷, participou, com outros jesuítas, por

⁸⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406. Curiosamente, Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 216, referindo embora o «abalo» que teria causado a visita às relíquias de Santo António na «conversão» do pregador, nada refere sobre a queima dos sermões.

⁸⁵ José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 360-369 (Apêndice IV) ensaiou-se um «quadro cronológico e topográfico das Pregações do Padre Inácio Martins, sj.» estabelecido a partir da análise dos respectivos manuscritos, conservados na BNL., cod. n.º 3501, 3502, 3503, 6271 – nas últimas datas, como assinalaremos, as nossas propostas terão de ser revistas – e estudaram-se, desde a perspectiva das circunstâncias políticas e sociais de 1596, alguns desses sermões e uma ou outra das «práticas domésticas». No mesmo ensaio (252-254) tecemos algumas considerações sobre a possível finalidade da colecção de sermões deixada por Inácio Martins e o mais provável significado do seu «florido» estilo.

⁸⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406.

⁸⁷ Em 23.4.1574 ainda estava em Coimbra, como se documenta pela carta que daí escreveu ao P. Miguel de Sousa contando as últimas etapas da viagem de regresso a Portugal, como se poderá ver in José

ocasião da primeira passagem do rei Sebastião ao norte de África (17.8 - 30.11.1574)⁸⁸, numa missão em Tânger da qual não parece que se saiba senão que, em linguagem de cronista do século XVIII, «os frutos do seu trabalho foram copiosos»⁸⁹. Que nos admira que, por então, pedisse, com insistência, que o enviassem como missionário para a Índia ou para o Brasil⁹⁰? Destes anos, em que, como já ficou aludido, a «situação angustiosa» dos jesuítas portugueses divididos por estilos de governo e de pessoas, leva Inácio Martins a propor, «por la fidelidad y amor en Christo» que deve a E. Mercuriano, em 8.7.1574, a escolha de um estrangeiro – «el P. Oliverio o el P. Paulo Offio»⁹¹, o el

Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 359.

⁸⁸ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 2, 353-354. Teria Mestre Inácio podido ainda assistir à chegada das relíquias que recolhera por Alemanha, que, segundo Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 2, 327, teriam chegado a Lisboa em Agosto de 1574? Para calibrar o clima de angústia que envolveu esta aventura do rei são fundamentais as páginas de Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 70-71.

⁸⁹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406. Diogo Barbosa Machado, *Memórias para a historia de Portugal que comprehendem o governo del rei D. Sebastião*, III, Lisboa, Officina Sylviana, 1747, 606 refere a presença de D. António Pinheiro e de Fr. Marcos de Lisboa, mas nada diz sobre os jesuítas e esta sua missão em Tânger.

⁹⁰ Inácio Martins, Carta, de Almeirim, 5.8.1574, a E. Mercuriano (ARSI., *Lus.* 66, fl. 38): «Y lembro a V. P. los deseos que N. Srº me da de las Indias»; Carta, de Coimbra, 7.7.1574, a E. Mercuriano (ARSI., *Lus.* 66, fl. 190r): «Yo tengo los mismos deseos de Índia o Brasil. V. P. amore Dei no se olvide de my».

⁹¹ Inácio Martins, Carta «Aos mui Reverendos em Chrito Padres e caríssimos Irmãos» de Coimbra, 21.9.1573, refere-se ao P. Paulo Offeu com quem viajou desde Roma: «Desejei de levar este irmão por companheiro para Portugal se o Padre Paulo Ofes me não resistira dizendo que antes me daria hum estudante e assi o tornou

P. Canisio», por exemplo, com quem o vemos contactar em Roma⁹² e e atravessar a Baviera⁹³, que seriam recebidos «como si viniessen unos angeles»⁹⁴ – como visitador e apaziguador da província, bem poderia também marcar-se o que pode dizer-se a sua «conversão interior», já que, como teremos ocasião de sugerir, a este abandono de um estilo de pregação ordenado «ao aplauso dos ouvintes, mais que ao proveito das almas»⁹⁵, se seguiu dar-se «tambem de

a levar consigo para a Província...» in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 351).

⁹² Inácio Martins, «Carta que o Padre Ignacio Martins escreveo de Roma aos irmãos da Companhia do Collegio de Coimbra a anno de 1573»: «... desapareceo aquella visão e o padre [Lamberto, vice-provincial do Reno] ficou muito consolado, e contou tudo ao padre Nadal e ao Padre Canisio que mo contarão a mim [...] disse-me o Padre Canisio que o recebera na Companhia...», in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 336)

⁹³ Inácio Martins, «Carta que o Padre Ignacio Martins escreveo de Roma aos irmãos da Companhia do Collegio de Coimbra a anno de 1573»: «... e assi acabada a congregação [o nosso Padre Geral ordenou] que fosse meu caminho com os Padres da Alemanha...», in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 336). Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 309; *id.*, II, 2, 327.

⁹⁴ Inácio Martins, Carta de Coimbra, 5.8.1574, a E. Mercuriano (ARSL., *Lus.* 66, fl. 210).

⁹⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 405-406; o Padre Franco coloca esta decisão na sequência da impressionante visita – «vimos e cheiramos a sepultura de S. Antonio e he tam grande a flagrancia de seu corpo que cheirão os marmo-

veras a ensinar a Santa Doutrina aos meninos e ao povo nas nossas igrejas»⁹⁶. Foi esta uma decidida e decisiva opção sua – mais admirável do que «respeitável» por parte de um futuro doutor em Teologia e já famoso pregador real⁹⁷ –, por um dos ministérios que, se bem que considerado dos apostolicamente mais importantes na Companhia⁹⁸, não deixava também de ser visto como um dos mais humildes – o auditório base, «meninos e povo», não era dos que encantariam qualquer pregador⁹⁹ –, e, como mostravam as reacções do seu próprio irmão, bispo de Angra¹⁰⁰, dos socialmente menos considerados, sobretudo

res a pastilhas» – que Inácio Martins fez, em Pádua, às relíquias de Santo António, mas em suas cartas conhecidas nada afirma da resolução de mudar o estilo de pregar à vista da língua «tam bella e tam fresca como se estivera ainda animada», como traz A. Franco, *ob. cit.*, I, 404, referência que há que completar com a que faz, aproveitando, sem a nomear, uma carta de 1573, *ob. cit.*, I, 432. Para a referência dessa carta de viagem poderá ver-se José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 344.

⁹⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406.

⁹⁷ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 217-218.

⁹⁸ Ignacio de Loyola, *Constituciones* [113], [437], [528], in *Obras completas*, ed. cit., 440, 507, 526; John W. O'Malley, *I primi gesuiti*, Milano, 1999, 98, 127-138; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, 600.

⁹⁹ Inácio Martins, a propósito da perseverança em ministérios humildes – a cozinha, por exemplo, em que ele quis servir algumas vezes – costumava dizer que quem neles «persevera muitos annos dà gloria a Deos, que quanto ao pulpito a mesma natureza se vay lá» (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 439).

¹⁰⁰ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 218: Indo, um dia, Inácio Martins «governando hũs pocos de mininos, feyto minino com elles, cantando e repetindolhes as orações [...] Desta maneira o encontrou hũa vez o Bispo da

quando, um pouco mais tarde, veio, sob a orientação do próprio Padre Inácio, a ser plenamente exercitado segundo práticas e didáticas «de rua». Quando os cronistas se demoram a ponderar, acumulando exemplos, as «grandes repugnancias» que achava «ao princípio» – da família..., dele mesmo..., de membros da própria Companhia..., do Demónio¹⁰¹ – a tal emprego, estarão apenas a sublinhar, colocando o acento na sua humildade, a transformação que a opção por tal ministério manifestava¹⁰², opção que, ao longo dos seus últimos vinte anos, apenas dividiu com a da pregação e, ainda assim, como há-de recordar o documento que publicamos, tantas vezes conjugadas. Curiosamente, essa transformação – «grande mudança de vida» – fora-lhe profetizada por Simão Gomes, o «Sapateiro santo», grande amigo seu e que lhe votava «respeito

Ilha Terceyra, que era seu irmam, e envergonhandosse de o ver d'aquella sorte, se apeou, e pegando do Padre no meyo da rua, lhe affeou, e estranhou tal occupaçam, dizendolhe que pois nam estimava a sy, que o nam deshonorasse a elle; tudo ouviu o Padre Mestre Ignacio, sem lhe responder palavra, e depois de elle se hir, disse ao companheyro, que aquella Bispo era sancto em tudo, tirado em ser seu irmam, e lhe estranhar aquella occupaçam»; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 407. O P. Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, I, Título III – Injúrias, 32: «Do Padre Inácio Martins, da Companhia de Jesus», oferece como «exemplo» este caso, o que lhe serve também para introduzir a uma espécie de síntese dos fundamentos da catequese. Massimo Bergonzini, «Due oposte collezioni di apoftegmi: la Floresta Española di Mechor de Santa Cruz, la Nova Floresta “portugueza” di Manuel Bernardes», *Via Spiritus*, 13 (2006), 121-222, oferece agora um utilíssimo índice dos apoftegmas de Bernardes.

¹⁰¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4,48, 217-218; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406-407, 416, 417.

¹⁰² Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4,48, 218-219; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 406.

grande»¹⁰³, nos dias à volta da sua partida para Roma¹⁰⁴ e, qualquer seja o peso que, efectivamente, possa ter tido¹⁰⁵, não deixa de poder notar-se que coincida com o seu encontro com Mestre Simão Rodrigues no colégio de Alcalá em Fevereiro de 1573¹⁰⁶ e com o regresso a Portugal desse

¹⁰³ Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez Portugues vulgarmente chamado o Çapateiro Santo*, Lisboa, Officina de Francisco Villela, 1673, «Prólogo ao pio e devoto Leitor», s.p., 111 (Note-se que a 1ª edição do *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez...* foi publicada por Mateus Pinheiro, Lisboa, 1625).

¹⁰⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 404. Não sabemos se o Padre Franco leu esta informação em outra fonte ou se adaptou o que conta Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 80-81, onde, porém, não consta nem o momento da profecia nem a referência precisa a que a «grande mudança» se daria depois de Mestre Inácio regressar de Roma. Baltasar Teles, se mal não lemos, não estabelece esta relação.

¹⁰⁵ Porque, de novo, se mal não lemos também, não estabelece Baltasar Teles esta dependência, ele que se há-de servir da documentação reunida por Manuel da Veiga sobre o P. Inácio e, talvez, até do seu testemunho directo, pois ainda conviveu com o Mestre, qualquer relação entre Simão Gomes e Inácio Martins?

¹⁰⁶ Inácio Martins, «Carta que escreveo de Barcelona indo de caminho pera Roma aos irmãos de Coimbra a 23 de Fevereiro de 1573», em que manifesta o afecto com que foi recebido por Mestre Simão em Alcalá – «Em Alcalá onde está hum collegio o principal da província fomos recebidos de todos com muita alegria principalmente do P. Mestre Simão que ali reside. Não sei encarecer quanto todos nos consolamos de o ver e conversar», in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura* ed. cit., I, 328; na sua Carta de Coimbra, 23.4.1574, refere o testemunho de Simão Rodrigues a propósito de um milagre do SS. Sacramento em Pádua: «Deste milagre he testemunha não somente Padua, Roma e Veneza, mas o Padre mestre Symão que conta este milagre aos yrmãos deste collegio [de Coimbra] muytas vezes, e affirma que vio a mesma igreja, e ouviu pregar este milagre em Roma, e em outras partes», in José Adriano de Freitas Carvalho, *art. cit. ob. cit.*, 359.

fundador da província portuguesa da Companhia em Setembro desse mesmo ano¹⁰⁷. De mais a mais, Mestre Simão há-de vir a ser um bom testemunho da «conversão» do seu antigo súbdito¹⁰⁸.

A esta sua opção pela doutrinação dos *rudes et pueri* – que tentaremos datar um pouco melhor – aliará Inácio Martins, como, aliás, se vinha praticando na Companhia¹⁰⁹ por exemplos e recomendações do próprio Fundador¹¹⁰ e recomendação dos seus mais directos colaboradores, o socorro dos presos, esse «servir y ayudar en hospitales y cárce-res y en todo» que recordava Jerónimo Nadal em Coimbra (1561)¹¹¹, dimensão do seu apostolado que, como lembra o documento que editamos, impressionou largamente em seus dias. E, seguramente, não pela novidade, mas, uma vez mais, pelo modo público como organizou esse apostolado, combinando cortejos de meninos de doutrina, peditórios, visitas às cadeias e incorporação – que era uma aprovação – de gente grada edificada pelo apelo e exemplo, o que não deixava de ser uma aprovação para mais esta forma de apostolado em tempos em que, apesar da espectacularidade do

¹⁰⁷ José Carlos Monteiro Pacheco, *Simão Rodrigues, iniciador da Companhia de Jesus em Portugal*, Braga - S. Paulo, s.a. (1987), 228, biografia que, a nosso ver, pondera mais acertadamente que Ricardo García-Villoslada, *San Ignacio de Loyola. Nueva biografía*, Madrid, 1986, 362, 449, por exemplo, o carácter de Mestre Simão; José Vaz de Carvalho, «Simão Rodrigues 1510-1579», in *AHSI*, 59 (1990), 295-313.

¹⁰⁸ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 435.

¹⁰⁹ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 504-506, com referências a outros mestres de Doutrina em datas um pouco anteriores ao empenho de Inácio Martins no mesmo apostolado.

¹¹⁰ Ignacio de Loyola, Carta al P. Juan Pelletier (13.6.1551) in *Obras completas*, ed. cit., 74.

¹¹¹ Jerónimo Nadal, *Pláticas espirituales... en Coimbra (1561)*, editadas, con introducción y notas por Miguel Nicolau, S.J., «Plática IV - Ministerios con los prójimos», Granada, 1945, 77.

seu crescimento – e do abandono de tantos¹¹² –, o número de membros da Companhia de Jesus¹¹³ estava longe de poder prescindir do empenho dos seus em simultâneas e esgotantes tarefas. Mestre Inácio será, como insistem os cronistas da Companhia, um exemplo desse empenho que significava um desdobrar-se em actividade, tempos e lugares para poder ser uma presença.

De qualquer modo, apesar de A. Franco dizer, roborando, em jeito de quem podia ter lido J. Nadal, o que acabamos de resumir, «os tres annos seguintes – entendamos, 1575, 1576, 1577 – gastou todos em Lisboa pregando, e ensinando a Doutrina, e acodindo a outros serviços de Deos, e bem do proximo»¹¹⁴, sabemos, para precisar aqui as generalidades desse grande cronista, que, depois de, como já vimos, ter estado nos começos de 1574, na casa de Almeirim¹¹⁵, nos primeiros meses desse ano, após a ida a Évora, voltara a Coimbra, onde era apreciado, como sempre, «para letras, y enseñarlas, y predicar»¹¹⁶. Tudo isto, no entanto, não quer, evidentemente, dizer que não pudesse vir pregar a Lisboa, já

¹¹² Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 394-399.

¹¹³ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, 442-443; II, 1, 6-7; o autor da *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque e Padres e Irmãos de notavel exemplo e virtudes que nella falecerã ou frutificarã e cousas mais notaveis conforme a ordem de N. P. Geral Claudio Acquaviva e começa do año 1553* (BNL., Cod. 4491), cap. IX, fl. 8r-8v anota, em 1582, aportando alguns números, o «crescimento do número e satisfação dos pregadores» (A cópia que utilizamos deste manuscrito era, segundo se regista na folha de rosto, «da casa de S. Roque do cubiculo do P. Preposito»). Citaremos sempre esta obra omitindo a sua localização e cota).

¹¹⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406.

¹¹⁵ Inácio Martins, Carta de 25.1.1574, Almeirim, a E. Mercuriano (ARSI., *Lus.* 66, fl. 38r).

¹¹⁶ ARSI., *Lus.* 43-II, fl. 465r: *Catalogo de los Padres y hermanos de la Provincia de Portugal a 2 de Enero de 1574*.

que um sermão, pelo menos, o do 7º Domingo depois de Pentecostes, pregou-o em S.Roque¹¹⁷. Nos dois anos seguintes «predica y confiessa» em Almeirim¹¹⁸, embora tenha sido o pregador num auto de fé em Coimbra em 1576¹¹⁹. Em 1577, em que na *Lista* do começo desse ano, não há referências à residência de Almeirim¹²⁰, deverá ter voltado ao colégio de Coimbra, pois vem assinalado entre os pregadores dessa casa¹²¹. Se bem que para 1578 pareça não haver *Lista* ou *Catálogo* dos jesuítas das diversas casas provinciais, sabemos que, nesse ano, pregou, em 18 de Setembro, na sé de Coimbra, o sermão das exéquias de Sebastião de Portugal¹²², tendo, porém, vindo novamente à igreja de Santa Clara de Lisboa pregar no Domingo

¹¹⁷ José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 330.

¹¹⁸ ARSI., *Lus. 43-II*, fl. 479: *Lista de los Padres y Hermanos de la Compañia de Jesus de la Provincia de Portugal*: «Residencia de Almeirim:— P. Inacio Martinz, predica y confiessa»; id., fl. 508: *Lista de los Padres y Hermanos de la Compañia de Jesus de la Provincia de Portugal Henero 1576*: «P. Ignacio Martinz».

¹¹⁹ José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 330.

¹²⁰ ARSI., *Lus. 43-II*, fl. 513r-516r: *Lista de los Padres y hermanos de la Compañia de Jesus de la Provincia de Portugal de 1º de henero de 1577*.

¹²¹ ARSI., *Lus. 43-II*, fl. 514v: *Lista de los Padres y hermanos de la Compañia de Jesus de la Provincia de Portugal de 1º de henero de 1577*: «P. Ignacio Martinez predica».

¹²² José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 330.

*infra octavam*¹²³. Em Coimbra deverá ter passado 1579 a pregar¹²⁴, ainda que não conheçamos qualquer referência a sermão seu desse ano, que foi o último que, por estes anos, lá passou. Contudo, por cartas suas, por outras de sócios seus e notícias de cronistas, sabemos que entre esses «outros serviços de Deos e bem do próximo» com que, certamente, resumia o P. Franco a sua actividade apostólica desses dias, há ainda que contar o ir ao paço de Enxobregas pregar a Catarina de Áustria (†19.1.1578) e confessar as damas da mesma rainha¹²⁵. Eram tempos em que, como é bem sabido, D. Sebastião se preparava, no meio de presságios e contra a opinião de muitos, a passar novamente ao norte de África que, dessa vez, lhe seria fatal. E Mestre Inácio «nos pulpitos tratava por vezes este ponto», isto é, «desviar deste desacerto» o rei, donde se seguiu «não gostar el-Rey de o ouvir como nem gostou de todos os que nisto o encontraram»¹²⁶. E, se como lembra Luís Zapata, sintetizando admiravelmente o sentir dos seus dias, «apartar un príncipe un valeroso hombre de sí, descomunióon real es, como las espirituales del Papa...», levando ao desterro e à morte – casos exemplares foram

¹²³ José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 330.

¹²⁴ ARSI., *Lus.* 39, fl. 3r: *Catalogo de los Padres y hermanos de la Compañia de Jesus de la Provincia de Portugal 12 de Enero de 1579*: «P. Ignacio Martins predica». Entre 1579 e 1586 não há catálogos da província portuguesa no ARSI e, por isso, só o voltaremos a encontrar no *Catálogo* deste último ano em que se assinala que «predica y hace doctrina» (ARSÍ., *Lus.* 39, fl. 8r). Mas já são, para ele e para nós, outros tempos.

¹²⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 429, 441, respectivamente. No Cód. 4676 da BNL., sem qualquer numeração de página, relata-se extensamente o caso que resume o P. Franco no último lugar citado.

¹²⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406.

o de Alonso de Avalos, marquês del Vasto..., de Álvaro de Bazán..., de Francisco Eraso... –, ficando “ramo cortado del árbol que luego se seca...”¹²⁷, também, segundo A. Franco, em 1577, «por este respeito, foi o Padre Mestre Inacio mandado para Coimbra», onde teria permanecido até 1581¹²⁸. Como não conhecemos qualquer documento que, directa ou indirectamente, confirme esta afirmação – e não faltam, como veremos, para outros momentos de desagrado vicerreal para com algum sermão do Padre Mestre – tomemo-la como uma interpretação, sempre possível, da sua longa permanência em Almeirim e Coimbra entre 1574 – a sua experiência nesse ano no acompanhamento de D. Sebastião ao norte de África devia ter-lhe feito temer o rumo das aventuras do rei – e 1581, ano em que, como vimos, regressou, efectivamente, a Lisboa. E se, perante o silêncio dos documentos, não sabemos como concretamente se desencadearam os factos, o de que podemos estar certos é que, antes de partir, já tinha recebido, para a sua opção pelo ensino da doutrina, alentos de alguém que muito estimou e admirou, a ponto de ter guardado uma série de apontamentos sobre a sua pessoa e considerações espirituais – incluindo profecias¹²⁹ – que foram um contributo importante para biografia que lhe traçou o Padre Manuel da Veiga: Simão Gomes. O «Sapateiro santo» viveu e morreu ao bafo da Companhia de Jesus quer na Universidade de

¹²⁷ Luis Zapata de Chaves, *Varia Historia (Miscelánea)*, Introducción, estudio, edición y notas de Isidoro Montiel, Madrid, 1949, II, 335-337; o texto que não tem desperdício, continua um pouco mais: «y todos se secan con él: miembro apartado del cuerpo que hiede dondequiera luego, que le comen gusanos que son deudas y pleitos, y el de la conciencia también, si hiciera, si dijera; carcoma es que roe un hermoso madero, y todas las haldas al favorecido después».

¹²⁸ A. Franco, *Imagem da virude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406.

¹²⁹ Inácio Martins em uma *concio ad patres* de S. Roque em 1592 (*Pregações*, BNL. Cód. 3502, fl. 498r-501v) nomeou, em primeiro lugar, Simão Gomes entre os «grandes servos de Deos» que previram «algum grande castigo a Espanha».

Évora, quer, em Lisboa, junto da casa professa de S. Roque, em cuja igreja foi sepultado¹³⁰. Tendo em conta que, falecido em 18.10.1576¹³¹, o «Sapateiro santo» era, desde 1574, um declarado opositor às aventuras guerreiras de D. Sebastião, pode compreender-se que, tal como prevenia o cardeal Henrique, Martim Gonçalves da Câmara e outros cortesãos e damas influentes contra essa «rede varredoura que [havia] de ser lançada pera [...] destruição»¹³² do Reino, também neste delicado domínio acabasse por influenciar, comunicando-lhe os seus temores desse galopante «castigo de guerra» que havia visto e se lhe ia impondo como uma fatalidade¹³³, o seu «devotíssimo amigo» Inácio Martins quem, como conta Manuel da Veiga, comunicava tais «temoress» ao jovem Sebastião que, por sua vez, chamava, para o ouvir, Simão Gomes¹³⁴. Sem resultados, evidentemente, quer pela personalidade do soberano, quer por

¹³⁰ Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 37, 38, 98-99 et passim.

¹³¹ Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 101-103 traz uma carta que um «Padre da Companhia de Jesu que a este tempo era seu confessor» escreveu «a outro Padre da Companhia ausente» no colégio de Coimbra em que conta a morte de Simão Gomes. Esse confessor, que, perante o desaparecimento de Simão Gomes, se lastima de não ter escrito, como lhe aconselhava o seu amigo e sócio, tudo o que lhe ouvira, é, quase seguramente, identificável com o Padre Inácio Martins, seu confessor (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 436) – que, como se sabe, deixou muitas notas que aproveitou o Padre Manuel da Veiga – e o destinatário da carta deverá ser o próprio P. Veiga que, residindo em Coimbra, assistirá à morte de Inácio Martins e recolherá algumas das suas últimas confidências sobre o seu apostolado de doutrinheiro, esse apostolado a que, precisamente, o tinha alentado o «Sapateiro santo».

¹³² Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 92.

¹³³ Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 91, 93.

¹³⁴ Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 91, 92, 93.

choques de antagonismos e poderes¹³⁵. Não deverá ser nenhuma violência sugerir que esta amizade, que Manuel Veiga encarece, pode bem ter sido um elemento de peso nas tentativas que, como outros, desde o púlpito, com a experiência da aventura real de 1574, fazia Mestre Inácio por «desviar desse desacerto» um rei que, perante “ho Reino assaz desconsolado” por, entre outras causas, “nunca terem elRey daçento em Lisboa” – para o que não valiam nem touros reais¹³⁶ nem procissões faustosas¹³⁷ –, se não os ouvia, saberia que “os pregadores nos pulpetos tudo era cramarem”¹³⁸... Tais tentativas, como já aludimos, podem ter conduzido Inácio Martins ao desfavor como pregador real e ao seu afastamento de Lisboa... Se, além de que pregava e quis, durante um tempo, servir na cozinha¹³⁹, nada mais sabemos desses sete anos que Inácio Martins esteve no colégio de Coimbra, sabemos, como já ficou aludido, que – anteriormente à sua partida para Roma (1573), segundo A. Franco – Simão Gomes igualmente lhe «profetizou, que antes de acabar a vida faria grande fruto nas almas e reformaçam nos costumes com a santa doutrina que avia

¹³⁵ Queiroz Veloso, *D. Sebastião (1554-1578)*, Lisboa, 1945, 204 chama a atenção para o antagonismo do poderoso Martim Gonçalves da Câmara e o cardeal Henrique.

¹³⁶ Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 81-82 onde, a propósito “de huns touros reais que coreo elRey dom Sebastião”, se comenta: “gastando todo dia nisso com muitas festas e estromentos que em cada palanque avia procurando todos agradar a elRey pera ver se o podião afeisoar a çidade e querer fazer asento nela...”.

¹³⁷ Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 86-87: “de quando sentregou Arzila e da mais solene e custosissima procissão que nunca se fez”: “Como todos por todas as vias desejassem muito a quietasão delRey nosso senhor todos por todas as vias trabalhavão por o agradar com algũa coussa detriminarão os mercadores de fazer as mais Solenes e custosas festas no seu Corpo de Deus de sam Gião que nunca se tivessem visto...”. Queiroz Veloso, *D. Sebastião. 1554-1578*, ed. cit, 215-216.

¹³⁸ Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 72.

¹³⁹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 421.

de ensinar pelas praças, e lugares publicos, o que se viu cumprido...»¹⁴⁰, como, segundo indirectamente sugeriu o próprio Inácio Martins, lhe veio a ser confirmado, em Zaragoza, por uma visão em que anjos o incitavam a essa forma de apostolado¹⁴¹. E o Padre Manuel da Veiga, seu grande amigo e admirador, que assistiu aos últimos momentos de Mestre Inácio¹⁴², lembra que as suas últimas palavras foram «que dos annos que foi pregador temia de dar conta a Deos, e nam dos que ensinara a santa doutrina, que estes o consolavam muyto naquella derradeira hora...»¹⁴³.

¹⁴⁰ Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 80: também no já citado MS.140 da BGUC. (fl. 14V.) na breve síntese biográfica do P. Inácio se escreve em nota lateral: «E teve morte de Santo em Coimbra e Simão Gomez lhe profetizou muito antes que no cabo da vida avia de fazer muyto fruyto com a doutrina dos mininos...». (As últimas datas, e de outra letra, consignadas no ms. são de 1607).

¹⁴¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 405. Para outras visões ou insinuações angélicas que tanto relevo parecem ter na espiritualidade do Padre Inácio, pode ver-se Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 228; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 405, 417.

¹⁴² Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 80: «E eu que isto escrevo, lhe ouvi dizer antes de espirar...».

¹⁴³ Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 81. O Padre Veiga pode ser confirmado pela preciosa «Carta em que se relata a morte do Padre Ignacio Martinz» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus* (Reconstituição do texto e nota preliminar de Joaquim Pinto), Porto, 1942, 118: «e por então nos mostrou o que dantes nos tinha dito que quando cuidava nos 40 annos que tinha pregado temia que na outra vida fosse bem castigado, mas nos 17 que trouxe na mão a cana da santa doutrina não achava senão de se consolar e confiar em Deos que por sua misericordia lhe daria o Ceo...». (Como aclara Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit, II, 1, 467 n^a 1, com base em «outro documento» que não cita – a «Lettera del P. Giovanni Correa rettore del Collegio di Coimbra scritta il primo di marzo al P. Pietro de Fonseca in Lisbona sopra il transito del P. Ignatio Martinez nel detto Collegio et tradotta di

E, justificando «esta profecia [que Inácio Martins] tomou como por conselho», Simão Gomes acrescentava – e, de acordo com Manuel da Veiga que, como dissemos, consultou as notas de Mestre Inácio, o pregador real e futuro doutrineiro escrevia – «que estava o mundo tam falto da educação dos meninos, e moços, e a gente popular tam necessitada de doutrina que os principais Pregadores se deviam empregar em ensinar a S. doutrina, e deixarem os pulpitos famosos por estar este Reyno tanto no cabo por seus peccados, e que pola instrucçam dos meninos e moços dada pola Companhia de Jesu, ensinada nas praças, e nas escolas se deteria Deos mais tempo em Portugal»¹⁴⁴.

portuguese in italiano» endereçada «Al fratello Domenico Rinaldi, dalla Compagnia di Giesu, Roma», in ARSI., *Hist. Soc.*, 177, fl. 176-179? – esta carta, que teve larga circulação, foi escrita pelo P. João Correia, grande admirador de Inácio Martins, ao P. Pedro da Fonseca). Além da cópia da BPMP, editada na obra donde a citaremos sempre, conhecemos a do Cód. 4288 da BNL., fl. 145r-157r., cópia que, como veremos, permite corrigir algum *lapsus calami* da cópia do Porto. No ARSI, além da tradução italiana que citámos, há uma outra em português, sem data nem assinatura, dirigida ao P. João Álvares (*Lus. 58-I*, fl. 149-153v); outra, em italiano, com algumas correcções e esclarecimentos sobre certas personalidades citadas no texto (D. Alexandre de Bragança..., Rainha Santa..., etc.); e uma outra ainda em *Vitae 169*, fl. 5-12.

¹⁴⁴ Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez*, ed. cit., 81. A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 407, ao referir estas considerações de Simão Gomes parece resumir e adaptar o que traz o Padre Veiga. Aproveitemos para sugerir que deverão ter sido referências como estas à providencial acção apostólica da Companhia e algumas considerações de autêntica admiração pelos filhos de Inácio de Loyola – tão intensas que o Padre Veiga, tirando brevíssimas passagens que lhes aludem, achou ser de mais edificação o calá-las quase integralmente (*ob. cit.* 165-168) – o que, depois de despertar as iras de José Seabra da Silva na sua *Dedução Chronologica e Analitica...*, levou a que, por Edital da Real Mesa Censória de 10.6.1768, acabasse o *Tratado da vida, virtudes e doutrina admiravel de Simão Gomez...* queimado em auto de fé no Rossio de Lisboa em 14 desse mesmo mês e ano (*Collecção dos Editaes que se tem publicado pela Real Meza Censória, erecta por El Rey Fidelissimo D. José I pelos*

Mesmo ignorando as causas mais directas e profundas do que nos atrevemos a chamar a sua «conversão interior» manifestada na opção não só por pregar «Cristo crucificado», mas também pelo ensino da doutrina cristã, os testemunhos registados por Manuel da Veiga e, com algumas adaptações, pelos cronistas do seu Instituto permitem olhar como aceitável a influência de Simão Gomes – profeta e visionário de tons, por vezes, criticamente jeremianos, *excitator* de heróicas resoluções a favor da reforma da vida espiritual no quadro do Portugal dos seus dias – neste período da vida do Padre Inácio Martins e nada parece haver que nos impeça de sugerir que, dada a crise que, como já lembramos, atravessava, então, a província portuguesa da Companhia – crise que ia acompanhada por um debate interno sobre a sua decadência e os meios para a restaurar¹⁴⁵ – Inácio Martins possa ter, coerentemente, encarado essas suas opções como o seu contributo para uma restauração do «esplendor primitivo» – de que, precisamente, era dos últimos testemunhos fundacionais Mestre Simão Rodrigues¹⁴⁶ – que poderia também pas-

quaes se prohibe varios livros desde 10 de Junho de 1768 até 6 de Março de 1775, Liboa, Regia Officina Typografica, 1775 (1)-(7); José Adriano de Freitas Carvalho, «Um profeta de corte na Corte: o caso de Simão Gomes, o “Sapateiro Santo” (1516-1576)» in *Espiritualidade e corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, ed. cit., 234.

¹⁴⁵ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 392-396, 416-418.

¹⁴⁶ Efectivamente, depois da morte de Inácio de Loyola (1556), Nicolás Coduri (1541), Pedro Fabro (1546), Francisco Xavier (1552), Cláudio Jayo (1552), Pascásio Broet (1562), Diego Laínez (1565), Simão Rodrigues (1579) era, em 1573, com Alfonso Salmerón (1585) e Nicolás Bobadilla (1590), um dos últimos representantes do grupo fundador da Companhia (Charles E. O’Neill e Joaquín M^a Domínguez, Direct., *Diccionario histórico de la Compañía de Jesus. Biográfico-Temático*, Roma-Madrid, 2001, *sub voce* respectiva); Ignacio Iparraguirre, *Historia de los Ejercicios de San Ignacio. II. Desde la muerte de San Ignacio hasta la promulgación del Directório Oficial (1556-1599)*, Bilbao - Roma, 1955, 434-436

sar por cultivar, com mais afinco, os modos e métodos apostólicos da «primitiva» Companhia em torno dos ministérios bem característicos de Inácio de Loyola e dos seus primeiros companheiros – catequese e pregação, trabalho nos hospitais e assistência a encarcerados e pobres¹⁴⁷ –, isto é, como esperava Luís Gonçalves da Câmara, tornar «a seus princípios e aos felizes tempos do Padre Inácio [de Loyola]»¹⁴⁸.

Inácio Martins, como já sabemos, esteve em Almeirim e Coimbra, sem que, além de pregar e confessar, conhecemos com precisão outros seus empregos apostólicos¹⁴⁹, desde 1574 – ignoramos também a data, mesmo apro-

esboça a situação dos dois primeiros companheiros – Salmerón e Bobadilla – de Inácio de Loyola e de outros que, pelos fins do século XVI, ainda pertencem à geração que com ele ainda conviveu e colaborou.

¹⁴⁷ Pedro Leturia, «Origine e senso sociale dell’apostolato di San’Ignazio di Loyola in Roma» in *Estudios ignacianos - I – Estudios biográficos*, ed. cit., 268-269; Ricardo Garcia-Villoslada, *San Ignacio de Loyola. Nueva biografía*, ed. cit., 424, 449, 457-459; John W. O’Malley, *I primi gesuiti*, ed. cit., 32, 38-39, 189 *et passim*; José Vaz de Carvalho, «Simão Rodrigues 1510-1579», in *AHSI*, 59 (1990), 295-313 (297); J. de Guibert, *La espiritualidad de la Compañía de Jesús*, Santander, 1955, 65. De acordo com esta tradição, o anónimo jesuíta autor da *Historia da fundação e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. VII, fl. 5v, aponta, escrevendo em 1587, que «Hião os noviços fazer as camas aos doentes do hospital, varrelhes as enfermarias, lavarhes os pees, e fazer outros officios de charidade, pedião algũas vezes pollas portas dos mosteiros com os mais pobres...».

¹⁴⁸ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 359.

¹⁴⁹ As raras referências que conhecemos às suas actividades em Coimbra neste período são as que fazem os documentos já citados e, por sua vez, A. Franco, *Imagem da virtude no noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 424 e 425, respectivamente a um seu “concerto” espiritual com o irmão João Castelo em que ambos, por voto confirmado por documento de 1580, se entregavam “em corpo e alma por cativos e escravinhos perpetuos ao Santíssimo Sacramento, a Sacratíssima Virgem e aos [seus] Anjos da Guarda”, e ao seu serviço na cozinha do Colégio durante seis meses.

ximada, da sua partida – até ao «principio do anno de 1581»¹⁵⁰. Porque não terá regressado a Lisboa depois de ter pregado o sermão das exéquias de Sebastião I na sé de Coimbra¹⁵¹ ou durante o breve reinado de D. Henrique, de quem era confessor o Padre Leão Henriques? Quase diríamos que Mestre Inácio só volta para a capital quando Filipe II se vai dirigindo a Lisboa... onde alguns amigos, bem situados perante as novas autoridades – um Fr. Luís de Granada, confessor e panegirista das «últimas acções» do duque de Alba¹⁵²..., um Miguel de Moura, antigo Secretário de Estado e depois governador e poderoso Escrivão da Puridade... –, podiam ser seus valedores, como em algum caso o foram, nas novas formas dos seus projectos apostólicos. Podemos, com alguma segurança, pensar que regressou à capital do Reino antes – muito antes?... pouco antes? – de 25.8.1581– data da vitória do duque de Alba às portas de Lisboa¹⁵³. Em algum

¹⁵⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406.

¹⁵¹ Inácio Martins, *Pregação funebre nas exéquias d'Elrey D. Sebastião. 18 de Setembro 1578* (BNL., Cód. 3502, fl. 555-557), texto infelizmente incompleto.

¹⁵² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 430. Fr. Luís de Granada é a fonte fundamental para conhecer algumas das «virtudes imperiales» e das «virtudes espirituales» – é sua esta célebre classificação – de «uno de los más valerosos, más virtuosos y más católicos señores que ha habido en nuestros tiempos», como escreve na sua divulgada carta dirigida à duquesa de Alba logo depois da morte, em Lisboa, de D. Fernando Álvarez de Toledo (13.12.1582), in Fray Luís de Granada, *Epistolario* (Recopilación y notas de Álvaro Hueriga), Córdoba, 1989, 75-79.

¹⁵³ Ieronimo Conestaggio, *Dell'unione del regno di Portogallo alla corona di Castiglia*, Venetia, Apresso Paulo Ugolino, 1591, VII, 191, 192: «e percio il giorno di S. Bartolomeo con tutte le genti in ordinanza uscì [o duque de Alba] degli alloggiamenti, con l'intentione solamente di vedere [...] e per lo seguente giorno diede questo ordine: che passata la mezza notte da tutte le parti fosse sonato all'armi gagliardamente...»; Henry Kamen, *El gran Duque de Alba. Soldado de la España imperial*, ed. cit., 256, cita a carta de 30.8.1581 em que o duque de Alba anuncia a Filipe II a conclusão

momento, porém, o Padre Inácio Martins, que o Prior do Crato dizia – ou gostaria de – contar entre os seus partidários¹⁵⁴, parece ter enfrentado a força de Fernando Álvarez de Toledo em decisão de nova administração das armas que pretendia envolver a casa professa de S. Roque¹⁵⁵. E nunca, segundo parece, se terá coibido

da campanha de Portugal: «en dos días menos de dos meses, que a 27 de junio salió este ejército, y a 25 de Agosto a mediodia era todo de V. M.» A casa professa de S. Roque, pela sua localização, era um ponto estratégico na defesa da cidade, como recorda Fr. Jerónimo Gracián de la Madre de Dios, OCD. em *Peregrinación de Anastasio* (Ed. de Giovanni Maria Bertini), Barcelona, 1966, 64, a propósito do ataque dos ingleses em 1588: «y en la Compañía de Jesus, que estaba fuera del muro, se dió orden que entrasen en ella soldados españoles, para desde allí pelear, que no fue de poco fruto, los muchos ingleses que desde allí mataron».

¹⁵⁴ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 2, 414.

¹⁵⁵ *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap, XII, fl.7r, narra os atropelos da soldadesca, mas, sem referir o nome de Inácio Martins, lembra que «Neste tempo mandou o Duque dalva hũa vez fazer alardo na igreja, e quisera que se fizesse outra, mas não lho consentirão os Padres pollas immundicias que os soldados deixarão da primeira, do que posto que elle mostrou ficar agravado, o povo ficou muito edificado»; por sua vez, Ieronimo Conestaggio, *Dell'unione del regno di Portogallo alla corona di Castiglia*, ed. cit., VII, 197-198, precisa: «Le religiose donne, i monasteri delle quali sono quasi tutti fuori della città, furono salvate; e cosi molte robe, che in alcuni di essi erano custodite, benche molte ne fossero rubate, che erano ne monasteri de frati; ma piu che in tutti gli altri in quello di San Rocco, dove habitano i padri Gesuiti; perche entrativi prima alcuni soldati Italiani, furono poi scacciati da Spagnuoli, i quali sendovi da superiori mandati con nome di voler guardar quel monastero, fecero come amici forse peggio che gli altri come nemici non harebbero fatto; perche come gli Italiani se ne furono usciti, cercando gli Spagnuoli le piu nascote cose, trovatele di notte le conducevano fuori alle galee, et altre case loro, in modo che tutto rimase predato»; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 442, 721 lembra que o P. João Madureira, vindo de Santo Antão, «ajudava a varrer a caza das immundicias da soldadesca, de quem aquella sancta caza, e a sua igreja padeceo grandes indecencias».

de criticar mudanças de costumes e vestuário – «devassidam nos costumes, largueza nas vidas»... «capas curtas e trajos diferentes» – que atribuía à influência de Espanha¹⁵⁶ e que, possivelmente, enquanto moda, não eram mais que um reflexo de uma mobilidade social em curso que, como sempre, exasperava moralistas e tradicionalistas conservadores¹⁵⁷. Como estes, tinha os coches, outra moda sumptuária, chegada, aliás, também de Espanha, onde também não faltavam protestos que se diria irem no

O P. Sebastião de Morais, na *Carta annua* de 1581 (ARSI., *Lus.* 53, fl. 32v) refere igualmente a presença da soldadesca na igreja de S. Roque.

¹⁵⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 416: «Hum dia, quasi noite o vio passeando junto da igreja de Sam Domingos o Conde de Portalegre, perguntoulhe, que fazia alli a tais horas? Respondeo, que esperava pello Confessor do Cardeal Alberto. Replicou o Conde como por graça, se tinha algumas pertensoens de Bispados? Isso nam, respondeo, mas dezejo saber que ganhou este Reyno em ter por seu Rey a Dom Philippe, porque o que el-Rey ganhou, bem o sei, que he, hum Reyno, e a Índia, e o Brasil, e o comercio, mas que neste Reyno via muita devassidam nos costumes, largueza nas vidas, e pouco estranhar os peccados, e queria saber, se ganhara este Reyno mais que capas curtas, e trajos diferentes...». Mesmo com qualquer amplificação do cronista, a resposta tem perfeita correspondência com outras referências nos seus sermões (José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura* ed. cit., I, 248-257).

¹⁵⁷ Enrique Soria Mesa, *La nobleza en la España moderna. Cambio y continuidad*, ed. cit., 17, 217, 259, 262-265.

mesmo sentido,¹⁵⁸ «por coisa do Diabo»¹⁵⁹, asserto que, certamente, não deixaria de ver confirmado por algum desastre que ocorreu a algum dos seus pupilos¹⁶⁰...

E, naturalmente, em aliança com a catequese, continuará a pregar – e fá-lo-á tão frequentemente que obrigará os seus superiores a tentar moderá-lo¹⁶¹ e tão intensamente

¹⁵⁸ Alejandro López Álvarez, *Poder, lujo y conflicto en la Corte de los Austrias. Coches, carrozas, y sillas de mano, 1550-1700*, Madrid, 2007, 25, 64-72, 382-385, 598-608. Este notável investigador (*ob. cit.*, 332) aduz uma queixa das Cortes de Valladolid, em 1555, contra os coches, que se a tivesse conhecido, não deixaria Inácio Martins de subscrever: «Y es tanta la soltura con que se traen, que se ha visto venir por las calles al Sanctíssimo sacramento passar sin ningún acatamiento un coche o litera con todo el tropel y estuendo que traen, y ser necessario para que no acaesciese ningún desastre parar los clérigos con el Sacramento; y allende desto, de andar los dichos coches y literas por las calles se ha visto que han acaescido casos desastrados y desgraciados tropellando gentes, y espantado cavallos y mulas, y derribando los que en ellos van».

¹⁵⁹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 427: «Tanto assim que vindo por huma rua de Lisboa hum Coche à pressa, virou o rosto pera a parede, e disse ao companheiro: Irmam, desviaivos que vem ahi hum Diabo. Depois, lhe deu rezam do seu dito, trazendo, em como hum Sancto dizia, que aquilo era cousa do diabo». Mesmo se filtrada por um texto do século XVIII a reacção do P. Inácio Martins ao uso dos coches, antecipando as críticas de um Francisco Manuel de Melo, deverá ser uma das primeiras que se conhecem, perspectiva que aprofundou Alejandro López Álvarez, *Poder, lujo y conflicto en la Corte de los Austrias*, ed. cit., 145-167.

¹⁶⁰ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 50, 231: «Outra vez hia com a doutrina pela rua nova de Lisboa, passou hum coche, e levou debayxo das rodas a hum dos seus mininos que o acompanhavam; bem se deyx a ver qual ficaria huma criança com semelhante perigo; gritarão todos os que se acharam presentes, acudio o Padre Mestre Ignacio ao seu minino, toma-o nos braços, consola os presentes, dizendo que nam hera nada, que Sancto Antonio acoderia; e na verdade sendo o desastre mortal, nam foy nada, porque dos braços do Padre Mestre Ignacio sahio o minino sam, e por seus pés se foy pera casa...».

¹⁶¹ Se, em 16.5.1586, o então provincial, Sebastião de Morais, fazendo o balanço da sua visita da casa de S. Roque, escrevia a

que, «retumbando», a sua voz «muy clara e muy sonora» se tornará um poderoso “emblema”¹⁶² –, percorrendo bairros

C. Acquaviva: «... todos estos padres trabajan bien y particularmente el padre Ignacio Martins que tiene en la ciudad nombre de sanctidad aunque en el zelo y sermones es menester moderarle» [ARSI., *Lus.* 69, fl. 229-230 (229)], um ano depois (15.8.1587), o futuro bispo do Japão, escrevendo novamente ao Prepósito Geral, explicava-lhe a sua decisão de tentar, uma vez mais, levar Inácio Martins a moderar a sua actividade de pregador [ARSI., *Lus.* 70, fl. 241r-242v (241v)]: «El Pe. Ignacio Martinez hace mucho fruto con sus sermones, pero son tantas las vezes que predica, y ocupase tanto en estos ministerios que me pareció necessario moderarle algo el trabajo, ansi para poder durar en el, como para menos deshonra de la casa, aunque no dexa de sentirlo, por el deseo que tiene de ayudar las animas, y tambien por la inclinacion, y gusto natural, y pero como es hombre de bien conformase con la obra», razões e circunstâncias de que A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 438, parece fazer-se eco: “Por ser tão frequente no pregar, que às vezes o fazia na semana quatro, e cinco vezes alem das Doutrinas lhe disse hum Padre que seria bom tomar algum alivio: respondeo, que julgava de si que podia com aquelle trabalho...”. O conjunto dos mais de trezentos sermões que se conservam nos quatro códices da BNL, oferecem, para além do texto pregado ou a pregar de muitos dos seus sermões, uma sugestiva prova da espantosa frequência das suas pregações quer em Lisboa – principalmente –, quer em outros lugares (José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura* ed. cit., I, 248-257).

¹⁶² Se, por desprezo próprio, Inácio Martins sempre se dizia “áspero de voz”, outros a teriam por “mui clara e mui alta”, e, muitas vezes, essa voz, como que soando por si e independentemente da presença física visível do pregador e mestre da Doutrina, era ouvida, de dia ou de noite, como um aviso ou como um socorro. Em tais «succesos muito estranhos», quase sempre entoando alguma canção da Doutrina – «Senão quando ouvem ambos [um fidalgo jogador e a mulher que tentava seduzir], clara, e distinctamente a voz do Padre Mestre Ignacio, e a musica da sua doutrina, que por aquelles campos, no silencio da noyte, melhor soava...» (B. Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 51, 234, outros casos, 229, 230) –, a sua “poderosa” voz, na medida

e, em «missões pedâneas»¹⁶³, terras de Lisboa e seu termo – Povos..., Cascais, por exemplo¹⁶⁴ –, avançando pelo Ribatejo até Tancos..., Almeirim¹⁶⁵..., Salvaterra..., Bena-

em que, ausente o Mestre, era percebida como o veículo mais impressivo que tornava patentes as suas lições morais, deverá ter funcionado como um “emblema” quer do pregador quer, sobretudo, do mestre de Doutrina, o que, talvez, para muitos não fosse dissociável (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 414, 418, 419, 421, 434, 435). Deverá, talvez, ser suficiente lembrar aqui que, segundo Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 47, 220, Inácio Martins começava as «doutrinas» levantando a sua «muy clara e muy sonora» voz para convidar o auditório a benzer-se e rematava-as «com a confissão geral, que começava em voz alta e dolorosa...», isto é, segundo resume o mesmo Padre B. Teles (*ob. cit.*, 4, 50, 229), «aquelles sanctos brados com que começava a doutrina, o remate tam devoto com que se acabava...»; importante por algum pormenor que completa as informações dos cronistas seus biógrafos, também no documento que publicamos (43), embora com um matiz ligeiramente diferente, mas que, dado o contexto, poderá conotar-se com o que acabamos de apontar, se lembra a voz de Inácio Martins.

¹⁶³ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 438; o mesmo Padre Franco (*ob. cit.*, ed. cit., 416) descreve o ritmo e estilo dessas missões em que os missionários «levavam diante de si hum jumentinho, onde hiam as capas, e alforjes com os prémios pera repartir nas Doutrinas...».

¹⁶⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 416, 417; em um dos seus sermões contra os ingleses em 1596 há-de recordar que “outra vez que qua vierão derão a imagem de Nossa Senhora da Guia em Cascaes vinte e cinco feridas”, alusão de que, talvez porque tenha visto a imagem, parece ser o único testemunho (José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 271, 302).

¹⁶⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 416, 422, 428: em Almeirim, como sabemos, chegou a ser superior dos poucos padres e irmãos que, aí tendo «casa e igreja separada» seguiam a corte (Miguel Torres, confessor de Catarina de Áustria..., Luís Gonçalves da Câmara, confessor do rei...,

vente..., Abrantes¹⁶⁶..., cruzando, já em notória «velhice» – ou assim parecendo aos que então o serviram¹⁶⁷ –, por Évora, o Alentejo até Elvas e Vila Viçosa onde os duques de Bragança o agasalhavam¹⁶⁸..., lhe «furtavam» algum objecto pessoal como relíquia¹⁶⁹... e, como muitos outros

Francisco Gomes...), como recorda o autor da *Historia da fundação e progresso da casa de Sam Roque*, Cód. cit., cap.VII, fl.6r. O encontro, em Almeirim, de Inácio Martins, pregador régio, com uma infanta que, indiscretamente, lhe vai perguntando pela sua nobreza, parentes e capacidades (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 428), deverá ter ocorrido antes de 1577, sendo que as únicas infantas portuguesas eram D. Isabel e D. Maria falecidas, respectivamente, em 1576 e 1577.

¹⁶⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 437; tal como Tancos, as outras localidades vêm referidas no documento que publicamos (31, 32, 34)

¹⁶⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 426: o Padre Sebastião Vieira (1571-1634), que morreu mártir no Japão aonde passou em 1602 (Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas...*, III, António Craesbeeck de Mello, 1666, 568-570, 573-574), que conviveu com Inácio Martins em S. Roque e em Évora, recordava-se de no colégio eborense ter, no cumprimento de ordens do superior, trocado o usadíssimo vestido – «nada tinha do primeiro pano»... – de Mestre Inácio por «outro mais acomodado a sua velhice e necessidade...». Se esta sua passagem por Évora a caminho de Vila Viçosa se puder situar em 1595 – ano de que conhecemos dois sermões seus nessa vila ducal – Inácio Martins teria então cerca de 64 anos, o que, para o tempo, era já uma respeitável velhice (José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 367).

¹⁶⁸ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 423, 427, 429, 437; Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 426-427.

¹⁶⁹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 445.

que o recebiam¹⁷⁰, espalhavam, edificados, a fama da sua santidade e onde, durante o Advento de 1584, pôs de novo em prática as disciplinas em grupo¹⁷¹ – os disciplinantes –, exercício que, mais além de qualquer distinção pertinente¹⁷², tanto haveria de contribuir para o carácter penitencial das “missões de interior” peninsulares¹⁷³. Por todas estas razões, é compreensível que, dada “a [sua] grande fama de

¹⁷⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 429.

¹⁷¹ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 426-427; a data poderá não ser exacta: O P. Pedro da Fonseca, escrevendo para Roma, em 28.4.1585, refere que «a prova [da aceitação da prática das disciplinas nos moldes em que se exercitaram em S. Roque] se tirou primeiro em Vila Viçosa onde foi daqui pregar no passado advento o P. Inácio Martins e fez com ela muito grande fruto...», o que parece remeter para 1584; no entanto, o autor da *Historia da fundação e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. VII, fl. 7r-7v., que poderia depender da carta de Pedro Fonseca ou de conhecimento seu directo, traz que essa prática das disciplinas em grupo começara na Quaresma de 1584... De qualquer modo, quer o texto do Padre Fonseca quer a narração que parece mais pormenorizada do autor da *Historia da fundação e progressos da casa de Sam Roque...*, são um documento precioso a ter em consideração para estudar os recursos «espectaculares» de algumas práticas penitenciais já em determinados tempos fortes do calendário litúrgico (em território urbano ou não), já de missões de interior; sobre estes exercícios públicos de penitência em tempos um tanto anteriores à sua inserção nessas práticas missionárias, Francisco L. Rico Callado, *Misiones populares en España entre el Barroco y la Ilustración*, ed. cit., 72.

¹⁷² Federico Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, Lisboa, 2003, 247, sublinha «o marcado carácter penitencial» da missão de interior na Península Ibérica face a «um teor essencialmente doutrinal» que assumiria em «outros territórios europeus», distinção entre distinção que, no «Prólogo» à obra de Francisco L. Rico Callado, *Misiones populares en España entre el Barroco y la Ilustración*, ed. cit., 13, se diria Bernard Dompnier pôr em questão.

¹⁷³ Francisco L. Rico Callado, *Misiones populares en España entre el Barroco y la Ilustración*, ed. cit., 188-191, 221-224.

pregador” – o que não o impedia de aceitar «de boa vontade as pregações de menos nome, e pequeno auditorio»¹⁷⁴ – e o “zelo e fervor” com que pregava, corresse a ouvi-lo, como constatava Simão Rodrigues quando regressou a Portugal – Setembro de 1573¹⁷⁵, “extraordinários concursos de toda a sorte de gente”¹⁷⁶ e até – *si vera est fama* – que outros pregadores, como, segundo se diz, fazia Fr. Luís de Granada¹⁷⁷, mandassem escreventes ouvir e trasladar os seus sermões... E não deixa de ser curioso que nesse ano de 1581, quando faltavam à Companhia «muitos principes, e pessoas facultosas que antes das alterações do Reino davão muito grossas esmolos e carecerem os nossos do favor que antigamente tinham dos Reys», a gente, «assi nobre como plebea», se tenha afeiçoado mais à Companhia, começado a frequentar mais as suas casas – pelo menos a de S. Roque¹⁷⁸ –, visto cessar as murmurações «que avia por emulação da familiaridade que alguns dos nossos tinham com os príncipes» e, sobretudo, tenha aumentado o número de «operários utiles», o que, por sua vez, permitiu aumentar o número de «lições da escritura ou pregações» e ainda intensificar o ensino da Doutrina¹⁷⁹. Estas observações

¹⁷⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 430.

¹⁷⁵ José Carlos Monteiro Pacheco, *Simão Rodrigues, iniciador da Companhia de Jesus em Portugal*, ed. cit., 228.

¹⁷⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 435.

¹⁷⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 430: «O mesmo santo varam [Fr. Luís de Granada] tinha hum estudante, a quem mandava ouvir as pregações do Padre mestre Inácio, e que lhas tresladasse, e truxesse».

¹⁷⁸ *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. VII, fl. 8r, como prova do aumento da frequência da casa de S. Roque aponta que «depois que os homens nos começarão a buscar somente per Deus, [...] creceo tanto, que bastando dantes hum Porteiro agora são necessários dous que se ordenarão, e com muito trabalho satisfazem a seu officio».

¹⁷⁹ *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. IX, fl. 8r.

do jesuíta que escreveu o livro I da *História da fundação e progressos da casa de Sam Roque...* deverão permitir compreender melhor por que, independentemente de razões mais fundas – razões que, por ignorância nossa, nunca saberemos mais do que dizê-las de «conversão» –, Inácio Martins, decidindo-se a responder aos proféticos apelos de Simão Gomes e aos incitamentos dos anjos, “tenha começado a por em outra solpha o modo de ensinar a santa Doutrina...”¹⁸⁰ nesses dias de 1581¹⁸¹. Tais progressos e aumentos revelaram-se uma realidade nova em que, apesar da falta do favor dos príncipes, a Companhia pôde, com o favor de Deus – é a primeira lição que propõe o anónimo historiador¹⁸² – intensificar o seu apostolado e redescobrir a fidelidade – dir-se-ia ser esta a segunda lição do mesmo historiador – às suas origens¹⁸³. Compreendemos que, nesse contexto – ainda que a tal contexto descontemos algo de apologia *pro domo nostra* –, Inácio Martins declarasse, um dia em que confessava «tinha vergonha de ir à meza e que nam merecia o comer, pois aquelle dia nem pregara nem fizera Doutrina», que o que distinguia a Companhia de Jesus das outras ordens religiosas não era o confessar e o pregar, mas, sim, «o andar pellos hospitais, ir aos cárceres, e galés, e trazer a cana da Doutrina, [é que] era proprio da Companhia, e isto nam aviamos de sofrer que outras

¹⁸⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406.

¹⁸¹ *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. IX, fl. 7r, data estes «aumentos» da Companhia a partir de 1582, o que para o nosso ponto de vista parece irrelevante.

¹⁸² *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. IX, fl. 8r: «...depois que os homens nos começarão a buscar somente per Deos [...] creceo tanto [a comunicação da gente] [...] no que bem se experimentou quam attrativa do povo ser sempre a Companhia ao serviço de Deos ...»

¹⁸³ *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. IX, fl. 8r: «... prosequindo a observancia de seu instituto ainda que lhe faltem semelhantes favores» [de príncipes e facultosos].

religiões nos tomassem...»¹⁸⁴. Será uma violência voltar a insinuar que, talvez, as razões – ou algumas das razões – do que vimos – e iremos – dizendo a sua «conversão interior» tenham passado pela redescoberta desta fidelidade ao que lhe pareceu ser o traço mais fundo e verdadeiramente definidor da vocação da Companhia?

Independentemente de o mesmo sentimento poder ser determinado pelas mesmas causas por toda a Europa católica que, talvez mais declaradamente desde os dias em que os Reformadores, pondo as Escrituras e os textos de muitos Padres ao alcance de todos – mesmo que saibamos que não terá sido exactamente assim, os Contra-reformadores, reagindo, sentiram-no assim –, formavam – ou pareciam formar –, emuladamente, doutos – ou mais doutos –, descobria a ignorância do povo que ficara dentro das suas fronteiras¹⁸⁵, em Portugal de um Fr. Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, a um P. Inácio Martins, de um cardeal Henrique a uma Câmara de Guimarães, dos dominicanos e franciscanos aos jesuítas, quer dizer, todos¹⁸⁶, como que a descobrindo, estão conformes em reconhecer e proclamar a ignorância – não a *docta*, mas a *rudis* – do povo cristão, sobretudo do povo cristão sem mais. E todos, cada qual a seu modo – e por modos, muitas vezes, próximos ou coincidentes – se empenham no combate a essa ignorância. Como é bem sabido, e se pelas razões que já conhecemos, não é correcto – e menos elegante... – duvidar das informações de um P. Manuel

¹⁸⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 437.

¹⁸⁵ Pedro Leturia, «Origine e senso sociale dell'apostolato di San' Ignazio di Loyola in Roma» in *Estudios ignacianos - I - Estudios biográficos*, Roma, 1957, 259, 260, ainda que não explicitamente, parece-nos ter igualmente visto assim esta questão.

¹⁸⁶ José S. da Silva Dias, *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVII)*, Coimbra, 1960, I, 59-61, 485; José Adriano de Freitas Carvalho, *O contexto da espiritualidade portuguesa no tempo de Fr. Bartolomeu dos Mártires, O. P. (1514-1590)*, Braga, 1990 (*Bracara Augusta*, vol. XLII).

da Veiga, que tão bem conheceu o Mestre da *Cartilha*, quem, segundo mesmo autores da Companhia, apelou directamente a Inácio Martins – um apelo muito interessante a considerar na interacção dos níveis culturais desses anos – para que se voltasse, profetizando-lhe, para tal, anos e saúde, para o ensino da «santa Doutrina», foi o «Sapateiro santo», Simão Gomes. E este, dadas as suas origens humilíssimas e que nunca quis renegar nem ultrapassar e os meios populares e popularizantes, mesmo devotos, que frequentava¹⁸⁷, estava bem situado para saber quanto importava começar a Companhia o combate a essa «ignorância» por «a instrução dos meninos e moços», combate que – proclamava-o ele – seria largamente recompensado por Deus¹⁸⁸.

De qualquer modo, a partir desses anos de 1581-1582, mesmo que, como dissemos, nos faltem documentos sobre esses anos, Inácio Martins começou, em Lisboa, a dedicar-se, como se fosse «outro» pregador e mestre de Doutrina, de um modo «moderno» – entendamos, organizado..., sistematizado..., calendarizado...¹⁸⁹ – ao ensino da Doutrina não só aos *pueri*, mas também aos *rudes* – habitantes dos bairros pobres de Lisboa...

¹⁸⁷ José S. da Silva Dias, *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVII)*, ed. cit., I, 376, 377, 378, 384, 392, 400, 605, 609, 620; José Adriano de Freitas Carvalho, «Um profeta de corte na Corte: o caso de Simão Gomes, o “Sapateiro Santo” (1516-1576)» in *Espiritualidade e corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, ed. cit., 233-260.

¹⁸⁸ Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admirável de Simão Gomez...*, ed. cit., 81; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 407.

¹⁸⁹ Para o que diz respeito ao ensino da Doutrina na primeira metade de Quinhentos, Pedro Cátedra no «Estudio Introductorio» à sua magnífica edição da *Doutrina Cristiana del Hermitaño y Niño* (Valladolid, 1552) de Andrés Flórez, OP. (Salamanca, 1997), permite, com atenção às suas diversas edições, alterações, destinatários, etc., confrontar os métodos desses tempos «de Trento antes de Trento», com os que se explanam na acção de um Inácio Martins em já plena (ou quase) Contra-Reforma.

braceiros..., vendedeiras..., marginados..., encarcerados..., hospitalizados..., escravizados... –, *pueri et rudes* que, como veremos, fixou o anónimo autor da *Elegia* que publicamos. Até então, como muito bem explica o autor da *História da fundação e progresso da Casa de Sam Roque...*, os padres «ensinavam como agora a doutrina aos pobres antes de se lhes dar esmola a porta da cerca depois de jantar, e aos meninos Domingos e dias santos indo o sacristão com outro Irmão a buscalos pella cidade, e como os tinha na igreja sahia hum Padre, e fazialhes a Doutrina sendo os mais ordinários nella os mestres dos noviços e davãose alguns prémios aos que melhor sabião»¹⁹⁰. Não sabemos –

¹⁹⁰ *Historia da fundação e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. IX, fl. 6r; Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...* O P. Amador Rebelo na carta anual de 31.12.1563 (ARSI., *Lus.* 52, fl. 64r-64v) descreve muito bem, e com curiosos e edificantes detalhes, os começos do novo «modo» do ensino da Doutrina em Lisboa que «traxo el padre Parra de Valencia por las quales se los enseñan con mucha facilidad todas las cosas que hun christiano debe saber [...] todos se juntan para ello. Uno sirve de Maestro de los otros todos [...] Son tantos los niños que vienen a la iglesia que fue necessário repartirlos en dos partes las niñas, los hombres que tambien vienen quedandose en la iglesia y asi se los enseña la doctrina. Los demas niños enseñan en la claustra de los estudiantes. En nuestra iglesia de S. Roque es tan grande el concurso de gente que acude de grandes y pequeños que por no caber en la iglesia que es muy capaz es necesario salir otro padre fuera al terrero que está a la puerta donde la haze a los que estan fuera [...] Se dan premios a los que mas saben [...] Viendo andar a los nuestros por las calles ayuntando los niños con la campanilla y cantando con ellos la Doctrina [...] un cavallero dixo a una persona que viendo estar en una plaça a estos niños cantando la doctrina se llegara a ellos para los oyr y que aun que tuvo gran repugnancia de se ver rodeado de niños que su anima avia recibido mucha consolacion y que no quisiera averles dexado de oyr por quanto ay en el mundo. Los padres y madres envian a la Doctrina no solamente a sus hijos sino tambien a sus criados y esclavos con mucho cuidado [...] yendo algunos destos cantando la doctrina por una calle halhando con el santissimo Sacramento le acompañaron cantando como ivan hasta la iglesia que era day hun buen rato [...] pero tambien daqui van a las carceles y galeras llevando los nuestros algunos niños consigo para que delante de

eu, pelo menos, não sei – como, na concreta dos factos, se desenrolavam, em Lisboa, estas sessões¹⁹¹, mas, dadas as múltiplas práticas que, na sequências da pedagogia humanística elaboradas em sede contra-reformista pela Companhia de Jesus, se experimentavam e afinavam¹⁹², podemos supor que, pelo menos às crianças – que, maioritariamente, também seriam dos pobres, já que, muitas, ou a sua maioria, andavam na rua¹⁹³ – se explicaria a Doutrina, como recomendava J. Nadal, em Coimbra, «no predicándola, sino en conversación»¹⁹⁴.

los presos les hagan preguntas y con esto hazense algunas vezes mortificaciones como fue que hun Hermano fue vestido en traje de niño a la iglesia a ponerse entre los otros a responder con ellos para desta manera se introducir las preguntas y respuestas. Y otro que yendo a la carçel con vestidos de muchacho pobre se metio en el medio de los otros a responder a las preguntas que se hazian y haziendole el padre muchas preguntas delante de los presos y respondiendole el muy bien, los presos estaban attonitos y pasmados de ver a un pobrezillo tan letrado...». E mais: desejando Catarina de Áustria ver como se fazia a Doutrina, levou o P. Miguel Torres a palácio «sus niños muy chiquitos» e deu uma sessão de catequese diante da rainha e da infanta D. Maria...; Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...* Segunda parte, ed. cit., 4, 43, 217; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 406.

¹⁹¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...* Segunda parte, ed. cit., 4, 43, 217, diz, sem ter em consideração nem os dois tipos de doutrinos nem os diferentes lugares e tempos em que, segundo cremos, era, de acordo com a *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque...*, ministrado o ensino – à porta da cerca, antes da esmola, aos pobres e na igreja às crianças – que, juntos os meninos e o povo que – com eles?... , entretanto?... – acorrera à igreja, depois «do púlpito se fazia a doutrina», precisão interessante que não oferecem nem o autor da *Historia da fundaçam* nem A. Franco.

¹⁹² John W. O'Malley, *I primi gesuiti*, ed. cit., 132-133

¹⁹³ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 434: «Sahindo daquela caza [onde fora atender a uma doente] vio hum moço, dos que andavam a ganhar, o qual tomara hum papel da mam a hum menino, dos que andavam na rua, este se veio queixar ao Padre Mestre Ignacio...».

¹⁹⁴ Jerónimo Nadal, *Pláticas espirituales en Coimbra (1561)*, ed. cit., 77.

Mas, como dissemos, se não conhecemos como procedia exactamente em Lisboa – e o nossa exigência pelo exacto tem de admitir variantes de circunstâncias: em Coimbra, por exemplo, a fiarmo-nos em algum «protesto» de Inácio Martins em 1597-1598, parece que não seguiam os precisos moldes de S. Roque –, podemos aproximar-nos do desenrolar das sessões de doutrina através do que sabemos sobre o modo como decorreram em Évora e Vila Viçosa quando lá andou em missão, conforme as recordava um jesuíta anónimo que o acompanhara¹⁹⁵.

Ensaizando – a palavra é desse anónimo memorialista –, «na casa onde [...] morava» as crianças nas perguntas e respostas às orações «e capítulos da doutrina», «trabalhando

¹⁹⁵ Na BNL., Cód. 7546 («Da livraria publica de S. Roque»), que é um livro de notas em que um anónimo jesuíta que, como aí registou, tendo recebido, juntamente com o Irmão Jorge de Loyola («japão»), ordens menores na capela do colégio de Évora em 12.11.1585, em cerimónia presidida pelo arcebispo D. Teotónio de Bragança, ainda escrevia em 1600, como se pode deduzir pela *Relação de dous milagres que acontecerão em Polonia este ano de 1600.*, foi deixando apontamentos pessoais – «Estando eu com hum Padre em casa de hum homem honrado desta cidade de Évora, tratando de algũas cousas da Companhia...», « Aos 28 de Fevereiro de 1586 me contou o Irmão Pedro Teixeira a história seguinte...» –, extractos de capítulos de T. de Kempis..., de S. Bernardo..., cópias de cartas..., *Dicta sapientum e graecis, Dialogi...*, indulgencias..., orações..., memórias..., e que, como declara em alguma ocasião, acompanhou o P. Inácio Martins em alguma missão em Vila Viçosa e Évora, que poderia ter tido lugar em 1584, 1585 ou 1586, se a ela for uma das que refere o P. Pedro da Fonseca, em carta a C. Acquaviva, de Lisboa, 22.5.1586 [ARSI., *Lus.* 69, fl. 233-234v (233v)], ao recordar as missões que os padres de S. Roque fizeram num desses anos. Para além de ter registado algumas opiniões e casos da vida de Inácio Martins que este lhe contou nessa ocasião, o anónimo jesuíta apontou ainda algumas notas sobre orações que se haõ-de «dizer quando [os doutrininos] se entrão na igreja»..., «ao sair de casa»..., a recomendação a fazer nas doutrinas sobre o silêncio nas igrejas..., alguns milagres e *exempla* sobre a Virgem Maria..., que podem ser o seu modo de recapitular as lições do Padre Mestre. Infelizmente, o códice não tem qualquer paginação, nem antiga nem moderna.

para que dissessem bem hũa vez, e outra para que quando dissessem em publico não errassem, porque quando errão esfriasse a gente, e não ouve com gosto», «também os ensayava nas cantigas que estão na cartilha...». Depois, «hyamos até praça, e subiasse o Padre no pelourinho nos degraus, e logo em voz alta fazia o sinal da cruz respondendo o auditório e fazendo o mesmo [...] depois, chamava algum menino e faziao subir nos degraus do mesmo pelourinho...», perguntava-lhe o nome – havia sempre algum envergonhado que «falava manso»... –, as orações... «e isto a cada hum por si». Aos que «dezião bem davalhes premios»... «Depois disto – continua o anónimo jesuíta – fazia que alguns dissessem alguns capitulos da Doutrina, e tinhão este modo, primeiramente persignavãose e benziãose e logo hum delles dezia pera o outro louvado seja Jesu Christo, e isto em voz alta, e o outro na mesma voz respondia pera sempre, e logo o outro perguntava..., etc.». Mesmo tendo nós omitido alguns pormenores referentes à chamada de cada um dos doutrinos..., às cantigas devotas..., às orações na capela dos duques de Bragança..., ao modo de como recebiam os prémios, o esquema do desenrolar da sessões parece ser precioso, pois permite perceber melhor algumas alusões que encontraremos sobre lições nos degraus do Hospital del Rei..., nas escadas da Senhora da Graça..., em Lisboa.

De qualquer modo, como sugere o memorialista que acabámos de citar, depois parece ter-se institucionalizado, para as crianças, principalmente, a leitura da cartilha em diálogo¹⁹⁶ e davam-se, como vimos que se fazia em Vila

¹⁹⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 416: «Accendiamse as velas da Confraria, sobia o Padre ao pulpito com a sua cartilha na mam, mandava a dous meninos, que sabiam ler, e quando os nam avia, a dous homens, ou a dous Clérigos, cada hum com sua Cartilha. Hum se fazia Mestre, que perguntava, outro menino, que respondia, pellas Cartilhas. E o Padre sobre, o que se hia perguntando, e respondendo dava doutrina ao povo...», evocação que pode ser melhor compreendida

Viçosa e Évora e se praticava por toda a Companhia, prêmios, esses insignificantes, mas infantilmente apreciados, prêmios – lição, certamente, bem aprendida de S. Jerónimo¹⁹⁷ – que sempre hão-de recordar os cronistas do Instituto. Como lembram esses mesmos cronistas, a «outra solpha» por que começou a pôr «o modo de ensinar a Sancta Doutrina» foi, cumprindo o que, certamente, lhe recomendara Simão Gomes, como que a inversão do praticado até aí, isto é, como explica muito bem a ainda sua contemporânea *Historia da fundação e progresso da casa de Sam Roque...*, «a doutrina que antes [se fazia] dentro da nossa igreja como dito he, se fez depois, e faz polla cidade, e praças aos domingos, e dias santos a tarde...»¹⁹⁸. E fazendo jus ao trabalho de Mestre Inácio, este autor, como um bom e contemporâneo guia, anota imediatamente, não sem uma ponta de admiração: «e vai em grande augmento ajudando os nossos muito ao Pe. Ignacio Martins dos mais antigos professores de quatro votos desta província

tendo presente o que nos narra o anónimo jesuíta citado na nota anterior. Federico Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, ed. cit., 250-251, 266.

¹⁹⁷ S. Jerónimo, Ad Pacatulam, *Cartas* (128, 1), ed. cit., II, 643: «... proponatur ei crustula mulsi praemia et, quicquid gustu suave est, quod vernat in floribus, quod rutilat in gemmis, quod blanditur in pupis, acceptura festinet...», o que, mesmo se proposto para o ensino de uma menina ainda de colo, podia, e certamente foi, tida em consideração para ensino de todas as crianças.

¹⁹⁸ Esta e outras passagens aqui citadas sugerem imediatamente, como já indicamos, que se trata de uma obra escrita ainda em vida do Padre Inácio Martins, como depois se verifica por declaração do próprio autor: «Desde o anno 1582 ate o anno presente de 1587 se fizeram mtas e diversas missões...» (*Historia da fundação e progresso da casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. XIII, fl. 11r); Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 198, se bem que utilizando outro manuscrito (Lisboa, TT., Coleção do «Colégio dos Nobres», Pasta 16), confirma quer o incompleto da obra quer a contemporaneidade do seu anónimo autor, querendo-nos, porém, parecer que a cópia de que se serviu está datada de 1597.

Doutor Theologo, e pregador de muytos annos ...». E revelando ter percebido muito bem onde residia uma das razões desse «aumento» – a colaboração dos «nossos», a organização implementada e alguns dos novos métodos – assinala que o Padre Martins, «depois de pregar todos os Domingos e dias de festa polla manhã vai a tarde polla cidade com grande número de meninos cantando as orações, e outras cantigas devotas; indo detrás e diante muytos mancebos, e homens casados pera o ouvir nos lugares onde se detem fazendo algũas digressões largas sobre a mesma Doutrina com exemplo de santos e pias historias com que move todo o povo a bem viver...». Privilegiando os resultados – «move todo o povo a bem viver e se tirar de juramentos, jogos e más conversações e o inclina a toda a devoção» – que os cronistas posteriores documentarão com casos diversos, o autor de que vimos seguindo a excelente apresentação da actividade de Inácio Martins enquanto mestre de Doutrina, fundindo embora os tempos e, ao invés dos cronistas e da *Elegia*, não se alargando muito na concretização da topografia lisboeta mais frequentemente percorrida pelo Mestre – Terreiro do Paço..., Castelo (a que acudiam os soldados castelhanos)¹⁹⁹..., Alfama..., largo do Pelourinho..., escadas do hospital de Lisboa (onde também ensinara S. Francisco Xavier²⁰⁰)..., portas de Santa Catarina..., Corpo Santo..., Rua Nova..., Ermida da Senhora da Graça..., a *Ribeira*²⁰¹... –, acentua sobretudo a organização do cortejo de doutrininos – uma organização que, como sugerem alguns dos lugares nomeados, variava o percurso e podia depender de sugestões e curiosidade das

¹⁹⁹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 421.

²⁰⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 415.

²⁰¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 221, 222; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 421, 428.

autoridades e ainda da avaliação da implementação do ensino em outras zonas da cidade – e o calendário semanal das sessões de catequese, calendário que, em função da variação dos percursos e outras razões imprevisíveis, deverá ter conhecido, como havemos de voltar a sugerir, alguma flexibilidade e mesmo pausas²⁰². É certo que o autor da *Historia da fundação e progresso da casa de Sam Roque...* não recorda alguns colaboradores – os padres Manuel Correia..., o pequenino Leão Henriques²⁰³... e outros «dos mais autorizados»²⁰⁴ – e algumas circunstâncias importantes. Não lembra, por exemplo, que entre as «boas traças» dispostas por Inácio Martins para atingir o maior número de crianças se contava, numa estratégia bem urdida, a sua visita às escolas²⁰⁵ e sua acção junto dos «trinta y tantos maestros de escuelas de niños»²⁰⁶ – esses

²⁰² Assim se pode deduzir – e não será mais que um exemplo – do que diz o P. Pedro da Fonseca, superior da casa de S. Roque, em carta a C. Acquaviva, em 22.5.1586: «La doctrina del P. Ignacio va en grande aumento. No la hizo la Quaresma los Domingos por predicar en casa del sacrificio del Señor, lo qual hizo con gran satisfacion y provecho y con más concurso que nunca [...] Hazese [a doutrina na Ribeira] a la tarde un poco antes que la gente de la plaza se comece a regoger...» [ARSL., *Lus.* 69, fl. 233-234v (233)].

²⁰³ Assim o descreve – «tamanho tão reduzido» –, o P. Fernão Guerreiro, ouvindo da sua boca, a declaração que, pouco antes de morrer lhe fez o P. Leão sobre o milagroso e célebre caso em que, estando em Évora, apareceu em Lisboa ao cardeal D. Henrique (Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 5, 18, 340-341; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 68-69, 73).

²⁰⁴ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 220; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 416.

²⁰⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., I, 407, 418.

²⁰⁶ Inácio Martins, Carta a C. Acquaviva, de Lisboa, 14.8.1587 (ARSL., *Lus.* 70, 1587-1589, fl. 230r-230v); Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 226; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit.,

preciosos agentes da pedagogia contra-reformista²⁰⁷ – e passa por alto, embora mencione o papel fundamental do canto – orações cantadas e cantigas devotas²⁰⁸ – nesses cortejos, «los cincoenta y mas cantores ordinários que van cantando por las calles divididos en quatro capillas»²⁰⁹. E, tal como não recordou que «algumas vezes, com grande solemnidade, e festa de charamelas fazia Doutores aos meninos»²¹⁰, esquece agora – lembrou-os quando a Doutrina se fazia na igreja de S. Roque – esses pequenos, mas frequentes e hierarquizados, premios²¹¹ (contas de

411; Pedro Cátedra, no seu já citado «Estudio Introductorio» à edição da *Doctrina Cristiana del Hermitaño y Niño* (142-143), oferece perspectivas sobre a acção desses «maestros de niños» que não poderão ser descuradas.

²⁰⁷ Gian Pietro Giussani, «Alcune costituzioni e decreti dei sacri concili circa i maestri di scuola», *Istruzioni e documenti a' Padri per sapere governar ele loro famiglie* (1603?) in Luigi Volpicelli, *Il pensiero pedagógico della Controriforma*, Firenze, 1960, 484-491.

²⁰⁸ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 227-228; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 411-412; sobre a origem e importância estratégica e didáctica dessas cantigas devotas, Federico Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, ed. cit., 255-256, 261-264.

²⁰⁹ Inácio Martins, Carta a C. Acquaviva, de Lisboa, 14.8.1587 (ARSL., *Lus.* 70, 1587-1589, fl. 230r-230v).

²¹⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 403; Federico Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, ed. cit., 277-286, tece importantes considerações sobre a tradição e o alcance destes espectáculos que, obviamente, eram outra espécie de prémios aos doutrininos mais «sábios».

²¹¹ Mestre Inácio Martins para arrolar e disciplinar a sua infantil «infantaria» – a palavra ocorre várias vezes em Baltasar Teles e em António Franco – parece ter abundantemente recorrido à pedagogia do prémio e assim, além destes oferecidos aos que se distinguiam na catequese, regalava-os também em outras ocasiões por outros actos, como, por exemplo, aos que acompanhavam o Santíssimo Sacramento quando saía nas suas freguesias (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 417-418). Notemos ainda que, como aludimos, estes prémios estavam hierarquizados e assim, por exemplo, as verónicas de chumbo que

chumbo..., «*Agnus Dei*»..., verónicas..., rosários...) aos que se distinguiam na aprendizagem e saber e que darão matéria aos cronistas para ponderarem cuidadosamente os diferentes esforços do Mestre no alcançar das esmolas que lhe permitiam obter estes «premiozinhos» e sufragar os seus gastos²¹². Nas crónicas inventariam-se várias cenas sobre a sua distribuição que, ao que parece, se desperjavam a curiosidade de um arquiduque Alberto, talvez, contrariamente ao que insinuam os cronistas, não fizessem as suas delícias quando Mestre Inácio, no seu afã de conquistar o seu público e de chamar a atenção das altas autoridades do Reino para a sua acção, indiscretamente, nela o envolvia, como, por exemplo, pedindo-lhe, como

mandava fazer eram «humas pequenas, e outras grandes, e entre ellas havia humas do tamanho de hum patacã, que tinham de huma parte hum Christo crucificado, e da outra huma imagem da Conceyçam da Senhora, e estas eram de grande estima, e nam as dava senam a quem muy bem as merecia...» (Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 225).

²¹² Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 224; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 410-411, 426. Os «premiozinhos» eram contas, verónicas de chumbo..., contas do rosário... e também, para os mestres das escolas e cantores e presos, «*Agnus Dei*», já que «todos estos suspiran por un agnosdei de Roma» (Inácio Martins, Carta a C. Acquaviva, de Lisboa, 14.8.1587 [ARSI., *Lus.* 70, 1587-1589, fl. 230r-230v]). A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed., I, cit., 413, 415, 435 refere esmolas – e algumas das suas circunstâncias – que lograva Mestre Inácio Martins que, segundo o mesmo cronista, só as pedia para os meninos da Doutrina e para os presos. E hoje bem gostaríamos de saber em que consistiriam os prémios que «muitas pessoas nobres lhe mandavam [...] para repartir nas Doutrinas...» (A. Franco, *ob. cit.*, I, 418). O anónimo jesuíta cujas memórias se conservam no já citado Cód. 4576 da BNL permite ver, através do que se passava em Vila Viçosa e em Évora, um pouco melhor a cena da distribuição dos prémios: «Também os que destes dezião bem davalhes prémios; quando se dava a algum moço imagem ou veronica se punha de joelhos e a punha nos olhos e a beijava» (s.p.).

pedia aos seus meninos²¹³, que também mostrasse as suas contas²¹⁴. E se o anónimo jesuíta autor da *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque...* ainda nos informa que nesses cortejos de doutrinos que cruzavam a cidade, se incorporavam «mancebos e homens casados» e nada nos diz, porém, das resistências de colaboração por parte dos auditórios – resistências que foi vencendo com diálogo e com milagres que facilitavam o ensino e divulgavam a fama²¹⁵ –, esclarece-nos, contudo, com precisão,

²¹³ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 225: «Chegou o Padre mestre Ignacio pelo discurso da doutrina a hum passo, nelle muito uzado, que era perguntar se tinham contas? E em prova da devaçam da Senhora, fazia com o auditorio, que cada hum sahisse a publico, fazendo mostra, e dando conta das suas contas...».

²¹⁴ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 226; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 411: Um dia, no Terreiro do Paço, «...indo [Inácio Martins] fazendo a sua rezenha das contas, chegou ao lugar da janella, onde estava o Archiduque, e com a mesma confiança lhe pedio, quisesse também mostrar as suas contas, e honrar tam devota açam, pois era tam afeiçoado à Virgem Senhora. Vendo que lhe não respondia, disse para o auditorio, parece que não nos quer mostrar as suas contas ricas. Logo chamou a hum dos seus meninos, poemlhe no chapeo humas das suas contas da Doutrina, dizendo que naquella salva as fosse offerecer a sua Alteza. Sobe o menino as escadas do Paço, atravessa as salas, chega onde o Cardeal estava, poense de joelhos, apresentalhe as contas. Recebeas o Serenissimo Principe, manda logo abrir a janela, e lançando fora o braço mostrou ao auditorio as contas da Sancta Doutrina...» (e não as suas «ricas»... E à letra, não apareceu à janela, somente deitou de fora o braço...).

²¹⁵ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 47, 219; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 407-408, contam que a «gente grande» «não estava em costume [de dizer em público as suas orações], huns se encolhiam, outros se envergonhavam, e todos por vários modos se escoavam. Vendo o Padre que os homens não respondiam, pondo os olhos em huma criança de seis meses, que alli tinha sua mãy ao peito, e apontando pera ella com a cana, lhe mandou que dissesse a Ave Maria. No mesmo ponto com assombro da innumeravel multidam, que assistia, levantou a criancinha a vos, que o Ceo

sobre as suas «digressões largas sobre a mesma Doutrina com exemplos dos santos e pias historias»²¹⁶ – dimensão

pera isto então lhe dera, e repetio a Ave Maria. Este prodígio tam notório conciliou em Lisboa grande veneraçam à Sancta Doutrina...». Não só o *Menologio dos varoens illutres da Companhia de Jesus* (ARSI., Lus. 13, fl. 32r-32v), mas também, como assinala B. Teles, a *Imago primi saeculi Societatis Iesu a provincia flandro-belgica eiusdem Societatis representata*, Antuérpia, Ex Officina Plantiana, 1640, VI («*De puerorum et rudium institutione per catechesin.*»), 352, recordando Inácio Martins («*Ignatius Martinez Regius concionator pueros catechismum docet*», segundo o Index, 632), referem precisamente este «notável successo» (B. Teles não diz milagre), que, como sugerimos, deverá ter sido um momento importante da consagração do ensino do Mestre e da opinião das gentes sobre a sua santidade. Sobre a *Imago primi saeculi*..., os seus autores, circunstâncias e valor iconográfico dessa obra no contexto das celebrações do primeiro centenário da fundação da Companhia de Jesus, pode ver-se Lydia Salviucci Insolera, L “*Imago primi saeculi*” (1640) e il significato dell’*imagini allegorica nella Compagnia di Gesù. Genesi e fortuna del libro*, Roma, 2004.

²¹⁶ As cartas que, durante a sua viagem pela Europa (1573 -1574), Mestre Inácio escreveu para Coimbra contêm alusões, transcrições de milagres marianos e do Santíssimo Sacramento e referências a obras sobre o tema que foi recolhendo, alguns deles até também aproveitados nos seus sermões: José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 243-244. E não deixará de ser curioso anotar que o «aplauso y consuelo del pueblo» levava todo um senhor como Luís de Zapata de Chaves, *Varia Historia (Miscelânea)*, ed. cit., I, 211-216, a transcrever milagres, inclusive dois dos que por mais de uma vez conta o Padre Inácio quer nos seus sermões, quer nas suas cartas: o do cavaleiro alemão que queria ser comungado com uma forma igual à do sacerdote – maior, portanto, que a destinada ao comum dos fiéis – e o dos corporais de Daroca, milagres que, especialmente este último, tiveram uma larga difusão peninsular, tendo até merecido de Garpar Miguel de la Cueva, *La hystoria de los santos Corporales y como fueron traydos a la muy leal ciudad de Daroca y de muchos milagros que se conteçieron y conteçen cada dia. Nuevamente imprimido*, Valencia, Juan Joffre, 1523. Igualmente referido por Inácio Martins num dos seus sermões, o milagre de

que a *Elegia* que editamos confirmará (24)²¹⁷ – lidas «en alta voz» por um estudante²¹⁸ e, certamente, comentadas por um Mestre²¹⁹ sempre preocupado em variar leitura e lições²²⁰. E convirá nunca esquecer que a formação básica

Santarém que pode entrar neste ciclo, só mereceu que Pedro de Mariz lhe dedicasse uma «tardia» *Historia admirável do santissimo milagre de Santarém que aconteceu na igreja do protomartir Santo Estevam, em o Santissimo Sacramento do altar*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1612.

²¹⁷ Sempre que citemos ou aludamos ao texto da *Elegia* indicaremos, como neste caso e já em alguma nota anterior, o número da estrofe entre ().

²¹⁸ Inácio Martins, Carta a C. Acquaviva de Lisboa, 14.8.1587 (ARSL., *Lus.* 70, 1587-1589, fl. 230r-230v).

²¹⁹ Afirmámo-lo a partir quer do que podem sugerir as «lembranças» que pôs no fim da *Doutrina Christam* sobre os comentários a fazer a propósito da leitura das vidas dos santos onomásticos dos «seus» meninos quer do que, confirmando-o, diz A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 416: «E o Padre sobre o que se hia perguntando, e respondendo dava Doutrina ao povo...».

²²⁰ Foi, seguramente, esse seu desejo de variar as lições que, não contente com os livros de milagres marianos que já possuía – Monserrate (*Libro de la historia y milagros hechos a invocacion de nuestra Señora de Monserrat*, Barcelona, Pedro Bodin, 1550, mas com reedições em 1556, 1568, 1574, 1582, etc., devidas, principalmente, à oficina de Pedro Malo) e Guadalupe (coleção ms., provavelmente, pois nada parece haver impresso antes da *Historia de Nuestra Señora de Guadalupe*, Toledo, T. de Guzman, 1597, de Fr. Gabriel de Talavera) –, como informava, em 14.1.1587, a Cláudio Acquaviva, o levou a pedir, na mesma ocasião, que este lhe enviasse, por ser «casa mas principal», «los milagros de N. Señora de Loreto que a escrito el P. Rafael Riera [*Historia de la Santa Casa di Loreto*, Loreto, appresso Sertorio de' Monti, 1580] y otros que se hallaren» (Inácio Martins, Carta a Cláudio Acquaviva, de Lisboa, 14.1.1587 [ARSL., *Lus.* 71, fl. 230r-230v], tal como, anos mais tarde, veio a sugerir-lhe que desse «favor e calor para que se ayunten las fundaciones y principios notables y de edificacion de las casas de N. Sra^a que estan por el mundo con uno o dos milagros de los mas celebres que se hallaren en cada una de las dichas casas de la Virgen porque se entiende que será obra de notable provecho y consuelo universal, y en especial puedo ser testigo de lo que veyo ha muchos años en este exercicio

que, por si mesma, fornecia a Doutrina, era, com esses exemplos e histórias em práticas e sermões, para muitos, senão para a maioria dos seus ouvintes, não só a mínima, mas também a única²²¹...

O autor da *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque*..., precisando quanto o ensino da Doutrina por Inácio Martins foi algo que, desde 1581, se foi desenvolvendo e afinando ao longo de anos, escreve: «Depois disto correr por muito tempo se moverão os pretos da guine de vinte e tantas nações que á nesta cidade a o acompanharem aos domingos com suas bandeiras conforme às nações repartindo as bandeiras de tal modo, que em hum mês o acompanhem todas...»²²². E se os cronistas, sem esclarecer cabalmente igrejas e locais²²³, datam com maior rigor o início de tal apostolado – desde 1587, de acordo com Baltasar Teles²²⁴, confirmável por carta de Inácio Martins desse mesmo ano²²⁵ – e ampliam com mais detalhes a diplomacia e linguagem usadas, em manifesta evidência da

de la sancta doctrina, en que suelo muy a menudo relatar algunos de los milagros de la Virgen con notable aplauso y consuelo del pueblo...» (Carta de Inácio Martins de 11.1.1592 in ARSI *Epist. Lus.* 71, fl. 21-22). Convirá lembrar que na BNL. (Cód. 77) se conserva uma coletânea de milagres de Penha de França, Monserrat e Guadalupe com a indicação «Da livraria do Doutrineiro da Casa de S. Roque». Terá pertencido a mestre Inácio Martins? (Agradeço vivamente a Maria Eugenia Díaz Tena o ter-me apontado esta coleção).

²²¹ Pedro Cátedra na «Nota Introdutoria» à sua edição da *Doctrina Cristiana del Hermitaño y Niño* de Andrés Flórez (9-13) avivou os dados desta questão.

²²² *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque*..., Cód. cit., cap. X, fl. 8v.

²²³ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 224 parece sugerir que as reuniões preparatórias, tal como as sessões de doutrina acordadas, tiveram lugar – quando? sempre? – na igreja do «Hospital del rey».

²²⁴ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 223.

²²⁵ Inácio Martins, Carta a Cláudio Acquaviva, de Lisboa, 14.8.1587 (ARSI., *Lus.* 71, fl. 230r-230v).

adaptatio cultivada pela Companhia²²⁶, por Mestre Inácio na «conquista» «dos negros e mais gente preta» – a expressão é de Baltasar Teles – para a Doutrina – uma dimensão do seu apostolado que, ao parecer, estava abandonada já nos meados do século XVII²²⁷ –, o anónimo jesuíta oferece um ligeiro, mas importante, matiz no que diz respeito às resistências opostas pelos ciganos... Com efeito, se, segundo António Franco, ao Padre Mestre «huma grande magoa o acompanhou, e foi não achar modo, pera trazer os siganos a Doutrina...» – o que, segundo o comentário desse cronista do século XVIII, bem mostrava «quão mâ fazenda seja esta casta de gente...»²²⁸ –, o autor da *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque*, embora deixe perceber as dificuldades na sua «conquista», sugere que a resistência não terá sido tão absoluta como escreve o Padre Franco, pois «ultimamente se lhes [aos negros] ajuntarão os índios que erão os mais difficultosos»²²⁹. Sem violência se poderá aceitar que este «ultimamente» sugere

²²⁶ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 224: «Assim succedeo, e acudiram a esta igreja [do «hospital del rey»] mais de mil pretos; junto este luzido exercito de negros, branqueado com a augoa do sancto baptismo, e repartidos com doze bandeyras, depois de recolhidos na igreja, o Padre Mestre Ignacio do pulpito, lhes fez sua pratica, falandolhes a seu modo, e quasi pella sua linguagem, pera que melhor o entendessem, que hum varam sancto, ainda que seja sabio, tambem sabe fingirse ignorante». Sobre a *adaptatio*, são muito interessantes as reflexões de John W. O'Malley, *I primi gesuiti*, ed. cit., 91, 123, 160.

²²⁷ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 224: «assim nesta ordem, e disposiçam continuáram muytos annos, acudindo à sancta doutrina, e fora grande obra de misericordia se ainda continuasse este bom costume, que Deos nosso Senhor, igualmente abre o céo pera os pretos de Ethiopia, e pera os brancos de Europa».

²²⁸ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 415-416. Adolfo Coelho, *Os ciganos em Portugal*, Lisboa, 1995 (1ª ed. 1892), não trata, naturalmente, desta dimensão das vivências dos ciganos em Portugal.

²²⁹ *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. X, fl. 8v.

um tempo tão próximo de quem escreve como, possivelmente, próximo dos últimos anos de Inácio Martins.

E como demonstração do empenho posto pelo P. Inácio Martins em levar a Doutrina a um sempre maior número de *rudes*, o autor da história da casa de S. Roque lembra, como elogiosamente o fizera já o P. Pedro da Fonseca²³⁰, que «alem desta doutrina [aos negros e ciganos] faz o mesmo pe. outras duas polla somana, hũa as quartas feiras aos pobres na misericordia antes de lhe darem esmola²³¹; outra as quintas feiras aos moços da ribeira²³² por serem estas duas sortes de gente mto desemparadas

²³⁰ Pedro da Fonseca, Carta, de 22.5.586, de Lisboa, a C. Acquaviva (ARSI., *Lus.* 69, 233-234v): «La doctrina del P. Ignacio va en grande aumento [...] Hase añadido nueva doctrina a los vagabundos y outra gente baixa de la plaça o ribera, la qual sera de gran fructo, y luego en la primera que él hizo uvo grande applauso y satisfacion del pueblo y aun alegria de los mismos».

²³¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 415 refere uma indisposição («vómito») que sentiu Inácio Martins «fazendo Doutrina no púlpito da Misericórdia...», informação que, para além de nos fornecer um dado mais sobre um dos locais em que doutrinava, nos permite visualizar um pouco melhor como se desenrolavam – ou geralmente se desenrolavam – essas sessões de Doutrina nos templos, e que pode ser complementada com o que diz, como já aludimos, o mesmo padre Franco (*ob. cit.*, I, ed. cit., 416) sobre o modo como se procedia em lugares rurais: do púlpito, Inácio Martins ia comentando os pontos da cartilha que os dialogantes (crianças ou adultos) iam lendo. Terá ainda um certo interesse atentar a que nos começos, ou um pouco antes, de Inácio Martins ter começado a pôr em «nova solpha» o ensino da Doutrina, esta, segundo o autor da *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque...*, se fazia, como vimos, aos pobres à porta da cerca de S. Roque antes da esmola – não vale a pena discorrer sobre esta ordem das coisas – e, como vemos, mais tarde, estes eram doutrinados na igreja da vizinha Misericórdia. Uma mudança que poderá ter significado um aspecto da reorganização – ou das reorganizações – da Doutrina por Inácio Martins e que, por isso, valeria a pena, algum dia, tentar precisar num quadro mais global.

²³² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 421, oferece, como já assinalámos, outra calendarização, o que nos

e vese tanto fruto desta obra que se criavão em roubos e outros malefícios muitos apregoão agora cousas de preço que achão e sofrem bofetadas, e outras injurias por pedirem aos homens que não jurem com muita admiração de todos²³³. E he tam aceita a doutrina que se da a estes moços na mesma ribeira, que não somente as regateiras deixão de vender pello ouvir, mas também muita gente de cavallo e outra honrada se poem em darredor em hum circulo muito grande pera participarem todos della»²³⁴. Uma indicação esta última que poderia fazer parte de uma colecção de gravuras sobre o quotidiano lisboeta dos anos oitenta do século XVI e, como tal, entrar, coerentemente, na interpretação de algum momento da *Elegia* (14).

Inácio Martins, com tanto ou mais entusiasmo que o seu contemporâneo autor da *Historia da fundaçam e progresso da casa de Sam Roque...*, confirma, na já referida carta de 14.8.1587, sem entrar em pormenores, estas sessões multitudinárias de catequese – «concurrer algunas veces tres y quatro mil personas» – na zona da Ribeira de

deve fazer crer que o calendário das sessões de Doutrina, tal como os percursos dos cortejos, foi variando mercê de circunstâncias e objectivos, o que não quer dizer que não tivesse conhecido uma certa fixação – de longa ou curta duração... – que as diferentes fontes assinalam para o momento em que escrevem.

²³³ Aproveitemos para anotar, uma vez mais, a fiabilidade que, em geral, merece a informação de Baltasar Teles, chamando a atenção que este cronista deverá ter utilizado, aqui como em muitos outros casos, esta *Historia da fundaçam e progressos da Casa de S. Roque...*, pois na sua *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 51, 235, parece aproveitar, com alguma amplificação, é certo, estas informações do contemporâneo de Inácio Martins sobre a implicação dos seus doutrininos no seu combate aos juramentos.

²³⁴ *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. X, fl. 9r. Perante a evocação que transcrevemos do anónimo autor da história da casa de S. Roque, atrevemo-nos a perguntar se estas multitudinárias sessões de catequese, em que, em tom menor se aplicavam «des techniques éprouvées de rassemblement social et de pédagogie populaire» (Michel de Certeau, *Le lieu de l'autre. Histoire religieuse et mystique*, Paris, 2005, 176), não deveríamos olhá-las como uma variante das «missões de interior».

Lisboa «a gente muy varia, rude y sin pastor», notícias que, como sabemos, os cronistas amplificam com casos e exemplos²³⁵ e também não esquecerá o documento que publicamos²³⁶.

Ainda cerca de 1586, de acordo com notícias concretas de uma carta de Pedro da Fonseca²³⁷, Inácio Martins, como, por sua vez, conta ele próprio nessa importante carta de 1587²³⁸, continuando a renovar alguns dos modos por que a Companhia praticava, apostolicamente, como recomendava o seu Fundador²³⁹, as obras de caridade, acudia – sem contar com alguns noviços que, por vezes, o

²³⁵ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 221; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 409. Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Primeira parte*, ed. cit., I, 43, 215-217, conta a experiência do jesuíta Afonso Barreto († 1544?) que, vestido de moço da Ribeira de Lisboa, e, com autorização do seu superior, andou uns dias entre eles, experiência que o fez ser conhecido pelo «marauzinho sancto»... e autorização que fez o P. Baltasar Teles aclamar a perspicácia do superior e a revelação da santidade do súbdito.

²³⁶ Michel de Certeau, *Le lieu de l'autre. Histoire religieuse et mystique*, ed. cit., 176-181 a propósito de «Travaux apostoliques: ordre social et son 'autre'», pode fornecer algumas perspectivas muito úteis para enquadrar futuras investigações sobre o ensino da catequese..., congregações marianas..., missões populares... do ponto de vista duma «Histoire des jésuites» em Portugal.

²³⁷ Pedro da Fonseca, Carta de 22.5.1586 a Cláudio Acquaviva (ARSH, *Lus.* 69, fl. 233v.): «A las carceles hospitales y galeras tambien se va quando hay oportunidad assy a confessar, como a hazer exhortaciones», também referida por Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 462.

²³⁸ Inácio Martins, Carta de 14. 8.1587 a Cláudio Acquaviva, ARSH, *Lus.* 69 (1587-1589), fl. 230r-230v: «otro dia nelas galeras o carceles de la ciudad que son muy pobladas y llevamos algunas vezes dos o tres hanegas de pan y carne, y pesxe, y regalos para enfermos de limosna de personas devotas que la dan, y acabado de repartirse van muchos hombres con nos a traer agua a los presos con notable edificacion...».

²³⁹ Ignacio de Loyola, Carta al P. Juan Pelletier (13.6.1551) in *Obras completas*, ed. cit., 74.

acompanhariam²⁴⁰ – «também com os mesmos meninos, e outra gente, aos presos dos carcerees publicos, aos enfermos do hospital, e às galees, levandolhes esmola de toda a sorte de comer, vestir, e muitos outros mimos e muitas vezes agoa aos encarcerados tomando elle e seus companheiros com a mais gente que o acompanha quartas levandolhas cheas d’agoa indo todos em corpo pera mais expedição, e melhor serviço a qual charidade, e mortificação imitão muitos homens honrados por sua devação...»²⁴¹. A esta precisa evocação feita pelo autor da *Historia da fundaçam e progresso de Sam Roque...* juntaram Baltasar Teles e António Franco alguns pormenores organizativos e de alimentação²⁴², de acontecimentos e personagens – uma

²⁴⁰ *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque...*, Cód. cit., cap. VII, fl.5v: alguns noviços de S. Roque «levavão esmola de pão aos presos do Limoeiro, e ordinariamente erão avidos por bem criados, e provados na mortificação, e abnegação de si mesmos entre todos os da provincia, e affeiçoados ao trabalho, dandolhes os antigos assy padres como irmãos exemplo nisso, porque algũas vezes hião em corpo levar esmola aos presos, e fazião outros semelhantes officios de charidade e mortificação». A propósito desses noviços que acompanhavam a Inácio Martins nas suas visitas aos encarcerados, recordemos aqui, passando por alto quaisquer diferenças situacionais e de organização, o caso do famoso teólogo P. Tomás Sánchez († 29.5.1610) que quando entrou na Companhia em Córdoba, sua terra natal, levava, por mortificação pública, «en cuerpo, sin manto, cantaros de agua al hombro, a los pobres de la carcel biexa [*sic* por *baxa*]», segundo se conta no *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 336.

Ignacio de Loyola, Carta al P. Juan Pelletier (13.6.1551) in *Obras completas*, ed. cit., 74.

²⁴¹ *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque...*, cod. cit., cap. VIII, fl. 8v.

²⁴² Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 222 e A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 409-410 entre os «mimos» que levavam aos presos põem «carne e peixe», como, aliás o faz o próprio Padre Inácio na carta de 14.8.1587 ao Geral Acquaviva que temos vindo a citar (ARSI., *Lus.* 70, 1587-1589, fl. 230r-230v).

vez mais, o Arquiduque Alberto em 1588, por exemplo²⁴³ – de que decorria a aprovação admirativa dessa actividade caritativa²⁴⁴ – que englobava também o ensino da Doutrina e, algumas vezes, sermão²⁴⁵ – e ainda a reacção desfavorável de alguns a este tipo e modos de «esmola», como a daquele estrangeiro «muy corpulento e agastado» que, falando em latim, perguntou criticamente ao Padre Inácio: «*Quid est hoc? Ego fuit Roma, Parisiis, et nunquam rem similem vidi*». A expedita resposta do Padre Mestre – «*Probas hoc, aut non probas?*» –, ignorando a possível estranheza do modo, limitou-se a colocar o acento na objectiva utilidade de uma prática caritativa que era o que o movia²⁴⁶ e cujos frutos, alguma vez, foram muito além desse tipo de

²⁴³ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 223: «Ate o Archiduque Cardeal desejou ver esta procissam, e no anno de 1588 a levou o Padre mestre Ignacio pelo Terreiro do Paço, aonde elle estava esperando...».

²⁴⁴ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 223; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 410.

²⁴⁵ Inácio Martins, *Pregações - Concio ad fratres*, BNL, cód. 6271, fl. 184r-186v; José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 275 e 265-266. Inácio Martins não fazia mais do que seguir a recomendação de Ignacio de Loyola, Carta al P. Juan Pelletier (13.6.1551) in *Obras completas*, ed. cit., 74: «Tengan cuidado de ayudar a los presos, visitando las cárceles si podrán, y haciendo predicar alli a alguno exhortándoles a confesarse y volverse a Dios, y confesándolos si se ofrece». Já em carta de 10.4.1564, informa o P. F. Cardoso sobre a casa de Bragança: «En la carçel he predicado con mucha consolación de los presos, y lo mismo se hizo en muchos lugares a una y dos legoas de aqui en las quales se an tirados muchos odios...» (ARSI., *Lus.* 61, fl. 208-209r).

²⁴⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 410. Para uma visão de conjunto em que inserir esta actividade de Inácio Martins, Francisco Rodrigues, *Historia da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*, II, 1, ed. cit., 504-506.

socorro, pois logrou a liberdade de alguns injustamente encarcerados²⁴⁷.

Contas feitas – informações do próprio Padre Mestre..., cartas de Pedro da Fonseca..., registos de historiadores e cronistas da casa de S. Roque e da Companhia... –, é possível sugerir que à volta de 1586/1587 – data em que, se não as escreveu, poderá ter também editado pela primeira vez as suas importantes adições à *Doctrina Christam*²⁴⁸ do seu consócio Marcos Jorge²⁴⁹ – Inácio Martins terá

²⁴⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 437-438, conta o caso de um homem que, envelhecido no Limoeiro pelos anos que levava esperando o castigo de ter sido dado como culpado pela morte de um criado do poderoso Pero de Alcáçova Carneiro, conde de Idanha, foi, pela intercessão do Padre Mestre, perdoado pelo antigo Secretário e posto em liberdade. Se o caso se reporta aos anos em que o famoso Secretário já era conde de Idanha, terá ocorrido entre 1582 – data em que foi criado conde de Idanha por Filipe II – e 1593, ano da sua morte.

²⁴⁸ Para a cartilha anterior a esta célebre obrita, é de sumo interesse a carta do P. António Correia, de Lisboa, 9.7.1564 (ARSI., *Lus.* 61, fl. 12r) que haverá sempre que relacionar com o que narra Amador Rebelo na carta anual já citada: «creo já vossa paternidade ser informado de hũa doutrina que qua se ordenou (á imitação de outra que de castella que trouxe o pe. Parra que foi para a India) por modo de dialogo, a qual posto que alvoraçou e moveo muito á gente, todavia parece que ouve faltas no modo, primeiramente porque se começou a insinar polas igrejas e praças, sem primeiro ser vista nem examinada polo prelado nem cardeal nem inquisidores, com aver padres que repugnarão a isso, e daqui se seguiu que o cardeal o estranhou, e os inquisidores cabido, y universidade de Coimbra ou parte, e se pregou em muitos pulpitos contra o modo e algũas cousas dela, e ouve com isto trabalho. Parece que também ouve outra falta no modo, s. que o padre doctor Torres que fazia esta doutrina, ó mais que tratou desta doutrina foi com hum Irmãosinho noviço que lha treladava em portuguez, e como o padre doctor he castellano e tem hum stilo scuro, muitas cousas sairão em publico que depois hũas se tirarão, e outras se mudarão, e isto muitas vezes, polos de casa, e algũas por frei Luís de Granada a quem foi mostrada esta doutrina, ao tempo que a começarão a impugnar para que elle com outros a provassem».

²⁴⁹ É pelo menos a data das licenças (Inquisição e Ordinário) dessas adições Marcos Jorge, *Doutrina Christam ordenada a maneira*

afinado e, mediante o recurso a outros meios e símbolos, ritualizado o ensino da Doutrina, fazendo-o assim entrar no quadro «normal» do ritmo da vida lisboeta²⁵⁰. Nessa

*de Dialogo para ensinar os meninos... Acrecentada pollo padre Ignacio Martinz da mesma Companhia, Doutor Theologo, Lisboa, Manoel de Lyra, 1592 (Citamos pela edição fac-símile do único exemplar conhecido de uma edição do século XVI conservado na «Biblioteca Marqués de Valdecilla» [Fondo Antiguo 19646] da Universidad Complutense de Madrid, que, com uma nossa breve nota introdutória – «Um livro, uma obra, dois autores» –, publicou o CIUHE da Universidade do Porto, Porto, 2004. Tendemos a aceitar que tais adições – os *Cinco tratados muito devotos e proveitosos* e algumas ladainhas e poesias devotas que havemos de referir –, se não foram publicados pela primeira vez nesse ano de 1587 – as licenças apenas nos garantem que nessa data já podiam circular e nas datas das edições de 1561 e 1566 ainda Inácio Martins não se dedicava plenamente ao ensino da catequese –, foram, contudo, elaboradas ao redor dessa data. Por outro lado, convirá, algum dia, tentar estabelecer se muitos dos textos que, em edições posteriores da *Doutrina Christam* – as do século XVII, especialmente (1616, 1624, 1655) –, se dizem «lembranças» de Inácio Martins, serão, efectivamente, obra sua ou se, independentemente de afirmações dos cronistas de que não se mudou nem o ritmo e calendário nem a ordem «em que a deixou disposta o veneravel Padre Ignacio Martins» (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 711), não se tratará de «inspirações» de sucessores seus. Estudo difícil dada a falta de exemplares das edições entre 1592 e 1616, mas, nem por isso, impossível. Para o estudo das cartilhas na Península Ibérica contamos agora não só com o doutíssimo «Estudio Introductorio» de Pedro Cátedra à sua já referida edição da *Doctrina Cristiana del Hermitaño y Niño* de Andrés Flórez, mas ainda com a monumental obra de Victor Infantes, *De las primeras letras. Cartillas españolas de los siglos XV y XVI, preliminar y edición facsímil de 34 obras*, Salamanca, 1998 e Victor Infantes e Ana Martínez Pereira, I– *De las primeras letras. Cartillas españolas para enseñar a leer del siglo XVII. Preliminar y edición de 26 obras*, Salamanca, 2003; II, *De las primeras letras. Cartillas españolas para enseñar a leer del siglo XVIII. Preliminar y edición de 34 obras*, Salamanca, 2003.*

²⁵⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 418, permite sugerir, completando o que dissemos sobre os seus cortejos, quanto a figura de Inácio Martins – e, seguramente, os seus gestos..., a sua voz..., os seus percursos..., os seus méto-

data, porém, os cortejos dos doutrinados e dos adultos que se lhes iam juntando, se, em fileiras, guiados pelo som da campainha²⁵¹, com o Padre Mestre e a sua «cana muito comprida» a encabeçá-los ou a fechá-los²⁵², atravessavam a cidade cantando «cantigas devotas» – para avivar a fé..., memorizar pontos e fórmulas da cartilha..., desterrar canções profanas²⁵³... – e praticando actos de virtude e venera-

dos... – se tornou um elemento da geografia humana de Lisboa dos fins de Quinhentos, bastando lembrar que «em vindo passar algum Padre da Companhia, já cuidavam ser o Padre, e diziam pera a outra gente, lá vai o Padre Ignácio»...

²⁵¹ *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 47, 220: «tal vez a levava o P. Leão Henriques, ou algum dos mais autorizados».

²⁵² Todos estes pormenores organizativos dos cortejos da Doutrina estão, naturalmente, colhidos de Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 47, 220; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 428, 412 respectivamente.

²⁵³ Marcos Jorge, *Doutrina Christam ordenada a maneira de Dialogo para ensinar os meninos... Acrecentada pollo padre Ignacio Martinz da mesma Companhia, Doutor Theologo*, ed. cit., cap. VIII (s.p.), a propósito do sexto mandamento da Lei de Deus aconselha-se precisamente: «Aqui amostrará o Mestre aos meninos que para tirarem as cantigas deshonestas se costumem cantar pollas ruas a doutrina christam»; Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 226-227; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 411, 415. Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, 670, chama a atenção para que na Companhia já o P. Manuel Fernandes, também a meados do século XVI, procurava «desterrar também cantigas profanas, [ensinando] os meninos a cantar a doutrina e outras estrofes santas...». Ana Martínez Pereira, «El juego como instrumento pedagógico en las escuelas de la Edad Moderna» in *Península*, nº 5 (2008), perante as indicações de um folheto de cordel – *Copia de un capitulo de una carta embiada a venecia de los diez de Noviembre de un caso acontecido muy digno de notar. Tambien va una Cancion por memoria de la gran victoria que nuestro Señor fue servido dar a los Christianos por intercession de la virgen martir Sta Eulalia, patrona de Barcelona, para que los niños canten al tono de una que cantan los presos de la carcel, que comienza o rei despaña* –, lembra, com razão, o difícil que seria esse desterrar de «cantigas profanas», já que o folheto «da por supuesto que los niños debían

ção²⁵⁴, talvez, ainda não levassem a bandeira ou o que havia de vir a ser a bandeira da Doutrina²⁵⁵ que se tornaria a sua

conocer la canción “que cantan los presos de la carcel”, con lo que el efecto “reparador” de la nueva letra moralizada no tiene sentido alguno, ya que no les haría olvidar la versión original» (Agradeço *ex imo corde* à Doutora Ana Isabel Martínez a gentileza de me ter permitido ler e citar a versão dactilografada do seu texto antes da sua publicação). Francisco Javier Sánchez Martínez, *Técnicas de divinización de textos líricos y otros fundamentos teóricos*, Alicante, 1995, 132-134 aporta alguns importantes dados sobre o desterro das canções profanas, inclusivé por pregadores e doutrineiros jesuítas; Ottavia Niccoli, *Rinascimento anticlericale. Infamia, propaganda e satira in Italia tra Quattro e Cinquecento...*, ed. cit., 16-20, 25, 158-173 *et passim*, oferece alguns dados para perceber um pouco melhor o contexto em que foi evoluindo a utilização de muitas dessas canções profanas, especialmente daquela que Mestre Inácio «perseguiu em especial [...] que começava *Arrenego de papalnaire*, que, dizia elle parecia ser feita por algum judeu em desprezo do papa». Note-se que Inácio Martins não fazia mais – e já não era pouco – do que continuar toda uma tradição que, passando por um Erasmo, também acolhiam franciscanos como Fr. António de Valenzuela que na sua *Doctrina Christiana para los niños y para los humildes...* (Salamanca, Andrea de Portonaris, 1556), querendo «desterrar y maldezir y excomulgar estos cantares y romances nochariegos, los quales parecen ser cantares de demonio, compuestos por hombres profanos, pues se cantan en tiempo de tinieblas nocturnas, las quales ama el demonio», «de parte de Dios nuestro Señor [exortava] a los niños que sean imitadores, ellos y nosotros, de los ciudadanos de la Gloria, en la qual por todos los barrios no se canta sino la alleluya» (cit. por Eugenio Asensio, *El erasmismo y las corrientes espirituales afines*, Salamanca, 2000, 48-50. Como se sabe, este sempre notável ensaio apareceu pela primeira vez na *RFE*, 36, 1952).

²⁵⁴ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 50, 236: «Entre as cousas, que com particular cuydado o P. M. Ignacio ensinava na Doutrina aos mininos, era a devação ao Sanctissimo Sacramento. Elle foy que introduzio aquelles sanctos costumes de acompanharem os mininos o Sanctissimo Sacramento, quando o levam a algum enfermo, e a reverencia que os fieis lhe fazem ouvindoo nomear, tirando os chapeos, com outras demonstrações de veneração».

²⁵⁵ Segundo Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 47, 220 (e mais resumidamente, A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 408), a bandeira da

mais visível identificação – e em alguma iconografia como que em outro emblema do Padre Inácio Martins²⁵⁶ –, aproximando-os de uma forma processional ao estilo e modo, embora de menor custo e menor aparato – mas sempre «espectaculares» –, das solenes procissões que cruzavam a urbe²⁵⁷ quer nas grandes festas do calendário litúrgico e em ocasiões especiais, quer aquando da partida de missionários para além mar, sendo que estas, especialmente para um jesuíta como Inácio Martins, poderiam ser uma espécie de modelo²⁵⁸. Pelo Entrudo, por propaganda e estratégia de atalhar «brigas e solturas», ordenava o P. Inácio Martins uma dessas procissões com «muitas bandeiras» e «mui solemne, em que iam varios coros de musica dizendo

Doutrina começou por ser «sobre huma haste huma taboa com duas imagens de Santos de papel de huma, e da outra parte» que, sonhada uma noite, logo «no mesmo dia» se transformaram em «bandeiras» que seguia e levava «a sua infantaria» dos doutrinados, descrição que sugere tratar-se de algo muito artesanal e, mesmo se «feyta ao modo das que trazem os irmãos da sancta Misericordia», estava bem longe do estilizado estandarte que vemos em algumas gravuras, como, por exemplo, na obra de Mathia Tanner, *Societas Jesu Apostolorum imitatrix*, ed. cit., 299.

²⁵⁶ Mathia Tanner, *Societas Jesu Apostolorum imitatrix*, ed. cit. 299, apresenta, como acabamos de sugerir, uma bela gravura em que, numa cena em que Inácio Martins distribui contas às crianças, se vê flutuando um belo estandarte em tecido com a imagem da Virgem Maria, certamente a que viria a ser consagrada como Nossa Senhora da Doutrina.

²⁵⁷ Federico Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, ed. cit., 261-262; para uma visão de conjunto num quadro das «Sensibilidades e representações religiosas», António Camões Gouveia, «Procissões» in AA. VV., *História religiosa de Portugal* (Direc. de Carlos Moreira de Azevedo), II, Lisboa, 2003, 334-345.

²⁵⁸ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 2, 521-522 lembra as procissões que, partindo de S. Roque ou de Santo Antão, se organizavam com os missionários que iam embarcar, destacando a de 1551 em que, com os jesuítas, iam, entoando «cantos piedosos», os 9 orfãos também destinados às missões de além mar.

cantigas santas...»²⁵⁹, o que denota, uma vez mais, a importância que concedia à música e canto na sua didáctica catequética. De uma delas sabemos que, à sua vista, um «Conde castelhano Governador» – que deve ser o Conde de Portalegre, Juan de Silva, com quem Inácio Martins se encontrou outras vezes, um dos cinco governadores que sucederam ao cardeal Alberto, a meados de Julho de 1593²⁶⁰ – exclamou: «Regalo de Dios!», aprovação que «ao Padre Ignacio [...] alegrou muito, e por vezes repetia estas palavras»²⁶¹.

Por esses mesmos anos preparava já a participação dos «meninos da Doutrina» na procissão do recebimento das relíquias oferecidas, depois de largas negociações em que, fervorosamente, participou o Padre Inácio²⁶², à igreja de S. Roque por D. Juan de Borja, filho do terceiro Geral da Companhia e antigo embaixador de Felipe II em Lisboa²⁶³. As esplêndidas festas do seu recebimento que incluíram um certame poético que deu origem a um dos poucos cancioneiros portugueses impressos no século XVI²⁶⁴,

²⁵⁹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 417. Naturalmente, tanto estas solenes procissões como os frequentes cortejos semanais – ou mesmo as dos missionários que partiam – não vêm referidos nem no clássico estudo de Fernando Castelo Branco, *Lisboa seiscentista*, Lisboa, 1969 em que há largas referências a outras procissões desde os fins do século XVI, nem no já citado ensaio de António Camões Gouveia.

²⁶⁰ Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 299.

²⁶¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 417.

²⁶² Inácio Martins, Carta a Cláudio Acquaviva, 23.1.1587 (ARSI, *Lus.*70, fl.32); Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 446 n^a. 1.

²⁶³ José Adriano de Freitas Carvalho, «Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa, 1588) e em Santa Cruz (Coimbra, 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia», in *Via Spiritus*, 8 (2001), 95-155 (121-122).

²⁶⁴ Anotou-o muito bem Isabel Almeida, «As Obras de D. Manuel de Portugal: um cancionero ao divino» in Vicenç Beltrán, Juan Paredes (Dds), *Convivio. Estudios sobre la poesia de Cancionero*, Granada, 2006, 37-38.

inauguraram-se, em 25.1.1588, com uma soleníssima e faustosa procissão de 12 andores e centenas de figurantes que, precisamente, abria com «os mininos da Doutrina com suas capellas na cabeça, e ramos verdes nas mãos, e os que [andavam] em hábitos de fradinhos no couce ordenados em procissão também com seus ramos e capellas de flores». Não nos perguntemos por esses doutrinos «em hábitos de fradinhos», porque é distinção que não vimos registada, mas anotemos que os «mininos da Doutrina» levavam uma charola com o Menino Jesus do milagre de Santarém – um milagre com que, como já sabemos, o P. Inácio ilustrou, algumas vezes, os seus sermões – ladeada por outros dez «vestidos de carmesim com capellas de flores na cabeça, quatro dos quaes levavam diante castiças de prata com suas vellas brancas acesas, os outros hiam todos com salvas de prata nas mãos com varias insígnias e divisas do menino Jesus tiradas da sagrada escritura com seus letreiros...»²⁶⁵. Naturalmente, o relator deste célebre recebimento não esqueceu que, após os doutrinos, «seguia-se a capella da Doutrina com muito boa musica de varios motetes e cantigas devotas», nem que «vinha com elles o padre Mestre Ignacio da Companhia de Jesu o qual ha muitos annos que se occupa neste ministério de ensinar a doutrina, com grande fructo de toda esta terra»²⁶⁶. Não nos admiraria que toda esta «muito bem recebida invençam por ser accomodada aos meninos» e em que, como teremos notado, voltamos a encontrar elementos comuns a outras «solenizações» concebidas pelo Mestre, tenha sido obra de Inácio Martins, como seu foi o sermão que, em 26 de

²⁶⁵ Manuel de Campos, *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias que se levaram á igreja de S. Roque da companhia de Jesu aos 25 de Janeiro de 1588*, Lisboa, António Ribeiro, 1588, 8v-9v, onde descrevem os letreiros que levavam os seis doutrinos.

²⁶⁶ Manuel de Campos, *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias que se levaram á igreja de S. Roque*, ed. cit., 9v-10r.

Janeiro, pregou por ocasião da «tresladaçam e colocação das santas relíquias» e que é o seu único sermão que conhecemos impresso²⁶⁷, o que, quase emblematicamente, nos mostra não só essa permanente tensão do pregador e do doutrineiro em Mestre Inácio, mas também como todas as ocasiões lhe pareciam oportunas para, com «sacre rapresentazioni» – aceitemos este salto da Idade Média ao Barroco que não será tão incorrecto como poderá parecer –, solenizar a Doutrina e os seus pupilos.

Meses mais tarde, nesse mesmo ano de 1588, foi um dos muitos oradores sacros que, no ambiente de ansiosa expectativa que a envolvia, exaltaram essa empresa estratégica e religiosa que veio a ser conhecida pela «Invencível armada». No seu caso, tanto quanto podemos perceber dos apontamentos que deixou do seu sermão, deverá ter-se mostrado cauto sobre o êxito da campanha, campanha que, depois de tanto o ter militantemente entusiasmado, serviu ao seu consócio Pedro Rivadeneira para, com um toque de estoicismo cristão, longamente meditar sobre o sentido da tribulação²⁶⁸.

Com a *inventio* da bandeira da sua «soldadesca» que «houvessem de seguir, quando faziam suas marchas, com o Padre, ao lugar destinado pera a Doutrina»²⁶⁹–

²⁶⁷ Manuel de Campos, *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas relíquias que se levaram á igreja de S. Roque*, ed. cit., 97r-104v; José Adriano de Freitas Carvalho, «Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa, 1588) e em Santa Cruz (Coimbra, 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia», in *Via Spiritus*, 8 (2001), 95-155 (133-136).

²⁶⁸ José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 231-368, em que se publica a leitura possível dos apontamentos desse sermão (291-292).

²⁶⁹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 47, 219.

o que lhe terá facilitado passar a fechar os cortejos com a sua cana ao alto²⁷⁰ –, como que se encerra um primeiro tempo da organização do ensino da catequese tal como, afinando tradições e concorrências²⁷¹, o foi concebendo Mestre Inácio Martins. Depois, correndo os anos, resolutivo por um sonho de um padre da Companhia – o sonho profético ocupa algum lugar na dinâmica do apostolado de Inácio Martins²⁷² –, põe a Doutrina sob protecção da Virgem Maria com a invocação de Nossa Senhora da Doutrina, para isso ordenando, em ambiente festivo que englobou sermão seu e «procissão de meninos, e muitos

²⁷⁰ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 47, 220 assim o sugere.

²⁷¹ Federico Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, ed. cit., 245-250, refere o preciso contexto em que se foi formando o ensino da catequese por parte da Companhia de Jesus em Portugal, nomeadamente de Inácio Martins; João Francisco Marques, «A palavra e o livro – A catequese» in AA. VV., *História religiosa de Portugal* (Direc. de Carlos Moreira de Azevedo), II, ed. cit., 377-385 oferece um vasto quadro em que, naturalmente, se inscreve Inácio Martins, esquecendo embora o contributo de outros, como o do lóio Fr. Pedro de Santa Maria que, como, justamente, realçou Pedro V. Tavares, «Algumas notas sobre o catecismo peninsular no século XVI. De Constantino a Fr. Pedro de Santa Maria», in *Revista da Faculdade de Letras do Porto (Línguas e Literaturas)*, II (1984), 263-276 e *Os lóios e a reforma religiosa nos meados do século XVI. A "Ordem e regimento de vida cristã" de Frei Pedro de Santa Maria*, Porto, 1986 (tese policopiada), 36, 43, 46, os cronistas da sua ordem – um Jorge de S. Paulo escrevendo o seu *Epílogo e compendio* à volta de 1658 – gostaram não só de apresentar como uma das suas glórias no ensino da Doutrina, mas também de reivindicar para a sua ordem a primazia de, em Portugal, fazer a Doutrina por ruas e praças, pretensão esta última que só um cerrado estudo documental, logo cronológico também, poderia assegurar.

²⁷² Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 47, 219; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 408, 414.

estandartes»²⁷³, uma capela na igreja de S. Roque²⁷⁴ para a qual, «por meyo de Miguel de Moura, [seu] grande amigo», «procurou aver jubileus de Roma, pera todos os que em certos dias [a] vizitassem». Os referidos jubileus chegaram já depois da sua morte (28.2.1598) e foram publicados em 1599 depois de «huma soleníssima procição desde Santo Antam ate a casa de S. Roque»²⁷⁵, o que pode sugerir que essas manifestações de exaltação da Catequese e do seu ensino – bandeira..., capela..., pedido de jubileus... – haverá que situá-la nos últimos tempos do «bendito Padre» Inácio, tal como o mais acedo do seu contínuo combate contra o teatro profano²⁷⁶ – as «comédias» – em que, tal como não se coibiu, incorrendo mesmo no desagrado das autoridades – nelas se incluindo o Vice-rei, cardeal Alberto –, de pregar contra as «comédias espanholas»²⁷⁷, também, alguma vez, não hesitou em

²⁷³ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 414.

²⁷⁴ Se havemos de estar por A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 414, esta capela ficava «no corpo da Igreja correspondente à parte da Epistola do Altar Mor».

²⁷⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 414; o Padre Franco indica que novo doutrineiro era já o Padre João de Madureira, tendo o Padre Francisco Cardoso, que depois foi igualmente um sucessor de Mestre Inácio no ensino da Doutrina, pregado o sermão da publicação dos jubileus; sobre os dotes oratórios e a morte do P. Francisco Cardoso pode ler-se a comovida carta do P. Fernão Guerreiro dirigida a Cláudio Acquaviva em 26.9.1604 (ARSI., *Lus.* 74, fl. 34r-34v).

²⁷⁶ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 220: «gram perseguidor [das comédias], por causa das liberdades com que naquelles tempos se faziam estas tam ociosas representações...».

²⁷⁷ Para além da tradicional crítica e combate às comédias e outros géneros teatrais profanos levada a cabo por autoridades e ordens religiosas, a «guerra [que] contra os comediantes» fazia, como sabemos, Inácio Martins e a esperança que se punha no seu desterro, eram já assinaladas pelo provincial João Álvares em carta de 30.10. 1592, documento que é um largo relatório de «visita» sua à Província portuguesa que «al presente en lo que toca al spiritu es

utilizar a sua «infantaria» de doutrininos na invasão de um «pátio de comédias» para suspender a representação de uma peça na qual, talvez em algum dos entreactos, saía «huma dança de si lasciva, e desenvolta»²⁷⁸. «Depois pelo tempo adiante» – insinuação cronológica que nos leva para muito depois de 1598 – os membros da Congregação de N^a S^a da Doutrina dos Oficiais Mecânicos, fundada em 1612 na capela da Senhora da Doutrina, cujos estatutos proibiam a admissão de quem fosse nobre²⁷⁹ – talvez a Inácio Martins não repugnasse inteiramente esta cláusula... –, ergueram uma nova capela à sua padroeira, sendo que, «pelas orações de seu servo o Padre Mestre Ignacio

mediocre en lo commum y en muchos es mas que mediocre...» (ARSI, *Lus.* 71, fl. 277v): «Tambien halle que de nuevo se haze y cercano a esta casa [S. Roque] un recibimento y theatro para representar comedias españolas que estos Padres procurão com S. A. y com otras personas de su consejo y qualidad impedirlo, y que en los pulpitos lo contradixeron aun en la capilla de S. A. con demasiado zelo y que el no gusto mucho dello, pero por el respecto del P. Ignacio que era el predicador lo sufrio, y templo, y ay esperanças que se impidan estas representaciones por lo mucho que prejudican a los buenos costumbres y que nos dañan a la casa y concurso della...». Como lembraremos, a proibição das comédias profanas só veio a realizar-se em fins de 1597. Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 464 assinalou o documento que referimos e, mais suavemente, o combate de Inácio Martins e de outros padres de S. Roque.

²⁷⁸ Segundo Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 51, 238-239; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 409. Para um outro episódio, menos violento, do seu combate ao teatro profano, pode ver-se Baltasar Teles, *ob.cit.*, 4, 48, 220-221, e A. Franco, *ob.cit.*, 408-409 que poderá relacionar-se com o contrato que fez F. Díaz de la Torre com o Hospital de Todos os Santos, em 1591, pelo que se obrigava a pagar ao dito Hospital três quintas partes do rendimento do pátio de comédias que se propunha construir em Lisboa (G. Matos Sequeira, *Teatro de outros tempos. Elementos para a História do Teatro Português*, Lisboa, 1933, 82-83).

²⁷⁹ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 473-474.

lhe lançou [Deus e a Virgem Maria] tal bençã que por ventura nam hã en todo o Reyno capella, e Irmandade se possa com esta comparar»²⁸⁰.

Qualquer leitor das páginas das crônicas da Companhia que resumem, com forte acento no doutrineiro, a biografia de Inácio Martins, facilmente concluirá que para o «venerável Padre» – como seguramente para o seu Instituto – o ensino da Doutrina não foi apenas um «instrumento» para combater a ignorância dos *pueri et rudes* sobre os rudimentos da fé, mas também um meio de levar a traduzir esses saberes, de tantas maneiras memorizados, no dia a dia da sua vida de cristãos. Por alguma coisa o primeiro dos *Cinco tratados muito devotos e proveitosos* que, com rosto e licença autónomos²⁸¹, publicou como apêndice à *Doctrina Christam* do Padre Marcos Jorge se intitula *Ordem como hum christão deve gastar o dia* em que, explorando velhas tradições, se dão, para além dos naturais conselhos sobre que orações – e modos de as rezar – se devem fazer ao levantar..., ao deitar..., à bênção da mesa..., recomendações sobre como ouvir os sermões..., fugir de juramentos e do jogo de cartas e dados..., sobre a prática da esmola..., e ainda breves apontamentos sobre regras, que diríamos de civilidade, de comportamento à mesa que se resumem em «cortesia, temperança, [e] paciência»²⁸² e, conseqüentemente, algumas rápidas notas sobre o modo de superar esse sempre recordado perigo das «conversações

²⁸⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 414.

²⁸¹ Como já recordámos, as licenças (da Inquisição e do Ordinário) são de 1587.

²⁸² Inácio Martins, *Ordem de como hum christão deve gastar o dia* in Marcos Jorge, *Doctrina Christam...*, ed., cit., s.p. : «Quando comer benza a mesa, e nella guardara três cousas, Cortesia, temperança, paciencia. Cortesia no assentar, e fallar. Temperança em comer, e beber o necessário. Paciencia em sofrer se lhe não derem de comer a seu gosto».

depois de comer»²⁸³. Concomitantemente, e, obviamente, com muito maior relevo os outros trataditos – *Como se ha de ouvir missa...*, *Como se ha de confessar o christão...*, *Como ha de hum christão de comungar...* – desenvolvem alguns destes pontos, coroando-se por um pequeno devocionário – *Seguemse quatro ladainhas muito devotas .s. do Santíssimo Sacramento, e do Santíssimo nome de Jesu, e do Spiritu Sancto, e outras de nossa Senhora que se costumam cantar na sua sancta casa Angelical de Loreto*²⁸⁴..., *A maneira de rezar o Rosayro de nossa Senhora*²⁸⁵... – e de um breve cancionero devoto – *Cantigas dos quinze mysterios do Rosayro que os Padres da Companhia trouxerão a Portugal na era de 1563...* – donde? –, *Cantigas Devotas que o mesmo Padre escolheo, acomodadas à doutrina* (uma canção e um soneto)..., *Canção do Spiritu sancto, sobre o Hymno, Veni Sancti Spiritus*²⁸⁶..., *De nossa Senhora* (dois poemas em redondilha e um soneto)²⁸⁷..., *Da Castidade...*, *Das*

²⁸³ Inácio Martins, *Ordem de como hum christão deve gastar o dia*, in Marcos Jorge, *Doctrina Christam...*, ed. cit., s.p.: «E por quanto da conversação depois de comer se seguem muitas vezes porfias, arroidos, e outras offensas de Deos, o mais seguro he depois de dar graças não gastar muito tempo em praticas; e quando a conversação fosse perigosa, desviarse boamente, e dar hum passeio, ou ler hum pouco por hum livro spiritual, ou rezar por hūas contas».

²⁸⁴ Na verdade, este conjunto de ladainhas é o quinto dos tratados complementares da *Doctrina Christam*, segundo a edição que seguimos.

²⁸⁵ Tratadito que, salvo melhor opinião, nada deve ao *Modo de rezar el Rosário de Nuestra Señora* nem aos *Puntos del santo Rosário* de S. Francisco de Borja (*Tratados espirituales*, ed. cit., 39-42, 303-317, respectivamente).

²⁸⁶ Este poema é uma glosa do *Veni Sancti Spiritus* cujo texto se oferece em latim.

²⁸⁷ Curiosamente, nesta edição da *Doctrina Christam* que utilizamos (Lisboa, Manuel de Lyra, 1592) não vem «entre os motetes que andam na Cartilha o primeyro dos quinze mysterios que tinha elle [Inácio Martins] composto desta maneyra: *Virgen sagrada, Madre de Dios, quien en el mundo, tal como vos? Del angel Gabriel fuistis annunciada, y hablando com el, quedastes preñada del Hijo de Dios, etc.* Porem nam lhe soava bem, nem lhe contentava aquella

*bõas conversações... , Da emenda da vida... , Do desprezo do mundo*²⁸⁸ –, o que nos sugere que, para Inácio Martins, a *Cartilha* não era apenas um breve texto para ensinar os rudimentos da doutrina cristã, mas também um portátil e barato compêndio, ainda que resumidíssimo, de *ars bene vivendi* «doublé» desse também essencial e relativamente variado devocionário e cancioneiro que não deveria

palavra deste ramo *Quedastes preñada*, porque posto que explica o mysterio, com tudo desejava elle outra que dissesse mais com a pureza da Virgem purissima, e com a modestia de suas pallavras, o que veio a conseguir quando à porta de S. Roque «hum menino de muy fermoso aspecto» que lhe sugeriu substituir *preñada* por *morada*... (Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 228); A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 412, apoiado no testemunho do Irmão Agostinho da Costa nas «conferências que se fizeram das virtudes do Padre Mestre Ignacio», traz que a referida alteração lhe fora sugerida por «hum biscainho» que, segundo cria Inácio Martins que assim o dissera ao referido Irmão, seria Inácio de Loyola. Como as licenças para estes complementos da *Doctrina Christam* são de 1587, é possível sugerir que o poema referido seja ou ande em edição posterior a 1592. De qualquer modo, com todas as cautelas, é também possível propor que a poesia em causa e o contexto da sua elaboração nos remetam para esses anos decisivos de 1586 / 1587 em que o Padre Inácio Martins parece ter-se desdobrado em iniciativas apostólicas.

²⁸⁸ Aqui, evidentemente, apenas nos interessaram as «cantigas devotas» inseridas na edição de 1592, quer por ser a única contemporânea de Mestre Inácio de que, actualmente, é conhecido exemplar, quer por falta de estudos comparativos que nos assegurem de que as que lhe vêm posteriormente atribuídas são, efectivamente, da sua autoria. De qualquer modo, anote-se – o que, talvez, sirva para confirmar o que acabámos de sugerir – que nesta edição também não aparece uma canção à Virgem que, segundo o anónimo jesuíta que acompanhou Inácio Martins nas sessões de doutrina em Vila Viçosa e Évora – em 1585? –, se cantava nessa ocasião e, então, «[estavam] na cartilha»: «Virgen Sagrada, Madre de Dios, vos sois nuestra madre, que la que el pero comió, madrastra la llamo yo, etc» (BNL., Cód. 7546, s.p.). Claro que esta letra nos parece apelar, como algum exemplo profano também já referido, para alguma canção «popular» que as crianças saberiam e que o Padre Inácio «divinizaria».

destinar-se apenas – e nem, talvez, principalmente – às crianças – ainda que, como se sabe, a sua «adultorização» continuasse a ser uma pauta do seu comportamento²⁸⁹ –, mas também aos adultos que, directa ou indirectamente, assistiam às doutrinas.

Mestre Inácio, recorrendo à sua longa experiência de quase vinte anos, procurou ainda, em uma «Lembrança» que vem exactamente colocada como fecho do texto da *Cartilha* propriamente dita, sublinhar as «quatro cousas» mais importantes que devem ter presente «os que ensinão a Doutrina»: levar os moços a repassar as vidas dos santos da semana da sessão de doutrina..., encomendar, mesmo que tal levantasse as críticas dos «prudentes do mundo», que «[emendem] com cortesia os juramentos e pragas que ouvirem» – e premiá-los por isso²⁹⁰ –..., perguntar, a propósito

²⁸⁹ Convirá, talvez, chamar a atenção para que os «meninos» da Doutrina – é sempre este o termo que usam crónicas e documentos, sublinhando, além disso, que Inácio Martins detestava que lhes chamassem rapazes – nem sempre seriam exactamente o que hoje tendemos a compreender por tal, pois, como se pode perceber por alguma indicação de Baltasar Teles e A. Franco (*Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 413, por exemplo), muitos deles já rondariam o que diríamos os começos da dolescência. Com 14 anos não só se morria, como veremos, no hospital, mas também – e mesmo com menos – já se ía à guerra...

²⁹⁰ Como o autor da *Historia da fundaçam e progressos da casa de Sam Roque...* em passagem já citada, também Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 51, 235, escreve e comenta: «Nam sò lhes ensinava que nam jurassem, mas tambem que quando vissem outras pessoas de mayor idade jurando, pondose de joelhos diante delles, se assim fosse necessario, com muyta sogeiçam, e modestia lhes pedissem pelo amor de Deos que nam jurassem, e faziamno elles com tam boa graça que muytos envergonhados de tal erro e agradecidos a seus correctores, nam sò se emmendavam, senam também os apremiavam [...] E porque nam faltãram alguns prudentes do mundo, que reprovavam estes avisos, que os mininos davam aos homens, que juravam, julgando que era grande imprudencia permitir, antes ensinar a moços de pouca idade que nam sabem circunstanciar semelhantes acções, parece que quiz Deos mostrar quanto as aprovava com muytos

da «Ave, Maria», se rezam o Rosário e obrigá-los a mostrar as contas²⁹¹ – o que, como vimos, até se atreveu a «exigir» de um Arquiduque Alberto –, sendo ainda aconselhável, em tal ocasião, «contar algum milagre de nossa Senhora»..., e, finalmente, mandar ler, por «hũ moço de boa fala», «hũ pouco da ordem como hũ christão deve gastar o dia, e as mais cousas que vão adiante, s. como hão de ouvir missa, confessar, e comungar, etc.»²⁹². Não nos interesse aqui analisar esses textos, mas importe, mesmo sabendo que os cronistas também os leram e podem ter ordenado muito do que contam em função de «demonstrar» esses mesmos textos, salientar quanto as práticas aconselhadas nas doutrinas se foram traduzindo – ou parecem ter-se ido traduzindo – em formas de vida exemplar que, mesmo que não obriguem a qualquer universalização de sentido hagiográfico, nem por isso perdem o carácter de exemplo eficaz com que foram seleccionados.

Dentro dessas práticas devotas cujo cumprimento demonstrava o engenho pedagógico de Inácio Martins e a eficácia do seu apostolado através da catequese, há que destacar que «aos meninos aconselhava muito que se confessassem no dia do seu nome», o que não era senão um modo mais de tornar mais frequente a prática do sacramento que a própria *Cartilha* recomendava

casos que sucederam ...». B. Teles, no seu recordar de alguns desses casos, oferece logo depois o que poderia dizer-se uma larga glosa dessa «lembança»; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 417.

²⁹¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 225; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 426: «fazia vir de Flandres pipas cheas de contas, e as mandava fazer em Rosários, que distribuía com grande largueza, e nas Doutrinas fazia, que todos mostrassem o seu Rosário, e com isto não havia quem o nam trouxesse».

²⁹² Inácio Martins, *Ordem de como hum christão deve gastar o dia* in Marcos Jorge, *Doctrina Christam...*, ed. cit., cap. XIII, s.p.

para além do estrito cumprimento da confissão anual²⁹³. E não contente com o conselho, Mestre Inácio Martins encontrava ainda maneiras de solenizar essa data – a da onomástica acompanhada da frequência do sacramento –, fazendo não só com que «estes [que celebravam o santo de seu nome] naquelle dia [fossem] na doutrina com suas capelas na cabeça pera serem conhecidos», mas também que «algum delles na Doutrina [contasse] a vida do Sancto», texto que, por sua vez, «o Padre moralizava com grande proveito de todos»²⁹⁴. Era esta uma solenização mais – havia a dos «Doutoramentos»..., a dos solenes cortejos no Entrudo... –, que, porém, além do espectáculo em si mesmo, o oferecia personalizadas, pois os celebrantes vinham – e deviam ou deveriam sentir-se – pessoalmente distinguidos e festejados.

Naturalmente, a estes conselhos e incitamentos à prática da confissão, seguia-se que «em certos dias fazia vir os meninos a Sam Roque, onde comungavam, os que tinham idade»²⁹⁵. Lastimemos não saber com precisão quais eram

²⁹³ Marcos Jorge, *Doctrina Christam...*, ed. cit., cap. IX, s.p.: «M[estre]. Porque dizeis, ao menos hũa vez no anno? D[iscipulo]: «Porque também quando hum tem perigo de morte, ou ha de receber o sanctissimo Sacramento, e se acha com consciencia de peccado, ou duvida delle, he obrigado a se confessar por mandamento de Deos. M[estre]: Dizeis bem, meninos; mas também se diz, ao menos hũa vez no anno pera que trabalhemos de nos confessar muitas vezes, assi como muitas vezes peccamos. *Aqui se poderá o Mestre estender mais declarando os muitos proveitos que vem de frequentar as confissões, etc.*» (Em itálico no original).

²⁹⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 417. Nas «Lembranças» que vêm no fim do texto da *Cartilha* propriamente dita, a «primeira cousa» que se recomenda é «dizerem alguns moços as vidas dos Sanctos daquella somana».

²⁹⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 414. No cap. IX da *Doctrina Christam*, a propósito do Sacramento da Confissão, esclarece: «D[iscipulo]: Entendo Padre, que todo o fiel christão, como chega a ter discrição para conhecer, e reverenciar no sanctissimo Sacramento a Christo nosso Senhor que nelle está, he obrigado a comungar cada anno por dia de Páscoa, ou antes ou depois, segundo o costume do Bispado».

esses «certos dias» – indicação que nos poderia indiciar até que ponto, na prática, a periodicidade da comunhão para as crianças ia além e quanto e quando, do que recomendava em *Como se há de confessar o christão*²⁹⁶ –, mas notemos neste contexto que, profundamente devoto da Eucaristia, foi, como se sabe, Inácio Martins «[quem] introduziu irem os meninos cantando a ladainha diante do Sanctissimo Sacramento nas freguezias, e pera isso lhes dava premios»²⁹⁷, esses prémios que, como sabemos, obtinha de esmolas pedidas ou de ofertas espontâneas, e que, como forma de agradecimento pela colaboração, alcançavam também, entre outros – os cantores, por exemplo –, os mestres das escolas. A estes – grupo importante pelo contacto basilar que tinham com as crianças – que, por essa maneira ou de outra, «tinha todos de sua mão»²⁹⁸, destinava Mestre Inácio alguns desses «agnosdei de Roma» que, como em 1587, ia solicitando ao seu Prepósito Geral, já que eles, como muitos outros – cantores..., presos... –, por eles suspiravam²⁹⁹... Mas o que importa realçar aqui, para além

²⁹⁶ Inácio Martins, *Como se ha de confessar o christão* (in Marcos Jorge, *Doctrina christam...*, ed. cit., s.p.), particularizando, insiste em que «confessese, e comungue muitas vezes no anno, ao menos nas principaes festas, e no dia do sancto do seu nome...» (s.p.).

²⁹⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 417-418. Na *Ordem como hum christão deve gastar o dia* – o reclame das páginas pares deste tratadito traz *passar o dia por gastar o dia* – recomenda-se que se «acompanhe o sanctissimo Sacramento com muita devaçã e silencio onde quer que se ache» (cap. XIII, s. p.).

²⁹⁸ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 418.

²⁹⁹ Se no «primo Cinquecento» os «Agnus Dei» eram um dos motivos dessa irreverência que na Roma papal lindava com o anti-clericalismo – um anti-clericalismo feito de lugares comuns, mas nem por isso menos significativos (O. Niccoli, *Rinascimento anticlericale*, ed. cit., 19-24 em que se pode ler um soneto sobre o papa a cozinhar «Agnus Dei») –, cerca de século e meio depois, a meados do século XVII, D. Vicente Nogueira, Referendário Apostólico e personagem bem situada na Roma dos seus dias, comunicava, em 15.5.1649, ao marquês de Niza, embaixador

dessas colaborações, é o empenho – e, se os cronistas não generalizam, a arte – com que Mestre Inácio Martins procurou urdir os fios da teia social – urbana, principalmente – como suporte da catequese e da difusão de algumas devoções. Havemos de ver algum exemplo mais.

Se estas práticas devocionais que, na sua exemplaridade, podem decorrer, como demonstração sua, de conselhos expostos na *Doctrina Christam* – especialmente na parte complementar da autoria do próprio Inácio Martins –, há ainda outras que, situadas no âmbito da Caridade, nem por virem menos – ou mesmo não virem – tratadas na *Cartilha*, deixaram de constituir consequências das lições de Doutrina e do exemplo do mestre.

Um dos aspectos do apostolado de Inácio Martins junto dos doentes – ele que desejou que se publicasse um livro sobre o assunto³⁰⁰ – e para o qual, dada a fé que na sua santidade tinham³⁰¹, era, ao parecer, muito solicitado por ricos e pobres, foi a leitura do Evangelho de S. João aos

em Paris, que enviara a Pedro Vieira, Secretário de Estado, um «Agnus Dei» de Pio V para ser repartido entre alguns familiares e amigos. Meses depois, em 22.11.1649, comentava: «Nunca cuidei ser cousa de tanto preço o agnus Dei de pio 5º, que escrevy a Pedro vieira repartisse entre S. M da rainha nossa Srª marquesa minha Srª e sua mulher D. Leonor de Noronha: não porque o não mandaria mas porque o não haveria aceitado de soror urbana monja da torre despecchi, a quem o deu soror ágata irmãa mayor do Papa inocência, a qual descobrio a meu grande devoto e criado M. Antonio que lhe davão por elle sessenta escudos. e sospeyto seria crivelli residente na Baviera e se cuidara ser tanta a minha carga o haveria feyto encastoar . e presentaria a hũa das tres ditas senhoras...» (Vicente Nogueira, *Cartas*. Publicadas e anotadas pelo... A. J. Lopes da Silva, Coimbra, 1929, 129, 186 respectivamente).

³⁰⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 439: «Dizia, que dezejava muito que sahisse algum livro, que tratasse de servir aos enfermos».

³⁰¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 432: «Muitas pessoas que tinham fe nelle estando enfermas o mandavam chamar, pera lhe rezar o Evangelho de S. João...».

enfermos físicos ou espirituais³⁰², uma prática de que não conseguimos documentar nem as raízes nem a extensão. Fazia-o com relutância, porque «sentia muito que o tivessem por homem de virtude», isto é, virtuoso e santo ou, em sentido menos culto, como dizia, «por benzideiro»³⁰³. Se aos fidalgos «so hia por obediência, aos pobres nam faltava»³⁰⁴, o que era uma maneira de sublinhar tanto as suas conhecidas distâncias de princípio para com nobres e aristocratas, como a sua proximidade aos pobres. Não nos deve admirar que alguns dos seus pupilos – A. Franco, seguindo as regras do relato hagiográfico, generalizando, sugere que eram todos – «[andassem] muito disciplinados em obras santas»³⁰⁵ e que, conseqüentemente, imitassem, quanto possível, o Mestre a quem tantas vezes seguiam acompanhando depois das doutrinas. E se não os vemos presentes nas casas em que ia rezar o Evangelho a algum enfermo, sabemos que alguns o acompanhavam até lá³⁰⁶, o que nos pode fazer compreender melhor alguma cena

³⁰² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 434 conta o caso de «huma doente, que lhe parecia estar enfeitçada» a quem Inácio Martins foi rezar o Evangelho de S. João.

³⁰³ É possível que os factos e suas circunstâncias se possam relacionar com o que se apurou na Inquisição de Coimbra (Processo nº 5628) contra uma Maria Gonçalves, curandeira, em que uma testemunha cujos achaques se deviam, segundo Maria Gonçalves, espíritos e almas de familiares defuntos, declarou que, para sua cura, a mesma Maria Gonçalves lhe dissera que, além do dinheiro que tinha pagado, das beberragens que tinha tomado, das missas que se tinham mandado rezar a N^a S^a da Guia, «era necessario que falasse ao padre vigário que lhe lesse os Evangelhos nove dias e lhe degradasse as ditas almas por hum livro que tinha o vigario de Nabais...». (Devo e agradeço ao Doutor José Pedro Paiva o ter-me fornecido o extracto desse processo que aqui resumi).

³⁰⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 434.

³⁰⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 413.

³⁰⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 433.

edificante que esses mais «disciplinados» protagonizavam, como aqueles três que «no Hospital ajudavam a bem morrer a hum moçosinho de quatorze annos»³⁰⁷. Pobres ajudando a pobres? Talvez, e desde este ponto de vista é sempre possível recordar que em *Ordem como hum christão deve gastar o dia* se recomenda que «seja muito amigo de pobres, e não despreze ninguém por baixo que seja», mas não esqueçamos que o hospital – esse lugar de obras de misericórdia que tanto frequentaram os primeiros jesuítas – era, por recomendada tradição do seu Instituto e devoção sua, um dos lugares em que, naturalmente, assistia aos pobres consolando-os «levandolhes doces e fazendolhes praticas de muita edificação»³⁰⁸. E tal como não nos admira que quisesse um livro que tratasse do modo de os assistir, não nos admiraria que alguns dos seus doutrinos – dos muitos que sempre o seguiam – acompanhassem e imitassem o mestre cujo amor à pobreza era algo decorrente de um voto religioso, mas também – e sobretudo – uma atitude perante si próprio – muitas vezes, a roupeta já estava «pouco pera servir»³⁰⁹ ... , «o vestido interior nam tinha outro preço senam ser de hum sancto, porque parece que, nada

³⁰⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 413: «Hum homem indo ao Hospital se edificou de ver a tres delles, que ajudavam a bem morrer a hum moçosinho de quatorze annos. Hum delles tinha a candeia, outro dizia as ladainhas, o terceiro lhe dizia palavras proprias daquelle passo». Sem entrar em especulações sem sentido – onde e como teriam arranjado e leriam essas crianças as ladainhas próprias para esse momento, etc. –, sempre lembraremos que na *Doctrina christam* podiam encontrar a *Litaniae dulcissimi nominis Jesu, ex variis locis sacrae Scripturae decerptae* bem apropriada para o momento e que na doxologia final invocava: *Ut nomen hoc sanctissimum et viventes opere et morientes in ore habere mereamur*.

³⁰⁸ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 436.

³⁰⁹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 427.

tinha do primeiro pano»³¹⁰ ... , às iguarias preferia «ervas ou caldo, que era comida de religiosos, e pobres»... , à «cama aparatoza» que lhe ofereciam, tirava o colchão e nele dormia em terra³¹¹ ... – e perante os outros – alguma vez, como um dia em VilaViçosa, recusando deixar-se sequer tocar por fidalgos, ao passar pela «estrebaria, chamou os índios, e negros, que alli estavam, abraçouos, apertouos com seu proprio rosto, dizendo que aquelles eram os seus convertidos, e lhe mandassem novas de si, e nam esquecessem o ensino que lhes dera»... , com a esmola que lhe dão para a doutrina cuida dos escravos doentes e abandonados pelos próprios senhores que lhe davam a esmola³¹² ... –, o que, tudo somado, mesmo que lhe descontemos os tons hagiográficos, bem poderia fazer deste contemporâneo de Fr. Bartolomeu dos Mártires³¹³ um «pay universal de todos os pobres, e miseraveis, buscando esmolos, remedeando a todos, e tudo com tão boa graça e tam boas entradas que parece tinha a gente por beneficio particular concederlhe as esmolos que pedia...»³¹⁴. E isto não deve ser apenas discurso de piedoso e documentado cronista, pois o P. Baltasar Teles ainda conheceu gente «de grande verdade, e authoridade» que convivera com o Padre Mestre³¹⁵...

³¹⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 426.

³¹¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 427.

³¹² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 436, 421.

³¹³ Anote-se que, contrariamente ao que, por fácil lapso, já tem sido afirmado, a carta de Fr. Bartolomeu dos Mártires (Trento, 10.9.1562) conservada na BPADE, cód. CVIII/2-4, fl.229-230, não é dirigida a Inácio Martins, mas, sim, ao P. Inácio de Azevedo.

³¹⁴ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 51, 237.

³¹⁵ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 227.

Apesar das referências que ficaram feitas, valerá a pena recordar, sumariamente, as suas virtudes, muito especialmente a Humildade – heroicamente exercitada na sua dedicação ao ensino de *rudēs et pueri*..., na atenção com que solicitava e ouvia os conselhos de «pessoas simples e inocentes e dos irmãos coadjutores»³¹⁶..., no aceitar, de boa vontade, pregar a pequenos auditórios³¹⁷..., na cortesia com que tratava uns e outros..., no servir, como se um tirocinante fosse, na cozinha³¹⁸..., na renúncia afincada a

³¹⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 428-429.

³¹⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 430, conta esta sua disponibilidade em pregar para qualquer auditório entre as manifestações da sua humildade. E neste mesmo sentido, lembremos que também S. Francisco de Borja no seu *Tratado breve del modo de predicar el santo Evangelio*, embora prevenindo, escrevia: «Subido al púlpito, no se fatigue ni pierda el ánimo si viere que se ha llegado pequeño auditorio, antes se debe espantar cómo hay uno que le quiera oír. Y considere que ser pocos los oyentes no le quita a él un punto de su merecimiento, antes le aprovechará, en cuanto le quita la ocasión de vanagloria; y no pierda de su presencia la memoria de Cristo, maestro divino y predicador del cielo, cuando a pocos discípulos y aun a una sola mujer de humilde condición iba a predicar tan lejos y con tanto cansancio y fatiga», in San Francisco de Borja, *Tratados espirituales*, ed. cit., 453-454.

³¹⁸ J. de Guibert, *La espiritualidad de la Compañía de Jesus*, ed. cit., 65 aponta a orientação de Santo Inácio de Loyola neste sentido de empregar, durante algum tempo, os candidatos à Companhia nos serviços domésticos mais humildes, e não deixa de ser sintomático de uma cultura de humildade / obediência, que Simão Rodrigues, sendo provincial (deixou de o ser em 5.5. 1552), tenha posto o P. Leão Henriques, que largava o lugar de reitor do colégio de Coimbra para ir de superior de Évora, a servir oito dias na cozinha da casa de Lisboa (Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 5, 18, 339); o mesmo se passou com Luís Gonçalves da Câmara em 1547, quando, substituído por Luís da Grã no reitorado do mesmo colégio, foi enviado a servir por uns meses na cozinha, (R. Tandonnet, na apresentação do *Memorial – 1555* de L. Gonçalves da Câmara, ed. cit., 12).

andar a cavalo³¹⁹, como, edificado, soube que na Alemanha e Países Baixos todos faziam, até Everado Mercuriano sendo provincial³²⁰ ..., no desejo de que «o tivessem em pouco» a

³¹⁹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 437: Quando um dia, indo para Coimbra, um companheiro lhe sugeriu que, porque era velho, se servisse de umas mulas do padre provincial que, vagas, regressavam àquela cidade, «espantouse o Padre de lhe dizer tal cousa, e lhe disse [ao Irmão]: Jesus!, que edificaçam darei aos irmãos de Coimbra, se me virem, ir em tal cavalgadura, demos edificaçam, demos edificaçam. Apos isto apertou fortemente com o homem [o arrieiro], que ou avia de ficar a trás, ou ir a diante meya legoa, que em sua companhia não avia de ir. Indo a Villaviçoza pregar aos Duques de Bragança, e depois a Elvas a petição do bispo, nunca soffreo, se lhe dessem bestas de sella, antes fazia, que lhe mandassem alugar outras, e dava por rezão, que lhe parecia, que entrando o Pregador em algum lugar em cavalgadura de sella, diminuia alguma cousa do fruto, que podia fazer». Note-se, porém, que esta relutância radical em andar a cavalo deve ser já anterior a 1581, pois sabemos que vindo de Évora para Lisboa por companheiro do P. Leão Henriques († 8.4.1589) que seguia, como confessor, o cardeal D. Henrique, teve de aceitar, depois de satisfeita a dúvida junto do superior do colégio de Évora, P. Pedro da Silva, ir em «besta alugada» em vez das que lhes ofereciam da estrebaria do cardeal-infante (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 66) ed. cit., 66). Em 1556, também Inácio de Azevedo, visitou, como vice-provincial, na ausência do provincial P. Miguel Torres, as casas da província «a pè, levando diante hum jumentinho com os papeis, capas e algum sustento» (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, II, ed. cit., 64). Estas referências têm aqui apenas o interesse de chamar a atenção para um debate que sobre o andar a pé ou a cavalo poderá ter atravessado a Companhia da segunda metade de Quinhentos e para as opções e justificações de Inácio Martins frente a esse possível debate, que o próprio Inácio Martins traria a lume sempre que se lhe oferecia a ocasião, como aconteceu quando o P. Pedro da Fonseca começou a andar em mula por Lisboa, facto que o Padre Inácio assinalou a C. Acquaviva pedindo-lhe que remediasse tal «modo de proceder extraordinario» (Carta, de Lisboa, 8.8.1592, ARSI., *Lus.* 71, fl. 221r).

³²⁰ Inácio Martins, Carta ao padre Miguel de Sousa (Coimbra, 23.4.1574): «E cuidando eu que fazia mais calidade indo a pee no meyo do caminho topey com o vice provincial padre nosso Costero que vinha a pee, respondeome que isso era commum em

ponto de alguma vez querer fazer-se «doudo, para assim o desprezarem»³²¹ ..., na sua recusa de títulos de tratamento de cortesia³²² ... – e, em estreita relação com esta, o seu

toda a provincia irmãos, e padres mestres e superiores andar a pee por mais longe que este hum collegio do outro. E contoume mais hũa cousa de muyta edificação .s. que o nosso Padre Everardo Geral que agora he sendo provincial da Companhia em duas provincias da Flandes e do Rheno que são amplas e muy distantes as visitava ambas a pee, de modo que andava da Alemanha alta a baixa e da baixa a alta tudo a pee, trazendo consigo hum irmão de boas forças que lhe levava alguns papeis necessarios, o que muito me espantou polla difficuldade dos caminhos, porque naquella terra chove quasi todo o anno» («Charta do mesmo Padre Doutor Ignacio Martins pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma.s.de Anvers tee Hespanha, etc.», BPE, Cod. CX/1-17, fl.12v - 17v), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 352-359. O «Padre Costero», referido por Inácio Martins, é o flamenco «eximius concionator», Francisco Costerus (de Costere) que, segundo Charles E. O'Neill e Joaquín M^a Domínguez (Dir.), *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús. Biográfico-Temático*, ed. cit., *sub voce*, seria então reitor do colégio de Douai; seria também vice-provincial, como o tinha sido em 1565-1567? Sobre a sua obra de espiritualidade, v. J. de Guibert, *La espiritualidad de la Compañía de Jesús*, ed. cit., 49, 145, 188 *et passim*.

³²¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 427.

³²² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 431: «Assistia alli [às portas de santa Catarina] hum Corregedor, que fallando ao Padre, o chamou por paternidade; ficou assombrado de se ouvir assim chamar, e disse ao Corregedor, que elle era hum homenzinho, que se chamava Ignacio Martins», atitude que pode ser confirmada pelas críticas que numa *Concio ad fratres* (S. Roque, 1592) fez aos «pontos de honra» que via alastrar na Companhia: «Eu vejo que oje vae em 40 annos no curso que ouvimos em Sanfins avia homens Ignacio dAzevedo, Marçal Vaz, Gonçalo Alvarez, Miguel de Barros. Não me lembra que nenhum falasse por reverencia ao outro. Lembrame que falava a Ignacio dazevedo por vos. Era lingoagem daquele tempo. Agora alguns

amor à Pobreza que o levava, como vimos, tanto a cuidar de pobres..., doentes..., presos..., escravos e de «todos os miseráveis», como a sentir-se como que seu semelhante – o caso, que, desde outra perspectiva, já recordamos, da sua repugnância em cumprimentar e deixar-se tocar pelos fidalgos em Vila Viçosa e ter abraçado e tocado «com o seu próprio rosto» os índios e negros que serviam na estrebaria, parece-nos paradigmático do modo como se sentia pobre – e ainda a sua Obediência, essa virtude tão especialmente cultivada no seu Instituto. Curiosamente, como se neles vissem uma síntese da sua vida, a maioria dos casos que dão origem a reflexões dos seus biógrafos sobre a sua obediência reportam-se aos seus últimos tempos. Se «costumava dizer – e nisto não fazia mais do que repetir a doutrina tradicional sobre a obediência – que mais o edificava, e mais queria ver a hum da Companhia trabalhando na cozinha por obediência, que estar enlevado diante do Santíssimo Sacramento»³²³ –, ele, que, alguma vez (1592), exortou, como que comentando a célebre carta de Inácio de Loyola sobre a importância dessa virtude, os seus companheiros a articularem a oração com a obediência³²⁴, não só dizia

irmãos estudantes e coadjutores falãose por reverencia. Isto he descaimento claro na humildade dos irmãos. O vos não recebem bem alguns padres agasalhão a paternidade quando lha dão de fora...», Inácio Martins, *Pregações – Concio ad fratres* (BNL., Cód. 3502, fl.515r-518r), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 321-326 (325), em que se publica o texto integral dessa «prática». E não deixará de ser interessante para uma futura história das fórmulas de tratamento registar o comentário de A. Franco: «Este nome Paternidade segundo entendo, estava naquelles tempos em uma accepsam mais alteada que hoje»...

³²³ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 440.

³²⁴ Inácio Martins, *Pregações – Concio ad fratres* (BNL., Cód. 3502, fl.515r-518r), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador

que «se a Obediencia o mandasse andar com as mãos pelo cham, como bruto, o faria» – e cremos que o faria mesmo³²⁵ –, como também punha no seu cumprimento escrúpulos que não deixariam de parecer aos seus superiores finos, senão mesmo supérfluos, exageros³²⁶. Serão, porém, as duas primeiras as virtudes que o hão-de honrar no poema que editamos, consagrado a prantear o mestre da doutrina e o «pai de todos os miseráveis».

Naturalmente, mesmo sabendo que é um tópico hagiográfico, temos que acreditar que «a oraçam deste servo de Deos foy muito continua, em todo o tempo que nam occupava com a doutrina...»³²⁷, só lastimando que nada

em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 321-326.

³²⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 441, anota algum caso de pronta obediência sua, apesar do embaraçoso do caso, já que este se passava com o infante D. Duarte, duque de Guimarães.

³²⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 440: «Quando podia consultar o seu Superior, nam queria fazer cousa com duvida. Disselhe o Padre Preposito que fosse a Misericórdia, e depois às galês, que assim lhe parecia bem, mas com tudo fizesse o que lhe parecesse. Sahio de caza, hia ja a Loreto, considerou, que nam podia ir à Misericórdia fazer Doutrina, e depois às galês. Logo tornou a caza, propôs a sua duvida ao Superior, o qual lhe disse, que fizesse o que pudesse. Entam se tornou dizendo ao companheiro, que hia muito consolado, que se nam aviam de fazer as cousas com duvida quando se podia fallar com o Superior. E assim fez a sua Doutrina na Misericórdia, e tendo tempo ainda foi às galês».

³²⁷ Independentemente do tópico, a fórmula com que o traduz Baltasar Teles (*Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 52, 240), poderia, por sua vez, remeter, como eco da formação de um jesuíta do século XVII, para a aclaração, por parte da IV Congregação, de um princípio das *Constituições* da Companhia (VI, c.3, n.1) no sentido de que «los religiosos formados, profesos y coadjutores, [...] pueden, contando con la obediencia, dar a la oración y a las lecturas piedosas todo el tiempo que les dejen libre

se nos diga de práticas concretas suas num tempo em que ainda se faziam sentir as «dificuldades y controversias» em torno da oração na Companhia desencadeadas – especialmente – pelas obras e práticas de um Francisco de Borja..., de um António Cordeses e outros³²⁸. Apesar de o espreitarem durante a noite³²⁹ – os santos e os menos santos, desde Francisco de Assis a uma Soror Maria da Visitação, sempre tiveram quem andasse a espreitá-los pelas fechaduras... –, nada de preciso nos revelaram..., pois o passar a noite em oração..., as visitas a igrejas e capelas..., a sua adoração do Santíssimo Sacramento³³⁰..., a sua exactidão no rezar do breviário³³¹..., perpassam nas páginas de toda a hagiografia post-tridentina centrada na figura do sacerdote ou do religioso... Alguma vez, num tempo em que apenas se recomendava, com empenho, é certo, a sua prática³³², vemo-lo, por conselho de um Irmão, entrar em «exercícios»³³³... Apesar de pensar e praticar que

las obras de celo y las otras ocupaciones necesarias» (J. Guibert, *La espiritualidad de la Compañía de Jesús...*, ed. cit., 168, 169.

³²⁸ J. de Guibert, *La espiritualidad de la Compañía de Jesús*, ed. cit., 53, 132, 136, 148, 155, 157, 158 et passim.

³²⁹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 52, 240; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 423.

³³⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 405.

³³¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 426.

³³² Ignacio Iparraguirre, *Historia de los Ejercicios de San Ignacio. II. Desde la muerte de San Ignacio hasta la promulgación del Directorio Oficial (1556-1599)*, ed. cit., 257-320 em que se assinalam recomendações e resistências de diversa índole da sua prática pelos jesuítas até à sua obrigatoriedade anual imposta pela VI Congregação Geral (1608); J. de Guibert, *La espiritualidad de la Compañía de Jesús*, ed. cit., 166.

³³³ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 433: Um Irmão, «desdenhando a pregação», notara-lhe que no sermão estivera «seco», aconselhando que «se sua Reverencia se recolhesse em Exercícios [...] faria muito fruto. Logo foi pedir

«era boa mortificação servir-se hum a si mesmo»³³⁴, a sua mortificação do corpo com disciplinas – nota igualmente comum a qualquer hagiógrafo dos seus dias – não deixou de impressionar os que, quando o curavam³³⁵ ou o amortalharam, lhe descobriram a violência, como a outros que, apesar de se disciplinar em lugares afastados e secretos para o fazer «à sua vontade, sem testemunhas que o vissem», a tinham já ouvido e sentido³³⁶... Mais bem conhecidas nos são as suas devoções³³⁷, muito especialmente as que divulgou. Antes de mais, todos acentuam a sua devoção à Virgem – Senhora da Vera Cruz³³⁸..., Senhora da Conceição³³⁹..., Senhora do Rosário..., Senhora das Graças³⁴⁰...,

licença, pera entrar a ter Exercícios de Santo Ignacio, dizendo que o dito do Irmão era de Deos».

³³⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 439.

³³⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 440.

³³⁶ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 49, 227; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 439; o mesmo cronista (*ob. cit.*, ed. cit., 438) aponta que se disciplinara depois de pregar.

³³⁷ Jacques Le Brun, «Devoción y devociones en la Época Moderna» in *Historia y Grafía*, 26 (2006), 59-75, trabalho fundamental para a compreensão do sentido de «devoção» e a dinâmica da difusão das «devoções», já então recolhido in Jacques Le Brun, *La jouissance et le trouble*, Genève, 2004, 91-108.

³³⁸ Por ignorar o seu antigo nome, mantivemos esta designação da ermida da sua Gouveia natal que, segundo informa Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 216, é posterior aos anos de Inácio Martins.

³³⁹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 221 e A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 411, 425, a devoção à Senhora da Conceição manifestava-se na sua imagem numa das faces das verónicas especiais destinadas a premiar os «eminentes» entre os doutrinários.

³⁴⁰ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 221: «levantando a bandeyra da sancta doutrina em hum lugar eminente à porta da ermida de Nossa Senhora da Graça...»; *id.*, *ob. cit.*, 50, 231: «fazendo doutrina no Corposanto no seu lugar

Senhora da Penha de França³⁴¹ ..., Senhora do Loreto³⁴² ... – manifestada na sua juventude³⁴³ ..., depois quando estudante em Sanfins³⁴⁴ ..., na invocação do seu patronato no ensino e na bandeira da doutrina... – Na^a Sa da Doutrina –, nas visitas a igrejas e capelas suas tanto em Portugal como ao atravessar a Europa – as suas cartas de viagem estão repletas de referências a relíquias e lugares marianos –, na busca de livros de milagres seus que leu..., copiou... ou, ainda, quis que se coligissem... –, nas ladainhas e poesias que lhe consagrou que andam na *Doctrina Christãa*..., no

ordinário, sobre a escada de nossa Senhora da Graça»; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 423.

³⁴¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 447.

³⁴² Inácio Martins, Carta aos padres e irmãos de Coimbra, Anvers, 21.9.1573 (BGUC., Ms. 584, fl.595r), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 343-351 (343-344), em que descreve fervorosamente a sua visita ao santuário de Loreto, tendo mais tarde, como veremos, procurado com afinco, o livro dos seus milagres, colecção que se ia escrevendo quando por lá passou. Na «sua» *Cartilha* deixou umas *Litaniae Deiparae Virginis, ex Sacra Scriptura depromptae, quae in alma Lauretanae decantari solent*, título que, ao parecer, apresenta algumas variantes em edições posteriores.

³⁴³ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 214: mesmo que descontássemos a sua formulação hagiográfica – «...porque sendo minino, ordinariamente estava recolhido em hũa ermida da Senhora que está em hum outeyro, junto da villa de Gouvea à qual chamam hoje nossa Senhora da Vera Cruz, que he casa de muyta romagem, e de muytos milagres» –, o que ainda pôde testemunhar o próprio P. Teles – «à qual depois o mesmo Padre Ignacio Martins, sendo já da Companhia, pela grande devaçam que lhe tinha, fez muytos donativos de frontaes, vestimentas, e outras peças (que eu vi, com as escrituras, e doaçoens autenticas) alcançando outras boas esmolos, pera esta ermida» – parece ser suficiente para garantir uma fidelidade à recordação das suas vivências juvenis.

³⁴⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 423.

fervor com que propagava o rosário³⁴⁵... e até em certos arremedos de cortesias palacianas com que a honrava³⁴⁶... A «grande devoçam» ao Santíssimo Sacramento que, como sabemos, tanto incutia aos seus doutrininos³⁴⁷, levava-o a celebrar, sempre que possível, depois de se confessar, missa diariamente³⁴⁸ – alguma carta sua relata os esforços que nisso punha e como para isso aproveitava todas as ocasiões³⁴⁹ –, a defender, com riscos de ser mal interpretado, que o ouvir missa antes de qualquer acontecimento importante facilitava a sua resolução³⁵⁰... e ainda, sem falar em casos

³⁴⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 426.

³⁴⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 423: «Diante de sua Imagem no cubículo rezava de joelhos o Ofício Divino, e fazia outras devaçõens. Depois se assentava hum pouco em huma cadeira raza sem encosto, porque a de encosto tinha elle sô pera os hospedes. Como hum Padre instasse, que se assentasse na de encosto, lhe respondeo, que nam o costumava fazer, porque ninguem se assentava em cadeira de encosto diante del-Rey, nem pedia a rezão que alli diante da Senhora tal fizesse, por isso uzava da cadeira raza».

³⁴⁷ Segundo A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 414, não deixa de ser interessante anotar, como indício possível de uma estreita simbiose das duas devoções, que aos doutrininos que para tal tinham idade, quando vinham a S. Roque para comungar «o Padre os exhortava à devaçam da Senhora», o que bem poderia ser o seu modo de glosar a oração *Communicantes, et memoriam venerantes, in primis gloriosae semper virginis Mariae, Genitricis De et Domini nostri Iesu Christi* do Ordinarium Missae.

³⁴⁸ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 426.

³⁴⁹ Inácio Martins, Carta ao padre Miguel de Sousa, Coimbra, 23.4.1574 («Charta do mesmo Padre Doutor Ignacio Martins pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma .s. de Anvers tee Hespanha, etc.», BPE, Cod. CX/1-17, fl.12v - 17v) in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 343-351 (355, 356).

³⁵⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 418-419.

extrordinários que sublinharam, alguma vez, esta sua devoção³⁵¹, a elaborar uma ladainha em seu louvor que pôs nos apêndices da «sua» *Cartilha*³⁵²... Santo António foi da sua especial devoção – a ele recorria em desastres e situações difíceis³⁵³ – e quis vê-lo no seu cúbiculo quando adoeceu de morte³⁵⁴. E se, como salientámos, não temos testemunhos seus sobre a transformação que, segundo os cronistas, se deu no seu modo de pregar depois de ter visto as relíquias do santo em Pádua, sabemos que, depois de ver e cheirar a sepultura de Santo António – «he tam grande a flagrancia de seu corpo que cheirão os marmores a pastilhas» –, Inácio Martins celebrou missa «onde esta o santo pedindolhe que nos alcançasse boa viagem»³⁵⁵. Perante tudo isto – escolhas existenciais que hoje dizemos a sua «auto-construção» da santidade³⁵⁶ – nada admira que «tivesse sempre aberto na sua meza o *Flos sanctorum*»³⁵⁷ e, como já salientamos, houvesse registado, nas suas cartas, a propósito de relíquias e templos – Monserrat..., Pilar

³⁵¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 425.

³⁵² *Litaniae Sacrosanctae Eucharistiae ex a Sac. Scriptura, Conc. Trid. santisque patribus depromptae*.

³⁵³ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 50, 231; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 420.

³⁵⁴ «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, I, ed. cit., 117-118.

³⁵⁵ Inácio Martins, Carta aos padres e irmãos de Coimbra, Anvers, 21.9.1573 (BGUC., Ms. 584, fl.595r), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 343-351 (344).

³⁵⁶ Sofia Boesch Gajano, «Introduzione» a *Il santo patrono e la città. San Benedetto il Moro: culti, devozioni, strategie di età moderna* (a cura di Giovanna Fiume), Venezia, 2000, 20.

³⁵⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 426.

de Zaragoza..., Santa Maria in Portico em Roma..., Loreto..., Assis..., em Zephel..., em Spira..., em N^a S^a de Hao...-, as «maravilhas» e milagres do Santíssimo Sacramento..., de santos... e, muito especialmente, da Virgem – «soo de Nossa Senhora ha em Roma 34 igrejas e todas estas estão acompanhadas de mãos, pees, braços, corpos de çera e de muitas tábuas pequenas com letreiro *ex voto* e pintura que declara a mercê que por intercessão da Virgem receberão»³⁵⁸ – e não só tivesse copiado alguns, pedido coleccções de muitos e ainda comprado livros sobre outros³⁵⁹, mas também, em sermões e práticas, os divulgasse como há-de igualmente testemunhar a *Elegia* que publicamos.

Depois de em 1590 – ano em que subiu muitas vezes ao púlpito – ter pregado o sermão – comovido, no

³⁵⁸ Inácio Martins, «Carta que o Padre Ignacio Martins escreveo de Roma aos irmãos da Companhia do Collegio de Coimbra a anno de 1573» [Junho?] (BPE. Cód. CIX / 2-13, nº 7), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., 334-342 (340).

³⁵⁹ Inácio Martins, Carta ao padre Miguel de Sousa, Coimbra, 23.4.1574 («Charta do mesmo Padre Doutor Ignacio Martins pera o Padre Miguel de Sousa do resto do caminho de Roma .s. de Anvers tee Hespanha, etc.»(BPE, Cod. CX/1-17, fl.12v -17v), in José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 352-359 (358): «A obra que este santo [Ildefonso] fez a honra da virgindade de Nossa Senhora achei impressa em Envers e compreya e a tenho aqui em Coimbra». O P. Inácio refere-se, muito provavelmente, ao *Aureus libellus de illibata virginitate sanctae Mariae, genitrici De, ac dominae nostrae, industriae fratri Michaelis Carrança valentini nunc primum in lucem editus, et scholiis...*, Valentiae, Vidua Joannis Mey, 1556, já que edição de Paris, Sebastien Nivelles, 1576 é posterior à sua estadia em Anvers.

dizer dos testemunhos indirectos que dele nos chegaram – das exéquias do P. Jorge Serrão († 8.8.1590)³⁶⁰, entre 2 e 14.5.1593 participou na congregação provincial que, reunida em S. Roque sob a presidência do P. João Álvares, preparou a participação dos jesuítas portugueses na congregação geral da Companhia que se reuniria em Novembro desse ano em Roma³⁶¹. Dentre a sua intensa actividade de pregador nesses anos, destaquemos, dada a relevância política e social dos acontecimentos, os cinco sermões que, incitando à coragem e à resistência – com pouco fruto, aliás, dado a fuga da população de Lisboa – pregou em 1596 contra os ingleses que atacavam portos do Algarve e ameaçavam Lisboa³⁶². Com todos estas ocupações e preocupações partiu para o colégio de Coimbra a participar noutra congregação provincial que, sob o governo do P. Francisco de Gouveia, lá se havia de juntar a partir de

³⁶⁰ Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano...*, III, ed. cit., 192: «De sorte que o V. P. M. Ignacio Martinz da Companhia de Jesu, bem conhecido neste Reino por sua muita virtude, pregando depois em S. Roque nas [exéquias] do Religioso P. Jorge Serrão, avendose espraído em seus benemeritos louvores, concluiu sentidissimo com estas formais palavras: *Faltárão de pouco à Igreja, tres famosas columnas que ajudavão a sustentalla. Como foi da nossa Religião o dito Padre, da Dominicana Fr. Luis de Granada, e da Trinitaria Fr. Roque do Espirito Sancto* que não he pequena abonação sua [Fr. Roque], por ter sido dito de pessoa tam grande, tam virtuosa, e tam sancta». Este sermão, se não erramos, não se encontra entre a colecção das *Pregações* de Inácio Martins conservadas nos três códices já referidos da BNL.

³⁶¹ *Acta congregationis provinciae lusitaniae quae habita est Olissipone in domo professi D. Rochi mense Mayo Anno 1593*, B.N.L., ms. 753, fol. 5r-13v.

³⁶² José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 231-368, em que se publicam esses cinco sermões.

20 de Abril de 1597³⁶³ para eleger procuradores e estabelecer petições a enviar á congregação geral que se havia de reunir em Roma sob a presidência de Cláudio Acquaviva. Se sabemos que partiu para Coimbra e que não voltou a Lisboa, não conhecemos a data certa da sua viagem nem o caminho que levou.

Mesmo que conhecêssemos o trajecto mais usual de Lisboa para Coimbra seguido por um viajante dos fins do século XVI, nunca saberíamos com segurança se teria sido esse o itinerário de Inácio Martins, já que sempre aproveitou para ir pregando por onde passava, o que poderia obrigar ou sugerir desvios. Os cronistas apenas dizem – sem terem em conta as dificuldades dos caminhos acrescidas pelas ameaças de guerra..., pelas enormes cheias no Ribatejo «e em outras muitas partes do Reino»³⁶⁴ – ..., que, segundo o P. Baltasar Teles que, se não conta tudo o que sabia, teve informadores que ainda colaboraram com o Padre Mestre, «sahio de Lisboa com tres noviços, caminhando a pé, e fazendo sempre doutrina com elles pelos caminhos, conforme seu sancto costume», informação que A. Franco, quase pelas mesmas palavras, confirma, apenas chamando a atenção que, em lugar dos três noviços, havia quem dissesse que fora «com outro Padre», talvez o P. João Correia³⁶⁵. Esta informação dos dois cronistas não condiz, porém, com a informação do autor do documento que publicamos, já que esse, dirigindo-se ao Oceano, lastimoso pela morte de

³⁶³ *Acta in congregatione provinciali provinciae lusitaniae Cominbriça 20 Aprilis Anno 1597* (BNL., Cód. 753, fol. 23r-30v).

³⁶⁴ Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 338.

³⁶⁵ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...Segunda parte*, ed. cit., 4,52, 241; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 442. Contudo, mais adiante, na mesma obra, ao tratar do P. João Correia, A. Franco, parecendo, então, optar pela hipótese de Inácio ter sido acompanhado por «outro Padre», escreve: «Avendo congregaçam em Coimbra elle, e o Pde. Ignacio Martins foram a pé até Coimbra pregando e doutrinando, posto que encontrei em outro documento que o Padre Ignacio fora com huns noviços» (*Ob. cit.*, 616).

Inácio Martins, indica, em nota, que Inácio se embarcou em Sesimbra com destino à cidade do Mondego³⁶⁶... Não tentemos conciliar os testemunhos imaginando que embarcou até à Figueira da Foz / Buarcos e depois foi até Coimbra a pé doutrinando e pregando³⁶⁷... Embora A. Franco aponte algum pormenor do itinerário por terra que, se referido a esta ocasião, o poderia tornar mais convincente³⁶⁸, a indicação da *Elegia*, por tão rara – a menos que tenha sido uma «realística» invenção poética para universalizar a perda do grande jesuíta –, parece indicar uma realidade que os cronistas não registaram ou porque, naturalmente, estavam mais preocupados com uma exaltação que coubesse em moldes hagiográficos sublinhadores do tipo de vida que fez até à morte, ou porque, por tradição oral ou escassa difusão do documento que editamos, não chegou ao seu conhecimento. Qualquer que tenha sido, porém, o caminho que percorreu, se não conhecemos a data em que partiu, sabemos, com segurança, que chegou a Coimbra antes de 20.4.1597, dia em que, sob a presidência

³⁶⁶ ARSI., *Hist. Soc.* 177, fl. 180r-185v: *Do sentimento que mostrou a gente da cidade de Lisboa quando soube da morte do bom Pe Ignacio Martins defunto no collegio de Coimbra a 28 de fivreiro do anno de 98*: «Mais queixumes faz sizimbra* / ao mar, que nella soa, / da cidade de Lisboa / deyxar ir para Coimbra / a quem na fazia boa» (2). * Nota à margem: «Fala co mar aonde o p. embarcou».

³⁶⁷ António dos Santos Rocha, *Materiais para a história da Figueira nos séculos XVII e XVIII*, Figueira da Foz, 1954, 74 *et passim*, nada oferece que permita saber ou sugerir se os barcos de pequena lotação que vinham à Figueira – o estado da barra não permitia outros de maior lote –, transportavam passageiros ou até se algumas das mercadorias que lá chegavam, eram embarcadas em Sesimbra.

³⁶⁸ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 437; «Indo para Coimbra, e chegando a Tancos, tinham alli chegado as mulas do Padre provincial com dous religiosos nossos, e voltavão de vago, entam disse o companheiro ao Padre Ignacio, que tomasse huma daquellas mulas, pois era velho...». A indicação não está datada e a indicação de que, à data, Inácio Martins era «velho» pode muito bem dizer respeito a 1577, quando já teria cerca de 50 anos, idade que para o tempo era considerada de velhice.

do Padre Francisco de Gouveia, começou a congregação provincial em que tinha de participar e, como registam as actas da reunião, em que participou. Com alguns riscos, é possível propor que tenha chegado a 7 de Abril³⁶⁹. Naturalmente, a sua vinda era sabida não só dos do Colégio da Companhia onde «foi recebido como se pelas suas portas entrasse hum Anjo do Ceo», mas também da cidade, que o atendeu como «se lhe entrasse hum homem sancto»³⁷⁰, o que explica muito bem que «naquella mesma tarde o [viesses] visitar o Bispo Dom Affonso de Castelo Branco» e que, tendo-o obrigado a «pregar logo ao outro dia na sé, sem mais descanso nem aparelho», a ouvi-lo «acodio a cidade toda», «persuadindose a gente, que hiam ouvir hum homem sancto». A mesma fama de pregador e, talvez, sobretudo, de «pregador sancto», torna compreensível que «o mesmo concurso [de gente] havia todas as vezes que sahia a publico»³⁷¹. Como não nos constam, para os anos anteriores mais próximos, outras idas suas a Coimbra, podemos sugerir que, tendo-a deixado em 1581, este era,

³⁶⁹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...Segunda parte*, ed. cit., 4,52, 241, e A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 442, indicam que chegou a Coimbra «em vespóra do Domingo de Pastor bonus»..., o que, se a nossa compreensão do calendário litúrgico dos fins do século XVI, baseada nas lições do Breviário Romano reformado por Trento, está correcta, indica que chegou a Coimbra nas vésperas da *Domenica secunda post Pascha*, que nesse ano de 1597 ocorreu em 8 de Abril. Pelas contas de hoje, teria chegado a 7. Apesar de tudo, conviria saber – e não o sabemos – o que entendia o P. Baltasar Teles por «véspera» – o dia exactamente anterior ou um dia inteiro antes, pois tudo depende do modo de contar o começo e o fim dos dias? – e ainda se os jesuítas portugueses teriam já adoptado essa reforma do breviário e, por outro lado, se a indicação de Baltasar Teles, que é a fonte de A. Franco, tem por base qualquer outro calendário.

³⁷⁰ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...Segunda parte*, ed. cit., 4,52, 242; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 442.

³⁷¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...Segunda parte*, ed. cit., 4, 52, 241; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 442.

em 16 anos, um novo encontro – e último – com a cidade e colégio onde se fizera jesuíta..., ensinara..., recebera o grau de Mestre..., pregara..., servira na cozinha e onde agora, em vão, queria, para poder mais discretamente disciplinar-se, «habitar no corredor da terra [...] no qual [estavam] algũas officinas da casa, aonde nenhum dos nossos habitava»³⁷². É nessa Coimbra com os seus estudantes e, por esses anos, com grande número de pobres e doentes – a ponto de se pedir que os «irmãos nobres da Mesa [da Misericórdia] não fossem à guerra» para os servir –, com escassez de cereais e fome e, pouco depois, em 1598³⁷³, assaltada pela peste, que, acabada a Congregação (2.5.1597), perante «tantos rogos do Collegio, do Bispo e da Cidade», aí permanece «pregando, e fazendo doutrina, como costumava em Lisboa»³⁷⁴. Lastimemos que, uma vez mais, não tenhamos dados precisos sobre a sua actividade pastoral em Coimbra, mas podemos sugerir que, fosse por que motivo fosse – idade..., cansaço..., «ordem» (calendário?) da catequese estabelecida pelo Colégio ...–, não deveria ter sido tão intensa como na capital do reino, pois ele mesmo, recapitulando o que já sabemos, dizia que «nam avia ocupaçam bastante pera elle em Coimbra com pregar os Domingos, e alguns outros dias, e fazer Doutrina conforme a ordem do Collegio, porque em Lisboa, afora pregar muito mais vezes, fazia Doutrina aos Domingos, e dias sanctos pela cidade; às segundas feiras no Castello, a que acodiam os soldados Castelhanos; às quartas fazia na Misericórdia aos pobres; outro dia da semana ensinava os homens do mar, e os moços de trabalho, que servem

³⁷² Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 52, 241; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 442.

³⁷³ António de Oliveira, *A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640*, I, Coimbra, 1971, 269, 270.

³⁷⁴ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 52, 241; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 442.

na ribeira. Hia também a Alfama, e vizitava as escolas dos meninos...»³⁷⁵. De qualquer modo, deverá ter sido por sugestão sua que a congregação provincial, talvez ciente do pedido que no mesmo sentido fizera, em 1594, o P. João Correia³⁷⁶, também presente na assembleia, aceitou examinar que *petendum esset a R. P. nostro ut rectores, professi et coadiutores spirituales iuxta constitutiones ac decreta per 40 dies intra tempus praestitutum, doctrinam christianam sine dispensatione doceant*. Donde resultou que «*Visum est congregationis sanctum doctrinae christianae ministerium omnibus studiis ac favore promovendum, et vicare a provincialibus non nisi ex causa (ut sit) dispensandum, R. tamen Provinciali nostro minime proponendum*»³⁷⁷. E talvez, porque pregou menos, desse ano que passou em Coimbra, se não conhecemos, com segurança, qualquer sermão de 1597³⁷⁸,

³⁷⁵ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 421.

³⁷⁶ João Correia, Carta de Lisboa, 9.7.1594, a Cláudio Acquaviva [ARSL., *Lus.* 72, fl. 199r-200r (199r-199v)]: «La 4 [«cosa digna de reformation»] es que la doctrina christiana, siendo intima substancia de nuestro Instituto jacet, aut saltem valde languet in Hispania, et in Itália (exceptis Geneuensi, et Turonensi collegiis) y assi como V. P. hizo una letra en que exhortava los nuestro a la reformation de espirtitu, y outra a hazer los Exerçicios spirituales, assi parece era bien hazerse outra en que se exhortasse efficazmente a se despiertar este exercicio en general y en especial en los professos, los quales no cumplen como conviene com la obligacion de los 40 dias de la doctrina christiana, quando los hazen professos, y lo mismo digo de los rectores».

³⁷⁷ *Acta in congregatione provinciali provinciae lusitaniae Cominbriça 20 Aprilis Anno 1597* (BNL., Cód. 753, fl. 27r).

³⁷⁸ José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 368. À data desse ensaio (2004), perante a dificuldade de ler no ms. o ano exacto do sermão que, contrariamente à larga maioria dos casos, não vem indicado no início do texto (BNL., Cód. 6271, fl. 38), mas, sim, em nota posterior (fl. 45), optamos por 1597 para o sermão

conhecemos apenas três de 1598, sendo que nenhum deles é dos dois últimos que pregou – 1ª Sexta-feira e 1º Domingo da Quaresma – nesse ano³⁷⁹. Sabemos que nesses dias de 1597 / 98 participou numa junta de padres professos convocada pelo provincial «em que se tocou certo ponto sobre a oração» – suspeitamos, pelo que achamos sobre a sua intervenção, que se discutiria a legitimidade de rezar encostado o breviário³⁸⁰ –, tal como sabemos que, furioso, escreve a Afonso de Lucena, desembargador dos duques de Bragança, pedindo-lhe, como já sabemos, que não só não atendesse o pedido de um seu irmão que solicitava «huma igreja, ou remédio de vida», mas também que o fizesse sair de Vila Viçosa...

Mesmo que em Coimbra, dadas as suas queixas, possa ter tido algum descanso, olhando para todas estas suas actividades apostólicas ao longo desses seus últimos vinte

«Dom. 2 do Advento» que aí se encontra, o que hoje nos parece difícil de aceitar, dado que, como indicámos, Inácio Martins terá chegado a Coimbra na véspera do «Domingo de *Pastor Bonus*», isto é, da *Dom. secunda post Pascha*. Mestre Inácio foi, em data que não podemos precisar e se A. Franco (*Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 421) não fundiu datas e acontecimentos diferentes, pregar o Advento e Quaresma a Coimbra e, então, esse sermão poderia ser desses dias.

³⁷⁹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 52, 242; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 442.

³⁸⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 423: Nessa ocasião, «...disse o Padre Mestre Ignacio estas palavras: Sincoenta, e dous annos hã, que estou na Companhia, nunca em todos elles me encostei na oraçam»... É, naturalmente, esta referência aos 52 anos em que era jesuíta que nos permite datar desta sua estadia em Coimbra a sua participação em tal junta, embora saibamos que, pelas contas de hoje, Inácio Martins, recebido em 1547 e falecido em 1598, foi jesuíta durante 51 anos. A sua contagem pode, porém, aceitar-se por, na altura em que a proclamava, já ter, provavelmente, entrado no 52º, o que nos levaria aos começos de 1547 e de 1598. De qualquer modo, a sua participação na junta de Coimbra deverá datar dos seus últimos tempos de Coimbra.

anos em que, com voz e cana, tanto trabalhara, compreendemos muito bem que, alguma vez, tenha desabafado com um seu companheiro: «nam me posso bolir, ando fraquissimo, ainda que todos cuidam que Ignacio he de ferro...». E receando que, por consequência, quisessem aliviar-lhe o trabalho, acrescentava: «Mas, tâ, nam o saiba ninguem, porque me tomaram logo da mam a cana da sancta Doutrina, se souberem que Ignacio nam se pode ter em pè»³⁸¹ e perguntava «que santo avia avogado das forças...»³⁸².

Velho, usando bordão³⁸³, chagado pelas disciplinas³⁸⁴ e cansado por tantos anos de um intenso e esgotante apos-

³⁸¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 421.

³⁸² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 439.

³⁸³ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 429.

³⁸⁴ Os dois principais cronistas, com os esperáveis toques de hagiografia, parecem rivalizar na ponderação do seu disciplinar-se, pois se Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 52, 242, escreve que em Coimbra «testemunhavam alguns, que parece sentiam tremer a casa ao som das suas disciplinas [...] Tal, em fim, foy achado e visto o corpo do P. M. Ignacio, que os que assim viram esse raro espectáculo, diziam, que parecia hum *Ecce homo*», A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 442, anota: «Quando depois de morto foram a amortallar seu corpo [...] Estava todo o corpo denegrado, como se toda a vida andara à torreira do sol. Por todas as partes se lhe viam grandes sinais de chagas, e feridas das disciplinas, porque não avia parte do corpo que não abrangessem. Vinte annos avia, que todos os dias se disciplinava com estranho rigor por espaço de três quartos [...] Os nossos religiosos que assim o viram admirando o rigor, que denotavam aquelles vestigios, diziam que parecia hum *Ecce homo*». Amplificação barroca, ou consulta, mesmo que amplificada, de testemunhos arquivados, em Coimbra, pelo P. Manuel da Veiga ou do «sumário de virtudes» que foi feito pelos padres de S. Roque (Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 253; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 412)? Muito mais provavelmente da «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz» (*Memorial de*

tolado – pregar nas cidades e nos campos..., catequizar pelas igrejas e ruas..., visitar escolas..., inventar ocasiões e manifestações que atraíssem crianças das ruas para a Doutrina..., confessar..., recompilar ladainhas e orações..., buscar lembranças para catequistas e cantores..., visitar hospitais e pobres..., pedir esmolas..., visitar e defender pobres, escravos e presos..., acomodar-se, com pouca vontade, a caprichos de poderosos..., escrever cartas, não muitas, é certo³⁸⁵ ..., etc. –, adoece, em Coimbra, na primeira sexta-feira da Quaresma e, apesar disso, avaliando-se mal – encobrimdo-o ele mesmo – o seu estado, ainda pregou, como se sabe, no domingo seguinte, 1º domingo da Quaresma. Depois, agravando-se a situação – «caindo huma vez e duas no cham a modo de accidente» –, trataram, em vão, da sua cura, suspeitando que «por mui particular mercê, e providencia de Deos tivera vir morrer a Coimbra». Nada nos admira que, como diagnosticaram os médicos, este homem que cortava sem contemplações com os tradicionais convencionalismos quando assentes

várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus, ed. cit., 119), escrita, como já sabemos, nos mesmos dias da sua morte ao P. Pedro da Fonseca pelo P. João Correia, quem, qualquer tenha sido o itinerário que seguiu de Lisboa para Coimbra, pode muito bem ter sido seu companheiro de viagem. Que, efectivamente, João Correia tomou parte na congregação provincial de 1597 garantem-nos as respectivas *Acta in congregatione provinciali provinciae lusitaniae Cominbriça 20 Aprilis Anno 1597* (BNL., Cód. 753, fol. 23v).

³⁸⁵ Talvez alertado pela pouco abundante correspondência de Inácio Martins que conhecia – e, contudo, parece ter conhecido mais do que nós hoje –, A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 432, escreve: «Fogia muito de escrever cartas, e quando era a isso obrigado, andava buscando alguém que lhas ditasse, e notasse. Dizia que mais lhe custava escrever huma carta, que fazer huma pregação...». E não deixará de ter algum interesse para a história da *ars de bene conscribendis epistolis* o comentário do mesmo P. Franco a esta notícia baseado, certamente, nas que leu: «Sendo assim, que no escrever, se se deixava levar do seu natural discurso, era mui avizado, cortezam, e politico, e ninguem lhe ganhava nestas matérias...».

apenas no socialmente convencional – recorde-se, de novo, o seu comportamento para com fidalgos e escravos em VilaViçosa – e que, por isso mesmo, se fazia, muitas vezes, distraído para com as regras de cortesia, arriscando a passar por descortês – lembremos que, quando saía de viagem, não se despedia de seculares... , que entrava em casa de gente nobre sem dizer palavra³⁸⁶... –, que em questões de favorecimento próprio ou de parentes seus podia entrar em repentina fúria... , e, porque não?, corajoso a contrariar o que considerava atropelos ao respeito devido à casa de Deus e ao seu Instituto... , este homem, dizíamos, nada nos admira que tivesse morrido «de continuo trabalho e esfalfamento»³⁸⁷, ao fim da manhã de 28 de Fevereiro de 1598, um sábado, isto é, cerca de duas semanas depois de ter adoecido.

A sua obediência na doença – no tomar de remédios e alimentos –..., os seus escrúpulos ao contar o tempo de jejum exigido para comungar por causa da «variedade dos relógios» no bater das horas³⁸⁸ – um «desconcerto» que, desde outros pontos de vista, explorou, criticamente, D. Francisco Manuel –, o balanço dos seus dezassete anos dedicados ao ensino da Doutrina³⁸⁹..., a alegria por,

³⁸⁶ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit. I, 432, 433, casos que, para A. Franco testemunham a sua humildade.

³⁸⁷ «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz» (*Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 119).

³⁸⁸ «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz» (*Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 116).

³⁸⁹ «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz» (*Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 118): «Neste tempo o virão rir claramente por muitas vezes, e metendolhe huma cana da doutrina na mão festejou com particulares mostras de alegria e por então nos mostrou o que dantes nos tinha dito que quando cuidava nos 40 anos que tinha pregado temia que na outra vida fosse bem castigado, mas nos 17 que trouxe na mão a cana da santa doutrina não achava senão de

finalmente, terem sido desterradas as comédias e comediantes³⁹⁰, um velho combate seu..., os seus colóquios espirituais..., a sua destacada devoção à Virgem Maria e a Santo António..., as visitas de algum grande senhor – D. Alexandre de Bragança, por exemplo, futuro arcebispo de Évora (1602–1608) e Inquisidor Geral –..., o seu pedido de que «os Reitores de toda a Companhia que de novo viessem tomassem á sua conta a cana da sancta Doctrina inda com mais frequencia e fervor do que se fazia» – uma recomendação que nos remete novamente para o que, certamente por influência sua, se tratara na congregação provincial do ano anterior... –, o seu acolhimento das relíquias da Rainha Santa que lhe trouxeram e as orações da cidade e de alguns mosteiros pela sua saúde..., são

que se consolar e confiar em Deos que por sua misericórdia lhe daria o ceo, já parece que por este respeito quis que no cubículo estivesse sempre huma cana e a bandeira da Doutrina...».

³⁹⁰ Emilio Cotarelo y Mori, *Bibliografía de las controversias sobre la licitud del teatro en España*, Madrid, 1904, 19, refere que, sinal de luto pelo falecimento da infanta Catalina, duquesa de Sabóia, (6.11.1597), Filipe II ordenou a suspensão das comédias que, ao parecer, em consequência de um *Memorial* contra o teatro logo apresentado pelo arcebispo de Granada, D. Pedro Vaca de Castro y Quiñones, se prolongou até 2.5.1598, data da Real Provisión que proibia a representação de comédias (577-578, 620, 621), se bem que em 17.4.1599, anulando uma Provisión de Janeiro desse ano, já «se ha dado licencia para que de aqui en adelante se hagan comedias en los teatros, como las solía haver, las quales dicen que se comenzarán a representar desde el lunes» (Luís Cabrera de Córdoba, *Relaciones de las cosas sucedidas en la corte de España desde 1599 hasta 1614*, Junta de Castilla y de León, 1997, 17). Provavelmente a notícia que deram ao P. Inácio, esperada, como vimos, desde há muito – pelo menos desde 1592 –, referia-se à suspensão das representações teatrais e não, propriamente, ao «desterro» de comédias e comediantes..., que, como em outros casos, deverá ser interpretação de partidários desse rigor – entre eles ainda se hão-de contar um Baltasar Teles (*Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 220 e 51, 238) e um António Vieira (*Sermões*, Porto, 1959, I, 33) –, rigor de que, apesar de algumas ressalvas, não partilhava o seu célebre e ainda contemporâneo consócio Tomás Sánchez (Cotarelo, *ob. cit.*, 535).

dimensões da sua vida espiritual que destacou qualquer relato destes seus últimos tempos, tal como o fizeram – e decerto até com maior suma de pormenores – a propósito dos seus funerais.

E, porque estes são – ou assim nos parecem – importantes para melhor compreender o documento que publicamos, teremos que lhe dedicar, mesmo se resumidamente, um pouco mais de atenção.

Naturalmente, às «dívidas» «lagrimas e sentimentos» dos padres e irmãos do colégio, juntaram-se logo, não menos «notáveis», as dos «estudantes e pessoas prinçipaes que vieram a vizitar o seu corpo». Prevendo que havia de acudir muita gente, colocaram-no, amortalhado «em huma vestimenta branca» levando, como pedira, a cana da Doutrina, num «lugar alto alcatifado com muitas vellas acezas», mas, ouvindo-se os sinos pela cidade, e «sabendose a nova de sua morte, concorrerão muitos a pedir que lhe deixassem ver o santo morto, já que não merecerão a Deos tello mais tempo entre sy». E se, a princípio, se tentaram controlar as entradas – permitindo apenas entrassem a venerá-lo «religiosos, Doutores – «alguns choravão como mininos» –, e outras pessoas graves», entre elas, o bispo, o reitor da Universidade que «todo o tempo, quasi, que esteve na capella, esteve chorando e beijando os pes e mãos» – depressa, ultrapassando todos os cálculos, veio «tanta gente que não que não lhe podião ter mão nas portas». E «toda esta gente tocava suas contas nas mãos e as beijava com lágrimas». Apesar da chuva, à noite, fechadas as portas, porque não tinham sabido antes da sua morte, «acodio grande copia de estudantes e homens da cidade» e tanto pediram que deixassem «ver o Santo» que, porque se percebeu que «não desistião de sua pertensão, e de compaixão que se teve delles, lhes mandou o Padre Reitor abrir as portas», decisão cuja demora talvez permita documentar o que já se tem sugerido ser a resistência dos jesuítas a este

tipo de manifestações multitudinárias³⁹¹ que tantas vezes acompanhavam e consagravam a morte de um santo³⁹². Passemos, por agora, os comentários que, em tal ocasião, se iam fazendo – se não seria melhor levá-lo para a igreja «pera mais á sua vontade gozar toda a cidade delle»... , se «era bem lançar-se agoa benta em tãm santo corpo»... , o significado providencial da sua volta a Coimbra³⁹³ ... , etc. –, os sentimentos dos estudantes de Lisboa por o Padre Inácio ter falecido em Coimbra – aspecto que teremos de vir a destacar –, e, mesmo sabendo que era uma manifestação bem corrente do sentimento religioso do tempo³⁹⁴,

³⁹¹ Jean-Michel Sallmann, *Naples et ses saints à l'âge baroque (1540-1750)*, Paris, 1994, 294-296. Apesar de tudo – diferenças cronológicas... e de estilo de quem escreve –, a comparação das multidões que acorreram ao colégio de Coimbra aquando da morte de Inácio Martins com o «aperto, e revolta que a gente fazia dando contas de mão em mão pera serem tocadas» no momento dos funerais do P. Sebastião Barradas no mesmo colégio em 1615 – a quem também «todos a huma vos vivo e morto lhe chamavão Santo» – («Vida do Padre Sebastião Barradas» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 374, 372), parece insinuar uma significativa diferença quantitativa.

³⁹² Sofia Boesch Gajano, «Introduzione» a *Il santo patrono e la città. San Benedetto il Moro: culti, devozioni, strategie di età moderna*, ed. cit., 21, com referência ao precioso estudo de M. Cafero, *La politica della santità. Nascita di un culto nell'età dei Lumi*, Roma-Bari, 1996.

³⁹³ «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 120: «E dizião todos que nosso Senhor trouxera o padre Ignatio a Coimbra pera fazer dar huma volta aos costumes, como na verdade se deu de alguns dias pera ca, e as disciplinas e confissões que as quartas e sextas feiras se tomão neste collegio com muitas bofetadas e gritos o tem bem mostrado...».

³⁹⁴ Sofia Boesch Gajano, «Introduzione» a *Il santo patrono e la città. San Benedetto il Moro: culti, devozioni, strategie di età moderna*, ed. cit., 21; Jean-Michel Sallmann, *Naples et ses saints à l'âge baroque (1540-1750)*, ed. cit., 301-303. Se, porque grassava forte peste na cidade, o P. Jorge de Távora, que dela foi vítima em 1599, «foi o seu enterramento majs acompanhado de Anjos e de lagrimas, que

fixemos a avidez de relíquias que todos – os da casa e os de fora – manifestavam, a ponto de uns virem «providos de tisouras com que cortarão pedaços da alva e pontas das unhas», e outros terem sido proibidos pelos superiores de tirarem mais relíquias. Do que dele ficou – roupas..., cana (ou canas?³⁹⁵)..., disciplinas..., cilício..., relicário...–

de homens e tochas», embora «ao outro dia porem os pobres, e empestados viram sua cova fizeram sobre ella hum pranto» («Carta em que se relata a morte do Padre Jorge de Távora» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 112), do P. Sebastião Barradas se diz que «alguns fidalgos e gente principal [da] Universidade» de Coimbra, «sendo ainda vivo procurarão aver cousas suas, e as venerarão como grandes Reliquias de Santos e há alguns Padres deste Collegio a quem tomarão muytos por meyo pera as averem e ao Irmão que o barbeava pediam alguns que lhes desse de seus cabellos como por vezes fes [...] e assim vendoo morto todos [os nossos] quanto podião achar das cousas que lhe servirão tomavão, e repartião huns com os outros [...] muytos fidalgos, e doutores que lhe puderão pedir as servilhas que levava nos pés, as meias com grande parte da roupeta, grande da alva, e micto, e barrete repartindo huns com os outros com muytas lágrimas...» («Vida do Padre Sebastião Barradas» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 372, 373, 374); caso embora menos conhecido, mas alcançando ainda os dias de Inácio Martins, quando morreu em S. Roque (1636) o Irmão Belchior Sequeira, chamado «o Santinho», acudiram «ao funeral officio alguns Condes, e pessoas nobres, não se contentando de acompanharem o enterro, chegarão ao esquife, o levarão aos hombros, e fazendo todos demonstração de sua muita piedade lhe beijarão pés, e mãos procurando com instancia algum despojo nas suas religiosas alfaias, como do barrete, ourelo e cousas semelhantes, que se lhe tirarão (quando foi sepultado) para as guardarem como relíquias» (Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano...*, [26 de Janeiro] ed. cit., I, 259, 263).

³⁹⁵ Na «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz», in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 118, diz-se que, satisfazendo o desejo de Inácio Martins de assim ser enterrado, «meteoselhe na mão hũa cana da doutrina». Uma cana ou a cana? Seguramente uma cana – não teria tido apenas uma única durante dezassete anos... – e assim se poderia explicar que, tendo sido enterrado com uma

fez-se um depósito para distribuir por «os Duques de Bragança, Aveiro, e outros senhores principaes, que tinham pedido com muita devação alguma peça do padre Ignacio». Por testemunho de um seu filho, D. Alexandre de Bragança que visitou o Padre Inácio Martins quando este estava doente, sabemos que à duquesa de Bragança, D. Catarina, que recebera Mestre Inácio em Vila Viçosa, poderá ter tocado uma parte do seu cilício³⁹⁶, ou, relíquia tão preciosa como simbólica, a sua cana³⁹⁷? Outra parte do cilício foi para o reitor da Universidade, Afonso Furtado de Mendonça³⁹⁸ que, pouco depois (22.4.1598) há-de escrever uma longa declaração sobre a veneração que toda a universidade e povo de Coimbra tributou a Inácio Martins³⁹⁹. Para todos estes – e eram multidão os que recolhiam e distribuían «retalinhos» da sua túnica – Inácio Martins, morto, era – e, como vimos, proclamavam-no por diferentes modos – já um santo, tal como antes tinha sido um

das que usara, alguma outra houvesse que, como parece ter sido, pudesse ser oferecida como relíquia. Ou a cana que lhe colocaram no caixão foi retirada antes de o sepultarem, como parece que se fazia, tendo em conta o que se pode perceber do que se conta do funeral do Irmão Belchior Sequeira?

³⁹⁶ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 251, em carta, sem data, de D. Alexandre de Bragança ao padre João Correia contando-lhe uma cura milagrosa operada em Vila Viçosa por meio de «huma relíquia daquelle Santo Mestre Ignacio Martins», pede-lhe mais algumas relíquias para si, «porque a que o Padre provincial me deo do cilício, he pera sua Aleza (se me nam engano)»...

³⁹⁷ Como veremos, a *Elegia* (47) afirma que a cana – ou uma das canas? – ficou para D. Catarina de Bragança.

³⁹⁸ «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 122: «e o Rejtor da Universidade a [cana] pedio, e deuselhe hum pedaço de Cilição do Padre».

³⁹⁹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 247-249: «Testimunho que deo o Reytor da Universidade de Coimbra, sobre o que succedeo na morte do Padre Mestre Ignacio Martins».

santo vivo⁴⁰⁰. E insistamos: nesta conta o tinha já a duquesa D. Catarina, pois «estimava muito hum lenço, que lhe tinha tomado, em lugar de outro que lhe mandara pôr, quando esteve em Villaviçosa», e aquele seu filho Alexandre de Bragança que, visita decerto assídua e conhecida da casa⁴⁰¹, um dia, «entrando no cubículo do Padre Ignacio, nam estando elle dentro, lhe tirou alguns fios da capa e cortou as pontas da fita com que a atava ao pescoço, e as levou por relíquias»⁴⁰². Apesar disso, não contente com as que já possuía – por alguma dessas «da sua casa» se operou um milagre em Vila Viçosa –, Alexandre de Bragança pedia, depois da morte de Mestre Ignácio, ao P. João Correia mais algumas para si⁴⁰³. E em carta para o seu confessor, o P. João Madureira, que será o sucessor de Inácio Martins no ensino da catequese em Lisboa⁴⁰⁴, o duque de Aveiro, Álvaro de Lencastre, cuja casa tanto protegera Simão Gomes⁴⁰⁵, lastimando

⁴⁰⁰ Sofia Boesch Gajano, «Introduzione» e «Santità e miracolo: un rapporto tormentato» in *Il santo patrono e la città. San Benedetto il Moro: culti, devozioni, strategie di età moderna*, ed. cit., 20 e 362 respectivamente.

⁴⁰¹ António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, VI, 17 (Ed. de M. Lopes de Almeida e César Pegado), Coimbra, 1949, 163-169; Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, ed. cit., II, 623-624.

⁴⁰² A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 445.

⁴⁰³ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 251: «Esta relíquia [por meio da qual se operou o milagre na pessoa do prior de nossa S^a da Graça de Vila Viçosa] he das que foram de minha casa, por onde mereço bem que V. R. parta comigo algumas, porque a que o Padre Provincial me deo do cilício he pera sua Alteza (se me nam engano) se V. R. achar que nam foy senam pera mim, folgarey grandemente com isso, e quando nam pedemma pera su Alteza e eu o faço em seu nome e do Duque...»

⁴⁰⁴ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 718-728 (721).

⁴⁰⁵ O P. João Correia, ao referir os religiosos que rezaram responsos diante do corpo de Inácio Martins na capela do Colégio, informa

a sua morte como um castigo de Deus a Portugal («esta terra») – e, como veremos, não era o único a corroborar nesta ideia –, consolava-se – a palavra é sua – com «hum sermonario escrito de sua mam» que tinha⁴⁰⁶.

Ao outro dia, domingo, quando o P. Sebastião Barradas, desde o púlpito, «tocou num ponto que pertencia ao Padre Ignacio se abalou o auditorio com lagrimas e gemidos» – «*lacrimae auditorum laudes tuae sint*»⁴⁰⁷... –, a multidão que ainda não tinha podido entrar, «saindo com o ímpeto da pregação abalroaram as portas arremeterão a Capella onde gastarão muito tempo a entrar e a sair...». E quando religiosos de diversas ordens e as altas personagens – o bispo de Coimbra..., o reitor da universidade..., D. Alexandre de Bragança..., muitos doutores... – rezaram seus respostas e, findo o officio, se retiraram, a multidão que aguardava que levassem o corpo da capela do Colégio para a Igreja, levantou-se «em grandes gritos e aclamações». E, apesar de também aqui, estar em um «estrado modestamente alto de madeira coberto de doo», «tinhasse por ditosso o que lhe chegava a beijar a vestimenta ou as mãos, as contas que

ainda que o mesmo fizeram «os Clérigos com Simão Gomes antes de sair da capella». Naturalmente, não deveria estar a nomear o «Sapateiro santo», falecido em 1576, mas, sim, como nos revela a cópia da mesma carta no Cód. 4288 da BNL (fl. 253), um Simão Jorge, de quem, infelizmente, nada sabemos. Mas não deixa de ser um significativo *lapsus calami*...

⁴⁰⁶ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 53, 250, onde vem publicada a referida carta. Os duques de Aveiro, como, aliás, por toda a parte, outros senhores – mesmo que fossem altos e poderosos funcionários como Miguel de Moura –, sempre procuraram ter grandes relicários, e, por exemplo, em 1569, tinham já conseguido que os cónegos de Santa Cruz de Coimbra lhe cedessem algumas relíquias dos mártires de Marrocos [José Adriano de Freitas Carvalho, «Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa, 1588) e em Santa cruz (Coimbra, 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia» in *Via Spiritus*, 8 (2001), 95-155 (111)].

⁴⁰⁷ S. Jerónimo, *Ad Nepotianum presbiterum*, *Cartas* (52, 8) ed. cit., I, 417.

se tocavão no tempo do officio não tem numero, porque de todas as partes da Igreja se mandavão pera se tocar; e ouve alguns que tiverão bem que fazer em todo o tempo do officio em tomar e tocar as contas em copia numerosíssima e assi em molhos as davão. Outros tocavão lenços, horas de Nossa Senhora, diurnaes, relicários...» – o que pode sugerir que muitos destes «outros» seriam clérigos –, avidez que aumentou quando, depois do curto sermão do P. Simão Fernandes⁴⁰⁸ – cujas alusões ao P. Inácio abalaram «a gente com choro, e grita» –, e findo o novo officio, «a gente entendeu que o queriam enterrar deuse cair toda sobre os que estavão ao redor do corpo, huns ao tocar, outros ao beijarem, outros a velo, erão tantas as tisouras e facas sobre elle que não avia podelo defender⁴⁰⁹ quem cortava a alva, quem a vestimenta de baixo, outros arremeteram as servilhas dos pés que levarão, o barrete desapareceu posto que se tornou a tomar; nas meias fizeram tantos retalhos que foi necessário calçarem lhas outras que levasse. E antes que lhas calçassem hum Doutor lente de prima

⁴⁰⁸ «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz», in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 120: «Estava já o Padre Simão Fernandez no pulpito pera pregar por espaço de meia hora pera que de todo se não deixasse a pregação pois não parecia bem que por occasiam de hum pregador tam Apostolico çessaçe a pregação o que o Padre tocou com devação da gente e depois continuou sua pregação conforme ao thema que tomou no principio pera que não pareçessem exequias: la no cabo por consolação da gente avendo de dizer alguma cousa do Padre tomou por occasiam que não tinha licença de sua grande humildade pera daquelle lugar tratar de seus louvores, e dizendo brevemente algumas cousas se abalou tanto a gente em choro, e grita desfeita principalmente quando disse que alli estava aquelle varam Apostolico com a cana na mão fazendo sua doutrina ...».

⁴⁰⁹ «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz», in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 123: «E o que mais temíamos erão as feridas de mãos e dedos com as tisouras e facas que sobre elle andavão, Religioso ouve que tomou três tisouras juntas...».

nus lhe beijou os pees. A alva que levava notavelmente ficou retalhada...». E se, na ânsia de conseguir relíquias, estudante houve que não duvidou em morder o religioso que o impedia⁴¹⁰ – e havemos de encontrar algum rasto destes em Bretiande (Lamego) – e muitos religiosos que, apesar de serem os melhor providos, não se cansavam de pedir aos jesuítas do Colégio que dividissem com eles das que viessem a receber, «muito estudantes se não quiserão ainda ir [da igreja] dizendo que por nenhum caso sofreriam enterrarse o Padre sem o verem ultimamente se despedirem e beijarem sua mão». Coimbra que, vivo, o recebera e ouvira como santo, morto, dele se despede aclamando-o santo.

⁴¹⁰ «Carta em que se relata a morte do padre Ignacio Martinz», in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 123: «Nesta envolta hum estudante lhe quis pegar da calça, e foi hum religioso pera lho impedir pegando no pee do Padre, vendo isto o estudante arremeteo com pio impetu a mão do religioso e lhe deo huma boa dentada»...

2. Ut Poesis documentum

Não nos interessem aqui as pias estratégias que usaram os jesuítas de Coimbra para, com mais tranquilidade, enterrarem, de noite, o corpo do Padre Mestre «das grades da comunhão pera dentro ao pe do altar do Nascimento», cientes que, senhores de um «tisouro deste Collegio e Cidade», «com elle fazemos bem de envejas a todas as casa e collegios desta província, especialmente a casa de Sam Roque, onde ha tantos annos morava, mas foi merce que nosso Senhor tinha guardada pera este Collegio onde entrou, e onde em tempos passados e prezentes fez tanto fruto nos da Caza e nos de fora...». Mesmo que possamos perceber nestas afirmações uma certa glosa de algumas palavras do mesmo Padre Inácio Martins, que nos admira que os estudantes de Lisboa – onde houve geral demonstração de sentimento em toda a sorte de gente»⁴¹¹ – ampliassem estas rivalidades – nem por piedosas, o deixavam de ser – e, como veremos, o manifestassem «dandose por mais obrigados a o [corpo] acompanhar e venerarem, que os outros»? Como veremos, independentemente de outras poesias celebrativas e cartas chorando a morte do P. Inácio, o documento que publicamos – a *Elegia* – parece brotar, salvo melhor opinião, deste preciso ambiente.

Se a um Sebastião de Moraes, bispo do Japão, falecido, em 1588, à entrada da barra de Moçambique, fizeram, à compita, «versos em seu louvor, assi em latim como em

⁴¹¹ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...Segunda parte*, ed. cit., 4, 53, 249.

português»⁴¹², como era de esperar, e para mais em terra com a universidade mais famosa do país, também «os poetas assim latinos como vulgares, se occuparam muy de proposito, em fazerem poezias nesta occasiam da morte do Padre Mestre Ignacio, huns compondo elegias tristes, em que choravam seu transito, outros fazendo epytaphios elegantes, com que animavam seu sepulcro...». Infelizmente, o autor da notícia⁴¹³, de tudo o que deverá ter conhecido, apenas copiou, sem lhe nomear o autor, um «soneto vulgar, que entam teve applauso não vulgar, assim pela estima do autor que o compoz, como pelo sogeyto a quem se fez». E, como tantas outras vezes, devemos ao Abade de Sever a revelação de que o poema, transcrito por ele como já o tinha sido por Baltasar Teles, pertence a uma D. Joana de Portugal⁴¹⁴, autora que, curiosamente, o grande bibliógrafo não registou na sua *Biblioteca Lusitana*. Ignorando se a classificação de *Elegia* com que, actualmente, está registado o documento na ficha do ARSI, representa qualquer tradição, tampouco sabemos se o largo poema que publicamos, seria uma dessas «elegias tristes» a que alude Baltasar Teles...

Teremos, porém, notado, ainda que, numa ocasião como essa, fosse igualmente natural numa cidade

⁴¹² «Carta do Irmão Gaspar de Crasto sobre a morte do Padre Sebastião de Moraes primeiro bispo do Japão que foi provincial da Companhia seis annos em Portugal escripta de Goa a 3 de setembro de 1588», in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 152.

⁴¹³ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 254.

⁴¹⁴ Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1747, 543, equivocando-se na data litúrgica do último sermão de Inácio Martins – fê-lo no 1º e não no 3º Domingo da Quaresma – escreve: «D. Joana de Portugal no dia do seu enterro alludindo ao ultimo Sermão que pregara da Dominga 3 de Quaresma, lhe fez este elegante Soneto». Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, II, 1, 467 nª 2, referindo-se a este soneto diz desconhecer ao seu autor. Distracção ou discordância, mesmo sem o citar, com Barbosa Machado?

predominantemente universitária, a larga participação não só das autoridades académicas – igualmente ávidas de relíquias, pois ao reitor, que tinha pedido a cana, se deu um pedaço do cilício –, sublinhando com o seu prestígio a veneração que merecia alguém como Inácio Martins, mas também dos estudantes, uns forçando entradas, outros violentamente colhendo relíquias, outros ainda insistindo em não abandonar a igreja sem dele se despedirem, assim colaborando uns e outros na exaltação popular do «santo» que todos queriam ver... E, como conta o P. João Correia, se, fruto das tumultuárias circunstâncias desses dias, além dos vários comentários e alvites a que já aludimos, muitos ainda diziam, num compreensível arrebate baírrista, que «por querer o mesmo Senhor fazer mor bem a Coimbra lhe quisera dar seu corpo pera que a Universidade tivesse com elle emparo, e d'elle sempre e de sua santa memoria tomasse vigor e Virtude», «entre todas [as vozes] era pera ouvir os estudantes de Lisboa doíamse de o Padre não fallecer nella magoandosse antiçipadamente ao que seus Pais e amigos que la estavam avião de sentir fallecer ca o Padre Ignatio e não o verem mais vivo, nem gozarem morto». Havia ainda «outros [que] davão graças a Deos por se acharem em Coimbra soposto que não falleço o Padre em Lisboa e posto que todos sentirão sua morte muito se aventejarão entre elles os de Lisboa dandose por mais obrigados a o acompanharem e venerarem, que os outros...». Assim como na conclusão da carta do P. João Correia, então superior do Colégio de Coimbra – «Bem creio que com elle [o tesouro que era o corpo de Inácio Martins] fazemos bem de envejas a todas as casas e collegios desta província, especialmente a Casa de Sam Roque» –, percebemos que os jesuítas de Coimbra se sentem como que lisonjeados por, providencialmente, terem logrado tal relíquia, também adivinhamos – e gostaríamos de poder saber até que ponto uns não dependem dos outros – nos comentários da cidade – muito especialmente nos dos seus estudantes – «bem de envejas» que todos sabiam – ou suspeitavam – que da sua posse do corpo de um santo –

um tesouro sempre disputado por nações..., cidades..., ordens religiosas⁴¹⁵ – teria Lisboa. Qualquer tenha sido o seu autor ou o meio a que pertencia, o que importa destacar desde já é que a *Elegia*, tratando-se embora de um documento poético, pode, em parte, documentar e comentar uma disputa – ao nível das aspirações, quando menos – em torno do corpo do santo Inácio Martins entre Lisboa e Coimbra.

Convirá, porém, recordar, neste momento, algumas notícias sobre a celebração que de alguns jesuítas falecidos no Colégio de Coimbra fizeram os estudantes da cidade ou, talvez, até do mesmo colégio. São notícias escassas e dispersas, mas mesmo assim, dizendo respeito ao período que nos ocupa e, portanto, significativas de modos e modas dessas celebrações. Sabemos, por exemplo, que aquando da morte do Irmão João Rosado, falecido em 21.6.1584, «toda a Universidade geralmente sintio muito sua morte dizendo os estudantes delle cousas de muito louvor, gastando alguns delles muito tempo em contar virtudes suas

⁴¹⁵ «Carta do Irmão Gaspar de Crasto sobre a morte do Padre Sebastião de Moraes primeiro bispo do Japão que foi provincial da Companhia seis annos em Portugal escripta de Goa a 3 de setembro de 1588», in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 158, em que se recorda que tendo sido Sebastião de Moraes, 1º bispo do do Japão (†1588), enterrado em Santa Maria do Baluarte, em Moçambique, «os da terra [...] arrecearão que os Padres de Goa o mandassem buscar, e lhe tirassem tão grande thesouro, e tratavão ente si de o tresladarem pera a Misericordia secretamente por ter privilegio de não poderem tirar para outra parte quem se ali enterrar...». Jean-Michel Sallmann, *Naples et ses saints à l'âge baroque (1540-1750)*, ed. cit., 299-301. Para estas datas, podem lembrar-se outros casos de santidade, a que algumas vezes nem faltou a auréola da lenda, como o caso do P. Manuel Fernandes († 18.2.1555); o P. Luís de Vasconcelos († 24.7.1590), Jorge de Távora († 4.4.1599) e até, talvez um pouco tardiamente..., o grande Simão Rodrigues († 15.7.1579), segundo Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., I, 1, 672-674; I, 2, 452; ed. cit., II, 1, 522; I, 2, 272 respectivamente.

por as terem muito notado, ou ouvido de quem as tinha bem advertido»⁴¹⁶. Como comentavam e divulgavam as virtudes deste célebre irmão os estudantes de Coimbra? Em conversações? Seguramente, mas talvez possamos avançar um pouco mais, se recordarmos que quando morreu o P. Jorge de Távora (4.4.1599), vítima da peste que desde o ano anterior se tinha declarado em Coimbra, e que, pelo seu apostolado junto dos pobres e apestados, se dizia, na cidade, «com resão, que elle era o Ignacio Martins de Coimbra» – notícia preciosa que não só nos garante a pervivência da fama de santidade do Padre Mestre, mas também o ângulo por que era considerada (agora?) essa fama: não, propriamente, o doutrineiro, mas o «pay universal de todos os pobres e miseraveis»⁴¹⁷ –, logo «os [seus] louvores andam nas violas e musicas de Coimbra, daquy os ouvimos esta noyte de pascoa, e antre outras cousas que disfarçados cantaram a seu modo disserão que fora santíssimo e que sua alma limpa e pura fora dereyta pera o Ceo»⁴¹⁸. Também a chamada *Elegia* teria sido escrita

⁴¹⁶ «Algumas cousas de Edificação do Irmão João Rozado» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 88.

⁴¹⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 233, tenta adaptar a notícia da carta: «Na cidade foi muy sentida esta morte [do P. Jorge de Távora], porque disseram alguns, e com rezam, elle era o Ignacio Martins de Coimbra, tam grande nome tinha deyxado naquella cidade o Mestre Ignacio, que por este nome atté pelos meninos das escolas he conhecido em todo Portugal, que pera encarecerem a grande virtude do Padre Jorge de Tavora, diziam ser outro Ignacio Martins».

⁴¹⁸ «Carta em que se relata a morte do Padre Jorge de Távora» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 112. A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 233, repetindo e glosando a carta anterior escreve: «Forão suas virtudes tam louvadas naquelle tempos da páscoa proxima, que compostas em suaves romances se cantaram por Coimbra à viola, e nas musicas, e na noyte de Pascoa as ouviram cantar os Padres do Colegio, e entre as cousas, que em seu louvor diziam, vinham a ser, que fora sanctissimo, e sua alma limpa, e pura fora direita ao Ceo».

para andar ou teria mesmo andado «nas violas e músicas» dos estudantes nos dias próximos da morte do P. Inácio Martins? Não sabemos, mas, dados os testemunhos de casos anteriores, seria possível sugeri-lo, e, como veremos, a própria estrutura do poema se não nos pode afiançar esta hipótese, parece, contudo, confirmar que deverá ter sido nesse ambiente – ou a partir desse ambiente – em que os estudantes e outros lisboetas – «a gente de Lisboa» que refere o poema? –, em Coimbra, rivalizaram com outros estudantes e gente da cidade na dor pela morte do Padre Inácio Martins, que foi elaborada a *Elegia*. E, como já sugerimos, é possível, mesmo tendo em consideração que se trata de um documento de carácter poético, que, para além da dor pela perda de Inácio Martins e dos louvores que lhe tributa, a *Elegia* documente, qualquer seja o seu último sentido, uma disputa – mesmo que apenas fosse uma maneira enfática de sublinhar a dor por o ter perdido ou pelo temor de definitivamente o perder – pela posse do corpo do santo que acabava de morrer.

Mesmo se, como temos vindo a sugerir, a *Elegia* – directa ou indirectamente – brotou deste ambiente e nele poderia ter circulado, não é absolutamente necessário concluir que o seu autor – ou autores? – seja um estudante. Poderia ser, real ou poeticamente, um daqueles «estudantes de Lisboa que [em Coimbra] doiam-se de o Padre não fallecer nella magoandosse antecipadamente ao que pais e amigos que la estavam [em Lisboa]» que, como dizia o P. João Correia, «avião de sentir de fallecer ca [em Coimbra] e não verem ja mais vivo, nem o gozarem morto», ou poderia ainda até ser um desses pais e amigos escrevendo em Lisboa ao saber da notícia. E se sobre esse autor, enquanto homem, nada de concreto sabemos, podemos, contudo, garantir que era alguém profundamente conhecedor da acção apostólica do P. Inácio Martins em Lisboa – os lugares em que habitualmente fazia a Doutrina..., as orações do começo e fim das sessões de catequese..., as visitas aos presos e as «quartas de água» que

lhes levava..., os milagres que contava nas doutrinas..., as muitas terras por onde pregou..., algumas profecias que terá feito..., o interesse que a nobreza, sem esquecer D. Catarina de Bragança, sempre mostrou pela sua pessoa e obra... –, e também conhecedor de algum pormenor que escapou – ou parece ter escapado – a outras fontes.

Por outro lado, enquanto narrador – quaisquer sejam os seus méritos como poeta –, deixou – ou parece ter deixado – marcas que, pretendendo recordar a sua experiência ou conhecimento directos do homem e da obra que celebra, aparecem, à primeira vista, senão contraditórios, pelo menos confusos.

Assim, alguma vez, como quando o narrador invoca o exemplo de Inácio Martins – «alcançaste de ti vitoria / alcança eu também» (1) – não deverá ser difícil aceitar que se trata, numa espécie de invocação inicial, de alguém que pode identificar-se com o próprio autor. No entanto, quando vemos o narrador declarar «E quando dizer ouço / Ignacio he falecido / fico triste ymudicado / ca neste calaboco / por meus pecados metido» (36) – meditando em mais cinco estrofes (37-41) a sua experiência de encarcerado que beneficiou da caridade do P. Inácio –, ou quando lemos a recordação de confessor de «As matronas da cidade / e donzellas encerradas / não fallâdo nas casadas» que «no estrado assentadas / quando as hia confessar / tudo era perguntar / tuas cousas já passadas / pera mais me magoar» (49-52), é difícil aceitar que estejamos perante marcas autobiográficas do autor. Isto para já não falar de algumas marcas de afirmações em primeira pessoa em que é muito arriscado decidir imediatamente – sem que aí a ambiguidade tenha qualquer valor poético – qual o «eu» que fala ou para que se remete, embora acabemos por ver que, salvo melhor opinião, é Sesimbra que «fala co mar aonde o p[adre] embarcou», tal como falará em nome de Lisboa. E quando sabemos que na poesia popular estas

marcas autobiográficas podem ser inventadas⁴¹⁹, não deverá ser difícil aceitar que o autor da *Elegia* assumiu não só o papel de narrador, mas também se colocou na pele de Sesimbra por ser o lugar donde Inácio Martins partiu para Coimbra para não mais voltar e, por agradecida – por ser quem, pela última vez, o viu vivo..., quem o viu partir... –, assumirá a voz queixosa de Lisboa (*II*), isto é, de alguém – aluno ou outro lisboeta em Coimbra..., seu pai ou amigo em Lisboa, para glosar o P. João Correia – que, onde quer estivesse, havia «de sentir fallecer [em Coimbra] o Padre Ignácio e não o [ver] ja mais vivo, nem [gozar] morto», e, por fim, sempre sob a identidade de Lisboa, deu voz a dois grupos – pondo-os a falar em primeira pessoa – que, tendo tanto beneficiado do seu labor apostólico – os presos e as damas e donzelas de Lisboa – lhe pareceriam especial e enfaticamente queixosos da falta de Inácio Martins, sendo que, curiosamente, as damas suas confessadas não mereceram mais que uma discreta, ainda que precisa, atenção nas páginas da sua biografia nas crónicas do seu Instituto.

Como não há qualquer indicação exacta que, com segurança, permita datar o longo poema, é possível voltar a sugerir que, nascido ou imediatamente referível ao ambiente coimbrão dos dias da morte e funerais de Inácio Martins, foi escrito ainda nesses dias ou muito pouco depois, mesmo que não tenha andado nas «violas e músicas de Coimbra». Os padres do Colégio só parecem ter ouvido os «louvores» do P. Jorge de Távora cerca de 15 dias depois do seu falecimento⁴²⁰. E mesmo que tenha

⁴¹⁹ Pedro M. Cátedra, *Invenición, difusión y recepción de la literatura popular impresa (siglo XVI)*, Junta Regional de Extremadura, 2002, 53.

⁴²⁰ «Carta em que se relata a morte do Padre Jorge de Távora» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit. 112, carta datada de 18.4.1599 em que, referindo que «já os louvores do Padre Távora andam nas violas e musicas de Coimbra», se especifica que «daquy os ouvimos nesta noyte de páscoa...», o que parece indicar que os ouviram na noite

sido elaborada um pouco mais tarde – e em Lisboa, por hipótese –, há que notar na *Elegia* a ausência de alusões a milagres de Inácio Martins. Estas parecem ter começado a circular ainda as suas relíquias não tinham sido totalmente distribuídas – lembremos que, à raiz de um milagre obtido por meio de uma delas em Vila Viçosa, Alexandre de Bragança ainda pedia ao P. João Correia algumas mais para si – e que já antes de 1618 eram bastantes os seus milagres – e algum mesmo muito conhecido –, a ponto de o dominicano Fr. Pedro Calvo escrever – equivocando-se embora no ano da morte –, na comemoração que dele faz nessa data, que «teve opinião de obrar por elle alguns milagres em vida, e depois da morte, e se tem por provável que com hũa relíquia sua cobrou vista hum menino filho de Manoel Correa de Lacerda morador em Lisboa...»⁴²¹. Podemos, no entanto, arriscar a estreitar um pouco mais estas cronologias. Na *Elegia* (46) alude-se a que «em alem Tejo sua Alteza» – explicitando-se em nota que se trata «da senhora D. Catarina» – foi um dos muitos da nobreza que choraram a morte do P. Inácio Martins, que tendo recebido a sua cana por grande relíquia, «della so mais se preza / que ter a pompa mūdana (47). Apesar do contexto não nos garantir que essa forma verbal «preza» não é um presente histórico, nada obsta a que possamos aceitar que, efectivamente, o autor escrevia quando a duquesa de Bragança ainda vivia, isto é, antes de 1614, ano do seu

de 17 ou mesmo na madrugada de 18 de Abril, tendo o P. Távora falecido em 4 desse mês.

⁴²¹ Pedro Calvo, *Defensam das lagrimas dos justos perseguidos e das sagradas religioens fructo das lagrimas de Christo, Parte segunda* [portada e numeração próprias]. *Defensam das sagradas religiões, fructo das lagrimas de Christo*, Lisboa, António Alvares, 1618, XIII, 77-78. A referência de Fr. Pedro à cura da cegueira do filho de Manuel Correia de Lacerda permite saber que se deu antes de 1617 (ano das licenças da obra) e assim situar cronologicamente o testemunho sobre o caso que deram os pais e apostilhou, confirmando-o, o P. Manuel da Veiga, documentos que transcreve o P. Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte...*, 4, 54, 252-253.

falecimento. Se assim for, esse presente – «preza» – não só nos remeteria para os dias em torno dos seus funerais em que, como já vimos, ela, entre outras relíquias, poderá ter recebido uma parte do cilício e a cana de Mestre Inácio, mas também nos permitiria estreitar de quatro anos o aro temporal em que deverá ter sido escrita a *Elegia*. Sendo, embora, estes anos 1614-1618, o termo *ad quem* em que deverá ter sido elaborado o poema, parece-nos, contudo, mais provável que tenha sido composto nos tempos mais próximos da morte do Padre Inácio, cuja notícia foi enviada para Lisboa por essa, como certamente, por outras, longa e fundamental carta do P. João Correia, em 28.3.1598, isto é, um mês depois do acontecimento.

Mesmo que escrita em forma – estilo e metro – que não é a que, sob o signo do classicismo renascentista, costuma dizer-se ou classificar-se própria da *Elegia* – não falta, porém, algum exemplo de elegia em que não se utiliza o clássico verso endecassilábico⁴²² –, o poema, assim registado na correspondente ficha do ARSI – não no manuscrito –, pode participar do multiforme género elegíaco – algumas poesias intituladas elegias poderiam dizer-se epístolas consolatórias⁴²³ –, já que, por entre recordações da sua vida e alusões a outras circunstâncias em torno

⁴²² Pero de Andrade Caminha, Elegias XVIII, XVIII e XX da II Parte do Texto [da sua obra] fixado por Vanda Anastácio, *Visões de glória (Uma introdução à poesia de Pêro de Andrade Caminha)*, Lisboa, 1998, II, 646-662, para o que importa ver o comentário na I Parte desta obra fundamental (121-123). (Agradeço ao Doutor Luís de Sá Fardilha o ter-me lembrado estes exemplos).

⁴²³ É o caso, por exemplo, da conhecida carta de A. Ferreira a Sá de Miranda por ocasião da morte de Gonçalo Mendes de Sá em 1553 e que, classificada pelo seu autor e pelo destinatário como elegia, é, como aliás assinala D. Carolina Michaëlis, uma carta consolatória [v. para o texto do poema de A. Ferreira, para a resposta de Sá de Miranda, e para os comentários de D. Carolina Michëlis, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* (ed. facsimile da de Halle, 1885) Lisboa, 1989, 638, 460, 851, respectivamente]; e, como, com grande pertinência, assinalou Vanda Anastácio, *Visões de glória (Uma introdução à poesia de Pêro de Andrade Caminha)*, ed. cit.,

dos seus funerais, lamenta a morte de alguém que, sendo uma referência da vida social e espiritual dos seus dias, foi particularmente chorado pelos que, crianças e adultos, assistiram às suas sessões de Doutrina e aos seus sermões..., pelos pobres..., pelos presos dos cárceres lisboetas... Tal como outras marcas dialógicas no texto – «Em seu lugar falarey» (11) –, o breve diálogo final entre Lisboa – «Fala aguora Lisboa» (53) – e Coimbra – «Reposta de Coimbra» (65) –, se bem que, possivelmente, estranho aos cânones mais comuns da literatura elegíaca, não faz mais do que acentuar a dor pela perda de Inácio Martins. Deste modo, naturalmente, a *Elegia* comporta, sem nítidas distinções, momentos que poderíamos aproximar de uma *laudatio gestae et morum* e outras que se diriam, mais propriamente, de *lamentatio mortis*, sem que, segundo nos parece, se justifique estudá-los aqui, pormenorizadamente, desde esses pontos de vista. O que nesta ocasião nos importa é salientar que, conjugando o louvor e a lamentação, o poema, mais do que consolar devotos e agraciados pela sua caridade, se constitui como um veículo para manter viva a recordação de Inácio Martins – os gestos..., as lições..., as virtudes... – e, quase conseqüentemente, de difundir, por sectores sociais ainda mais amplos, se possível, a sua *fama sanctitatis*... O próprio metro – versos, predominantemente, de sete sílabas (redondilha maior) –, a irregularidade das estrofes – há-as de cinco, sete, oito e dez versos –, a rima preponderantemente consoante – ainda que, muitas vezes, utilize versos brancos – e a ausência de qualquer alusão erudita ou pseudo-erudita⁴²⁴ conferem,

I, 122, algumas das epístolas consolatórias de Caminha foram alguma vez editadas como elegias.

⁴²⁴ Salvo melhor opinião, não cremos sinceramente que uma banal alusão às sereias do oceano (7), uma complicada referência bíblica à dor de Raquel (63) e uma certa retórica nas primeiras estrofes da lamentação (5-9) possam contar-se como marcas de erudição.

como já foi notado⁴²⁵, ao poema uma marca popular⁴²⁶ que, tal como outras trovas dos estudantes de Coimbra da época⁴²⁷, pode não só sugerir novamente um ambiente cultural donde, directa ou indirectamente, deverá ter brotado, mas também constituir um procedimento literário que facilitasse os seus propósitos de recordação e difusão da fama de santidade do P. Inácio Martins. E é bem sabido que esta poesia vulgar, escrita por «poetas» vulgares – por vezes apenas meros versificadores⁴²⁸ –, foi algo corrente na literatura de cordel que se empenhava na divulgação da vida de santos⁴²⁹.

Mas, como já deixamos aludido, para além dessa estrutura expositiva em que o autor, depois de uma breve invocação pessoal, assume a voz triste de Sesimbra – uma Sesimbra que, convocando ondas, peixes, baleias e sereias, lua, estrelas (6-9), «faz queixumes / ao mar que nella soa / da cidade de Lisboa / deixar ir para Coimbra / quem na fazia boa (2) – e ela, por sua vez, a de Lisboa – «Lisboa magoada»... , «Lisboa entristecida»... –, o poema encerra com

⁴²⁵ Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, ed. cit., II, 1, 467 n.º 2.

⁴²⁶ Maria Cruz García Enterría, *Sociedad y poesía de cordel en el Barroco*, Madrid, 1973, 131-153, tece sobre o assunto ainda válidas considerações.

⁴²⁷ Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 132-133 publica uma carta que os estudantes de Coimbra enviaram «Al señor Vizo Rey de Napolles Martim correya da silva en la çiudad de Coimbra» quando este foi nomeado para proceder à devassa dos estudantes e outros cidadãos de Coimbra que se haviam manifestado a favor de D. António, Prior do Crato. Teófilo Braga, *Cancioneiro popular. Colligido da tradição*, Coimbra, 1867, 135, embora, a propósito de «canções de rua», cite uma passagem de uma «Estudantina» feita no século XVI a uma «Dona Guimar a da cutilada», não desenvolve este assunto das trovas dos estudantes de Coimbra.

⁴²⁸ Maria Cruz García Enterría, *Sociedad y poesía de cordel en el Barroco*, ed. cit., 192.

⁴²⁹ Julio Caro Baroja, *Ensayo sobre la literatura de cordel*, Madrid, 1969, 121-140; *Formas complejas de la vida religiosa (Religión, sociedad y carácter en la España de los siglos XVI y XVII)*, Madrid, 1978, 82.

esse já aludido diálogo (53-68) em que a capital do reino manifesta o seu desejo de vir, mesmo pela força, a possuir o corpo de Inácio Martins, e Coimbra lhe contesta que não ouse tal aventura, porque também ela sabe pelejar. Trata-se, como já se terá percebido, de uma elaboração poética das disputas entre cidades pela posse de um corpo santo – neste caso pelo do santo Inácio Martins –, disputas em que, muitas vezes, se chegou ao uso das armas⁴³⁰. Não sabemos, por outras fontes documentais, se, efectivamente, para além, como se diz em nota da *Elegia*, de ter havido «quem desejou muito trazerse o corpo do P. Ignacio martinz a Lisboa embalsamado»⁴³¹, chegou a haver realmente uma disputa formal – mesmo que apenas ao nível das aspirações e da sua tradução nas conversações de todos os que o choravam... , continuavam a perguntar por ele... – acerca da posse do seu corpo. O que, à sua maneira, o poema parece documentar é a expressão da dor da «gente de Lisboa» – estudantes e outros –, quer dizer, os que, também já em Coimbra, se tinham distinguido na manifestação do seu sentimento por o Padre Inácio ter falecido e ter falecido em Coimbra e «não o verem já mais vivo, nem gozarem depois de morto». E se a *Elegia*, em algum momento, fosse como que uma *amplificatio* da carta do P. João Correia? É uma hipótese que, mais adiante, haveremos de tentar verificar, mas, se assim fosse, poderia, então, sugerir-se, que a disputa entre as duas cidades não seria mais que um outro modo de Lisboa enfatizar a sua dor e de Coimbra, triunfante, a sua alegria pela posse de «tal tesouro».

A *Elegia* não é – nem se propõe ser – uma crónica rimada da biografia de Inácio Martins, mas, sim, por entre louvores e lamentações, uma larga evocação dos aspectos mais visíveis e mais admirados do seu apostolado nos últimos vinte anos – «Vinte annos avia / que estavas em

⁴³⁰ Patrick J. Geary, *Le vol des reliques au Moyen Age*, Paris, 1990, 76, 120, 128, 132, 139, 140 *et passim*.

⁴³¹ *Elegia*, Nota lateral (58).

seu poder...» (25) –, o que nos remete, precisamente, para esse aro cronológico iniciado, com o seu regresso de Coimbra a Lisboa, em 1580-1581– anos fundamentais para o P. Inácio Martins e para o país – e encerrado com um regresso a Coimbra que, organizado como simples visita, veio a revelar-se definitivo com a sua morte em 1598.

Mesmo pagando o preço de repetir algo do que já ficou exposto, há que tentar perceber o ponto de vista do autor da *Elegia*, analisando para tal os aspectos que lhe pareceram mais dignos de destaque desses quase vinte anos que o P. Inácio Martins viveu quase ininterruptamente em Lisboa. Verdadeiramente, só lhe interessaram os seus anos de doutrineiro de «nova solfa» *doublé* de pregador e de empenhado organizador do socorro aos pobres e encarcerados.

Antes de mais, como dissemos já, o poema foi escrito por alguém que, por experiência própria..., por leitura de alguma relação..., por conversas..., conhecia muito bem – inclusivamente, detalhes como, por exemplo, o calendário da catequese do Mestre (19, 22) – a acção apostólica de Inácio Martins em Lisboa, mesmo se nada há na *Elegia* que sugira sequer que o conheceu pessoalmente. E um pouco mais ainda: se, além da preciosa informação – mesmo se incontrolável – do embarque de Inácio Martins em Sesimbra, conhece muito bem, como já lembramos e teremos ocasião de precisar, o seu apostolado na capital do reino, nada parece conhecer – ou achar digno de menção – da sua actividade de pregador e doutrineiro em Coimbra nesses últimos tempos de vida – cerca de um ano – que lá passou. Com efeito, para além de alguma curiosa referência topográfica, o pouco que sabe sobre esses últimos tempos no colégio conimbricense – «Em Coimbra fez assento / o teu corpo nãa cama...» – é para assinalar estremecidamente que disso «logo correu fama / com dor e sentimento / neste povo que te ama» (12), isto é, entre o povo dessa «Lisboa entristecida / pelo muito que perdeu» (10)... E se, precisamente, como já acentuava em carta o P. João Correia, o autor, insinuando a disputa, sugere, imediatamente, que

se «No teu enterramento, / Coimbra te honrrou / no amor que te mostrou», é para logo afirmar que lhe «diz o pensamento / [que] Lisboa foy a que chorou» (13) Chorou-o em Lisboa... e, por meio dos lisboetas que lá se encontravam, chorou-o logo em Coimbra...

E avançando um pouco mais, para analisar uma *Elegia* que, essencialmente, como já aludimos, é uma longa recordação de vinte anos de apostolado de Inácio Martins em Lisboa – que «sempre folgou de [o] ter / por [ser] da Companhia / a quem Deus santa quis fazer» (26) –, convirá começar por ter em conta os aspectos desse apostolado que o poema destaca.

E destaca, antes de mais, as «maravilhas» que o «Mestre das Doutrinas» (25) fazia nessa «Lisboa magoada», apascentando «os cordeyros / com pasto espiritual» e, conseqüentemente, metendo «no curral» «naturais e estrangeiros» e, como era de esperar de um bom conhecedor de Inácio Martins e da sua obra junto «dos meninos da escola» (32), «aos mininos primeyro / como cousa principal» (27). Dentre os meios e circunstâncias de tais «maravilhas» fixa-se, com bastante precisão, o calendário semanal das doutrinas – «Todos os dias santos / e algũs da somana», isto é, pelo menos, «todas as quintas feiras» (22, 19) – em que o Mestre, «com a [sua] cana», entoando-se «alegres cantos / a Virgem soberana / donde todo bem mana» (22) – onde parece haver também uma implícita alusão à bandeira da Doutrina –, ensinava «com muita charidade / os de menor ydade / e os grandes consolados» (23)⁴³² – o que poderia sugerir que para o autor da *Elegia* os «grandes» assistiam às sessões sem que estas lhes estivessem especificamente destinadas, no que não deixaria de ter alguma razão – e, confirmando o que sabemos por crónicas, cartas e por sermões próprios, estranhando «os pecados / e [louvando]

⁴³² A *Elegia* (28) insiste nesta perspectiva universalizante do apostolado de Inácio Martins: «Os pequenos e os grãodes / folgavas de consolar / e todos ao ceo levar...».

a castidade» (23), contava «muitos milagres / de santos canonizados / de suas vidas tirados» (24), o que é bem revelador quer de um leitor do *Flos Sanctorum*..., quer de quem pedia que se fizessem antologias de milagres marianos para contar na catequese⁴³³. E como, aproveitando A. Franco, já tivemos ocasião de assinalar, a *Elegia*, entre os meios de que se servia Inácio Martins para «fazer maravilhas», recorda ainda que «[visitava] os altares / nos dias de seus oragos» (24), o que sugere ter percebido bem uma estreita e elaborada articulação entre a sessão de catequese e os comentários – ou o sermão ou leitura de carácter hagiográfico – que se lhe seguiam e a celebração dos santos do ano litúrgico, celebração que, como sabemos, Inácio Martins tornava especialmente festiva quando se honrava o santo do nome de algum dos seus «meninos».

Depois de tudo, compreendemos muito bem que, como já por diversas vezes recordámos, o autor da *Elegia* conheça não só a topografia das doutrinas do P. Inácio em Lisboa – Pelourinho..., Ribeira... –, mas também a sua geografia pelos arredores – Almada..., Cacilhas..., Sacavém... (25, 34) –, pelo Ribatejo – Salvaterra..., Benavente..., Abrantes..., Santarém..., Tancos... (31, 32, 34) – e, naturalmente, até por esse Alentejo onde morava «Sua Alteza», isto é, Catarina, duquesa de Bragança (46), senhora que, como sabemos já, acolheu, alguma vez, Inácio Martins em Vila Viçosa e, tal como seu filho Alexandre de Bragança, tanto se empenhou em lograr relíquia suas.

Há, porém, um campo da acção apostólica de Inácio Martins que os cronistas acentuam, ele próprio teve de ponderar com números e factos para obter contas e «agnus Dei» com que recompensar aplicação e colaborações e algum estrangeiro lhe criticou, e a *Elegia*, longe de esquecer,

⁴³³ Federico Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, ed. cit., 263-266, atendeu igualmente a esta dimensão da catequese de Inácio Martins.

igualmente pondera larga e ordenadamente: o socorro dos presos. Se recorda com precisão os presos do Limoeiro, não sabemos se por os «pressos da enxovia», que refere imediatamente, entende os que no célebre cárcere lisboeta se encontravam nas zonas mais fundas e escuras ou entende uma outra cadeia, como o Tronco, que, como lembra A. Franco, também visitava o P. Inácio e onde possivelmente encontrava alguns jovens seus conhecidos para lá levados pelo «pay de velhacos»⁴³⁴. De qualquer modo, o autor da *Elegia* ao dar a voz de Sesimbra a um preso – «E quando dizer ouço / Ignacio he falecido / fico triste y mudicido / ca neste calaboco / por meus pecados metido» (36) – parece ter sido capaz – ou hoje assim gostamos de o ler... – de traduzir o abalo e preocupação que a notícia causou entre esses «pobres coutados, / em vivos sepultados, / que mitidos na corrente, / pressos e aferrolhados» (39). Compreende-se que se perguntem quem continuará a levar-lhes «aguoa fria / e pão no tabuleyro / como Ignacio fazia» (35), esse «pão amassado / de esmola pidido» (37)..., que recordem que os ia «visitar / com bandeyra levátada, / a Virgem nella pintada ...» (40) – e não deixa de ser curioso que o autor da *Elegia* tenha reservado uma explícita referência à bandeira da Doutrina para esta ocasião⁴³⁵ – e ainda que «desemparada» do socorro de Mestre Inácio, esses «tristes [...] / gente desconsolada» pensem que nada mais lhes reste..., que «tudo aguora he chorar» (40).

⁴³⁴ Nicolau de Oliveira, *Livro das grandezas de Lisboa*, Lisboa, Jorge Rodriguez, 1620, aponta, entre os «oficiais que nella [Lisboa] ha de todos os officios» (IV, 8, 97v), «Hum pay de velhacos, assalareado pella cidade pera que não consinta andarem moços perdidos, e lhe dé amo» (Citamos pela ed. fac-simile, com Prefácio de Francisco Santana e texto actualizado por Maria Helena Bastos, Lisboa, 1991).

⁴³⁵ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 222-223: «levandolhe [aos presos] grossas esmolos de pam, carne, peyxe, agoa, o que se levava em procissam, com a bandeyra da sancta doutrina arvorada, e com musicas muy estremadas...».

Sem que nos atrevamos a decidir para qual das formas do apostolado de Inácio Martins remete imediatamente a *Elegia* – tão interrelacionados eram –, convém assinalar que há ainda no conjunto de estrofes dedicado às doutrinas e às visitas aos cárceres, duas que evocam, com algum pormenor até que não encontramos em outras fontes, o final das sessões de Doutrina. Se, efectivamente, sabíamos pelos cronistas que «rematava a doutrina» entoando a «Confissão» «com voz alta e dolorosa», a *Elegia*, antecipando-os, recorda o ambiente de comoção desses finais a que não seria alheio o poder da voz de Inácio Martins – «Dizias a confissão, / minha alma se movia, / o povo que te ouvia / tinha dor e contrição, / perdão a Deos pidia / mormente o ladrão / quãodo a ouvirte vinha» (44)⁴³⁶ –, não sabíamos até agora que «No cabo das Doutrinas / em voz alta pidias / hũas três Ave Marias...» (43). Podemos perceber que, tudo conjugado, quem assistia, lembrasse, comentando afectuosamente o fruto das Doutrinas – catequese e comentário ou sermão ou leitura hagiográfica –, que «tuas palavras devinas / em nossos peytos mitias» (43), por isso, «com toda a liberdade / cada hũ he juiz / do [seu] fruto na cidade» (41).

Qualquer seja a forma de apostolado – Doutrinas ou visitas aos presos – com que essas notas sobre alguma das suas práticas possam, no poema, estabelecer uma relação mais directa, o seu autor, pela voz de Sesimbra que, por querer «ser agardecida», continua a emprestar a sua a Lisboa, não deixa de salientar algo que também já sabemos: «sempre [estava] ocupado / na salvação das almas, / pronto e nunca cansado, / nos frios e nas calmas, / cos mininos alvoraçado» (42). E não será necessário recordar quanto se enganavam os que pensavam que «era de ferro»...

⁴³⁶ *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque...*, Cód. cit., fl. 9r; Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 48, 222; A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 409, insistem, como lembramos já, neste ponto com algum exemplo.

Menos discretamente que outra documentação – apenas A. Franco alude a tal questão a propósito da possível entrada dos ingleses em Lisboa em 1595-1596⁴³⁷ –, a *Elegia* não deixa de referir que Inácio Martins teve dom de profecia, pois não só «algũas cousas [dizia] / ja o tempo as descobre / ja no rico e no pobre...», mas também que «os males que [prometia] / pellas mãos nos correm, / bem vemos nas freguesias / quantos de peste morrem» (45), o que bem pode ser uma alusão a palavras suas sobre «algum grande castigo a Espanha que Deus enviaria, se nesses seus tempos que tinham chegado «ao cabo de toda a maldade e ao cabo de toda a miséria», a Espanha, quer dizer, a Hispânia, se não se corrigisse – assim falava, em 1592, apoiado em palavras de Leão Henriques, Luís Gonçalves da Câmara e Simão Gomes⁴³⁸ – ou a interpretação actualizada de profecias que se lhe atribuiriam à luz da peste grande de 1598-1603⁴³⁹.

A *Elegia*, porém, antecipando-se novamente aos grandes cronistas da Companhia – estes poderão até tê-la conhecido – não esqueceu de destacar, dentre as suas

⁴³⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 426: «Estando os Inglezes sobre Lisboa no tempo de Dom Antonio vieram os Capitães Castelhanos à caza de Sam Roque pera mandar cortar as arvores da cerca, e meter na caza hum bom presidio de soldados, dizendo que Dom António no dia de Sancto Antonio avia de mandar investir a cidade. Obstou a tudo o Padre Mestre Ignacio confiado, em que o Sancto nam consentiria, que no seu dia fosse a cidade tomada. E assim disse aos Capitães, que estivessem fora de cuidado, que nam seria entrada dia de Sancto Antonio. Instaram dizendo: logo será nos dias seguintes? Respondeo: Nam hã de ser. Tudo se cumprio, os Inglezes levantaram o campo, e se forão pera as naos. Admirados disto os Capitães Castelhanos dizião huns pera os outros: *Mirad, que todo lo dixo antes*».

⁴³⁸ José Adriano de Freitas Carvalho, «Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins, sj. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574)», in AA. VV., *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII: espiritualidade e cultura*, ed. cit., I, 279-280.

⁴³⁹ Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 364-365, 375.

virtudes, a humildade e – será interessante anotá-lo –, já que não parece ter cabido no seu horizonte louvar-lhe a obediência – o que, naturalmente, os seus cronistas, como jesuítas e consócios, muito acentuaram⁴⁴⁰ –, quanto essa virtude como que presidia – porque não dizer organizava? – o seu comportamento e apostolado. Com efeito, a *Elegia* não só parece que percebeu, como depois haviam de sublinhar os cronistas – e já tivemos ocasião de chamar a atenção para esta perspectiva –, quanto o ensinar «com muita charidade / os de menor ydade» e consolar «os grandes» tudo era visível («vendo») fruto da sua «humildade» (23), mas também quanto era «por humilde conhecido / e muy mortificado» (29). Porque não arriscar sugerir que, para além de razões históricas e tradições que já apontámos, a *Elegia* tenha destacado duas actividades – o mestre da doutrina e o visitador dos presos – que relevam – e revelam – da sua humildade?

São estas as bases – e as principais dimensões – da *laudatio* de Mestre Inácio Martins tecida no poema e por isso «De todos [era] quirido / de todos muy amado» (29) ou, de maneira talvez mais significativa, porque parece justificar o que há-de dizer algum cronista sobre a aceitação e boa vontade que todos lhe manifestavam a ponto de nada lhe recusar de quanto pedia⁴⁴¹, «Todos te traziam nas palmas, / de todos venerado» (42).

Que admira que todos tenham sentido a sua morte e, muito especialmente, essa «Lisboa entristecida / pelo muito que perdeo» a quem Sesimbra, depois de convocar os elementos e seres do seu mar, empresta a sua voz para por ela o chorar? E como se isto não bastasse, anota imedia-

⁴⁴⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 440.

⁴⁴¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, ed. cit., 415: «Nam costumava elle pedir esmola de ordinario senam pera as Doutrinas, e pera os prezos, por isso mui raras vezes se lhe negava [...] Tendo tanta aceitação com todos e fazendo de todos o que queria...».

tamente, como se de um rol a desenvolver se tratasse, que não só «[...] foy tal o sentimento / que em todos fez abalo / nos de pee e da cavallo», mas também que «os de maior imtindimento / de ti so de contino falão» (14) e ainda, numa síntese que nos remete tanto para a universalidade dessa dor traduzida na geografia física da cidade como para a Lisboa percorrida pelo Mestre com os seus doutrinos e por muitos adultos que iam engrossando os seus cortejos quando ia ensinar e visitar os presos, que «Não ha rua nem travessa / nem beco nem canto / que por ti não faça pranto...». Naturalmente, a começar pela «casa professa» em S. Roque que, agora, «carece de tal santo» (15). E a *Elegia*, numa série de estrofes vai, anaforicamente, lembrando que os religiosos – «Chorão as Religionis / que em Lisboa estam, / chorão nos de S.to Antam...» –, as gentes de guerra – «soldados e capitanis / por perderem tal varão» (16) –, os pobres, esses pobres que, como sabemos, antes da esmola eram doutrinados – «De Sam Roque os esmoleres / cada passo se detinhão, / hūs e outros que vinhão / homēs e molheres / perguntar pello santinho» (17) –, os das ruas e praças de Lisboa como o Pelourinho e a Ribeira onde Inácio Martins era, semanalmente, uma presença que as caracterizava – «chora o pilourinho, / a gente da Ribeira, / maiormente a da Beira, / os dantre Douro e Minho, / que ganha com a seira» (18) –, as regateiras, essas que, como regista a *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque...*, fechavam as tendas para o ouvir «[contar] cousas divinas» e que, então, alegres, «aguora, tristes mofinas / por ti arastam bandeyras» (19)..., os «pescadores e as padeyras, / os fidalgos e escudeyros, / os frades nos seus mosteiros / nos comventos as freiras, / có sinal damor verdadeiro»..., as «matronas da cidade / e as donzelas encerradas» (49)..., as casadas..., e ainda as «filhas e as criadas / [que] não cessavão de chorar», regando «as almofadas / quando estavam a lavar» (50-51) –, quer dizer, todos, sem distinção de classe, profissão ou sexo, «chorão por ti, manso cordeyro» (20)... E se, com um pouco de retórica – que, nem por

tal, deixa de traduzir o sentimento geral da dor e luto de todos os que o conheceram ou dele ouviram falar –, pode perguntar « Quem haverá que não chore / este bem universal» (30), também, como sabemos, não se esqueceu, para completar o que acabava de afirmar, nem as terras onde, além da capital, Inácio pregou e doutrinou – «Chorão» os de Benavente..., de Abrantes..., de Tancos..., de Sacavém..., de Santarém... (31, 32, 34) –, nem «os pobres de esmola» – que poderão ser todos os muitos outros a quem, além dos mil que, segundo o próprio Mestre, estavam assentes na Misericórdia e em S. Roque, socorria –, nem «os estudantes / e os mininos da escola» (32)..., nem «os negros de Angola» (32)..., nem «os cativos / nesta terra batizados» (33)..., nem ainda, evidentemente, os presos do Limoeiro para quem, tal como para os escravos, «era guia [sua] no caminho da salvação» (38). E, se para todos «[era] esforçado capitam / em cuja companhia / todos seguros vão» (38), não deixará de ser interessante anotar que são os presos os que, ao saber que «he ia falecido / e na terra sepultado, / P. Ignacio tam querido» (37), se interrogam, como última esperança de alívio, «nesse lugar aflegido» e «desemperado» pela sua falta, sobre «qual será o dia / em que [seus] olhos o verão» (38). E, apesar destas universalizações, a *Elegia*, se já mentou «fidalgos e escudeyros», não deixa também de fazer, com precisão digna de nota no quadro das hierarquias sociais de *Ancien régime*, que dentre «os grandes», ««por ti tomou tristeza / [...] a nobreza» / quãota aqui avia», fazendo logo – e, uma vez mais, revelando precisa informação – especial menção de D. Catarina de Bragança («Sua Alteza») que, em «alem Tejo», «desprezando a riqueza / e vam gloria mūdana, / lançou mão de tua cana / e della so mais se preza / que ter a pompa mūdana» (47). Com base nesta referência ao sentimento que, como aludimos, mostrou a Casa de Bragança – os duques Teodósio II e Catarina..., seu filho Alexandre... – pela morte de quem, como sabemos, acolheu e tanto admirou e ao seu interesse por obter algumas relíquias suas, a *Elegia* faz aqui alusão não só a essa grande

e disputada relíquia que era a sua cana, mas também, num elogio que não nos admiraria que traísse gente da casa ducal, compara o interesse da duquesa pela cana de Mestre Inácio – o principal dos seus emblemas – com o de Santa Helena mandando procurar a cruz de Cristo – «Soube nisto bem estimar / cousa grãode em pequena / assim fez s.ta Illena / que hũ madeiro foy buscar / ôde Christo teve pena» (48). Apesar de sabermos – assim o afirma, como vimos, o P. João Correia – que o reitor da Universidade de Coimbra tinha pedido a cana – e, ao parecer, teve que se contentar com «hum pedaço de Cilição do Padre» –, e de nada constar por outros testemunhos ter D. Catarina de Bragança recebido a cana da Doutrina – ela que, como sabemos, já tinha mais algumas relíquias –, esta referência da *Elegia* parece ser, mesmo sendo o único, um testemunho a reter sobre o destino dessa relíquia que, como todas as outras, minorava, substituindo-o, de alguma maneira, a dor pela morte de Inácio Martins.

Comprendemos bem que no seu pranto – «prantear quero, Lisboa, / populosa em Portugal, / em Europa principal, / cuja fama longe soa, / mas agora bem desigual, / a muitos de nos magoa / ser herdeira de tanto mal...» (21) –, Sesimbra, universalizando, como sempre – uma universalização que os cronistas também haviam de sublinhar⁴⁴² –, insista que esse «mal» – a perda de Mestre Inácio – não só consome o reino e o seu império – vai de «nossa patria tam lial» até «[...] Goa / na Índia Oriental» –, mas também que no «Reyno de Portugal / sem ti [Inácio Martins] pirigo corre / a via espiritual» (30).

⁴⁴² Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 53, 249: «Esta morte do Padre Ignacio Martins foy sentidissima no Reyno todo; em Lisboa houve geral demonstraçam de sentimento em toda a sorte de gente, e muyto em particular choraram esta perda os pobres, os presos, e até aos mininos innocentes chegou esta dor: huns porque perderam pay, e remedio, outros porque lhes faltava o Mestre, e a doutrina, e todos finalmente choravam perder o Reyno hum valedor, que os Sanctos sempre foram a mayor gloria de sua pátria, e a melhor defensam de seu Reyno».

Mesmo sabendo que a Companhia de Jesus nunca esqueceu de sublinhar quanto o povo – nobres..., fidalgos e escudeiros..., letrados..., religiosos..., o povo comum como regateiras e a gente das aldeias – aclamavam a santidade de muitos dos seus que ainda não chegaram aos altares – os Jorge de Távora..., os Inácio Martins..., os Tomás Sánchez..., os Alonso Rodríguez..., os Sebastião Barradas..., os Belchior Sequeira... e tantos outros que constam de cartas edificantes que se iam escrevendo e fazendo circular para serem lidas e ouvidas –, a dor sentida pela morte de Inácio Martins é algo que se pode documentar tanto por testemunhos reunidos pelos seus cronistas como por outros oferecidos por estranhos ao Instituto de Inácio de Loyola. Efectivamente, dentre os que o P. Baltasar Teles se esmerou em publicar, convém destacar o do duque de Aveiro nessa carta escrita em Azeitão em 13.3.1598 ao P. João Madureira a que já aludimos e em que lhe pedia o consolasse pela morte de «tam santo varam» a quem sinceramente venerara⁴⁴³. Para esse grande senhor cuja casa tanto protegeu Simão Gomes, esse amigo querido e admirador de Mestre Inácio, a notícia da morte do Mestre em Coimbra – uma notícia que, depois de ter tido algumas esperanças das melhoras do Padre Inácio, lhe causou tanta surpresa como «abalo» – é, como também assinalava a *Elegia*, um sinal «de que não cessam os peccados desta terra, pois vemos que não faltam castigos de Deos». Por isso – e de novo coincide com o poema que publicamos – «muyto se podem temer agora todos, pois Deos nos tira os Santos, por cujos meynos se dilatavam, ou se abstinha Deos de nolos dar...». E enquanto não recebe outras relíquias, guardará, como já lembramos, um «sermonário escrito de sua mam». Na mesma linha de pensamento se manifesta Pero Roiz Soares quando, com destaque («Quando falesseo Mestre Inaço»), recorda que «primeiramente porque ficássemos

⁴⁴³ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...Segunda parte*, ed. cit., 4, 53, 249-250.

mais as escuras sem hũ lampadairo da Igreja de Deos que neste tempo floresia em santidade que era hũ padre da companhia de Iezus de sam Roque a que chamavam Mestre Inaço santo na vida santo na morte nolo levou Deos logo com o primeiro eclipse em Março da dita era [1598] falessendo em coimbra donde foi pregar a coresma o qual não avia poderemno enterrar Com o grande concurso de gente que na tumba e no seu Corpo pegava cortandolhe da vestidura tocando contas lenços chapéos sem no poderẽ enterrar sendo forçado a tornalo a meter nũa cassa ate o outro dia antemenhá que foy sepultado». ⁴⁴⁴ Mesmo tratando-se de uma recordação – como quase todo o *Memorial* –, não parece ser possível negar que Pero Roiz Soares, o grande memorialista, conheceu a carta do P. João Correia ou directamente por a ter lido, ou por cópias que dela ou de outras semelhantes circularam ⁴⁴⁵, ou ainda – e porque descartar tal hipótese? – por essa conversação que sugerem não só cronistas, mas também a *Elegia* quando lembra que «os de maior imtindimento / de ti so contino falão» (14). Algum pormenor que não consta dessa carta – aqueles chapéus que se tocavam no corpo de Inácio Martins – não poderá provir quer de cópias desse ou doutro documento, quer de conversações amplificadas e assim recordadas?

As poesias a que alude Baltasar Teles – alguma delas, como o soneto de D. Joana de Portugal, feita, se não se equivocou Barbosa Machado, «no dia do seu enterro» –

⁴⁴⁴ Pero Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 306.

⁴⁴⁵ No ARSI., além das já referidas traduções italianas da carta do P. João Correia, encontra-se uma *Lettera del P. Sebastiano Rodriguez della morte del P. Ignatio Martinez ch'insegnava la doctrina Xpna in Portogallo defunto in quest'anno del 1598*, datada de «Frascati, li 3 di giugno 1598 (*Ital.* 171, fl. 269r-272r) que, à parte alguns esclarecimentos necessários à sua compreensão por um leitor não português, depende da mesma carta do P. Correia, o que pode bem sugerir a larga difusão epistolar das notícias sobre a morte de «Ignatio Martinez chiamato commumente in Portogalo maestro Ignatio...».

testemunham tanto a admiração e a dor sentida por todos, essa dor que, como diz a *Elegia* – outra das poesias, se não nos equivocamos nós, elaboradas também por esses dias –, alastrava por «ruas e travessas» e, «com dor e sentimento» alimentava conversações – «em ti sò falão»..., «cada paço se detinhão / huns e outros que vinhão, / homens e molheres / perguntar pelo santinho»..., «tudo era perguntar / tuas cousas já passadas»..., «ouvindo em ti falar...» – logo que «correu fama» da doença e da morte de Inácio Martins⁴⁴⁶. E a própria *Elegia*, mesmo que possa ter andado nas «músicas e violas» de Coimbra – hipótese, talvez remota, que já tivemos ocasião de insinuar – parece resultar, directamente ou indirectamente, deste contexto conversacional que, documentalmente, atesta a carta do P. João Correia, ainda que, evidentemente, nela não seja de descartar alguma amplificação de matiz edificante. Valerá, por isso, a pena atender a algumas coincidências entre esse importante documento e a poesia que analisamos.

O P. João Correia garante-nos que gente havia defendendo que «por querer o mesmo Senhor fazer mor bem a Coimbra lhe quisera dar seu corpo [do P. Inácio] pera que a Universidade tivesse com elle amparo...»⁴⁴⁷, perspectiva providencial que, no poema, a seu modo, lastimando a sua sorte, confirmam tanto Lisboa – «não foy ella culpa minha / mas do Alto ordenada» (54)..., «hũa jóia estimada / que do ceo me tinha vindo / a morte ma tem levado» (55)..., «Coimbra foy a ditosa / pois la foste falecer» (56) – como Coimbra – «não foy culpa minha» [...] / Coimbra foy a

⁴⁴⁶ Uma das primeiras notícias sobre a doença de Inácio Martins em Coimbra e das esperanças de sua melhoria – oscilações que também regista o P. João Correia – deverá ter sido a que o P. João de Madureira enviou, nos primeiros dias do mal, ao duque de Aveiro, como afirma este em carta ao mesmo padre de 13.3.1598 (Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 53, 249-250).

⁴⁴⁷ «Carta em que se relata a morte do Padre Ignacio Martinz» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 120.

ditosa / em no ca sipultar» (66). E quando a famosa carta informa, como vimos, que «Entre todas era pera ouvir os estudantes de Lisboa doiamse de o Padre não fallecer nella magoandose antecipadamente ao que seus Pais e amigos que la estavão avião de sentir fallecer ca o padre Ignácio e não o verem ia mais vivo, nem gozarem morto», tais razões parecem ecoar na *Elegia* – «Lisboa entristicida / pelo muito que perdeo» [...] / «Agora esta sintida em perder tanto bem seu» / [...] Em Coimbra fez assento / o teu corpo nũa cama / disse logo correu fama / com dor e sentimento / deste povo [Lisboa] que te ama» (10, 11, 12) como, a seu modo nos garante a já citada carta do duque de Aveiro. E quando, logo depois, a *Elegia*, comparando o sentimento das duas cidades, diz que «No teu enterramento / Coimbra te honrrou / no amor que te mostrou, / a mim diz o pensamento / Lisboa foy a que chorou», será difícil esquecer que o P. Correia informava precisamente que «Outros comparandosse com os que estavão em Lisboa davão graças a Deos por se acharem em Coimbra soposto que não falleço o Padre em Lisboa e posto que todos sentirão sua morte muito se aventejarão entre elles [estudantes] os de Lisboa dandose por mais obrigados a o acompanharem e venerarem que os outros...»⁴⁴⁸. Com alguma violência, poderiam encontrar-se outras alusões intertextuais, mas estas, pequenas ou mesmo ténues, poderão permitir sugerir, uma vez mais, que foi deste clima vivido em Coimbra pelos estudantes – e, naturalmente, outra gente – de Lisboa, e em Lisboa por «pais e amigos» –, relações e solidariedades em que se contariam também alguns estudantes que lembra a *Elegia* (16, 32) – dos de Lisboa que estudavam ou andavam em Coimbra, que deverá ter brotado o poema.

⁴⁴⁸ «Carta em que se relata a morte do Padre Ignacio Martinz» in *Memorial de várias cartas e cousas de edificação dos padres da Companhia de Jesus*, ed. cit., 120.

Mas a longa *lamentatio* que, percorrendo-a, organiza a *Elegia*, atinge o seu ponto álgido, quando, finalmente, Sesimbra garante, fazendo-se directamente eco não de cartas e relações – o que não quer dizer que estas, como a do P. João Correia, por exemplo, não corresse⁴⁴⁹ –, mas de conversas de devotos e conhecidos, que, como já havia insinuado alguma vez, «A muytos vi eu chorar / dos olhos correr aguoa,⁴⁵⁰ / assas com grãode maguoa, / e com elles suspirar / que [seu] corpo se traga / de Coimbra a Sam Roque» (52)... E, para que seja possível tal desejo – «com desejos se procura» –, pede, em tom um tanto imperativo que prenuncia disputa, que «entretanto ninguem toque / la [Coimbra] na tua sepultura» (52). Um aviso que traduz os receios de que, com devotos manejos, se escondesse, levando-a, por exemplo, para outro lugar mais seguro⁴⁵¹, essa venerável relíquia que era o corpo daquele que todos tinham por santo? É possível, e se assim fosse entraria bem na tradição hagiográfica dos piedosos *furta sacra*⁴⁵²...

⁴⁴⁹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*, I, ed. cit., 445, apesar de depender da carta do P. João Correia, refere, a propósito dos funerais e homenagens em Coimbra, «manuscritos antigos».

⁴⁵⁰ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*, I, ed. cit., 414 lembra as «muitas lágrimas» dos que ouviram, em 1599, o P. Francisco Cardoso – um sucessor do Mestre no ensino da doutrina (A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 710-716) – recordar o P. Inácio Martins no sermão pregado por ocasião dos jubileus concedidos, em 1599, à capela de N^a S^a da Doutrina .

⁴⁵¹ Apesar de já acima termos recordado o que se pensou fazer para pôr a salvo o corpo de Sebastião de Morais, 1^o bispo do do Japão (†1588), convirá ter aqui novamente presente que, enterrado em Santa Maria do Baluarte, em Moçambique, «os da terra [...] arreçarão que os Padres de Goa o mandassem buscar, e lhe tirassem tão grande thesouro, e tratavão ente si de o tresladarem pera a Misericórdia secretamente por ter privilegio de não poderem tirar para outra parte quem se ali enterrar...».

⁴⁵² Patrick J. Geary, *Le vol des reliques au Moyen Âge*, ed. cit., 71, 190, 191 *et passim*; um caso «moderno» e quase contemporâneo da disputa que nos ocupa, foi o «santo asalto» que a quarta duquesa

De qualquer modo, pode agora Lisboa, pela sua própria voz, chorando a sua sorte, não só prantear o derribo dessa «coluna que [a] sostinha», mas também explicitar os meios por que pensa poder levar a cabo esse desejo de reaver, mesmo morto, Inácio Martins.

Lisboa – a didascália indica precisamente «Fala aguora Lisboa» –, perturbada pela dor, não só se vê como que transformada – «Ja não sou quem ser soia / antes he menos o meu valor...» –, mas também, recorrendo a velhas fórmulas de *ubi sunt?* de carácter moral – «que do meu antigo primor / que da minha puliçia»? –, interrogando-se sobre o sentido dessa transformação, sente que, porque perdeu o seu guia e pastor, «tudo vai de mal em pior» (53), sentimento este que, menos poeticamente, parece, como atestam crónicas e cartas de gente que chorou, emocionada, a morte de Inácio Martins, ter dominado não só esses dias, mas também todo o «Outono do Renascimento»⁴⁵³. E, confirmando o que já tinha sido insinuado, mesmo sabendo que a queda da «coluna que [a] sostinha / não foy ella culpa [sua]», mas, antes, «do Alto ordenada» (54), Lisboa, «pobre, e misquinha» e «desemparada», chora, com leve conotação bíblica – «de males cercada» (55) –, a perda dessa «jóia estimada / que do ceo [lhe] tinha vindo» (55). Deus o deu..., Deus o levou... Se, «por pecados nossos [Lisboa] / e os do povo christão» (58) – os cronistas..., os memorialistas..., algum grande senhor dirão o mesmo –, não foi possível que «pera nossa consolação» tivesse ficado o corpo de Inácio Martins na casa de S. Roque em Lisboa

de Alba, D. Maria de Toledo y Colona, fez à igreja de Santiago de Peñalva para conduzir para o seu mosteiro de Villafranca (conhecido por La Laura) as relíquias de Santo Estêvão e de Santo Urbano e S. Fortes, cuja interessantíssima relação, então inédita, publicou o P. Fidel Fita, «Hagiografia. El santo asalto de la Duquesa de Alba en 1603» in *Boletín de la Real Academia de Historia*, 42 (1903), 73-79

⁴⁵³ William J. Bouwsma, *El otoño del Renacimiento. 1550-1640*, Barcelona, 2001, 158, 269.

– «chora a casa professa, / que carece de tal santo»... (15), «aomde tantos estam» (47)⁴⁵⁴ –, ela, Lisboa, transtornada na sua dor, culpando-se por saber agora que não soube conhecer o bem que tinha e que acaba de perder, comparando a sua desdita com a felicidade de Coimbra – «Coimbra foy a ditosa / pois la [foi] falecer» (56) –, declara, como que para se redimir, a sua vontade – o seu «quero» parece traduzir a passagem do desejo à vontade – de «mãodar trazer / aqui [sua] ossada / com pompa bem venerada / e com ella imriquecer / a Lisboa magoada» (57). «So por esta rezão», mas com algum império que prevê oposição, «ordena» que se apetreche «hũa armada / de navios galionis / que pelo mar navegão» que, «com gente esforçada / outra de guarnição» preparada para o combate – «capacete lãoça na mão / de ceda embandeyrada / onde for o capitam» – «[aporte] no Mondego» e «com animo esforçado / e brio portugues / [traga] outra vez / aquelle corpo sepultado / que tanto bem me fez» (61). E aos «grandes da terra» (Coimbra) dirão que «lhes [quer] fazer guerra / nesse campo do bolão» – uma zona bem conhecida ainda hoje na baixa da cidade do Mondego – ou, então, fazer «fugir para serra / do mosteiro de Lorvão», declarações bélicas que, na *Elegia*, não serão mais que bravatas poéticas significativas, por *amplificatio*, da dor de uma cidade que, em complicada alusão bíblica – talvez, *Mt. 23, 35* – vê, como Raquel, «os mininos innocentes / todos tristes descontentes / suspirando por Abel». Tal como «os meninos innocentes» – os seus «meninos» da Doutrina, possivelmente –, a gente de Lisboa, quer

⁴⁵⁴ Alusão possível aos «santos vivos» da casa e, para além das relíquias de S. Vicente e de S. Roque que possuía Lisboa – curiosamente o P. Inácio dirá ao seu Geral em 1587 que essa «cidade tão principal», que, como o reino, ia perdendo as «colunas da religião» (Fr. Luís de Granada... , P. Jorge Serrão... , Fr. Roque do Espírito Santo...), tinha poucas relíquias (Carta a Cláudio Acquaviva, 23.1.1587 (ARSI, *Lus.* 70, fl. 32) –, alusão também, certamente, às inúmeras relíquias trasladadas para S. Roque em 1588 por doação de Juan de Borja. O corpo do P. Inácio seria, evidentemente, outra e importante relíquia da casa e da cidade.

dizer, todos – «órfãos» e «de chorar quasi roucos» (64) –, reclamam o corpo do santo, esperando que «Coimbra se contente / com os santos de Marrocos», os cinco mártires franciscanos que, desde o século XIV, eram então, e nem preciso seria dizê-lo, uma das mais preciosas – senão mesmo a mais preciosa – dentre as relíquias veneradas na cidade do Mondego. Naturalmente, como seria de esperar, a cidade que tivera a dita de ver o «santinho» falecer dentro dos seus muros, pesando-lhe, embora, de ver Lisboa «estar assim misquinha» e menos famosa – «sua fama longe boa» – por ter «perdido cousa tão boa», garante-lhe não só que, como ela própria o confessara, o que aconteceu «não foi culpa [sua]» (65), mas também que «não lhe [quer] dar / joia tão preciosa» que a torna agora famosa a ela, Coimbra, – «aguora boa a minha [fama]». E mesmo que venha Lisboa, «com mão poderosa», reclamá-la, Coimbra saberá também pelear e defendê-la – «nos sabemos peleyjar» (66). Por isso, se louva a intenção de «gente tão avissada / fazer tanto por hũa ossada», garante que «muyto mais farão / aonde ella esta sepultada», pelo que será melhor dizer «ao capitam / que se torne com a armada» (67). A cidade universitária, depois do declarado alarde das suas Armas, em subtil alusão às suas Letras e virtudes, correndo pelos seus brios e pergaminhos – «nos também somos gente / com capelo de virtude» (66) –, apenas pede que Lisboa, capital do Reino, «não queira ter tudo» e, santos por santos, baste-lhe «na see sam Vicente / e em sam Roque o taumaturgo».

As duas cidades não prosseguiram a *disputatio*. Esta, ao nível do poema – um poema que, como poderiam sugerir quer as didascálias que, implícitas ou explícitas, marcam o diálogo, quer as suas personagens, nada impediria que tivesse sido pensado como espectáculo ou mesmo que o tivesse sido⁴⁵⁵ –, não parece mais do que uma forma

⁴⁵⁵ Não cantavam, «disfarçados», os estudantes de Coimbra os «louvores» do P. Jorge de Távora?

retórica para, amplificadamente, mostrar a veneração que lhes merecia a memória de Inácio Martins e quanto o seu santo cadáver era tanto uma relíquia preciosa como uma garantia dessa mesma memória que, como dirá Baltasar Teles, seria, perante a santidade proclamada por todos em vida⁴⁵⁶ e os milagres que pelas suas relíquias se iam operando, o fio condutor que, se para tal houvesse «o devido cuydado em se negociar na Rota», o devia elevar canonicamente aos altares⁴⁵⁷. Tal não aconteceu – ou ainda não aconteceu – e hoje também não sabemos se a disputa pelo seu corpo que, retoricamente, se plasmou na *Elegia*, aconteceu na realidade. Possivelmente, como declara em nota o próprio autor dessa «elegia triste» – a classificação é de Baltasar Teles –, em nota à estrofe 58 – «Não quizerão pecados nossos / e os do povo christão, / que pera nossa consolação / tivesses os teus ossos / onde tantos estão» –, «ouve quem desejou muito trazersse o corpo do P. Ignacio Martinz a Lisboa embalsamado». Se assim foi, a *Elegia*, como vimos insinuando, poderá ter transposto, literariamente, um desejo que corria tanto por «ruas e travessas» como entre os de «mayor imtindimento», isto é, entre as conversações – expressão de recordações..., vontades..., desejos..., admiração..., gosto por relíquias suas..., fama de milagres..., leitura de relatos sobre a sua morte... – de todos os que o veneravam em Lisboa e no reino, a ponto de ter havido «tanta opiniam deste sancto homem, e seu nome foi tam conhecido, que quando sahio beatificado nosso glorioso Padre Sancto Ignacio, cuidava a gente, que era o Padre Mestre Ignacio Martins...»⁴⁵⁸.

De qualquer modo, Lisboa que o tinha por santo vivo – «quem a fazia boa» (2)..., «bem meu» (11,34)...

⁴⁵⁶ No já citado ms. 140, fl. 145 da BGUC, a nota lateral conclui: «De todo o povo era tido por varão Santo».

⁴⁵⁷ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 255.

⁴⁵⁸ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*, I, ed. cit., 446; ARSI. Lus.13, I, fl. 32r.

«santinho» (17)..., «servo de Deos verdadeiro» (35)..., «esforçado capitam / em cuja companhia / todos seguros vam» (38)..., «rais / de nossa christandade» (41)..., «minha guia / e meu bom pastor» (53) – quer, como Coimbra, continuar a venerá-lo em morto e, sentindo a falta da sua presença, quereria, mediante a grande relíquia que era o seu corpo, continuar a usufruir da sua protecção e orientação⁴⁵⁹. E, como, em situação de contraste, senão de rivalidade, sublinham as duas cidades⁴⁶⁰, a presença de um santo – neste caso *do* santo – na cidade era um «valor» e meio da sua fama (38, 53, 65), pois, como dizia o P. Baltasar Teles, o santo Padre Inácio, como todos os santos, tinha sido para Lisboa, em vida, – e esperava-se que, morto, o fosse para Coimbra – um «valedor»... uma fonte de «glória»... e a sua «melhor defensam»⁴⁶¹. Por isso, estava Coimbra segura de que, pela presença do santo dentro da sua cerca, voava agora a sua fama (65). Será, contudo, importante chamar a atenção para que nas pretensões de Lisboa aflorava ainda o desejo, já conhecido de antigas tradições hagiográficas, de voltar a colocar o santo na sua – dela e dele – «verdadeira» realidade, isto é, nessa urbe em que, real e mais longamente, viveu⁴⁶². Não

⁴⁵⁹ Cécile Vincent-Cassy, «La propagande hagiographique des villes espagnoles au XVII^e siècle. De sainte Juste et de sainte Rufine, patronnes de Séville» in *Le temps des saints. Hagiographie au Siècle d'or* (Dossier des *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 33), Madrid, 2003, 97- 130 (103-105).

⁴⁶⁰ Patrick J. Geary, *Le vol des reliques au Moyen Âge*, ed. cit., 188 *et passim* permite seguir a tradição deste tópico hagiográfico na realidade medieval.

⁴⁶¹ Patrick J. Geary, *Le vol des reliques au Moyen Âge*, ed. cit., 40, 41, 42, 105, 109; Diana Webb, *Patrons and defenders. The saints in the italian city-states*, London-New York, 1996, 298-316.

⁴⁶² Sofia Boesch Gajano, «Introduzione» e «Santità e miracolo: un rapporto tormentato» in *Il santo patrono e la città. San Benedetto il Moro: culti, devozioni, strategie di età moderna*, ed. cit., 23 e 202 respectivamente.

se lhe recordava que «vinte annos avia / que [estava] em seu poder...», e «sempre [o] folgou de ter» (26)?

Apesar de terem já ficado feitas variadas alusões ao alto conceito de santidade em que Inácio Martins foi tido em vida pela prática exemplar das virtudes – muito destacadamente da Humildade..., Caridade..., Pobreza... – e das obras de misericórdia – ensinar os ignorantes..., visitar os presos..., cuidar dos enfermos... – e à *fama sanctitatis* que o continuou a envolver depois de morto, poderemos ainda recordar mais algumas. Passemos, porque já referidas, a voz daqueles que o chamavam não só anjo, mas também santo –, alguém que, por ele confessado, se converteu..., as mulheres de Lisboa..., o P. Leão Henriques... –, os que confiavam tanto na eficácia da sua oração e valimento perante Deus que o preferiam para que lhes lesse o Evangelho de S. João quando estavam enfermos –, os que assistiram a factos extraordinários – em Lisboa, durante uma lição de catequese..., em Vila Viçosa, aquando de um sermão –, os que acorriam a encher a sé de Coimbra movidos pela sua fama de pregador e de santo..., a procura de relíquias suas ainda em vida..., e fixemos apenas a *fama sanctitatis* que o continuou a envolver depois da morte. Para essa contribuíram, não só a memória de todos os que o conheceram – pensemos, uma vez mais, naqueles que tendo sido seus «meninos da doutrina», adultos, o recordariam (quantos não pertenceriam, por 1612, à Congregação de N^a S^a da Doutrina dos Officiais Mecânicos?) e ainda os que, como lembra Baltasar Teles, tendo-o ajudado no seu apostolado, vieram a ser fonte oral ou escrita de informação sobre a sua vida e obras⁴⁶³ –, mas também, evidentemente,

⁴⁶³ Num apontamento do seu já citado caderno conservado no Cód. 7546 da BNL., o anónimo jesuíta que foi companheiro de Inácio Martins em algumas missões, regista, no seguimento de opiniões e conselhos do mesmo Padre, revelando-nos a fama da sua autoridade: «Nunca darei meu parecer, nem aconselharei que se casem dous parentes, principalmente muito chegados, como primos, etc.. Lembrandome que o Pe. Inácio Martins era muito

«as obras maravilhosas» – os milagres – que começaram a atribuir-se-lhe por meio de relíquias suas. Não foram muitos – ou, pelo menos, não são muitos os que, por prudência, as crónicas registaram⁴⁶⁴ –, mas alguns foram famosos tanto como «obra maravilhosa» *per se*, como pela categoria social dos que delas beneficiaram. Entram neste caso a cura do prior de N^a S^a da Graça de Vila Viçosa que registou, nada menos que um D. Alexandre de Bragança, em carta ao P. João Correia⁴⁶⁵ ..., a cura, em 1629, de uma filha de um Luís Cardoso – «pessoa honrada e nobre» de Breiande (Lamego)⁴⁶⁶, cuja relação é assinada por António de Coimbra Rabelo, Juiz de Fora e Provedor nessa vila, e pelo referido Luis Cardoso⁴⁶⁷ ..., as curas de Duarte

contra isto...». Depois de alguns exemplos, recorda mais alguns casos relacionados com o confessar damas em palácio que, mais resumidamente, A. Franco também aponta, mas o que aqui nos interessa é o testemunho de alguém que os regista em sinal da boa memória que Inácio Martins lhe deixara: «Contoume o mesmo Padre [Inácio] que estando certas pessoas ...»; «Este dia que me contou isto veyo hum recado...»; «Coutoume que hindo hũa vez aos passos de Enxobregas...».

⁴⁶⁴ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 250: «Admiravel foy a vida que fez este grande servo do Senhor o Padre Mestre Ignacio Martins, e este foy o principal milagre que delle podemos contar, com tudo depois de sua morte sucederam muytos casos, que aqui se podiam referir, mas eu sempre vou muyto attento em materias semelhantes, porque sey as cautelas que sam necessárias pera se avaliar hum milagre, e assim os casos que contarei serão muyto poucos...».

⁴⁶⁵ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 251.

⁴⁶⁶ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 251-252.

⁴⁶⁷ Curiosamente, cedida por um amigo que fora estudante em Coimbra aquando da morte do P. Inácio, a relíquia por meio da qual se operou a cura da filha de Luís Cardoso era uma parte de um daqueles «retalhinhos retirados da sua [Padre Inácio] tunica, e vestido [que «pretenderam muytos estudantes»] pera os terem, e venerarem como reliquias de grande sancto, por estar elle tido, e havido por este de todos...».

Peçanha e de seu pai, Comendador de Souselas⁴⁶⁸ ..., e ainda – milagre famoso e oficializado no «sumario» que, pedindo-o os padres de S. Roque, foi feito perante D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa (1585-1625)⁴⁶⁹ – a cura da cegueira, causada por bexigas, do filho de Manuel Correa de Lacerda, filho de Pero Correa de Lacerda, Comendador da Cristo, e de sua mulher, D. Francisca de Aragão, filha de D. Henrique Henriques, senhor das Alcáçovas. O milagre, apesar de a relação não vir datada, terá ocorrido, como já tivemos ocasião de referir, antes de 1617, data das licenças de *Defensam das lágrimas dos justos* do dominicano Fr. Pedro Calvo em que, sumariamente, se relata. Todos estes casos «maravilhosos» – *miraculum* é isso mesmo – são atestados por gente de alta posição social... e por gente do mundo médico e por outra do mundo jurídico, isto é, por gente altamente fiável⁴⁷⁰. Tal como continuava a ser fiável o testemunho de um jesuíta («hum dos nossos») que foi curado das «tentaçoens mais molestas» que padeceu durante «mais de quinze annos» com «so se lembrar do Padre Mestre Ignacio»⁴⁷¹.

E se de algum milagre, como acabámos de ver, foi, canonicamente, feito sumário perante o Ordinário, também sabemos que, aquando da segunda abertura da sepultura do Padre Mestre, acto a que assistiu o P. Diogo Monteiro († 27.5.1634), autor da *Arte de Orar* (Coimbra, 1630), esse ponderoso comentário aos *Exercícios Espirituais* de

⁴⁶⁸ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 446, registou os casos de Duarte Peçanha e de seu pai, também ele Duarte Peçanha («o velho»).

⁴⁶⁹ Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, II, ed. cit., 639.

⁴⁷⁰ Ricardo Rosolino, «Le reti sociali della santità: notai, giudici e testimoni al processo di canonizzazione di Benedetto Il Moro (1625-1626)» in *Il santo patrono e la città. San Benedetto il Moro: culti, devozioni, strategie di età moderna*, ed. cit., 253-277.

⁴⁷¹ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 446.

Inácio de Loyola⁴⁷², que terá referido aos seus noviços que «sentira notavel fragancia de cheiro suave que sahia dos ossos», acrescentando que «se atrevia a depor isto com juramento»⁴⁷³. Se o «cheiro suave» era, tal como a incorruptibilidade do corpo, um importante sinal para consagrar *post mortem* a santidade, para nós hoje é muito mais interessante registá-lo como testemunho de alguém que, sempre procurando, como Mestre Inácio, ensinar a catequese por ruas e praças⁴⁷⁴, era uma fonte mais – e autorizada por fama e responsabilidades no seu Instituto onde foi provincial (1629-1632) – por onde continuava a correr a memória da santidade de Inácio Martins.

Infelizmente, não sabemos do paradeiro dos registos dessas «conferencias, que se fizeram das virtudes do Padre Mestre Ignacio» – fase preparatória de uma petição para a *Ordinario inquisitio*?⁴⁷⁵ –, que, ao parecer, A. Franco ainda consultou e, decerto, lhe permitiu juntar alguns milagres mais aos já registados por Baltasar Teles, apenas sabendo

⁴⁷² António A. Rodrigues Canavarro, *O P. Diogo Monteiro (1561-1634) e a sua «Arte de Orar»*, Braga, 1982, é, até ao presente, a obra que mais eruditamente estuda essa magna obra da espiritualidade em Portugal.

⁴⁷³ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 447.

⁴⁷⁴ António A. Rodrigues Canavarro, *O P. Diogo Monteiro (1561-1634) e a sua «Arte de Orar»*, ed. cit., 47.

⁴⁷⁵ A conjugação da notícia sobre a oficialização do sumário do milagre operado no filho de Manuel Correia de Lacerda com a referência a essas «conferências das virtudes» do Padre Inácio Martins e à segunda abertura do seu sepulcro, parece sugerir que se terá chegado a pensar nessa *ordinario inquisitio*, fase inicial do processo canónico com vista à declaração oficial de santidade. As «conferências das virtudes» parece que seriam um procedimento interno da Companhia usual aquando da morte de membros seus em *fama sanctitatis*. Assim se procedeu, por exemplo, para com o P. Diogo Monteiro, em que se lhe fizeram «umas conferências em que se disseram muitas coisas das suas virtudes», de acordo com um ms. do ARSI, referido por António A. Rodrigues Canavarro, *O P. Diogo Monteiro (1561-1634) e a sua «Arte de Orar»*, ed. cit., 18 n^a 4.

com certeza que, como refere o autor da *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra...*, nelas depôs o Irmão Agostinho Costa – será o padre do mesmo nome que foi companheiro de Diogo Monteiro no tempo em que este foi, pela primeira vez, mestre de Noviços (1601-1606)?⁴⁷⁶ – acerca das circunstâncias em que, como sabemos, um biscainho, identificado, segundo ele, por Inácio Martins com o fundador da Companhia, lhe apareceu e ajudou a aperfeiçoar, como ele desejava, aquele verso *y hablando con él* [Anjo Gabriel] *quedaste preñada del Hijo de Dios* pela substituição de *preñada* por *morada*⁴⁷⁷.

Estes testemunhos, como outros, continuam a indiciar-nos personagens e modos – da oralidade ao escrito – por que a *fama sanctitatis* do P. Inácio Martins se ia mantendo e também, possivelmente, dissolvendo à medida em que testemunhos vivos e mais directos iam desaparecendo, apesar de o P. Manuel da Veiga († 1647), que tantos utilizou na sua biografia de Simão Gomes, ter deixado «no cartório de Coimbra juntos todos os testemunhos, que se deram sobre as cousas de sua morte, com huma larga relação [sua] pera que *«A todo o tempo, em que se tratar da beatificação, e canonização deste bendito servo de Deos, se possam pera ella aproveitar destes papeis, constando por elles como viveo, e morreo com fama, e aclamaçam de rara sanctidade»*⁴⁷⁸. Uma recolha de testemunhos que perpetuassem a sua memória e, através

⁴⁷⁶ António A. Rodrigues Canavarro, *O P. Diogo Monteiro (1561-1634) e a sua «Arte de Orar»*, ed. cit., 50.

⁴⁷⁷ A. Franco, *Imagem da virtude em o noviciado de Coimbra*, I, ed. cit., 412.

⁴⁷⁸ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 251. O P. Teles indica «haver já 48 annos que o dito Padre [Manuel da Veiga] escreveu estas cousas...», o que, tendo em conta que a *Segunda Parte* da sua *Crónica* foi publicada em 1647 e não é curial pensar que, apesar de ser este o ano da morte do Padre Veiga, tenha o padre cronista escrito essas linhas nesse mesmo ano, mas, sim antes, das licenças e impressão, nos remete para 1598-1599, quer dizer, para tempos à volta do falecimento

dela, «venisse rafforzata la fede in Dio e della sua presenza nel mondo»⁴⁷⁹.

E se os votos de um Manuel da Veiga ..., de um Baltasar Teles⁴⁸⁰ ... e de outros – que seriam muitos, certamente – não parecem ter tido sequência, quer ao nível da biografia que o insigne cronista pensava necessária para encaminhar os processos da declaração canónica da santidade do P. Inácio Martins, quer ao nível de outras diligências indispensáveis – «não sey que ategora se fizessem diligencias algũas pera se tratar de canonizar a hum varam tam admirável (que este he o nosso descuydo)»⁴⁸¹ –, nem por

do Padre Mestre Inácio. Um outro dado para o clima que logo aureolou a sua *fama sanctitatis*.

⁴⁷⁹ Sofia Boesch Gajano, «Santità e miracolo: un rapporto tormentato» in *Il santo patrono e la città. San Benedetto il Moro: culti, devozioni, strategie di età moderna*, ed. cit., 368.

⁴⁸⁰ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 255.

⁴⁸¹ Poderemos sempre perguntar-nos as razões deste «descuido» – «nosso»: do país ou da Companhia? –, mas não conhecemos elementos que nos ajudem a identificá-las. A morte dos grandes sucessores imediatos de Inácio Martins – João de Madureira (1601)..., Francisco Cardoso (1604) –, a mudança de funções de outros como Nuno Mascarenhas que, depois de cargos de governo na Companhia em Portugal, se passa para Roma em 1637..., a orientação de outros, como Luís Lobo, que, pelo que se pode deduzir do que sobre ele diz Baltasar Teles, apesar da graça natural e da sua muita virtude, parecia servir-se da catequese principalmente como meio para levar pedintes e escravos à prática da confissão..., a ocupação de alguns mais na produção de obras teológicas e devotas que propriamente na catequese..., o desinteresse dos adultos por esse tipo de doutrina..., poderão ser algumas entre mil circunstâncias que, juntamente com um certo desinteresse das elites sociais urbanas por esse tipo de doutrinação e por livrinhos como a *Doutrina Christam* – não nos enganem as suas contínuas edições «populares» – e outros catecismos, levaram a que a «doutrina» e a memória da imagem de Inácio Martins – o seu Mestre por antonomásia – já não fosse algo de que valesse muito a pena «cuidar» ao nível de promoção oficial de uma santidade que já não corresponderia a um «exemplum»... (Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, ed. cit., 4, 47, 213-215;

isso será menos verdade que «o Reyno todo de Portugal [o] estimou, e nomeou sempre por homem Sancto»⁴⁸².

E mesmo que por «o Reyno todo» se devesse entender, principalmente, o Portugal entre Coimbra e Elvas – as cidades e alguma grande vila senhorial e o campo, esse mundo rural que assoma em «todo o lugarejo» por onde andou pregando..., ensinando..., cuidando de presos e doentes⁴⁸³... –, a *Elegia*, a seu modo e ao seu nível literário, procurou, cálida, mas honestamente, também lembrar que «na voz do povo, que tal vez he voz de Deos sempre foy avaliado por justo, e aclamado por Sancto»⁴⁸⁴.

Jean-Claude Dhotel, *Les origines du catéchisme moderne d'après les premiers manuels imprimés en France*, Paris, 1967, 426-427).

E não se teria mesmo acentuado, apesar do exemplo ainda fresco do próprio Mestre Inácio, um certo «arrefecimento» entre muitos da Companhia por esse mister previsto nas suas *Constituições*, como se poderá deduzir, mesmo que o fizesse por zelo, do que escreve o ex-provincial João Correia nessa já citada carta de 9.7.1594 a Cláudio Acquaviva (ARSI, *Lus.*72, fl. 199-200), pedindo-lhe que, por Letra sua oficial, exortasse «en especial a los professos, los quales no cumplen como conviene con la obligacion de los 40 dias de doctrina christiana, quando los hazem professos, y lo mismo digo de los rectores», reflexão que já tínhamos encontrado, como já lembrámos, no pedido que, no mesmo sentido, se fez na congregação provincial de 1597, a última em que participou Inácio Martins?

⁴⁸² Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 254.

⁴⁸³ Federico Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes. Os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal (1551-1630)*, ed. cit., 258: «Essa actividade [de catequista], mais do que outras por ele desempenhadas no seio da Companhia, fez de Inácio Martins uma figura exemplar na memória da província portuguesa», juízo certo, que pode ser documentado e, de certa maneira, amplificado com a imagem que a *Elegia* guardou das outras outras actividades, especialmente das caritativas, do Mestre.

⁴⁸⁴ Baltasar Teles, *Chronica da Companhia...Segunda parte*, ed. cit., 4, 54, 254.

3. Epilogus

E não a interpretemos mal, duvidando, por mor desse sentimento cáldo de dor que a percorre, do seu valor como documento. Em nome dele – e, dado o género poético escolhido, não devia proceder doutro modo –, esquecendo outras lições possíveis, a *Elegia* apenas procurou perpetuar a memória de alguém que, por si mesmo, mas sempre no quadro das tradições do seu instituto religioso, tinha sido uma lição, quer dizer, uma presença apostólica na vida lisboeta nos fins de Quinhentos. Para tal, não precisou de metamorfosear essa realidade, e se o tivesse feito, o seu autor, escrevendo, como sugerimos, nos tempos mais próximos ao seu falecimento, teria incorrido não só em críticas, mas também no risco de não ser compreendido. Enfatizar – e fê-lo de muitos modos – a dor que todos sentiam pela morte e falta de Inácio Martins, não é o mesmo que transformar a realidade, mas simplesmente, como o foi para esse alguém que para nós hoje é um anónimo, um meio de transmitir o seu ponto de vista que, neste caso, como o afirma claramente na abertura do poema, coincidia com o de todos, isto é, da gente de Lisboa..., de Coimbra... de todo o reino.

Nem toda a hagiografia «moderna», independentemente do género em prosa ou em verso em que nos chegou vertida, foi uma construção pia sobre o terreno – sempre arenoso para a História – do edificante. O autor do documento que publicamos – dizê-lo assim é o nosso modo de enfatizar o seu valor –, cingindo-se a evocar os últimos vinte anos de vida do P. Inácio, ignorando até os seus milagres *post mortem*..., como ignora os anos

anteriores a 1580 com as suas viagens..., os «casos estranhos» que lhe aconteceram..., a sua procura de relíquias..., elaborou, mesmo se utilizando alguns recursos de arte poética, um documento que, escrito, como sugerimos, nos tempos próximos à morte do Mestre da *Cartilha*, merece, em nosso juízo, ser considerado uma fonte – das primeiras e bem informada – desses anos de vida de uma das figuras mais emblemáticas da história da Companhia de Jesus em Portugal na segunda metade do século XVI, sobretudo nos tempos de «consolidação» sob E. Mercuriano (1573-1580) e, ainda, dos primeiros anos de «ordenação» sob Cláudio Acquaviva (1581-1615), tempos bem complexos em várias frentes peninsulares, a começar nessa Lisboa que tinha, politicamente, perdido grande parte do seu protagonismo como corte e capital de um império. E não deixa de ser significativo que, pela sua memória, materializada nas suas relíquias, se procurasse, mesmo ao nível do desejo, que aí, na sua cidade, continuasse a ser, como o era pelos seus milagres, uma *praesentia* e uma *potentia* que lhe davam fama e protecção.

Tivemos ocasião – e a preocupação – de insinuar quanto os grandes cronistas do instituto inaciano com essa fonte coincidem – e podem muito bem tê-la conhecido –, tendo nós, com a precisão que nos foi possível, procurado mostrar, com exemplos que aportam e comentários que tecem, essas coincidências na sua narrativa de muitas das realidades dessa biografia documentadas por esse poema elegíaco. Foi a nossa vez e um modo nosso de o comentar.

Se o que propusemos for verdade, talvez seja, então, conveniente começar a olhar essa longa *Elegia* – e outros poemas que, como nos dizem os cronistas, foram escritos na mesma ocasião – como um documento digno de mais consideração do que uma simples, ainda que preciosa, nota erudita. Muita da hagiografia «moderna» soube impor-se limites que a tornam História. E não esqueçamos que nunca faltou quem, reclamando-se, embora, da verdade histórica, não resistiu à tentação de poetizar, para as tornar, não mais credíveis, porque para isso bastava a sua

palavra de protagonista directo do que narrava, mas mais memoráveis, porque mais belas, as realidades que garantia expor singelamente⁴⁸⁵.

Em qualquer caso – neste ou em qualquer outro mais célebre, mais dramático e mais polémico – «prolongamos sencillamente, hasta los extremos confines de un tiempo presente que estamos mal preparados para apreciar con la sangre fria, la curva sinuosa, y que se bifurca, de un destino póstumo». É, seguramente, uma petulância nossa apropriarmo-nos aqui das palavras com que um Lucien Febvre encerrava a sua sempre viva biografia de Martinho Lutero⁴⁸⁶, mas, infelizmente, não saberíamos dizer melhor, provavelmente sem o conseguir, mesmo que o tentássemos, o que nos propusemos fazer ao procurar oferecer, ao arrepio do tempo, uma leitura dessa «*Elegia triste*».

⁴⁸⁵ Permita-se-nos remeter para um breve ensaio nosso, «Os fundamentos poéticos do documento. A propósito de uma página exemplar do *Leal Conselheiro*», in *Estudos de homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, Porto, 2002, I, 381-394.

⁴⁸⁶ Lucien Febvre, *Martín Lutero. Un destino*, México- Buenos Aires, 1966 (1ª ed., em francês, 1927).

*DO SENTIMENTO QUE MOSTROU
A GENTE DA CIDADE DE LISBOA
QUÁODO SOUBE DA MORTE
DO BOM PE. IGNACIO MARTINZ
DEFUNTO NO COLEGIO DE
COINBRA A 28 DE FIVIREYRO
DO ANNO DE 98*

ARSI
Hist. Soc. 177, fl. 180r-185r
(*Vocationes illustres*, t. II)

[1]

Ignacio esta na gloria
gosando do sumo bem,
disto não duvide ningem,
ca trazia na memoria
quem nossa cõsigo tem.
Alcansaste de ti vitoria,
alcancea eu de mim tambem.
Ignatio dize amē

[2]

Mas queyxumes faz Sizimbra¹
ao mar, que nella soa,
da cidade de Lisboa,
deyxar ir para Coimbra,
a quem na fazia boa

[3]

Chora o mar ociano
a quem chorão as nacõnis,
ouca nossas lemetacõis
aquele Rey soberano
que conhece coraçõis

¹ Ao lado: «Fala co mar aonde o p. embarcou».

[4]

O que forrte amarra
da fee em ti quebrou,
a cruel morrte a trincou,
nūca pella tua barra
mor saio nem imtrou

[5]

Ronca escuma,
da brados,
que ja por meus pecados
a morrte em hūa tunba levou
quem homrrava os despresados

[6]

Espide o teu pescado,
corra pulla salte peyxe,
nenhū la ficarse deyxé,
chorando meu triste emfado,
comigo todo se queyxe

[7]

Lança fora as balleas,
no alto emgolfadas,
no teu pego emfadadas,
juntamente as sereas;
todas juntas, ermanadas
saltem fora nas areas,
chorem minhas tristes fadas

[8]

Tuas omdas empolladas,
que movidas vam do vento,
cō ligeiro movimēto
ate as nuves alteradas,
façam todas sintimēto,
medonhas, emcapeladas,
chorem tal falicimēto

[9]
Sol estrellas Lua,
paray nesse firmamêto,
vede bem meu tormêto,
se a cousa algũa
que me de contentamêto,
sinto perda tam comua,
so fazia mais que semto

[10]
Lisboa emtristicida
pelo mujto que perdeo,
em que ja adormeceo,
com elle era imriquicida
sem elle empobreceo

[11]
Agora esta sintida
em perder tanto bem seu,
o qual era tambem meu,
quero ser agardecida,
em seu lugar falarey

[12]
Em Coimbra fez asento
o teu corpo nũa cama,
disso logo correo fama,
com dor e sentimêto
deste povo que te ama

[13]
No teu enterramêto,
Coimbra te homrrou
no amor que te mostrou,
a mim diz o pensamêto
Lisboa foy a que chorou

[14]

E tal foy o sintimêto
que em todos fez abalo
nos de pe e da cavallo,
os de maior imtindimêto
de ti so comtino falão

[15]

Não ha rua nem travessa,
nem beco nem canto
que por ti não faça pranto,
chora a casa professa,
que carece de tal santo

[16]

Chorão as Religionis
que em Lisboa estam,
chorão nos de S.to Antam,
soldados e capitanis,
por perderem tal varão

[17]

De Sam Roque os esmoleres
cada paco se detinhão,
a hūs e outros que vinhão,
homês e molheres
pergũtar pello santinho

[18]

O que mais se via nelles
amor que lhe todos tinhão,
chora o pilourinho,
a gente da Ribeira,
maïormête a da Beira,
os dantre Douro Minho,
que ganha com a seira

[19]

Todas as quintas feiras,
aqui fazias Doutrinas,
contavas cousas divinas,
alegravas as regateiras,
aguora tristes, mofinas
por ti arrastam bandeyras

[20]

Os pescadores e padeiras,
fidalgos e escudeyros,
os frades nos seus mosteiros,
nos comventos as freiras,
cô sinal damor verdadeiro,
chorão por ti, mãosos cordeyro

[21]

Prantear quero, Lisboa,
populosa em Portugal,
em Europa principal,
cuja fama longe soa,
mas aguora bem desigual,
a muitos de nos magoa
ser erdeira de tanto mal
nossa patria tam lial,
participãodo tambem Goa
na India oriental

[22]

Todos os dias santos,
e algũs da somana,
saías cô tua cana,
cantam alegres cantos
a Virgem soberana
por quem todo bem mana

[23]

Por ti erão emsinados
com muita charidade,
os de menor ydade
e os grandes conmsolados,
vendo tua humildade,
estranhavas os pecados,
louvavas a castidade

[24]

Contavas muitos milagres
de santos canonizados,
de suas vidas tirados,
visitavas os altares
em dias de seus oragos

[25]

Alem choravão os dalmada,
moradores em casilhas,
a ti, mestre das Doutrinas,
em Lisboa magoada
fazias maravilhas

[26]

Vinte annos avia
que estavas em seu poder
sempre te folgou de ter
por seres da Companhia
a quem Deus santa quiz fazer

[27]

Apasentavas os cordeyros
com pasto espiritual,
quem sera a ti igal
naturais e estrangeiros
metias no curral,
e aos mininos primeyro
como cousa principal

[28]

Os pequenos e os grãodes
folgavas de consolar,
e a todos ao ceo levar,
e aqui entrão nos de frandes
os que vem aqui tratar

[29]

De todos eras quirido
de todos muy amado,
dos grãodes estimado,
por humilde conhecido
e muy murtificado

[30]

Quem avera que não chore
este bem universal
do Reyno de Portugal
sem ti pirigo corre
a vida espiritual

[31]

Maiormête riba tejo
tua morrte tanto sente,
salvattera e benavente,
com todo o lugarejo
aonde abita a gente

[32]

La chorão os dabrantes,
e os pobres da esmola,
e os negros de amgola,
não falo nos estudantes,
e mininos da escola

[33]

Todos andam pensativos,
algum tanto desgarrados,
por ti erão bem giados,
maïormête os cativos
nesta terra batizados

[34]

La chorão os de tancos,
por ti suspira santarem,
ca responde sacavem
e todos ficamos mãos
com perder tal bem

[35]

Chorão os do limoeiro²
os pressos da imxovia,
quem vos trara aguoa fria
e pão no tabuleyro
como Ignacio fazia,
servo de Deos verdadeyro
culuna da Companhia

[36]

E quando dizer ouço
Ignacio he falecido,
fico triste ymudicido,
ca neste calboco
por meus pecados metido

² Ao lado: «Os carceres famosos de Lisboa a quê fazia bem».

[37]

Quem te trara pão amassado
de esmola pidido,
pois he ja falecido
e na terra e na terra sepultado
P.de Ignacio tam querido
e sem ti desemparado
este lugar aflegido

[38]

Tu eras nossa guia
no caminho da salvação,
esforçado capitam
em cuja companhia
todos siguros vão,
e qual sera o dia
que meus olhos te verão

[39]

Ja te não verão presentes
estes pobres coutados,
em vivos sepultados,
que mitidos na corrente,
pressos e aferrolhados

[40]

Tu nos vinhas visitar
com bandeyra levantada,
a Virgem nella pintada,
a nos tristes, comsolar
gente descomsolada,
tudo aguora he chorar,
estar sem ti desemparada

[41]

Tu eras a rais
de nossa christandade,
bem se via esta verdade,
todo o mundo assi o diz,
com toda a liberdade
cada hũ he juiz
do teu fruto na cidade

[42]

Todos te traziam nas palmas,
de todos venerado,
sempre estavas ocupado
na salvação das Almas,
pronto, e nunca cansado,
nos frios e nas calmas
cos mininos alvoraçado

[43]

No cabo das Doutrinas,
em voz alta pidias
hũas tres ave marias,
tu as palavras devinas
em nosso peyto mitias

[44]

Dizias a confissão,
minha alma se movia,
o povo que te ouvia
tinha dor e comtrição,
perdão a Deos pidia
maïormête o ladrão
quãodo a ouvirte vinha

[45]

Algũas cousas dizias,
ja o tempo as descobre
ja no rico e no pobre,
os malles que prometias
pellas mãos nos correm,
bem vemos nas freguesias
quãotos de peste morrem

[46]

Que direi da fidalguia
que por ti tomou tristeza,
maiormẽte a nobreza
era quãota aqui avia,
alem tejo sua Alteza³

[47]

que desprezando a riqueza
e vam gloria mūdana,
lancou mão da tua cana
e della so mais se preza
que ter a ponpa mūdana

[48]

Soube nisto bem estimar
cousa grãode em pequena,
assim fez s.ta Illena,
que hũ madeyro foi buscar,
onde Christo teve pena

³ Ao lado: «A sñora dona Caterina».

[49]

As matronas da cidade
e donzellas encerradas,
não faláodo nas casadas,
suspirão com saudades
por extremo magoadas

[50]

No estrado assentadas
quãodo as hia confessar,
tudo era perguntar
tuas cousas ia passadas,
pera mais me magoar

[51]

E as filhas, e criadas
não sesavão de chorar,
ouvindo em ti fallar,
regavão as almofadas
quando estavão a lavar

[52]

A muytos vi eu chorar
dos olhos correr aguoá,
assas com grãode maguoá,
e com elles suspirar
que o teu corpo se traga
de coimbra a sam Roque
com deseios se procura
alcansar esta esta vintura
entretanto ningem toque
na tua sepultura

Fala aguora Lisboa

[53]

Ja não sou quem ser soia
antes he menos meu valor,
qué do meu antigo primor,
qué da minha puliça
tudo vay de mal em pior
ja pirdi a minha guia
ja perdi o meu bom pastor

[54]

Culuna que me sostinha,
essa vejo deribada,
melhor digo enterrada,
não foy ella a culpa minha,
mas do Alto ordenada
fico pobre, e misquinha
senti desemparada

[55]

Todo o bem me vay fugindo,
de malles estou cercada,
hũa joia estimada
que do ceo me tinha vindo
a morrte ma tem levado
desdita me vai siguído
pouco menos que acabada

[56]

fuy assas desditosa
em te Ignacio perder,
não te soube conhecer
coimbra foy a ditosa,
pois la foste falecer

[57]

quero máodar trazer
aqui tua ossada
com pompa bem venerada
e com ella imriquicer
a Lisboa magoada

[58]

Não quizerão pecados nossos
e os do povo christão,
que para nossa consolação
tivecemos a teus ossos
aonde tantos estam⁴

[59]

So por esta rezão
asima declarada,
com dor sinificada,
ordena o capitam,
que se faça hũa armada
de navios galionis
que pelo mar navegão
pasãodo seu alto pego,
com insines capitanis
aportem no môdego

[60]

Com gente esforçada
outra de guarnição,
capacete lãõça na mão,
de ceda embandeirada,
omde for o capitam

⁴ Ao lado: «ouve quẽ desejou muito trazersse o corpo do P.de Ignacio martinz a Lisboa embalsamado».

[61]

Com animo esforçado
e brio portugues
trareis outra vez
aquelle corpo sepultado
que tanto bem me fez.

[62]

O mesmo tambem dirão
aos grandes da terra
que lhes quero fazer guerra
nesse campo de bolão,
ou fugir para a serra
do mosteiro de lorvão

[63]

Que esta chorando raquel
os mininos innocentes,
todos tristes descontentes
suspirando por abel
com suspiros bem ardentes

[64]

Por elle chora toda a gente,
sem elle estamos orfãos,
de chorar quasi roucos,
e coimbra se contente
com os santos de marrocos

Reposta da Coimbra

[65]

Pesame de Lisboa,
estar assim misquinha,
mas não foy culpa minha,
sua fama longe boa,
aguora boa a minha
por me dar cousa tão boa
como ella em si tinha

[66]

Nos não lhe queremos dar
joia tão prisiosa,
posto que este chorosa
ade nos perdoar
coimbra foy a ditosa
em no ca sipultar,
vindes com mão poderosa,
nos sabemos peleyjar

[67]

Com tudo louvamos a tenção
de gente tão avissada,
fazer tanto por hũa ossada,
mas muyto mais farão,
aonde ella esta sipultada,
dizei la ao Capitam
que se torne coa armada

[68]

Nos ca tambem somos gente,
com capelo de virtude,
não queira Lisboa ter tudo
bastelhe na sse sam vicente,
e em sam roque o taumaturgo.

Do P.de Ignacio Martinez.

FONTES DOCUMENTAIS

Apenas publicamos os documentos que não foram incluídos em notas ao texto da Introdução.

Sempre que pareceu ser aconselhável para melhor compreensão do texto, actualizamos o uso de maiúscula e minúsculas e, em algumas raras ocasiões, a pontuação.

1. Outras poesias

1 – [Anónimo]

Soneto que se fez á morte do ínclito Varão de Deos
o Pe. Me. Ignacio, da Companhia de Jesus.

O tempo as horas essa balança lança,
Pouco do tempo a verdura dura,
Murcha-se a flor, fica a frescura escura,
Se a terra fértil fructo alcança, cança.

A vida ao som desta mudança dança,
Quando por regras de natura atura,
Athé que a morte com brandura dura
Torna a soberba dos que amansa, mansa.

Estáveis cá antre nós vivendo, vendo
Da morte, ó Ignacio, o desconcerto certo,
Da vida incerta o emprestado estado.

Em vós a gloria, que eu pretendo, tendo,
Vereis o que vos tinha experto, perto,
Sereis, pois sois de Deos chamado, amado.

O P. Ignacio Martins falleceo a 28 de Fevereiro de
1598.

[BGUC., ms. 2584, fl. 182 v.]

De D. Joana de Portugal no dia do seu enterro alludindo ao ultimo sermão que pregara na Dominga 3 de Quaresma:

Aquela voz de Ignacio, que abalava
O Ceo, e a terra toda suspendia:
A que do Ceo à terra Anjos trazia
A que da terra ao Ceo homens levava,

Acabou: já não soa onde bradava,
Mas por nós nos Ceos falla onde s'ouvia;
Pregou por fé na vida o que não via,
Mas vio antes da morte o que pregava.

Pelejou com o diabo, e com a vida,
E já perto do fim mais esforçado
Na ultima batalha acabou tudo.

A açoutes deixa a carne já vencida,
Por humilde o mundo desprezado,
Por doutrina o diabo surdo, e mudo.

[Baltasar Teles, *Chronica da Companhia... Segunda parte*, 254; Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, II, 543].

2. Epístolas

1



Admodum Reverendissimus Pater
Pax Christi

Absolvi tamen peregrinationem quam ex praecepto R.P.Vestrae aggressus sum, pervenique Eboram 16 januarii sanus et incolumis, laudetur Dominus. In omnibus collegiis Germaniae Flandriae Galiae et Hispaniae ostensis patentibus litteris R. P. V^a. a patribus et fratribus satis humaniter excetus sum. Sanctorum reliquias quas R.P.V^a. curandas recepit. Habeo non paucas nam propter quinque capita sanctorum thebeorum et treverensum quae iam Ulissiponem delata sunt, manserunt Antuerpiae decem capita ex Coloniae extracta ad nos brevi transmitenda. Idemque omnia michi R.V^a.P. agenda commissit licet tardum optimum tamen successum habuerunt. Dominus laudetur. Deus optimus Maximus R. P. Vestram nobis servet. Almeirim, 25 Januarii. Meminerit R.P.Vestram amore Christi me mittere vel Indiam vel Bresiliam.

Filius indignus
Ignatius Martins.

[ARSI., *Lus.* 66, fl 38r]

✠ Ihs

Muyto Reverendo en Christo Padre

Recebi una de V. P. de 25 de abril. Pensando con deliberacion y de espacio en lo que V. P. me manda teniendo ojo al bien comun y hablando sinceramente se me ofrecio lo siguiente: el P. Jorge Sarrano a sido todo el tiempo de su provincialato un grande superior ultra del parecer idoneos para el mismo carrego los padres Luis Gonçalves Manoel Alvarez Pero da Silva Mauricio Manoel Roiz Miguel Cristoval de Gouveia Francisco Martins. A los tres primeros no sé falta que impida; el P. Mauricio es notado que depues que se determina a una cosa no se dobla facilmente. Esto creo que le nace parte de su naturaleza, parte que como es hombre de oracion depues que encomendandose a Dios siente deverse hacer algo ponelo en execucion. Creo se emendara porque es humilde y obediente. Manoel Roiz es buen hombre y de negocio pero no es avido en esta provincia por hombre spiritual ni creo los subditos tienen opinion de su spiritu. Miguel de Sosa es hombre de spiritu mas muy perplexo en los negocios: platicando con el algunas vezes sobre cosas de importancia trahendole razones por la affirmativa parece le persuadi y depues trahendo razones por la negativa tambien le persuado. Los tres postreros con poca experiencia seran idoneos.

Dos cosas se me offresceran advertir a V. P. sub omni correptione .s. 1: que la opiniones de los hombres son mudables principalmente de los portugueses los quales de un año a otro mudan sus opiniones por onde el que les a de prover deve tener el ojo a la enfermedad del cuerpo presente más que a sombras ni dichos, que por ventura si los uvo assi algunos pocos imperfectos ahora no los á.

Esta provincia al presente es la mas riqua que á en la Compañia y ahora esta la mas dotada de renta y abun-

dante dela que nunca estuvo, por donde parte por la poca ocasion de exercitar la pobreza, parte por alguna alteracion que á avido de pocos tiempos aqua, ay en ella poco spiritu y mucha propension a largueza y mucho aparejo a con qualquiera ocasion se extinguir el spiritu y aver dissolucion. Por donde es omnino necessario superior muy spiritual y que no alargue sino que tenga mano y algunas liberdades de otras provincias pobres aqua haran mucho daño y de no advertiren a esto algunos inconsideradamente notan a los superiores desta provincia por apretados y esta es una causa de poca union que V. P. tanto desea.

Ay en esta provincia pocos hombres hechos y lo que pior es y de que yo é admirado depues que vine: los profesores que leen andarem tristes y desanimados sin hervor sin gusto, esto no por rigor porque ahora no lo ay, mas por inopia de maestros como ellos dizen y como los discipulos dependen de los que leen estudian ellos remisamente y vase debilitando la provincia en los subjectos. Es luego necessario hombre que tenga talento de hazer hombres y de animar y esforçar a todos precipue a los que leen y estudian y de tanta authoridad en la provincia y spiritu que dé ser a la misma provincia.

Para esto el mas sufficiente y mas idoneo es el Pe. Luis Gonçalves a quien N. S. a dado talento particular de animar y perfeccionar a todos pera todo ministerio presertim in collegiis. Yo creo que con esta eleccion esta provincia tomara novo ser y accrementamiento y algunos que le estan aversos se reduziran porque le a dado noestro Señor gracia particular quoando gobierna de ganar y consolar a los desconsolados y tentados ni intendo remedio mas efficaz para la union que V. P. pretiende que hazer al Pe. Luis Gonçalves provincial ni yo se aversos a el sino poquitos e essos que no le tratan de cerqua. Y quanto a lo que se puede temer que tiene demasiado zelo el lo á moderado asaz por la vejez y es obedientissimo y no hara sino lo que V. P. ordenare y quanto a la sospecha de siempre governaren unos no cabe en el, porque va

en 20 annos que el Padre Luis Gonçalves no gobierna la Compañía salvo en Sancto Anton a do yo vi que los tentados con su buen modo se reduzian todos y en aquel trienio que el governo sancto Anton no uvo superior en la provincia mas amado de los subditos. Y esta es la verdad y aun que el oviera sido superior muchos años y (estando la provincia como esta omnibus consideratis ajuntado a esto que todo el Reino se edificara mucho desta eleccion y el con mas libertad procurará con el rei por las cosas de la Compañía) pensara ser servicio de Dios cortar por todas sombras y tuviera conta con el cuerpo de la provincia. Mesmo digo que V. P. con esta ellecion receberá gran consolacion ver que en principio de su generalato esta provincia va em grande mejoría y crecimiento y á V. P. de holgarse mucho con sus cartas por el spiritu y lumbre que N. Señor por meo del P. Ignacio le a comunicado y pienso que Dios hizo merced a esta provincia desocuparle del rei por de todo se ocupar en cosas de la Compañía. Y desto que escrivo el Pe. Luis Gonçalves no sabe nada porque despues que vine ni le comunique por habla ni por carta ni sé se querera el aceptar la ellecion, mas V. P. le obligue.

La segunda cosa que se me offrecio advertir a V. P. es que avra 7 dias que el Pe Diogo de Barrios que á poco mas de una año que se sahio de la Compañía me mostro una de V. P. pera el en la qual V. P. le dizia estas palabras: Con la buena orden que ahora se dara V. R. terna consolacion en Portugal*, las quales palabras a mi juicio haran poco provecho al que las liere, porque el subdito terna poco credito al orden de aqua pues de allá le repruevan y los superiores de aqua tomaran desgusto como lo tomo muy grande un superior de los principales que despues que este mismo padre le mostro la carta se vino a mi y me dixo que se V. P. entendia el orden de aqua ser errado, lo devia escribir a los superiores y no a los subditos que con esto pierden el dividio respecto a la obediencia presertim que aquel padre mostrará la carta a

muchos. Yo le respondi que seria descuido del secretario. Et quedó mal quieto.

En la misma carta dize V. P. que mandará en breve visitador y por otra parte e entendido que manda V. P. que las quietes de Coimbra se reduzan a uno y otras cosas de mudança. Parece salvo meliori juicio seria mejor sobrestar hasta la visita, pues es tam breve el tiempo, porque puede acaecer que V. P. juzgue por mejor lo que se hazia que lo que ahora manda que se haga. Y quoando a V. P. a cabo de la visita le parece lo mismo que agora cerca de las quietes y todo lo demas, parece que sobrestando por agora procede V. P. mas suavemente con esta provincia que por agora esta quieta .s. y no á ninguno peligro en la tardança. Tambien me parecia que quoando V. P. no aprovase la elleccion del Pe. Luis Gonçalves que seria mejor dilatar la elleccion hasta la visita, porque el Pe. Jorge Sarrano tiene al presente muy quieta la provincia y tiene mucho spiritu y grande talento de governo.

V. P. perdone mi atrevimiento pero porque entiendo que V. P. es amigo de la verdad ose escribir (como fiel hijo que deseo ser) todo lo que pasava. Em sacrificios de V. P. mucho me encomendo.

De Coimbra, sete de Julio de 1574.

Yo tengo los mismos deseos de India o Brasil. V. P. amore Dei no se olvide de my.

Indigno hijo de V. P.

Ignacio Martinez.

* Sublinhado no original

[ARSI., *Lus.* 66, fl. 189r-190r]



Mui R.do en Christo Padre

Pax Christi

Por la fidelidad y amor en Christo que devo a V. P. me parecio escribirle lo que se sigue. Quoando llege aqui de Roma halle en todos universalmente grande satisfacion con la elleccion de V. P. Ahora de pocos dias aqua empieça el gobierno de V. P. en esta provincia a tener descredito porque dizen que el P. Miron gobierna esta provincia. Esto colligen assi porque V. P. parece quiere executar algunas cosas que el llevaba de aqua mui a pecho, como tambien porque el P. Miron parece soelta palabras diziendo que V. P. y el son la misma cosa. Yo mismo soy testigo dello porque le oy en Roma dizir despues de la elleccion de V. P. fue la mejor elleccion del mundo, porque sabed que Eberardo y Miron son la misma cosa. Lo que importa a mi juizio flaquu es sobrestar V. P. con todo hasta la visita y esta visita mandarla V. P. luego hazer. Y entretanto governaren lo mesmos que ahora gobiernan. Y amore Christo haga V. P. la visita a gusto de todos como seria mandar aqua por visitador el Pe. Oliverio o el Pe. Paulo Ossio o el Pe. Canisio, porque todos los desta provincia tienen a estes padres por sanctos y los recibiran como si viniesen unos angeles. Y lembro a V. P. los deseos que N. Señor me da de las Indias. En sacrificios de V. P. me encomiendo.

De Coimbra, 5 del mes de Agosto 1574.

Filius indignus

Ignacio Martinz.

[ARSI, *Lus.* 66, fl. 210r]

✠ Ihr

Mui R.do en Christo Padre nuestro

Pax Christi

Aun que ha muchos días que participo de la gran consolacion que esta casa de Sá Roque y toda esta provincia espera rezebir con el sagrado tesoro de las sanctas reliquias que el Sr. don Johá de Borja offerece pera esta iglesia, no me atreviera hablar en ello a Vra. Pad. si el mismo non me lo rogara, como agora hizo por cartas particulares suyas. Esta ciudad tiene pocas reliquias siendo la mas principal deste reino y muy insigne en todo el mundo y parece que Dios la quiere ennoblecer en lo espiritual con este tan noble tesoro, y consolar no solo este reino, mas todas las naciones tan varias que aqui concurren de todas partes del mundo. Y parece tambien que Dios N. S. quiere hazer algunas grandes y extraordinarias mercedes a la Compañia pues le da tran grandes prendas. Yo he visto por varias vezes estas sanctas reliquias y es verdad que sinto em mi anima una tan singular influencia, como senti hallandome en las sanctas estaciones de Roma, por lo que entiendo que se les deve el mejor lugar de nuestra iglesia. Y quien lo ajunto con tanto trabajo y devocion, y las da con tanta affecçion y tan riqua y noblemente las ha ornado, merece estas a los pies dellas, especialmente siendo hijo daquele grande sancto y padre nuestro Francisco de Borja de buena

memoria, que se hallo presente en esta casa al tomar de la posesion en nombre de la Compañia predicando en ella a elrei don Johão el 3º que por su respecto se la dio. Y deviamos estimar tener aqui un garfio, y tal garfio, de tan buen padre, pues no podemos tener a el. En la sancta obediencia y bendicion de Vra. Pad.. me encomendo. De Lisboa 23 de Henero de 1587.

De V. Pad.

Indigno hijo en el Señor

Ignacio Martinz.

[ARSI, *Lus.* 70, fl. 32]



Muy Rvdo. Pre. Nro. en Christo
Pax Christi

Pareceme que fuera ocasion de gran consolacion para V. P. Saber en particular las mercedes que N. S^{or}. nos aze con la doctrina christiana que en esta ciudad se enseña a los niños y personas rudes y todo mas pueblo que N. S^{or}. tras ellos lleva; empero por ser cosa larga me remito al Pe. Procurador, y assi solo pretendo pedir a V. P. humilmente aya por bien ayudarnos en esta obra con su santa bendition, y juntamente embiarnos agnosdei para repartir primeramente con las personas principales que en esta obra concurren que son trinta y tantos maestros de escuelas de niños, cinquenta y mas cantores ordinarios que van cantando por las calles divididos en quatro capillas todos los dias santos y domingos del año, y sustentan el gusto y devocion de gran cantidad de pueblo que le sigue, 100 cien pretos que son los principales de vinte naciones diversas que ay dellos en esta ciudad y concurren a la doctrina por su orden cinco naciones cada domingo. Demas desto se haze la doctrina entre semana a los pobres en la iglesia de la misericordia do se asentan mil pobres; otro dia en la ribera a gente muy varia, rude, y sin pastor adonde concurren algunas vezes tres o quatro mil personas*; otro dia nelas galeras o carceles de la ciudad que son muy poblados y les llevamos algunas vezes dos y tres hanegas de pan y carne, y pesxe, y regalos para enfermos de limosna de personas devotas que la dan, y acabado de repartirselo van muchos hombres con nos a trea agua a los presos con notable edificacion, y todos estos suspiran por un agnosdei de Roma; por donde numerando los agnos dei que son necesarios para esta obra seria gran caridad mandarnos V.P. mil agnosdei pues el numero de los a quien se les

ande dar es tan grande, y Roma tan lexos, y ellos tan affeccionados que la esperança que les doi mientras no vienen les consuela. Lo que consumara esta obra seran los milagros de N. Sñora de Loreto que a escrito el Pe. Rafael Riera y otros que se hallaren porque tenemos de costumbre en cada doctrina hazer que un estudiante diga al pueblo en alta boz un milagro de N. Sr^a. lo que es de mucha consolacion del pueblo, y hastaora se an dichos los de N. Sr^a. de Monserrate, y de Guadalupe, faltannos los de N. Sr^a. de Loreto casa mas principal. En la santa bendicion de V. P. mucho me encomiendo. De S. Roque 14 de Agosto de 87.

De V. P.

Indigno hijo en el Sñor

Ignacio Mrz.

* Sublinhados no original. O receptor anotou à margem os três pedidos principais da carta.

[ARSI, *Lus.* 70, fl. 230r-230v].



Muy Rvdo. en Christo Padre Nuestro
Pax Christi

Ha muchos años que deseamos en esta provincia suplicar a V. Pd. una caridad para consuelo de toda ella que redondera en bien universal de todos, y es que V. Pd. dee favor y calor para que se ayunten las fundaciones y principios notables y de edificacion de las casas de N. Sr^a que estan por el mundo con uno o dos milagros de los mas celebres que se hallaren en cada una de las dichas casas de la Virgen, porque se entiende que sera obra de notable provecho y consuelo universal, y en especial puedo ser testigo de lo que veyo ha muchos años en este exercicio de la santa doctrina, en que suelo muy amenudo relatar algunos milagros de la Virgen con notable aplauso y consuelo del pueblo.

Las razones que se ofrecen para representar a V. Pd. son las siguientes. Primeramente la grande obligacion que nuestra religion tiene a la Virgen desde su fundacion, a la qual con este exercicio de la publicacion de sus cosas parece que obligariamos mucho a continuar sus favores a la Compañia en especial en este tiempo en que el Demonio ha trabajado contrastarla, y aviendo V. Pd. encomendado muy deveras a las provincias la devocion de la Virgen, como cosa tan importante, con este medio se ayudaria y despertaria mucho lo que V. Pd. desea.

Y aun para el aumento y confirmacion de la confradia de la Anunciada que V. Pd. trahe tanto en los ojos, sera un estimulo muy eficaz el libro que se hiciere de las casas notables que ay en el mundo de la Virgen, porque cada dia sabemos de nuevo cosas de grande consuelo y edificacion que por descuido se van olvidando con el tiempo, y por este medio se conservara tesoro de tanta estima, que ayudara grandemente a las dichas confradias

de la Virgen a todos los religiosos y a toda la Iglesia universal, que por medio desta Señora es tan ayudada y amparada.

En especial nos mueve el ver que los sanctos particulares que son tan limitados en sus cosas y templos, todavia tienen los milagros y fundaciones de los templos en que son venerados, mui publicados por el mundo, y la Virgen que tien mas casas en el mundo que todos los sanctos y mas milagros y de mas edificacion, parece que no tiene quien publique sus cosas, como si la riqueza deste tesoro nos hiziesse pobres por falta de quien emprenda este trabajo, que no sera muy difficultoso si V. Pd. lo emprende, dando orden con que se escriba a los provinciales de todas las provincias para que ellos encarguen a los rectores particulares desta diligencia, sacando a limpio la origen y fundacion de las casas de N. Sr^a. de sus pueblos o vecinos y añadiendo uno o dos milagros de mayor celebridad y provecho spiritual, con las circunstancias necesarias para el intento del libro que se pretende, y en las provincias de Francia, Germania, o otras, en que la heregia ha quitado el culto y veneracion de la Virgen, se podia inquirir de los templos que uvo en otro tiempo y sus fundaciones para que no se pierda del todo tan grande bien.

Haziendo V. Pd. esta caridad y favor a esta provincia dando este consuelo y ayuda a los devotos de la Virgen, aqui se hara el libro en latin y romance portugues y aun no falta quien se offereça a hazerlo tambien en verso, por que ay algunos aptos que lo desean y se ofrecen para ello, porque tenemos muchos milagros y fundaciones de muchas casas aguardando la respuesta de V. Pd. que es obra tan propria de la Compañia y en especial de V. Pd. en cuyos sanctos sacrificios y oraciones mucho me encomiendo.

De V. Pd. los 11. de Henero de 92.

Ignacio Martins

[ARSI, *Lus.* 71, fl. 21r-21v].



Muy Rvdo. Pe. Noestro en Christo
Pax Christi

Aun que no es mi officio con todo como hijo que deseo ser todo verdadero de la Compañia me pareció dever proponer a V. P. como esta casa al presente vá muy bien en la obediencia y en toda la observancia de la reglas y ayuda a todo el padre preposito que es un grande superior. Y es verdad que despues que el es preposito y el P. Juan Correa fue vice preposito esta casa se mejoró y por del todo se occuparem principalmente et ex Instituto en lo que toca ad intra y perfeccion de la casa. Y para que esto va adelante pareceome in domino advertir a V. P. como el P. Pero da Fonseca acabada su visita ha tomado un modo de proceder extraordinario en esta provincia que no poco perturba la casa y es retirarse en la quinta de Campolide y andar en mula por la ciudad y apearse en el palacio y en otras partes. Y porque esta mula es prestada persuade al procurador el P. Luis Pereira que es muy mancebo y rezio que compre un macho para los dos. Esto no edifica porque por su comodidad escusada abre camino para los mancebos andaren en mulas que es contra los avisos de la sancta obediencia. Dixo tambien que el P. Hernan Carvalho su mui particular amigo andaria en el macho, al qual Pe. Hernan Carvalho el puso por consultor de la casa, officio en que le pueda servir de agente y honde los mas consultores pueden recelar le va dezir todo. Offerecioseme que todo se remediaría con V. P. ayudar de alla al Pe. Pero da Fonseca con una carta esforçandole a nos ayudar a todos como a filucos com mas exemplo y que en esto particular buscasse otro lugar pera componer su libro como en algun collegio a su ellecion o en la casa como hizo el Pe. Luis de Molina y ansi no averá quien hable en se comprar macho ni

averá quien diga que pretiendió tam aporfiadamente por Campolide pera alli residir ni averá quien hable en lo que corre por aqua que el Pe Pero da Fonseca acaba todo con V. P. y del Pe. Hernan Carvalho me ocurre que se aprovecharia mucho mas en spiritu en un collegio y cessarian murmuraciones que han del en la ciudad y poca edificacion en casa. Aun anteer dixo una persona secular a un padre nuestro que con una cosa que el Padre Fernan Carvalho trahia agora entre manos aprovecharia bien a sus parentes, mormente que quasi no haze en todo el año los ministerios de la Compañia. Lo que hasta aqui escrivo a V. P. hablo como a superior a quien tengo en lugar de Dios noestro Señor, al qual pido conserve la vida a V. P. pera bien noestro y de toda la Compañia y humilmente demande la sancta bendicion de V. P.

De San Roque 8 de Agosto de 1592.

De V. P. indigno hijo

Ignacio Martinz

[ARSI, *Lus.* 71, fl. 221r].

3. De vita et doctrina

1

[*Catálogo del Colegio de Évora - 1557*]

El pe. maestre Ignacio de 26 años natural de Gouvea del Obispado de Coimbra. ha quase quinze años que estudia .s. oyo el curso artes y 4 años de Theologia con algunos intervalos. ha año XIII que lee artes. El mas tiempo estudio Latin y Griego interpolado. ha quasi onze años que entro en la Compañia. Es bien dispuesto e de buena habilidad.

[ARSI., *Lus. 43-I, fl. 31*].

Lista de los padres y hermanos del collegio de Évora
[1558-1559]

P. Maestro Ignacio, es de 28 años, ha 12 o 13 que esta en la Compañía. estudio 9 o 10 años humanidad, oyo el curso de las Artes y 5 años de Theologia. ha 3 años que lee aqui el curso de las Artes, en todo lo qual esta muy adelante, tiene muy buen ingenio, empero no es de tanto juicio como tiene de ingenio, tiene talento para predicar, naturalmente bien dispuesto, aunque con el trabajo del nuebo estudio, se halla muy flaco, y es necessario asi para su tratamiento corporal, como para suplir con el curso que lee, proveer de los medios que convienen para lo llevar adelante, .s. darle substituto dispensar con el en algunas reglas, en el comer, y en el mas tratamiento diferente de los otros.

[ARSI., *Lus.* 43-I, fl. 97v-98r].

Menologio dos varoens illustres da Companhia de Jesus

28 de Fevereiro

O P. Ignacio Martinz

Aos 28 de Fevereiro de 1598, em Coimbra succedeo a saudoza morte do P. Ignacio Martins, natural de Gouvea, o qual sendo o primeiro noviço, que entrou naquelle Collégio com o nome de Vasco, que se lhe mudou em Ignacio, participou tanto das virtudes de N. S. Patriarcha, que em sua Beatificação cuidarão muitos ser o P. Ignacio Martins o declarado por Beato. Sendo Doutor, e Lente de Theologia em Évora trocou a Cátedra pello púlpito, em que foi eminente, e hum dos mais insignes pregadores do seu tempo. Escolhido por ElRey D. Sebastião para seu Pregador, exercitou por alguns annos esta obrigação com indizível fructo, e inexplicável applauso. Depoes que tornando da 3^a Congregação Geral teve em Pádua nas próprias mãos, e reverenciou a Língua incorrupta de S. António, se revestio de um novo espírito, e deixadas todas as flores da Eloquência, parecia no púlpito hum S. Paulo. Sobretudo foi admirável o seu zelo no exercício da santa doutrina que ensinou 17 annos contínuos em todas as tardes da somana com hũa cana na mão assim nas ruas, e praças, como nos cárceres, e galés; pregando ao mesmo tempo todas as manhãs de Domingos, e Dias Santos. E prezando-se mais da sua cana, que do púlpito, pedio que o enterrassem com ella. O seu ministério da Santa Doutrina acreditou Deos com algũas maravilhas, porque envergonhando-se muitos dos seus ouvintes de responderem às perguntas que lhes fazia naquelle exercício, hũa criatura de 6 meses somente de idade por mandado do Padre repetio em voz alta, e perceptível a Oração da Ave Maria com pasmo de todos os presentes. Dava fervor à tão santa vida a continua oração, que só de nove lhe dava 5 horas continuas, e todas sempre

de joelhos; a rigorosa penitência, a qual foi tanta, que quando o amortalharão, lhe descobrirão o corpo todo coberto de calos, de nodoas, e de chagas; a profunda humildade, e generosa constância nas empresas do serviço de Deos. Daqui lhe nasceo perseguir de tal sorte aos comediantes, que os fez sahir de todo o Portugal. Do Diviníssimo Sacramento nimamente devoto, em cuja veneração compôs hũas não menos pias que ternas ladainhas, as quaes produzio elle da Sagrada Escritura, e correm impressas por todo o Mundo; e nunca celebrava sem levar o corpo cingido com hum cilício. Teve desde menino cordeal devoção à rainha dos Anjos, e hé fama corrente que a Senhora lha remunerou, apparecendo-lhe na hora da morte, para a qual se dispôz no Collégio de Coimbra com todos os Sacramentos entre devotíssimos colloquios, quando já contava 68 annos de sua idade, e 52 de Companhia. Houve geral sentimento em toda a Cidade, e maior na mesma Universidade, concorrendo a seu enterramento innumerável gente, beijando-lhe pés, e mãos, e procurando algũa relíquia de seus vestidos, unhas, e cabellos.

[ARSI., *Lus. 13*, vol. I, fl.32-32v].

[*Memórias de um jesuíta anónimo dos fins do século XVI*]

Coutoume o mesmo Padre [Inácio Martins] que estando certas pessoas murmurando dos ecclesiásticos e religiosos que quando virão a Companhia disserão passai, como quem não tinha aly que fazer, nem que dizer, e por tanto deve todo o religioso da Companhia trabalhar por conservar esta opinião que se tem da Companhia.

Este dia que me contou isto veyo hum recado de hũa dama da Senhora Dona Catarina por que o Padre a fosse logo confessar, que queria comungar antes que tomasse hũa purga, a qual estava acamada mal desposta, não a quis o Padre confessar dizendo que não convinha, pois não estava em perigo, e dando outras rezões; mas o porque a não foy confessar foy por estar em cama, dizendo que viesse ella a capella e que ahy logo a confessaria.

Coutoume que indo hũa vez aos passos de Emxobregas confessar hũa dama da Rainha Dona Catarina disse ao companheiro que era o irmão Rui Gomes que morreo na peste, que estivesse em certa parte. Aconteceo que estando já o Padre confessando, passou a guarda das damas por onde estava o Irmão e lhe disse que não podia estar aly; o Irmão dizendo que o Padre o mandara ficar aly, disse ella que a raynha mandava que não estivesse aly homem algum; estando nestas rezões, ouvio o Padre e preguntando que era aquillo, aparecerão ambos diante do Padre que estava confessando, e disse a guarda ao Padre que a Raynha mandara que não estivessem aly homens; repondeo o Padre que nos tínhamos hũa regra que mandava que o companheiro do confessor estivesse defronte delle enquanto elle estivesse confessando, e que quando se encontrasse a regra da religião com a da raynha, que a da religião se avia de guardar, e mandou ao Irmão que estivesse aly; sabendo disto a raynha respondeo hizo muy bien, etc.. Sabendo isto também a Infanta dona Maria

mandou que daly por diante sempre estivesse a porta aberta para o companheiro do confessor, etc..

Contoume o mesmo Padre a história que se segue: Em Portugal se casarão dous parentes; huns irmãos della matarão ao mancebo, o qual morreo excomungado, por se casar sem dispensação. Hum irmão delle procurou que o absolvessem, avida a licença, o mandava desenterrar pera absolverem o corpo morto; cavando onde estava enterrado, já nunca as enxadas poderão entrar pella terra. Vendo isto o deixarão. A terra cuspia as enxadas. ¹

Em Villaviçosa e Évora

Modo de ensinar a doutrina do Padre Ignácio Martins

Depois de jantar hião alguns meninos com a campainha polla villa a juntar os outros e se vinhão a casa onde o Padre morava e ahy os estava ensayando assi nas orações preguntandolhes, e nos capítulos da doutrina preguntando huns aos outros, e trabalhando pera que dissessem bem as hũa vez, e outra pera que quando dissessem em público diante da gente não errassem, porque quando errão esfriasse a gente, e não ouve com gosto, e estão inquietos; também os ensayava nas cantigas que estão na cartilha que avião de ir cantando pollas ruas.

Depois disto se hia para a capella do duque com hũa cana na mão, e os meninos que avião de cantar indo com elle; e até a capella não cantvão nem rezavão. Chegando a capella estando todos de joelhos começavão 2 ou 3 meninos dos que melhor cantavão a entoar a Ave Maria e respondião os outros e logo se alevantavão todos, e daly até praça hyão cantando algũas cantigas das que estão na cartilha .s. Virgem sagrada, Madre de Dios, vos sois

¹ Nota ao lado: De hum que morreo excomungado, dandolhe 64 feridas

nuestra madre que la que el pero comio madrasta le llamo yo, etc. e outras vezes Todo fiel Christão Ave Maria Padre Nosso e se podem ir cantando algũas das outras orações, ou cantigas que os meninos tomarem melhor.

Hyamos até praça, e sobiasse o Padre no pelourinho nos degraus, e logo em voz alta fazia o sinal da ✠ respondendo o auditório e fazendo o mesmo. Depois disto chamava algum menino e faziao subir nos degraus do mesmo pelourinho, e aly lhe preguntava como se chamava, e se elle falava manso preguntava aos outros meninos, dizendo como se chama este moço, ou menino, os quais todos a hũa voz dizião o seu nome. E isto fazia o Padre para ensinar aquelle moço que falasse alto pera o ouvirem os outros. Depois disto fazião persignar e benzer em voz alta, e logo fazendo a esse, fazia subir outro e fazia o mesmo, e aos outros espos esses e a huns fazia dizer o Padre Nosso, outros a Ave Maria, outros o Credo, e outros a salve Raynha, e isto a cada hum por si, etc. e outras oraçõis. Também os que destes dezião bem davalhes prémios; quando se dava àlguem moço imagem ou verónica se punha de joelhos e a punha nos olhos e a beijava.

Depois disto fazia que alguns dissessem alguns capítulos da Doutrina, e tinhão este modo, primeiramente persignavãose, e benziãose e logo hum delle dizia pera o outro louvado seja Jesu Christo, e isto em voz alta e o outro também na mesma voz respondia pera sempre; e logo o outro preguntava, etc..

Depois da doutrina acabada se punhão de joelhos e o Padre entoava o Padre Nosso, e Ave Maria, e respondião os outros, e assi se despedião.

[BNL. Cód. 7546 (s.p.)]

Este livro, *Poesia e Hagiografia*, escrito por José Adriano de Freitas Carvalho editado pelo Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto, sob os auspícios da Fundação para a Ciência e Tecnologia, foi composto e impresso por INOVA – Artes Gráficas, no Porto, dando-se por acabado no dia 28 de Fevereiro de dois mil e oito, celebração da Beata Antónia de Florença, 410 anos depois da morte do P. Inácio Martins.

